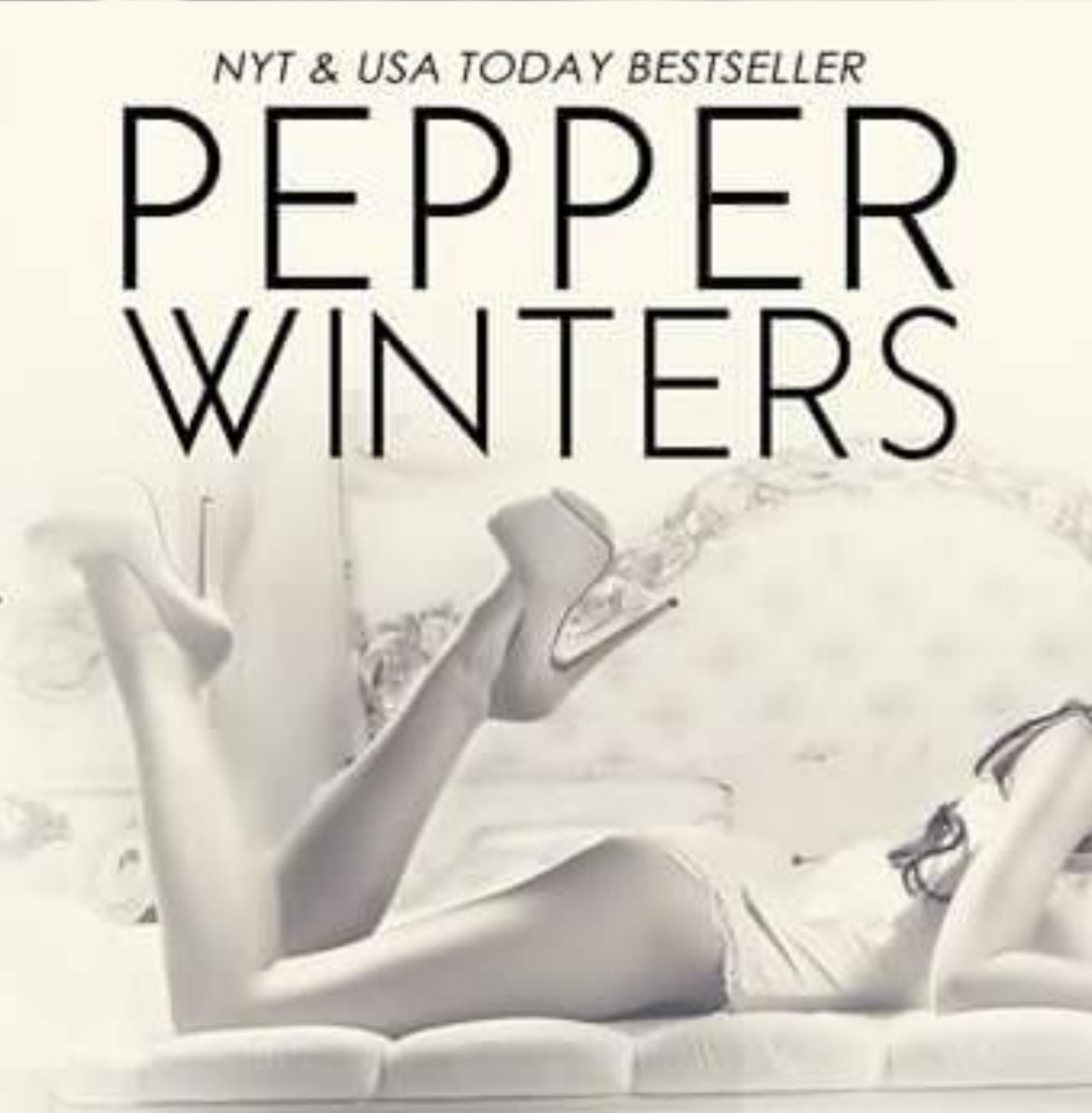
NYT & USA TODAY BESTSELLER

PEPPER WINTERS



HUNDRED$

DOLLAR SERIE$

Disponibilização: Eva

Tradução: Adriana, Erika Cruz, Dariane, Taciane, Livia Nadielle, Rebeca Almeida, Paola Gomes, Gislene Cabot e Thay Ribeiro

Revisão Inicial: Thay Ribeiro

Revisão e Leitura Final: Eva

Formatação: Niquevenen



PEPPER WINTERS

HUNDRED$

HUNDRED$

DOLLAR SERIE$

“Cansei-me de machucá-la. Ela já sofreu o bastante. É hora de libertá-la...”

Era uma vez a vontade de ir para casa e esquecer.

Agora, estou forte e pronta para lutar.

Seduzida e reivindicada, Elder não exige apenas minha voz, ele me ordena a ser uma ladra como ele.

Eu me recuso.

Mas ele me oferece coisas que não devo querer, favores de que devo fugir.

Em troca de sua proteção, sou mandada para roubar dinheiro suficiente para comprar de volta minha liberdade.

Só que nós não estamos preparados para como ele me muda, evolui-me.

E agora é minha vez de aprender sobre ele...



SWEET CLUB BOOKS

Pimlico

ELE QUASE ME DESTRUIU quando me levou.

Ele invadiu meu corpo, minha mente, minhas memórias, meus sofrimentos. Ele se infiltrou na parte de mim que mantive trancada durante a tortura de Alrik. Ele destrancou a porta onde Tasmin se esconde, forçando as trancas e me arrastando de volta à vida.

De alguma forma, se forçando para dentro de mim, ele ligou memórias históricas terríveis com as atuais confusas. Ele me mostrou que sou mais forte do que pensava. Mostrou como procurar conforto depois de não ter nenhum.

Num ato de brutalidade desenfreada ele me acordou para um mundo onde não morro se fizer sexo. Eu não desmorono se um homem me toca. Eu não quebro quando falo.

Ele quase me destruiu.

Quase.

Mas não o fez.

E das cinzas, eu renasci.





Que porra estava pensando?

Como pude me deixar fazer uma coisa dessas?

Eu sou pior que ele. Pior que o monstro que a manteve.

Pelo menos as intenções dele eram óbvias. Eu? Levei-a a acreditar que iria proteger e cuidar, só para fugir no pior momento possível.

Porra!

Passo a mão pelo cabelo, amaldiçoando o tremor em meus dedos. Preciso me controlar antes que perca ainda mais a autodisciplina. Não posso me dar ao luxo de deixar minha mente ir para o lugar confuso de onde luto para sair.

Meu coração acelera. Meu sangue jorra. Estou louco de arrependimento, porra.

Trilhas aparecem no carpete grosso onde andei a noite toda. Desde que levei Pimlico de volta para seu quarto, eu não pude parar.

Meu corpo não pode ficar parado enquanto memórias de deslizar dentro dela me atormentam, de sentir seu calor

incrível e então me quebrou quando seus soluços começaram.

Não posso tirar a imagem de suas lágrimas ou o som das primeiras palavras da minha cabeça.

Meu corpo não sabe se quer encontrar alívio depois da pior experiência sexual da minha vida ou prometer se abster de mulheres.

Mesmo horas depois ainda a sinto em minha volta. Ainda sofro por sua suavidade no meu colo enquanto gritava e me socava, exigindo saber onde estive dois anos atrás.

As lágrimas dela são minha desonra. Suas perguntas são minha punição.

Peguei algo que deveria ter cicatrizado e cheio do que quer que estivesse crescendo entre nós e transformei em outro estupro.

Não esperei ela estar preparada, e agora, tenho um mês destruído.

Meu violoncelo está onde o deixei no chão. Não quero nada mais do que aperta-lo, matar e criar uma música torturada. Preciso das cordas e ritmo para entender a emoção confusa dentro de mim. Preciso do ponto crucial que costumava me manter são.

Mas fico lúcido.

Não posso machuca-la mais do que já fiz.



A música é a minha salvação, mas também o pesadelo absoluto de Pim.

Cada vez que toquei, Pimlico me encontrou. As minhas músicas a mandam de volta ao inferno enquanto sua presença na minha vida me forçou para seu corpo.

Não tocarei porque não quero que ela me encontre de novo. Ela precisa ficar longe. Não posso estar perto dela até entender quem sou, quem quero ser e como ser a porra de um cavalheiro de novo.

Pensamentos de me livrar dela me assombram. Será um alívio tira-la do iate e deixa-la sob minha vigília.

Isso é a coisa certa e a melhor a se fazer.

Principalmente agora.

Agora que a quebrei.

Talvez, eu organize sua liberdade.

Quem sabe, lhe darei outra.

De qualquer maneira, a melhor coisa para todos seria manda-la embora e nunca vê-la novamente.



Pimlico

Querido ninguém,

Ele dormiu comigo.

Ele finalmente me mostrou o que quer. O que espera. Como será agora...

Jogo a caneta pelo quarto.

Pare.

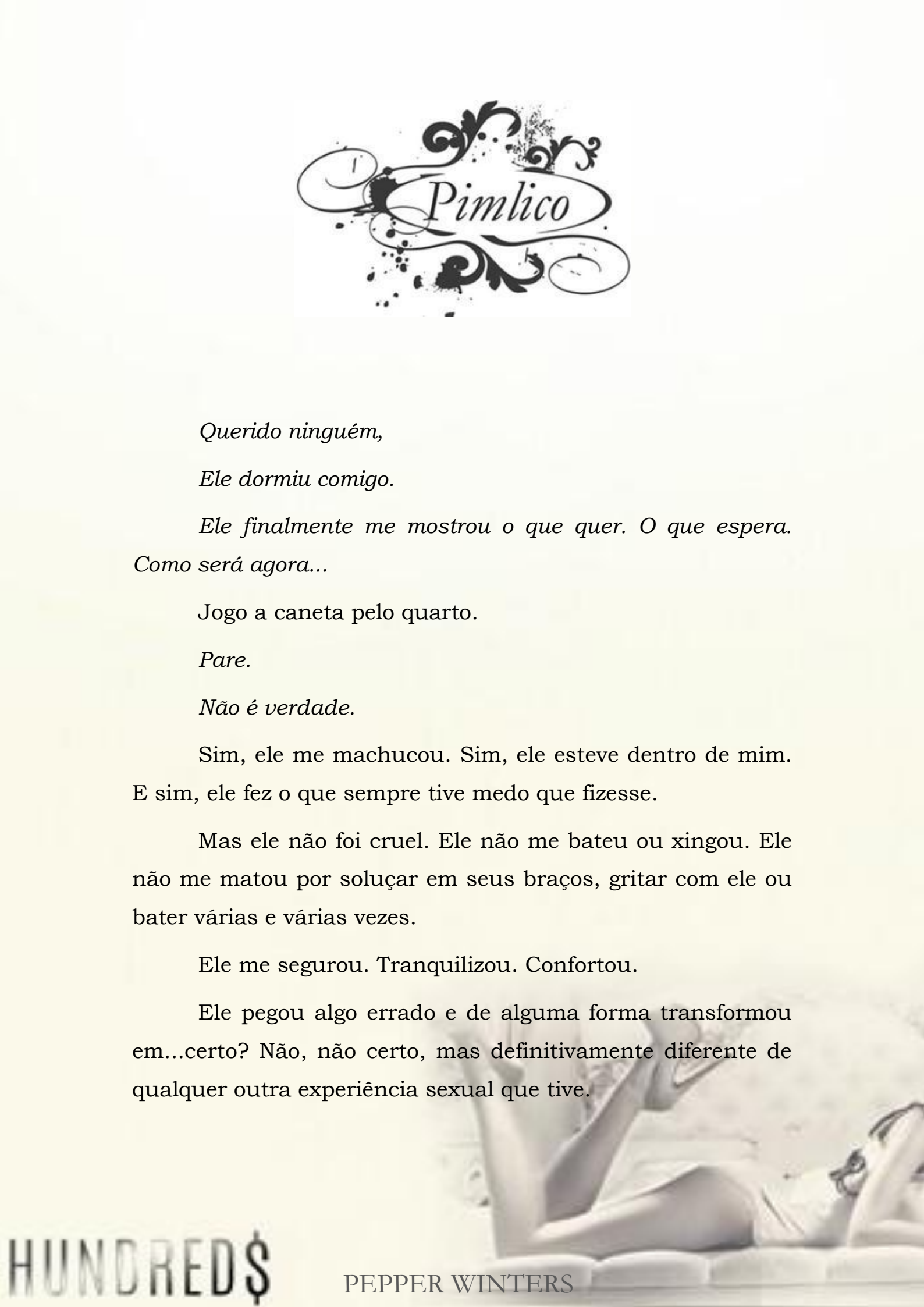
Não é verdade.

Sim, ele me machucou. Sim, ele esteve dentro de mim. E sim, ele fez o que sempre tive medo que fizesse.

Mas ele não foi cruel. Ele não me bateu ou xingou. Ele não me matou por soluçar em seus braços, gritar com ele ou bater várias e várias vezes.

Ele me segurou. Tranquilizou. Confortou.

Ele pegou algo errado e de alguma forma transformou em...certo? Não, não certo, mas definitivamente diferente de qualquer outra experiência sexual que tive.



Ele pode me roubar tão facilmente. Ele pode me ferir muito fácil também.

Mas não fez.

Ele me embalou nos braços. Ele beijou minhas lágrimas.

Deixou-me bater nele.

Balanço a cabeça com a suavidade que ele mostrou. Ele me tocou contra minha vontade e entrou em mim sem permissão, mas depois fez muito para reparar seu erro.

Está lhe dando permissão para estupra-la agora?

Pulo da cama, pego a caneta do chão e volto ao colchão tentando entender meus pensamentos.

Não estou lhe dando permissão exatamente, mas não irei jogar toda a culpa nele. Não fui totalmente inocente. Não sou mais uma prisioneira em cativeiro, acostumada com as arbitrariedades de seu mestre diabólico. Eu sou livre ou tanto quanto posso ser num iate com o mar a minha volta. Vivo com um homem que acho extremamente atraente, exótico e reservado.

Eu passei a gostar dele.

Eu o beijei de volta.

Eu o desejei nas ruas de Marrocos.

O que quer que há entre nós não pode ser rotulado, mas nos colocou juntos, apesar da apresentação incomum.



Nunca tive esse tipo de conexão com ninguém. Nunca vi paixão pura nos olhos de um homem nem confiei que ele não me machucará com isso ao mesmo tempo. O autocontrole dele me levou a fazer coisas imprudentes como sonhar acordada sobre como seria estar com ele sem a bagagem do passado.

De forma egoísta, eu só pensei em mim. O que Elder fez pela minha recuperação ao invés de como seria para ele dividir sua casa com uma mulher louca que não gosta de usar roupas, de toque ou de música.

Meus problemas não são culpa dele, então por que puni-lo?

Porque você não está bem. Está se recuperando.

Sim, estou me recuperando e tudo por causa dele. *Ele* é a razão de eu estar viva com uma língua funcionando ao invés de sem língua e morta.

Coloquei muito em cima dele, nunca abandonando minha desconfiança e medo.

Não sou fácil de se ter por perto. Inferno, odeio estar por perto de mim mesma na maior parte do tempo. Não pensei em quão desgastante seria viver com uma pessoa que muda o tempo todo, que luta para voltar para sua sexualidade enquanto a abomina ao mesmo tempo.

Eu passo mensagens confusas.

Para ele e para mim mesma.

Não dê desculpas a ele.

Suspiro, desenhando um coração nas costas da minha mão.

Não estou lhe dando desculpas. Estou começando a viver como uma garota normal de novo. Uma garota que não está amarrada a si mesma e seu dilema. Uma que arcará com um pouco do que aconteceu porque sabe que as pessoas não são perfeitas. Tranquei tanto da minha vida anterior que leva tempo para abrir tampas enferrujadas e ver antigas recordações. Com cada memória, nuvens de poeira cobrem o sótão da minha mente, borrando tudo por um tempo antes de calmamente assentar e deixar a claridade.

Estou finalmente vendo depois de estar na neblina de poeira.

Estudei livros de psicologia que me deram perspectivas das inconstâncias e dos estragos da raça humana. Aprendi por experiência que os piores membros da sociedade podem ser manipulados por uma sutil linguagem corporal. Eduquei-me em como antecipar o humor de alguém por seus modos.

É hora de usar essas habilidades e *me* analisar para variar, ao invés de continuar sem querer evoluir.

E daí se minha pele queima quando uso roupas? As pessoas ficam desconfortáveis em me ver nua.



E daí se a música faz meu coração sangrar e a mente querer se esconder? Elder precisa tocar para aquietar os próprios demônios.

E daí se ainda estou à sua mercê, dependente de sua generosidade por quanto tempo ele quiser me manter? O tempo que ele já me deu tem que ser apreciado e valorizado.

Estou cansada de ser a vítima.

E desisto de viver assim. Totalmente assustada, tímida, ferida.

Desde que Elder me deixou chorar em seus braços, me dando um porto seguro para as lágrimas, ele tem sido o maior cavalheiro. Uma vez que meu pânico recuou, ele calmamente se afastou, deixando meu corpo e coração vazios.

Por tanto tempo odiei qualquer forma de toque. No entanto, embrulhada na minha tristeza com o corpo de Elder próximo, algo mudou. Sua intrusão adicionou uma conexão não desejada mas profunda a nossa estranha relação.

Ele não se mexeu nenhuma vez ou tentou reivindicar o próprio prazer. Ele não empurrou, gozou ou mesmo grunhiu de frustração quando nos separamos. Ele me colocou em sua cama como se eu fosse quebrar.

Subindo as calças, ele me embrulhou nos lençóis e então me carregou de volta para meus aposentos.



Enfiei-me em seus braços e o deixei cuidar de mim. Não falei quando ele me colocou na cama e beijou minha testa com toda a ternura que senti tanta falta.

Fique.

Eu quis que ele ficasse. Apesar do nosso primeiro encontro sexual ser unilateral, corrido e cheio da música estragando qualquer prazer que eu pudesse ter encontrado, eu não queria que ele se fosse.

Minhas primeiras palavras foram de condenação e julgamento. Tive medo que ele fosse embora e eu nunca o visse de novo.

Fique.

Mas ele não ficou.

Ele me deu outro beijo suave, bem fraco, afastou meu cabelo e olhou nos meus olhos como se procurando por alguma coisa... ódio, repugnância? Eu não sei.

Sua mandíbula cerrou. Os olhos pretos pesados e rasos. E então, ele saiu.

Isso foi ontem.

Não dormi a noite toda e passei a maior parte da manhã e tarde revivendo seu corpo dentro de mim, a espessura, o calor. Quando ele me preencheu senti uma mistura complexa de medo e poder. Medo por causa do passado. Poder por causa da maneira como ele me olhou.



Ele me deixou mergulhar nesses sentimentos até se afastar, nos transformando de uma pessoa em duas novamente.

Tecnicamente fizemos sexo, ainda assim não teve nada a ver com qualquer outro que tive. Eu não aproveitei o prazer, assim como todas as vezes odiosas com Alrik.

Mas isso é mentira.

Houve prazer.

Prazer em deixar acontecer e falar depois de tanto tempo.

Prazer em chorar.

Até prazer em saber que o machuquei com minhas perguntas sem fim.

Indo para a beirada da cama, balanço as pernas para o chão e pego o diário. Elder desmontou todas as minhas partes, roubou meu coração e dizimou meus mecanismos de sobrevivência. Mas o que foi deixado é tão melhor.

Vazios, desconfiança e suicídio não me ameaçam mais.

Estou renascida e pronta para ser quem era antes de ser vendida naquele leilão horrível.

Escrevendo outra linha para Ninguém, pressiono a caneta no papel.



Estou disposta a melhorar, Ninguém. Ele me dará essa chance ou espera me tomar de novo na próxima vez que nos vermos?

O fluxo da tinta é muito mais macio que a ponta de um lápis. A pergunta mais escura, manchada e permanente. Desesperadamente quero saber se Elder continuará gentil e me dará o tempo que preciso para querer estar em sua cama ou se terminará o que começou noite passada.

De qualquer forma, sobreviveria porque finalmente escolhi viver ao invés de morrer. Finalmente alcancei o topo de onde estou pronta para dizer foda-se ao meu passado e olá ao futuro.

Vou conversar com ele, Ninguém. Depois de tanto silêncio, tenho muitas perguntas. Se perguntar, tenho certeza que ele responderá.

De alguma forma, uma camada de julgamento caiu sobre mim. Como se Ninguém não tivesse certeza, como se meu salvador imaginário duvidasse da minha convicção recém encontrada que Elder não é apenas mais um monstro.

Nunca senti nada além de apoio tranquilizador antes. Isso evitou que eu me sentisse em guerra.



Se perguntar a Elder o que ele pretende fazer comigo, não tenho dúvida que ele dirá a verdade. Ou pelo menos, sua versão da verdade.

Mas ele não respondeu sua pergunta de antes.

Eu paro, mordendo o lábio inferior.

É verdade.

Ele me embalou e deixou soca-lo, mas não me deu uma resposta. Não importa quantas vezes perguntei.

Onde esteve dois anos atrás?

Meus ombros curvam.

Nunca deveria ter perguntado. É uma pergunta *terrível* porque não é sua responsabilidade. Como pude jogar essa culpa nele? Não é como se ele me conhecesse nesse tempo. Eu não era ninguém para ele simplesmente porque ele não era ninguém para mim. Eu não posso culpa-lo pelo que aconteceu porque nada disso é culpa dele.

Onde esteve dois anos atrás?

A resposta não importa.

Não mais. Não agora, quando sou mais humana do que animal, capaz de analisar e ponderar ao invés de contar totalmente com violência.

Suspirando, eu rabisco:



Seu paradeiro dois anos atrás é irrelevante. Eu estava vivendo minha vida e ele viveu a dele. Não posso odiá-lo porque não impediu Alrik de me comprar. A dor que sofri é minha, não dele. Assim como as tragédias que não pude evitar, são deles.

É um alívio deixar passar as coisas que guardei dentro. Fiquei tão brava com Elder. Considerei-o responsável por coisas que ele não fez. Eu o odiei por tocar seu violoncelo. Eu briguei com ele quando me encorajou a falar. Eu me recusei a usar roupas. Eu o puni até que ele explodiu.

Isso não é uma desculpa para o comportamento dele.

São apenas fatos.

E me recuso a ser novamente tão egocêntrica.

Eu tenho que me desculpar.

Uma parte de mim revira os olhos.

Realmente quer se desculpar com o homem que a tomou sem consentimento?

Jogando o caderno e a caneta na cama, pego o roupão branco sobre os lençóis e visto. Dessa vez, não deixo os pensamentos de claustrofobia tirarem o aconchego da roupa me envolvendo.

De agora em diante, eu serei *normal.* E garotas normais usam roupas.



Elder pode ter me tomado sem consentimento, mas fazendo isso, ele me mostrou um horizonte de coragem escondida embaixo do teto fraturado da minha mente.

Desculpar-me com ele, me vestir em público e agradece-lo por usa hospitalidade são as coisas certas a fazer. Todo o resto, os olhares prolongados, as borboletas voando em meu estômago, o violoncelo que me faz chorar, pode ser trabalhado agora que estou num lugar mais saudável.

Minha anotação para Ninguém está jogada na cama e não tenho vontade de terminar. Preciso aprender a sobreviver sem o correspondente silencioso como muleta.

Indo até o banheiro, inspeciono meu reflexo.

Para quem não dormiu, não estou tão mal. Apenas sombras leves embaixo dos olhos e cabelo bagunçado de correr as mãos por ele quando meus pensamentos me deram dor de cabeça.

Ontem, ainda era Pimlico.

Essa noite, tentarei ser mais Tasmin.

Apesar do que aconteceu entre nós ou talvez por causa disso, estou mais forte e mais viva desde que acordei no Phantom e sob o domínio de Elder.

Abro a água quente, tiro o roupão e entro no chuveiro.

Conforme a espuma decora minha pele, opto por não deixar o passado ditar meu futuro. Quando estiver limpa, irei



ao deck mais alto procurar Elder e ver onde esse novo começo irá nos levar.





“Senhor?”

Selix entra nos meus aposentos.

Passei a maior parte do dia terminando os desenhos para o iate de Alrik. Só porque ele está morto não significa que não irei completar a embarcação já paga. Sempre cumpro minha parte em transações comerciais. No entanto, só significa que a nova criação encontrará um novo dono.

Abaixo o lápis e reviro meu pescoço. “Sim?”

“Ela acaba de aparecer no deck. Sei que não pediu notícias, mas achei que gostaria de saber.”

Franzo a testa. Não tenho muita certeza do por que ele acha que quero saber. Até onde ele sabe, hoje é só mais um dia e nada aconteceu. Ele não sabe o que fiz...*ou sabe?*

Levantando, estreito os olhos para meu braço direito e amigo. “Ela pode ficar no deck se quiser.” Velejamos vagarosamente a tarde toda. Não há tempo ruim no horizonte como a tempestade que passamos juntos. Pim pode fazer a porra que quiser enquanto eu estiver longe.

“Lógico.” Selix estende as mãos na sua frente, o cabelo comprido solto sobre os ombros. “Só pensei em atualiza-lo. Também, tomei a liberdade de dizer para a cozinha servir um jantar leve.”

Meu humor sobe. “Eu disse que estou com fome?”

Selix sorri, sabendo que se excedeu, mas não dando a mínima. “Não, mas você não comeu. E, de acordo com a empregada, ela também não.”

Minhas mãos tremem com o pensamento de Pim entristecida e chorando, magoada demais até para comer depois da coisa fodida que fiz. “Alguém precisa se certificar dela estar comendo. Ela está magra demais para pular refeições.”

“Ela recusou o café da manhã e o almoço, mas agora, está fora do quarto. É uma boa oportunidade de você mesmo dizer a ela para comer.”

“Não sou um cuidador.”

“Não, mas se atribuiu a ser a*lguma coisa.* Foda-se eu sei o que.” Sua testa franze. “Não que seja problema meu.” Ele vai para trás no meu escritório, apertando a maçaneta. “O chefe vai estar com o jantar preparado logo. Caso decida ou não comer, terei certeza que a garota coma algo.”

Unhas enterram nas minhas palmas conforme fecho as mãos. “Você é muitas coisas, Selix, mas isso é novidade.”

“Qual é novidade?”

“A porra de um intrometido.”

Seus lábios contraem. “Já deveria saber que não posso evitar o que vejo. Nós dois lutamos para sobreviver. E agora, ela está fazendo a mesma coisa. Até chuta-la para fora do Phantom, vou continuar a monitora-la para manter ambos a salvos.”

Leio nas entrelinhas.

Ele será respeitoso com Pim contanto que ela não tente me ferir, apesar dela ter todo o direito de fazer depois de eu ter me forçado. Ele fez um voto de me proteger, assim como eu a ele. Só que ele prefere ficar levemente na minha sombra ao invés de se tornar um sócio total mesmo eu tendo oferecido a ele metade de tudo por sua lealdade.

“Não é uma luta sua, Selix.”

“Se você está no ringue, então, sim, é.”

“Preciso lembrar que uma vez você tentou me matar? Acho que prefiro aquele lado seu.”

Ele ri, fechando a porta, enquanto diz, “Isso foi antes de te conhecer. Vamos esperar que a garota chegue a te conhecer também, então não terei que machuca-la.”

Ele não me dá chance de responder.

Minhas insinuações veladas sobre nossa guerra nas ruas pairam no ar. Tentamos nos matar muitas vezes até que transformamos nosso desgosto mútuo em irmandade. Ele esteve lá quando as maldades do meu passado me

encontraram, como sempre fazem. Ele esteve lá quando fiquei em pé sobre um corpo, temendo o cheiro da morte, mas agradecido que era meu inimigo e não eu sangrando. Ele esteve lá quando contei sobre a facção que nunca deixaria de me caçar e meu objetivo de extermina-los antes que pudessem me matar.

O barulho na porta traz meus pensamentos do passado para o presente.

Balanço a cabeça para afastar as questões de ameaça de morte e focar nas do coração. Vivi com a sombra da morte me perseguindo. Pim ainda é nova e já a destruí.

Ela está bem? Por que ela não comeu? Eu a arruinei tanto assim? Se ela foi suicida antes acabei de tornar isso dez vezes pior?

O pensamento de desfazer tudo que tentei conseguir me esvazia. Meu estômago ronca conforme a apreensão rouba o resto da minha pouca energia.

Selix está certo quanto a uma coisa. Estou faminto e preciso de comida antes de poder consertar o que fodi.

Largando meus croquis, atravesso a sala e pego o violoncelo. Eu deveria tê-lo guardado em segurança, mas não pude encostar nele a manhã toda porque cada vez que o fazia, só pensei em Pim chorando.

Com quase vinte e quatro horas separando o que aconteceu de agora, meu quarto não é tão intimidador com

sentimentos desencontrados. Posso tolerar guarda-lo. Levantando o instrumento pesado, tiro o arco da cadeira e vou para a caixa acolchoada no guarda-roupas.

Meus dedos coçam para tocar, mas ignoro.

Se sucumbir, me perderia em horas de música até que à meia noite substitua o começo da noite.

Uma vez que fecho o violoncelo dentro do estojo, visto uma camiseta preta limpa e saio do quarto.

Pim está no deck. O deck significa território neutro com vários funcionários mantendo os limites nos lugares. Prefiro não vê-la, mas tenho que encarar a merda e me desculpar. Sentar à mesa juntos dará uma razão para nos encontrarmos. E se ela me odiar então pensarei rapidamente e oferecerei uma alternativa para ela ficar comigo.

Obsessão ou não obsessão.

Não destruirei Pim só para conseguir o que preciso.

Sobrevivi a esse tempo todo sem errar.

Farei o que preciso para continuar.





Meu coração o vê antes dos olhos.

De alguma forma, o órgão responsável por me manter viva nas piores tragédias se reprogramou para a frequência dele. Estou em melhores santuários agora, mesmo que ele ainda faça minha pele arrepiar toda.

Sei o momento em que ele está perto o suficiente mesmo que não possa vê-lo ou ouvi-lo.

Sei que ele me viu pela maneira como meu couro cabeludo arrepia sob sua atenção.

E sei que seu único propósito para estar aqui sou eu, como meu único propósito para estar aqui é ele.

Precisamos limpar o ar antes que eu enlouqueça.

Ele pegou algo de mim que não estava preparada para dar. Mas fazendo isso, ele destrancou algo que não sou forte o suficiente para fechar. Devo retribuir e agradecer.

Só não sei qual vem primeiro.

Pés silenciosos soam com hesitação conforme ele se move mais perto.

Ele se move devagar como se com medo que eu vá correr se ele se aproximar rápido.

Para onde correria? Quão longe posso nadar no vasto oceano sem fim, antes que ele me pegue da água salgada e arranque outro pedaço meu?

Não, correr não é mais opção, mesmo que o mar não impeça isso.

Vou ficar e lutar.

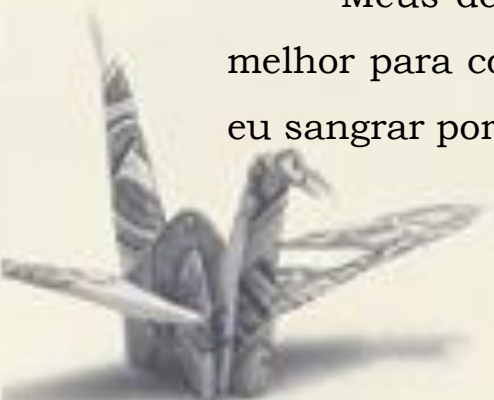
Meus ombros ficam tensos de convicção, prontos e querendo ir à guerra.

Passa a passo silencioso, a sombra dele rasteja pelo deck de madeira polida até parar ao meu lado na popa.

O sol se pôs no horizonte, mudando de um globo dourado para o formato de um centavo cortado ao meio, fatiado pelo oceano e derramando sua luz quente. O brilho no mar escuro dança com raios líquidos como se mostrando um mapa do tesouro e prometendo riqueza.

Meus ossos doem com a pressão de sua presença. Seu olhar continua travado no horizonte, o rosto esculpido em bronze.

Meus dedos fecham mais forte no corrimão, fazendo o melhor para controlar a consciência aguçada me picando até eu sangrar por buracos minúsculos.



Não sei quanto tempo passa, dois minutos ou vinte, mas finalmente, ele murmura enquanto ainda olha o céu, “Sinto muito, Pimlico.”

Instantaneamente, minha cabeça cai como se mil arrependimentos me puxassem para baixo. Não percebi o quanto precisava ouvir isso. Saber que ele entendeu algo que Alrik nunca fez: que há limites e regras e passar por cima delas nunca é bom. Elder reconhece que os ultrapassou e é cortês o suficiente para tentar reparar.

Com três palavras, ele me mostra tudo que preciso para provar que ele não é como os homens que me venderam e compraram. Ele não é um monstro. Ele é humano. E como todos os humanos, cometeu um erro.

E eu cometi um erro não falando com ele. Não confiando antes. Não o agradecendo pela proteção.

O peso da culpa e remorso na voz dele é o que mais me afeta. Não a desculpa, mas a profundidade de sentimento por trás dela. Nenhum homem ou monstro, não importa o que tenha feito, pode ser mau com esse tom de bondade na voz.

Engulo em seco conforme Elder coloca a mão em cima da minha no corrimão. Seus dedos pairam com cautela, mal tocando, apenas oferecendo calor e um teto para me abrigar.

“Você me perguntou onde estive dois anos atrás.” Ele suspira suavemente. “Você não fala comigo há semanas e então quando finalmente o faz, é uma pergunta que não tem resposta certa.”

Viro para encara-lo. Meus lábios abrem para dizer que ele não tem que responder, que é errado eu perguntar essas coisas, mas ele não para.

“Dois anos atrás, eu estava em Dubai finalizando um negócio.”

Eu tremo. Não por causa da localização do seu trabalho, mas porque tanto quanto sei ele não estava no QMB quando fui a leilão e ainda me doí pensar que ele não esteve lá. Não sei o que me faria sentir melhor. Na plateia, escondido atrás de uma máscara perversa de comprador? Ou do outro lado do mundo, nem ciente ou responsável pelo meu bem-estar?

Enrolo meu polegar sobre o dele, nossas mãos se unindo no corrimão.

Sinto muito.

A desculpa ecoa alto na minha cabeça, mas minha boca continua seca e quieta. Falar não é mais algo fácil, mesmo que eu seja capaz. Não é um instinto abrir meus lábios e verbalizar. Isso leva tempo. Tempo para lembrar de como falar sem medo. Mas o tempo é uma coisa mágica e finalmente acredito no seu poder de consertar o que está errado.

Elder de repente me vira, pressionando minhas costas contra a barra. O pôr do sol é esquecido no momento que fito seus torturados olhos de ébano.

Perco a respiração com a rapidez que ele me vira, mas não tento me soltar. Seu corpo me bloqueia conforme as mãos fecham em volta do corrimão nas minhas costas.

Seu olhar cai para minha boca. Sua respiração acelera. “Sei que não deveria, mas quero desesperadamente te beijar de novo.”

Congelo enquanto ele faz contato com os olhos, os lábios brilhando pela língua.

Meu estômago se torce com o pensamento de beija-lo. Beijar tão logo depois do que aconteceu é a coisa certa a fazer?

Não devemos conversar antes? Discutir o que aconteceu e decidir se o desejo tem lugar depois das palavras?

Você passou dois anos em silêncio. Por que acha que palavras podem resolver alguma coisa quando não as quis até agora?

Os hábitos anteriores tentam esmagar meus novos objetivos. O silêncio pode ter sido meu amigo, mas pode virar um inimigo agora.

Respiro fundo, tentando decidir como quebrar o teto de vidro que coloquei em cima de mim e ser *normal.* Olhar Elder como homem e não teme-lo por ser um. Falar com convicção enquanto me afogo em confusão.



Elder não me pressiona ou se afasta. O desespero escuro em seu rosto combina com o buraco negro dentro de mim, sugando qualquer razão, preocupação e dúvida.

Ações falam mais alto que palavras. O estrago entre nós por causa das suas ações precisa ser anulado com o mesmo movimento.

As palavras podem vir depois.

Respirando fundo, fico nas pontas dos pés. Minhas mãos vão para seus ombros. Lambo os lábios, deliberadamente me posicionando para um beijo. Assumindo a responsabilidade e procurando voluntariamente uma conexão sexual ao invés de correr.

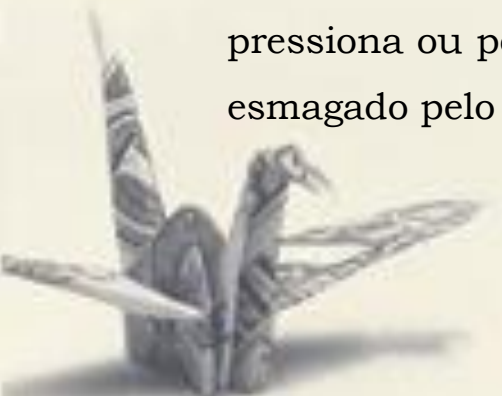
Ele congela, os olhos correndo por meu rosto.

Com os nervos revirando na barriga, lentamente inclino-me para beija-lo.

Ele não se abaixa para me encontrar. Ele me dá a decisão o tempo todo se segurando e rosnando.

Seus lábios estão tão perto. Minha língua cicatrizada dá uma leve pontada. Afasto-me para testar a nós dois. Para ver se ele ficará ao meu lado e me deixará decidir, afinal de contas.

Um grunhido sem ar escapa dele como se o tivesse socado no peito, não apenas recuado uma fração. Mas ele não pressiona ou pede. Ele fica como uma estátua; um cavalheiro esmagado pelo desejo.



Desejo por mim.

Desejo que finalmente reconheço que é diferente do que Alrik tinha. O mau não mancha o desejo de Elder. É puro e cheio de conexão emocional assim como física. Emoções que não permiti, surgem do nada.

Avanço e pressiono a boca na dele.

Seu grunhido se transforma num gemido.

Seus lábios são gentis e suaves, abrindo e esperando por instrução. Diferente de antes quando não me deu escolha, dessa vez não há contato além dos nossos lábios.

Ambos entendemos quem está no comando, e me dar controle, não fez dele um submisso. Na verdade, isso o deixa mais dominante. Mais poderoso por me dar jurisdição sobre ele.

Abro lentamente, convidando.

Ele endurece. Sua respiração na minha bochecha é rápida.

Eu o lambo com a ponta da língua. A língua que ele cicatrizou e pela qual matou.

O corrimão balança atrás de mim quando ele aperta forte, jogando sua agressão reprimida no iate ao invés de mim.

A paixão latente escondida logo abaixo do seu autocontrole me deixa dividir e direcionar o beijo. Colocando a mão sobre seu coração, inclino a cabeça e me abro para ele.

Ele entende minha permissão.

Ele aproveita ao máximo.

Seus lábios pressionam mais forte, a língua lambendo dentro da minha boca.

Sensualidade é uma palavra sem sentido. Elder é a definição do dicionário de sensual pela maneira quando seus músculos tremem de necessidade, as narinas abrem de anseio e o desejo doí pela restrição.

Ele me beija forte e profundo, mas também com respeito e afeição. Seu gosto e sabor apimentado tornam minha cabeça tão agitada quanto o mar a nossa volta.

Uma enxurrada de atração e nervos acendem até que queimam e ardem por dentro.

Quaisquer beijos anteriores não são mais relevantes. Qualquer toque ou atividade em que participamos não importa.

Esse beijo é *tudo.*

É verdade.

É honestidade.

É assustador.

Ele me beija sem proibição. Ele tira um disfarce, me deixando sentir o gosto do que nunca dirá.

Ele tem violência assim como ternura.

Ele é obsessão assim como racionalidade.



“Porra, Pim.” Suas mãos soltam do corrimão e seguram meu rosto. Os dedos são longos o suficiente para prender em volta da minha nuca e segurar firme. O beijo fica mais profundo, a língua lutando contra a minha conforme nossos dentes batem num tipo de desejo raivoso que não é totalmente humano.

Não entendo como posso ter tanta necessidade por ele, quando ontem mesmo berrei em seus braços no momento que ele entrou em mim, como posso ir de tímida e enojada por sexo para de repente molhada e tão excitada?

Tudo pesa, meus seios, entre as pernas, minha mente. Eu peso mais do que o mundo, mas em seus braços, acredito que ele pode segurar esse peso não importando quanto afunde.

Curvo as costas, me esfregando contra ele. Precisando de fricção, precisando de contato. Indo contra tudo que considero fundamental.

Eu o acordo de qualquer que seja o transe que ele está.

Tirando a boca da minha, Elder recua, arrastando as mãos pelo rosto. “Merda, eu não pretendia fazer isso.”

Levanto um dedo trêmulo até minha boca machucada e desejosa.

Não foi você quem começou.

Ele franze um pouco a testa, os lábios tensos. “Espere... não fui eu quem comecei.”

Deixo velhos hábitos responderem por mim. Estreito os olhos, dando a ele toda resposta que precisa ouvir.

Eu te beijei porque você me deu escolha.

Ele levanta os ombros, perguntas passando pelo olhar. "Por que? Por que me beijou depois do que fiz ontem?" Ele balança a cabeça como se não pudesse acreditar que escolhi tal coisa. "*Como* pode me beijar depois que fiz a pior coisa que poderia?"

Saio do corrimão, a mão esticando para pegar a dele. Estremeço quando nossos dedos se encontram, se envolvendo lentamente num aperto conforme os segundos passam.

Engulo, me preparando, testando. "Eu... eu que me desculpe."

Ele tensiona conforme os olhos escurecem ouvindo minha voz. Uma mercadoria tão rara e uma que pede há tanto tempo. "*O que?"* As palavras saem sibilando e ardendo com veneno. "*Você* está se desculpando *comigo?* Que porra, Pim?"

Seus dedos tentam se soltar dos meus, procurando distância, para evitar atacar ou mostrar repulsa por eu assumir um pouco da culpa. "Você não tem que se desculpar. Não há *nada* para se desculpar. Entende?"

Eu não deixo sua mão ir juntando minha coragem para falar ao invés de tocar. De alguma forma não tenho mais

medo de dividir afeto mesmo que seja com simples dedos entrelaçados. “Eu errei em perguntar...”

Ele puxa a mão, a colocando no bolso da calça jeans. “Não, não errou.” Ele dá um passo para frente. “Você estava certa em perguntar. Eu iria querer saber a mesma coisa de merda. Porra, gostaria de saber onde mais alguém esteve dois anos atrás. Onde esteve a polícia? Sua família? Amigos? Por que não tinha ninguém lá para lutar por você?”

Eu recuo, me recusando a deixar as antigas memórias rastejarem mesmo quando martelam na porta da minha mente.

Ele se move na minha direção para colocar as mãos no meu quadril.

Eu engasgo com o peso e calor, mas não corro de medo. “Você estava certa em perguntar e eu gostaria de ter uma resposta melhor. Eu gostaria que pudesse mudar o passado e fazer com que nunca fosse levada. Mas, Pim...” sua voz baixa com sinceridade rouca. “Se eu *tivesse* estado lá. Se eu tivesse estado na mesma sala que você e te visto em pé na frente daqueles bastardos com uma etiqueta de preço na cabeça, eu não teria ficado parado e te assistido ser vendida. Teria a porra de te ganhado, me ouve? O que quer que tenha nos juntado na casa do Alrik teria me levado a você naquela hora.”

Lágrimas ardem e correm espontaneamente por meu rosto. É tão errado romantizar o pensamento de outro homem



me comprar. Mas essa é a diferença com Elder. Sua posse não é sobre me chutar para um nível aceitável abaixo dele. Seu cuidado é todo para me levantar e ser igual a ele porque assim serei forte o suficiente para dar o que finalmente quer.

Estou começando a te entender, Elder Prest.

Ele quer meu corpo. Mas quer algo mais. E não pode ter até que eu esteja curada.

Seus dedos apertam meu quadril. “Eu teria te comprado. Eu teria gasto cada merda de centavo pela honra de te ter, mesmo que por uma noite. E então, iria retomar aos meus sentidos e te deixar ir.” Ele solta meu quadril, colocando o cabelo atrás da minha orelha enquanto a brisa do mar lambe minha ele. “Não posso te dizer que a teria comprado e nunca tocado. Uma reação como a que tenho por você é muito forte para controlar. Mas juro que se *tivesse* fodido você, não estaria ferida. Você não estaria quebrada com memórias de abuso. Você seria uma participante ativa. E quem sabe? Talvez teríamos nos apaixonado e percebido que nenhuma soma de dinheiro pode comprar a felicidade. Que é apenas destino.”

Seus olhos suavizam conforme o polegar roça minha bochecha. “Mas nunca saberemos se o que sentimos pode ser qualquer coisa além de desejo. Porque você está machucada e não tenho o direito de machuca-la mais. Fui contra minhas promessas na noite passada. Eu te *machuquei*. E o que quero

de você... é muito para pedir. Não posso mais fazer isso. Vou fazer a coisa certa e te deixar livre."

E*spere...o que?*

Congelo, ouvindo sua confissão, tentando ver se ele fala sério.

Eu...

Não sei como me sentir quanto a isso.

Como ontem quando me tomou, precisei de seu apoio para me manter inteira. Ele me estilhaçou, mas me segurou da mesma maneira. Meu flagelo e meu salvador.

Ele não pode me dar algo tão doloroso e prazeroso e depois dizer que está se livrando de mim.

Raiva borbulha. Empurro suas mãos, o forçando a me soltar. "Então agora que já esteve dentro de mim não tem mais tempo, é isso?"

Seus olhos arregalam. "O que? Não! Lógico que não. Eu quero..."

"Quer se livrar de mim para remover qualquer evidência de sua perda de controle."

"Não é isso de jeito nenhum..."

Minha garganta queima, mas falo através da dor, "faça o que quiser. Livre-se de mim. Veja se me importo." Luto contra o tremor repentino. "Mas saiba disso. Não me escondi ou corri de você hoje. Eu poderia ter me trancado no quarto



pelo que fez e pela maneira como me senti. Eu poderia ter pulado no mar para ficar livre de tudo. Mas não fiz."

Eu engulo, lubrificando a garganta, checando com a língua para ter certeza que minha fala é possível depois de anos de silêncio.

Elder abre a boca para interromper, mas rosno, "Estou em pé aqui porque sou forte o suficiente para discutir o que aconteceu entre nós. Sou corajosa o suficiente para te beijar sabendo o que aconteceu da última vez."

Aponto um dedo no peito dele. "Pode me chamar de quebrada, mas como poderia fazer essas coisas se ainda fosse a mesma menina que carregou daquele calabouço? Achei que estava disposto a me ajudar a passar por isso. Que quaisquer que fossem as razões para ter me roubado era só o começo. Você sabia como estava estragada, mesmo ainda assim me deu um motivo pelo qual lutar." Meus lábios curvam. "E agora que estou pronta para lutar, falar, discutir, me levantar, você não me *quer?"* Rio friamente. "Você não é o homem que pensei que fosse. Você é um *covarde."*

Ele recua, o rosto lembrando o concreto rachando por um terremoto. "Você está certa que não me conhece. É por isso que estou te dando liberdade."

"Eu conheço o suficiente." Olho-o de cima para baixo. "Você está com medo de mim."

Suas mãos torcem ao lado. "Errado."



“Você está com medo do que fará comigo.”

“Sim, fodidamente aterrorizado.”

Sua admissão me aquieta por um segundo.

Ele aproveita o silêncio, rasgando-o com seu próprio argumento. “Você acha que agora que te tive, o breve momento que estive dentro de você, que conquistei o que quero e preciso, posso deixa-la de lado como se não significasse nada?” Seus dentes aparecem. “Porra, Pim. É o oposto. Agora que te senti, preciso tanto que minhas articulações doem por isso. Meu coração dói. Meu corpo dói. *Tudo* dói, porra. Estar tão perto de você é uma tortura porque tudo que quero fazer é te curvar nesse corrimão e te foder.”

Ele geme longo e baixo como se imagens explicitas enchessem sua cabeça e a minha. “Quero te sufocar com meu corpo e me enfiar dentro de você. Quero fazer esse tipo de coisa. Coisas para as quais não está e nunca estará pronta. É por isso que vou te deixar ir. Não ouse dizer que estou com medo. Não estou.” Ele prende a respiração. “Estou com medo de mim.”

Ele não pode ver que conheço pessoas ruins e que ele não é mau? Ele carrega sua cota justa de pecados, mas embaixo disso é resgatável. “E se eu não quiser ir?”

Ele ofega. “O que?”

A pergunta imita a minha.

O que estou dizendo?



Esse tempo todo busquei freneticamente uma maneira de ficar livre, de voltar para casa e fazer meu melhor para ter uma existência normal. Mas isso foi antes de Elder me mostrar que nunca poderei ser Tasmin de novo. Posso ser uma nova versão dela, mas não poderei nunca ser a adolescente que acreditava em fantasias seguras. Irei para casa.... Um dia. Quando estiver livre e consertada.

Mas ainda não.

E*le pode vender você a outro.*

Não, não acredito nisso. Ele nunca poderia ser tão cruel depois de tudo que acabou de dizer. Pensei que ele me negociaria com outro mestre uma semana atrás, mas isso foi antes de realmente começar a ouvir. A *ver.*

Abaixo a voz, mas isso não para o desejo de fazê-lo entender a vibração em cada letra. “Você fica falando que pensa no meu bem. Que me deixar ir é para minha segurança.” Dou um passo à frente para seu espaço. “Digo que é para *seu* benefício. É você quem tem mais a perder me mantendo.”

“Com certeza tenho. Posso perder a mim mesmo.”

“Perder-se em mim?”

“Sim, lógico que em você. Meu coração em você, meu pau em você. Foder tudo.”

“Não vou deixar isso acontecer se me manter.”

“Não.”



“Cumpra sua promessa de fazer eu me comprar de você. Faça-me forte, me faça digna.” Não digo o quanto quero que ele me toque de novo ou que estou aberta para outro beijo e a exploração de coisas que fui treinada para odiar. Contato humano não me causa mais repulsa; fico apenas ressabiada. Ele me mostrou que nem todos os homens tem brutalidade na cabeça quando se trata de sexo.

Quero saber o que se passa na dele.

Quero que ele me mostre.

Porque só então posso ser livre. Ser humana. Ser uma mulher e não essa prisioneira aterrorizada.

“Não vou fazer isso.” Ele balança a cabeça. “Estamos navegando para o porto. Farei meu melhor para encontrar sua mãe, e uma vez que consiga, vou te levar para casa. Farei o que deveria ter feito no momento que te encontrei.”

Ele suspira forte, olhando o brilho cinza onde houve um pôr do sol espetacular. “Uma vez que esteja de volta com aqueles em quem confia, nos despediremos e vou te deixar. Para sempre.”





Merda. Toda vez que chego perto dela, acabo fazendo algo que me arrependo.

Primeiro a beijo e depois digo sobre meu plano de liberta-la?

Não tinha nem decidido o que fazer, mesmo assim de alguma forma, contei tudo só porque ela abalou meu autocontrole.

Precisava das palavras para afasta-la. Para serem um escudo contra ela.

Esse tempo todo, ela me evitou, saindo do caminho para impedir o toque ou conversa. Mas agora e*la me* caçou. Ela me beijou. Ela brigou comigo quando prometi dar o que mais quis o tempo todo.

Por que?

Caminho para longe, me dirigindo à torre. Não me importo se ela me segue; só preciso de alguns segundos sozinho para ajeitar a merda e me endireitar.

O fato dela ter falado comigo com frases inteiras e não pequenas palavras, ou até mesmo que me beijou independentemente do que fiz não é o que mais me choca. É o fato que ela discutiu contra eu liberta-la.

Estive enganado sobre seus desejos o tempo todo? A liberdade não é algo que um prisioneiro anseia? Ou o pior finalmente aconteceu onde ela está mais confortável na jaula do seu mestre do que em espaços abertos sem ninguém ditando sua vida?

Passo ambas as mãos no cabelo conforme chego na metade da embarcação e sigo em direção à barreira protegendo o deck do oceano. Um pouco sem ar pela rápida corrida, forço-me a respirar fundo e devagar, a domar as necessidades caóticas crescendo dentro de mim.

O mar brilha em cinzas e pretos, abrindo caminho para a lua.

Algo soa atrás de mim. Olho sobre o ombro.

Cristo, não posso fugir dela. Usando a voz, ela ficou mais forte sem dúvidas. Mais forte do que posso querer ou esperar, mas agora me irrita porque o que ela quer não se alinha com o que quero.

Eu estou na porra do comando, não ela.

Não importa que a possuí contra a vontade ou anunciei que irei manda-la arrumar as coisas agora que está saudável.



Ela me caça, as mãos formando um punho com determinação, o cabelo balançando ao redor com a brisa.

Suas bochechas brilham, os lábios franzidos e a luz em seus olhos cria sombras. Ela engole, fazendo uma pequena careta contra qualquer dor que sinta ao usar a voz. “Elder...”

“O que quer Pim?” Viro os olhos para o horizonte sem fim. Um horizonte que não julga ou ridiculariza. Uma vista que nunca muda, não importando se sou bom ou mau. “Essa noite não é boa para conversar.”

Nem qualquer outra noite que te mantenha perto e eu não possa tê-la.

Minha mão vai para o bolso, encontrando o baseado que escondi ali. Enrolei horas atrás, mas ainda tenho que afundar o suficiente para fuma-lo. Meus pensamentos estão perturbados, mas não incontroláveis. Ainda não pelo menos. Mas se Pim continuar atrás de mim, eu lutarei e então acabaremos fodidos.

“Eu quero conversar...” ela tosse. “Precisamos...”

“Senhor?” Uma empregada com um rabo de cavalo preto aparece atrás de Pim. “Desculpe interromper, mas o jantar está pronto.”

Pim sorri para ela antes de inclinar o queixo respeitosamente. Ela não fala com a empregada como se guardasse a voz para mim.

Não posso negar que isso me afeta. Que não adoro que suas respostas e perguntas são todas minhas.

Porra.

"Obrigado." Afasto-me do corrimão e passo por Pim. Apesar de Selix preparar isso como um encontro, não quero jantar. Não quero sentar, olhar, desejar e querer. Não quero lutar com ela sobre fazer a coisa certa. Mas não consigo manda-la embora.

Não agora.

Isso será o máximo da grosseria, principalmente depois do que fiz.

Estremeço conforme a memória de estar dentro dela me deixa duro. Não deveria ter nenhuma reação além de nojo. Definitivamente não a necessidade insana de fazer de novo.

Sem olhar para trás, murmuro, "Venha, ratinha. Se está tão interessada em discutir seu futuro, o mínimo que pode fazer é comer enquanto o faz."

Ela bufa, mas me segue alguns passos atrás.

Não gosto disso. Odeio a sensação que ela pode ver minhas costas, minhas pernas, minha bunda. Ela pode pensar coisas e descaradamente deixar as emoções aparecerem no rosto porque não posso ver. Seu olhar é como uma chibatada.

Entrar na sala de jantar onde ela tirou a roupa quase me faz quebrar. Sentamos nas respectivas cadeiras e

esperamos em silêncio os funcionários trazerem uma bandeja com um polvo grelhado, lula com pimenta e mexilhões verdes tailandeses.

Deduzo que o chefe escolheu frutos do mar essa noite.

Pim olha para mim.

Aceno para a bandeja. “Sirva-se.”

Ela franze a testa mas pega uma pequena colherada de cada especiaria antes de acrescentar um pão recém assado e manteiga ao prato. No momento que ela termina, escolho meu próprio prato e dou uma mordida. Lógico que está delicioso. Sem falha, meu chefe produz comida épica.

Espero que possamos comer o primeiro prato sem conversar, mas Pim tem outras ideias.

Ela engole o que tem na boca, dá um gole na água gelada e diz, “Quanto ao meu futuro.”

“O que tem?” Passo manteiga no pão, cuidadosamente ignorando-a. Quanto mais fico em sua companhia, mais anseio o relaxamento oferecido pela erva no meu bolso.

Alguns homens fumam charutos depois do jantar. Eu fumo maconha quando preciso. Tenho toda intenção de fazer isso essa noite. Principalmente para protege-la de mim. E para me impedir de rolar a ladeira das minhas merdas.

“Mereço ter voto no meu futuro não acha?”

Minha faca faz barulho na lateral do prato. “Está dizendo que tirei suas decisões?”

Não diga sim. Mesmo que seja verdade.

Ela remexe os talheres. “Estou dizendo que estou cansada de não ter controle.” Ela olha sobre o ombro, abaixando a voz pelos empregados. “Na noite passada... muitas coisas aconteceram comigo.”

“Merda.” Bato meu cotovelo na mesa e aperto a ponta do nariz. “Eu disse que sinto muito. Não consigo dormir e mal me concentro. Mas estou tentando fazer o certo te libertando, porra.”

“Você não está fazendo o certo,” ela se irrita. “Está fazendo o certo para *você.* Não para mim.”

Abaixo a mão, furioso. “Não tenho esse poder? Afinal de contas, eu te convidei para meu iate. Mostrei a você coisas que ninguém viu. Mantive você segura.” Vaidade ajuda a abafar minha vulnerabilidade com meias verdades arrogantes. “Se não fosse por mim, você provavelmente teria se jogado ao mar.”

Ela congela, raiva aparecendo nas feições.

A empregada volta, retirando a bandeja mal tocada e servindo peixe-espada recheado de ervas com nhoque e manteiga de alho. O aroma é divino, mas nada afasta minha atenção de Pimlico ou a dela de mim.

Travamos uma guerra de olhares, pensando em quem desistirá primeiro.



Pegando seu garfo, Pim desvia o olhar. O fato dela ter quebrado o feitiço não significa que perdeu. Ela conseguiu me abrir e deixar vazio. Seus lábios abrem quando envolve o garfo como se ele fosse uma varinha e pudesse fazer mágica.

Lentamente, ela sorri. “Tenho toda intenção de discutir com você, tentar ver o que aconteceu como adultos. Mas não preciso.” Ela levanta o garfo. “Isso é toda a prova.”

Minha testa franze. “O que quer dizer?”

“Quero dizer que está certo, Elder. Sem você, tudo ainda me aterrorizaria, incluindo cada homem com quem me deparasse. Sem você, provavelmente estaria morta por minha própria mão ou do meu mestre, e teria entrado de bom grado em um caixão para ser livre.” Ela acaricia os dentes de prata afiados. “Você quer me libertar agora que estou encontrando liberdade no seu cativeiro? Bem, é sua decisão e nada que eu diga vai mudar. Mas deveria saber... se me mandar embora para um lugar onde não pertenço mais, me devolver para pessoas que não sabem pelo que passei, se tiver recaídas, pesadelos, ou tiver que reaprender a sobreviver de novo...então tudo bem.” Seus olhos brilham. “Eu posso fazer isso. Eu *vou* fazer. E vou fazer por *sua* causa. Por sua causa sou forte o suficiente para aguentar o que quer que venha a seguir.”

Ela levanta o garfo e o enfia na mesa de madeira. “Mas você também deveria saber que *por sua causa* posso segurar esse garfo sem medo de apanhar. Posso sentar nessa mesa

sem me acuar por um chute. Por sua causa posso ser humana e não um animal de estimação porque você me mostrou que tenho valor."

Dando outro gole na água para facilitar a garganta sem uso, ela sorri. "Então obrigada, Elder. Obrigada por me acordar e me abrir. Porque fazendo isso, você quebrou cada pedaço que eu tinha e revelou algo mais forte. A garota que eu era. A garota que achei estar morta. A garota que vai finalmente tomar sua vida de volta e não vai mais precisar de você ou de qualquer um para ser feliz."

Eu engasgo. Tudo sobre essa recuperação de escrava me dá um soco no estômago. Eu nunca vi ela tão elegantemente refinada, mas com uma ponta letal e deslumbrante. Seu sorriso é afiado. Os ombros retos. E o brilho em seu olhar me faz querer ataca-la pela mesa, jogar a comida longe e tê-la como meu prato principal.

Eu não me mexo, fazendo o meu melhor para me controlar.

Não faça isso.

Não faça isso.

Não faça isso.

A lei de três.

Eu penso em três. Eu opero em três.



No entanto, o mantra não ajuda. Meu desejo só fica pior. Movo-me na cadeira. Seus olhos estão nos meus enquanto ela lambe a manteiga dos lábios.

Foda-se.

Não posso mais fazer isso.

Não posso mentir para mim e para ela.

Levantando, seguro seu braço e a faço ficar em pé. Ela engasga conforme afasto o prato e seguro seu quadril. Com um puxão rápido, a sento na mesa. A lateral do seu vestido preto mergulha no molho do nhoque, mas não ligo.

A mão dela levanta ainda segurando o garfo, mas afasto seu braço com o cotovelo e seguro seu queixo. “Você quer ficar? Certo, acabou minha paciência para trata-la gentilmente. Se quer ficar, você aceita isso.”

Sua pele fica branca, mas ela imperiosamente inclina a cabeça nas minhas mãos. “Não vou te deixar me ferir. Não vou deixar ninguém me ferir de novo.”

Porra, a coragem. Irradia dela como ondas de calor sobre a maré. Ela está luminosa.

“Não vou te machucar. Você tem minha palavra.”

Ela trava os olhos em mim, me distraindo conforme aperta o garfo na minha jugular. As pontas afiadas afundam na minha pele. “Quanto vale sua palavra?”

Estreito o olhar. “Minha palavra vale mais do que a de qualquer um. Se digo que não vou te machucar, eu não vou.”

Lambo meus lábios, pressionando meu pescoço no garfo mortal. “Sob uma condição.”

O garfo na minha garganta abaixa. “Qual?”

“Você acaba de admitir que está cansada de ser Pimlico. Você quer ser quem era.” Enfio a mão em seu cabelo e puxo para curvar seu pescoço. “Quem é essa?” Mordo sua clavícula, trocando os dentes pela língua no momento que ela tensiona. “Qual o nome dela?”

Ela se torce conforme abro suas pernas, ficando entre elas. A mesa não é alta, então tenho que me abaixar para beijar seu pescoço, mas a sensação de estar perto me desmonta.

Minha mão passeia sem controle. Pousando em seu joelho, subo pela coxa para o lugar que quero mais que tudo.

A pressão no meu jeans é excruciante.

Ao invés de me afastar, o garfo abaixa e ela se inclina nos braços. Sua respiração não está firme e não sei se é de medo ou pela excitação que parece sempre zunir entre nós.

“Qual seu nome?” Murmuro contra a pele, mordendo o queixo, querendo demais beija-la, mas sabendo que se fizer, não conseguirei parar.

“Pim...me diga.” Sugo sua carne, sentindo o gosto.

“É Pim...por enquanto.” Afastando-me, ela respira fundo. “Mantenha-me. Ensine-me. Faça-me forte o suficiente

para estar na luz sem ficar cega ou me queimar, extermine a escuridão de dentro de mim e eu te digo."

A negociação não é justa.

Eu não só tenho que me controlar, continuar ajudando-a, tentar não toca-la e fazer o meu melhor para não machuca-la, tudo para ganhar seu nome verdadeiro e segredos, mas também tenho que protege-la de mim, daqueles me caçando e do meu passado.

Não é um trato que devo aceitar.

Eu deveria joga-la ao mar porque estará mais segura nas profundezas do que comigo.

Mas nunca fui bom em fugir de desafios.

Eu a quero. De qualquer maneira da porra que puder ter.

Só tenho esperança de não falhar.

Segurando sua mão, tiro o garfo e entrelaço nossos dedos. Acenando em acordo, digo, "Vou te deixar ficar...por enquanto. Mas não espero só seu nome, ratinha muda. Espero *tudo*. Cada história e memória. Cada passatempo e segredo. Cada porra de pensamento e experiência. Prometa-me isso e temos um acordo."

Ela franze os lábios, estreita os olhos e se arma de coragem até tomar uma decisão.

Ela assente. "Fechado."



A TENSÃO SEXUAL não desaparece.

Mesmo quando Elder vai para seu lugar e voltamos a comer. A mancha de umidade no meu vestido pelo molho não me incomoda na sala de jantar quente e cada vez que trago um pedaço de peixe a boca, aprecio o quanto mudei. Como usar talheres não mais me aterroriza. Levantar a voz não é uma missão suicida, mas uma maneira de definir regras e limites com o homem que acho perigosamente intoxicante.

Não falamos enquanto terminamos o prato principal e uma simples sobremesa de morangos com creme de baunilha.

Elder não é guloso e depois de uma segunda colherada de creme, empurra o prato para longe e coloca a mão no bolso. Dando-me um olhar que me desafia a falar qualquer coisa, ele puxa um baseado e isqueiro, em seguida, acende-o sem desculpas.

Minha boca fica seca quando ele inala profundamente, a cabeça inclinada para o teto enquanto a ponta do baseado brilha vermelha. Ele prende a respiração por um longo

segundo, em seguida, solta uma baforada de fumaça cinza, girando entre os lábios.

Sei que não deveria gostar dele fumando. Que fumar é terrível e que drogas são erradas. Mas, Meu Deus, isso faz meu coração martelar de interesse. Por que ele usa? Ele está com dor e é medicinal? Ele é um traficante e é de onde o dinheiro vem? Ele quer saber quem sou, mas, em troca, quero conhecê-lo.

Movo-me na cadeira enquanto ele inala novamente, os dedos magros e fortes dos lados do baseado.

Depois de alguns tragos, ele me olha. Exteriormente, ele não parece diferente. Seus olhos ainda são calculistas e astutos. Seu corpo ainda tenso e pronto para lutar. Mas há algo menos nervoso sobre ele, a mente, talvez? Algo que não posso ver, mas sinto. Ele se acalma, silenciando a consciência efervescente entre nós, domesticando as unidades que montou.

Mordo a boca antes de murmurar: “Por que fuma?”

Ele sorri, segurando o baseado longe da boca. “Ah, você está atrasada demais para essa pergunta, Pim.”

Faço uma careta. Sei o que ele quer dizer. Aquela noite, no início de qualquer dança que ensaiamos. Ele prometeu todos os seus segredos se eu apenas perguntar. Na época, não estava pronta mentalmente, fisicamente, ou de qualquer forma, mas agora gostaria de poder voltar e surpreendê-lo, abrindo a boca para perguntar.

Mergulho outro morango no creme de baunilha. Mesmo que ele não tenha respondido, dou um pedaço de mim mesma na esperança de que ele fará o mesmo. “Pouco tempo antes de eu ser levada, tentei uma vez. Não gostei. Deixou-me paranoica.”

Ele respira fundo, prendendo a respiração novamente até que a fumaça sai de seu nariz lentamente como fios de prata para formar um halo em volta da cabeça. “Ouvi que pode fazer isso.”

“Não faz a você?”

“Nunca. Se alguma coisa, é o oposto.”

“O oposto?”

Ele inclina a cabeça, deliberando. “Vou responder a essa pergunta, porque um de nós tem que mostrar confiança.” Ele dá outra tragada em seguida, se inclina apagando a ponta num cinzeiro de cristal. “Ele me permite relaxar, exatamente como faz com um monte de gente. Mas desempenha vários papéis na minha vida.”

Mantenho a boca fechada de modo a não perguntar. Minha curiosidade mordisca-me, mas não lhe darei a satisfação.

Ele ri baixinho, vendo minha batalha interna. De pé, ele passa a mão pelo cabelo. “A maconha não me deixa paranoico, Pim. Deixa-me livre. A suspeita e a dúvida que tenho para com os outros quando estou sóbrio são

silenciadas enquanto estou sob sua influência. Ela me faz uma pessoa mais agradável. Mantém outras questões na baía. Eu posso relaxar."

Antes que possa testar sua teoria, para ver se ele realmente está mais suave, amável e fácil de falar... ele me dá um sorriso e sai.

* * * * *

No dia seguinte, o sol esconde seu calor atrás de poucas nuvens, ocasionalmente aparecendo, mas na maioria das vezes de mau humor por trás da névoa cinza. O oceano é taciturno e pouco convidativo, fazendo o Phantom parecer um casulo morno e reconfortante no meio da água hostil.

Não vejo Elder e posso relaxar no meu quarto, tentando recriar o origami de rosa que ele me deu. Rasgando um pedaço de papel do caderno, me concentro em dobrar e fazer o meu melhor para transformar o reto em três dimensões.

Falho enquanto o tempo se arrasta e as tentativas tornam-se desleixadas quando meus dedos se cansam. A manhã muda para noite antes de uma batida soar na minha porta.

Meu coração pula, esperando que seja Elder, mas quando abro a porta, vestido adequadamente de verde limão, minhas esperanças caem quando um mordomo masculino



sorri. “Sr. Prest quer que eu lhe informe que irá para Monte Carlo, às oito da manhã e deseja que esteja pronta para desembarcar com ele.” Ele olha por cima do ombro para a bagunça confusa de papel e rosas semi prontas. “Há um despertador em seu quarto. No entanto, se precisar de ajuda para defini-lo ou preferir que te chame, por favor, basta discar um e organizaremos.”

Balanço a cabeça, deslizando para trás em silêncio. Sorrio para mostrar gratidão, mas por alguma razão, o pensamento de falar com estranhos ainda me oprime. Vou me tornar proficiente em conversar com Elder primeiro.

Isso é o suficiente, por agora.

O mordomo me diz boa noite e fecho a porta.

Não é tarde e o jantar ainda não aconteceu, mas tenho certeza de definir o despertador e me preparo para dormir mais cedo para estar pronta para o que Elder quer me mostrar.





Alvorecer.

Amo esta hora do dia. Quando ninguém está por perto. O mundo é novo. Erros ainda não aconteceram. E minha mente está tranquila.

Chegar em Mônaco é quase tão atraente quanto fumar um baseado para relaxar. Este é o meu domínio. Ninguém pisou nele sem me conhecer e tenho uma fábrica inteira cheia de trabalhadores que se levantam por mim se alguma coisa do meu passado decidir aparecer sem avisar.

Usando um jeans e uma camisa cinza escura opto por sapatos em vez de chinelos já que pretendo andar uma distância razoável em torno do armazém e introduzir Pim ao meu modo de vida.

Uma vez que terminar o trabalho, vou levá-la para almoçar. Ou talvez estragá-la, comprando qualquer roupa ridiculamente cara da rua principal.

Então, novamente, talvez ignorá-la inteiramente, para que ela entenda a mensagem que não discordarei de seus

argumentos. Que minha palavra é lei. Que o acordo que fizemos significa que ela me deve absolutamente tudo o que é.

Concordar com esses termos e não pagar causará o pior tipo de estrago em minha psique já tensa. Ela não tem escolha agora.

Menina estúpida que negociou sua liberdade por um negócio comigo.

Pensar a faz se materializar. Ela se move com um brilho nos olhos que não estava lá antes. Ela endireita os ombros como se preparada para argumentar mais uma vez e desfazer todo o trabalho duro que fiz no sentido de conseguir me recompor.

Depois do jantar, passei a maior parte da noite matando-me com a necessidade de me manter em cheque, não levantar a voz e acima de tudo evitar que o meu temperamento arruinasse tudo.

Nossos olhos se encontram quando Pim sorri em saudação.

Não sorrio de volta olhando o relógio acima da pequena tela onde mudanças de clima e outros equipamentos ao ar livre foram armazenados para desembarque. “Está dois minutos atrasada.”

Ela torce o cabelo escuro, jogando-o sobre o ombro. Não responde. Meus ouvidos se contraem para ouvir a voz



dela, mas, ao mesmo tempo, não espero isso. Desfrutar de uma conversa com ela ainda é novidade.

O lado do iate já foi aberto; a rampa abaixada, esperando pacientemente nós sairmos. Os aromas sutis de mar e sol nos convidam a explorar Monte Carlo.

Pim olha de mim para a baía azul-turquesa e a cidade movimentada na margem distante. Seu rosto se ilumina, se enchendo de entusiasmo pela aventura em vez de empalidecer com medo.

Dei a ela a opção de se juntar a mim em terra na última vez. Marrocos foi um ponto de partida para muitas coisas, incluindo tudo o que agora sentimos um pelo outro. Desta vez, ela não tem escolha porque jogou esse dom na minha maldita cara no momento que exigiu que eu a mantivesse.

Quero balançar a cabeça em diversão e sussurrar em seu ouvido que ela cometeu um erro terrível.

Deveria ter fugido quando teve a chance, Pim.

Ela balança para a frente, hipnotizada pela visão; seu peso equilibrado nos dedos delicados prontos para explorar.

Esforço-me a lembrar a criança abandonada quebrada que resgatei. Luto para recordar seu sangue, hematomas e como era quebrada demais para falar comigo. Tê-la evoluindo tanto em tão curto tempo me deixa orgulhoso por ser parte de

seu progresso e chateado que cada dia ela precisa menos de mim.

Não reconheci o quanto preciso ser necessário. Ter alguém para cuidar depois de ser tão sozinho.

Pare de ser tão babaca, homem, foda-se.

Ela não está em perigo, porque você vai controlá-la.

E você não está em perigo, o que ela pode fazer? A filha da puta controla-o.

"Está tudo pronto." Selix empurra passando e descendo a rampa.

Pim se assusta, sua mente já em Monte Carlo antes de voltar para o corpo. A maneira como salta em seguida e olha imediatamente para mim como se pudesse salvá-la de qualquer coisa angustiante me faz cerrar os dentes.

Maldição, ela tem alguma ideia da agonia que causa? A forma como sua tenacidade me faz querer tomar o que preciso, enquanto a hesitação dela me faz querer ser um herói de merda e protegê-la?

"Pronta?" Estendo o braço e espero até que ela o pegue. "Você está confortável?" Olho para ela em seu vestido azul. Mais uma vez, o material solto é de algum modo mais sexy em sua forma fina do que uma minissaia justa. A brisa ondula o material em torno de sua forma, revelando que ela não usa calcinha por baixo.

Meu queixo cerra quando a mente volta para ela em meu colo e eu dentro dela.

Cristo, esse desejo nunca vai embora?

Espero um sorriso e um comentário sobre a roupa que odeia e como ela prefere ficar nua, mas a piada nunca vem.

Penso sobre isso e nos últimos dias ela usou vestidos sem meu pedido. Ou finalmente aceitou o decoro social ou outra coisa mudou dentro dela além da vontade de falar.

As coisas mudaram entre nós e não apenas por causa do que ocorreu no meu quarto. A tempestade reduziu-nos ao básico, permitindo que novas versões se formassem sobre o que permaneceu.

Quem diria que o tempo tem tal poder sobre a emoção?

"Depende," diz ela. "Vai estar frio onde vamos?"

A pergunta fez cócegas a meus ouvidos. Tranquila e respeitosa, ela não tem nada da raiva do jantar na noite passada. Isso me faz querer empurrá-la contra a parede, beijá-la e envolver em plástico bolha, ao mesmo tempo.

Mantenha sua merda junta. Chega de monólogo interior. Você soa como um tolo.

Limpo a garganta. "Não. Mônaco é quente nesta época do ano e os lugares que visitaremos estarão climatizados. Meus trabalhadores preferem suar em vez de tremer."

"Prefiro isso também." Seus lábios tremem, olhando-me de cima a baixo. "A propósito, você parece ... bem."

O elogio me surpreende, mas seguro um sorriso. “Você também.”

Suas bochechas coram enquanto o olhar vai para o chão. Não ter acesso a seus pensamentos me deixa com raiva. Nunca valorizei o contato visual ou uma conversa. Pim me ensinou o valor de tais coisas simples.

“Vamos?” Selix espera na rampa com o habitual terno preto. Seu rosto não mostra nenhum indício de que pensa sobre mim e os elogios desajeitados de Pim.

Concordo secamente. “Sim. Tenho a primeira reunião.”

Pim me dá um leve sorriso quando se desvia para ir na frente. “Damas primeiro.”

Com um aceno gracioso, ela desce e vai em direção a Selix. Barricadas de metal a impedem de cair no mar.

Piscando na luz do sol brilhante sobre sua pele, ela engasga com a quantidade de super iates, escunas de custo inestimável e barcos de valor superior a pequenas cidades.

Selix apressa o passo para saltar a bordo da pequena lancha, em seguida, vira para oferecer a mão para Pim enquanto ela percorre o pequeno espaço da rampa. O transporte elegante é nomeado Ghost em concordância com Phantom. As linhas curvadas com madeira altamente polida embelezam o latão.

Não é grande, mas cheira dinheiro.

Como deveria.

Projetei-o para transportar potenciais clientes para minha fábrica e convencê-los a participar com milhões para um iate. Outra razão pela qual costumo construir lanchas é me transportar para Monte Carlo. O Phantom é muito grande para atracar, mesmo que muitos dos cais sejam desproporcionais para acomodar visitantes como eu. No entanto, não gosto de estar com a multidão de outros navios. Se tivéssemos que sair rapidamente, ancorar na fronteira do porto com uma pequena embarcação de volta é o ideal.

Pim segura a palma da mão de Selix enquanto muda de embarcação. “Obrigada.”

Selix apenas balança a cabeça. Ele não age como se a gratidão de Pim fosse monumental, enquanto eu ainda não posso me acostumar com ela falando. Cada frase que profere, estupidamente penso que pode ser sua última. A vontade de ouvir tantas quanto posso antes dela parar é uma luta incessante.

“Sente-se.” Selix aponta o banco de madeira com almofadas de creme. “Por favor.”

No momento que Pim obedece, pulo a bordo sentando ao lado. Ela me olha com um sorriso de boas-vindas, porém cauteloso. Meus dedos queimam para tocá-la, lembrá-la que negociou sua liberdade para permanecer minha até que ela me dê tudo.

Esqueço sobre o trabalho, água e todas as minhas preocupações no caos que ela provoca. “Pronta?”



Pronta para me deixar entrar?

Pronta para me deixar fazer o que quero?

Ela assente com a cabeça, o rosto avermelhando como um nascer do sol antes de me dar um sorriso e virar para ver Selix enquanto move o leme. Ele solta a corda nos segurando ao Phantom e coloca o motor em marcha lenta, adicionando velocidade até que corta a maré como uma lâmina afiada, quase sem deixar rastro.

Pim inclina-se; a atenção no horizonte, preparando-se para entrar em outro mundo de carros chamativos, pessoas deslumbrantes e saldos bancários vistosos.

Mônaco é um playground para os mega ricos. Com paraísos fiscais para a maioria e um clima que significa a vida cotidiana necessária para usar Gucci e shorts Yves Saint Laurent, grande parte da fortuna global presa em títulos, imóveis e criptografadas contas bancárias na Rivera Francesa.

Incluindo a minha.

Selix acelera mais até que o cabelo escuro de Pim voa ao redor. Ofegante, ela agarra a massa com os dedos brancos, atirando-se para a frente para contrariar a gravidade gananciosa puxando-a para trás.

Cometo o erro de olhá-la e não consigo desviar o olhar.



Vejo quando ela olha o horizonte acolhedor. Bebo de sua inocência e alegria à medida que se aproxima dos edifícios, guarda-sóis e toalhas na praia.

Ela é a coisa mais linda que já vi.

Ela é a coisa mais perigosa que já encontrei.

Tenho que me livrar dela antes que seja tarde demais.





Elder não diz onde está me levando e não pergunto.

Em parte, porque ainda é uma segunda natureza permanecer em silêncio e em parte porque não quero saber. Gosto da surpresa, principalmente porque gosto da companhia de Elder.

Muitas coisas mudaram desde ontem.

Por dois anos nunca lutei verbalmente com ninguém. Evitei qualquer confronto porque era a única que perdia. Sempre.

Mas Elder me ouviu. Seu temperamento é brilhante e frágil, mas ele aceitou quando pedi para me manter um pouco mais. A relutância em fazê-lo pois medo de me machucar é maior do que admito, mas também não consigo afastar a felicidade por ele ter aceitado.

Confio nele mais agora do que quando ele me roubou. Minha confiança é natural ao invés de forçada e tomei a decisão de desistir e me agarrar a cada coisa, de descobrir minha própria existência, de percorrer meu terrível passado e

permitir que a vida se desenrole minuto a minuto e não me importar com para onde a próxima hora me levará.

Ele também ajudou que eu confiasse nele para me levar a um lugar seguro, me mostrar algo divertido e manter a palavra que permanecerei ao seu lado até que lhe diga tudo.

Pena que não pretendo fazer isso.

Há coisas sobre mim que nunca quis reviver e coisas que totalmente esqueci. Luto para recordar como é ser Tasmin, de frequentar a universidade, dos meninos colarem em meus exames e ser provocada por garotas ciumentas. Acho difícil me lembrar de como minha mãe era, me atormentando, cozinhando, contando histórias que considerava dignas de virarem lembranças.

Certamente, uma pessoa normal não esqueceria essas coisas? Se armazenei as memórias por muito tempo dentro da mente, manteria sob chave para proteção apenas para descobrir que me sufoquei em vez disso?

“Por aqui.” Elder anda na frente, as costas retas com autoridade e os olhos estreitos numa avaliação rigorosa. O cais está é marcado como privado com o mesmo logotipo do Phantom.

Não tenho necessidade de ouvir que é do domínio de Elder.

Meu olhar viaja pela baía vizinha, onde a figura de homens e mulheres descansam ao sol e jogam vôlei de praia.



Espero seguirmos em direção a cidade. Por quê? Eu não faço ideia. Eu já deveria saber que Elder nunca faz como esperado.

Em vez de ir para a marina, onde inúmeros barcos de luxo dormem enquanto seus mestres estão na água e numa cidade cheia de prazer, Selix vai para um grande armazém, pouco abaixo da costa. Aqui, não há muitos iates ou navios, mas a maciça entrada do edifício mostra que não abriga muitos náuticos, mas é o criador deles.

A estrutura é um gigante acordando de um longo sono; a língua caída para aceitar pedaços saborosos do mar. Janelas gigantescas, revestimento resistente e prateada pela neblina salgada. Parece antigo. No entanto, o interior não é sombrio quando entramos. Claraboias forram a maior parte do telhado, permitindo uma abundância de sol atingir as muitas pessoas dentro. Raios refletem no esqueleto de um navio.

Não olho para ver se sou seguida, Elder me guia até uma rampa do tamanho de uma pessoa ao lado da língua do enorme gigante, onde um sistema de catraca e corrente parece pronto para guinchar barcos menores do oceano. Espuma cobre as linhas de maré, secas agora, mas apenas esperando serem submersas.

Observo tudo.

O cheiro de alga marinha no ar. O esguicho de ondas batendo tranquilamente nas rochas que há muito tempo

abrigam mariscos e sujeira do mar. Trabalhadores martelando, lixando, correndo e medindo o casco do que imagino ser o próximo iate nascendo.

Andando pelo cais em meio a algas escorregadias, seguro no corrimão de corda grossa. Elder não dá qualquer aviso especial quando entramos no armazém gigante onde mais uma vez o logotipo do Phantom tem lugar de orgulho na parede. Quatro andares de altura e intercalados com armários e prateleiras, é o Deus que tudo vê supervisionando este eixo de criação.

Não posso andar e ficar de boca aberta ao mesmo tempo.

Eu paro.

Preciso olhar tudo. Preciso saber como madeira e metal transformam-se de elementos comuns para essas maravilhas. Preciso saber de onde vem o cheiro de verniz. Preciso aprender a dominar algo tão complexo.

Selix esconde uma risada em voz baixa, esperando que eu obedientemente siga Elder. Sua habitual atenção é silenciosa, agindo como se isso fosse um destino comum e aquele que poucos monstros atacam. “Impressionante, não é?”

Eu balanço a cabeça, a boca aberta em admiração enquanto olho os trabalhadores pendurados como trapezistas no teto para anexar algo a um mastro.

É mais do que impressionante.

Isto é...

"Ah, Sr. Prest!" Um homem usando um macacão azul com óculos na testa e cabelo escuro diz. "Que prazer."

Elder desacelera, estendendo a mão. "Olá, Charlton. Qualquer coisa para relatar desde que a última vez?" Seu corpo permanece relaxado quando apertam as mãos, mas o tom é pesado com coisas subjacentes.

"Não, por sorte, Senhor." Charlton puxa os óculos da cabeça e limpa a lente coberta de serragem com o punho. "Não houve muitas travessuras desde que esteve aqui pela última vez."

Elder veio aqui quando saiu um par de semanas atrás? É aqui que veio no helicóptero? Se fez, por que visitar novamente tão cedo? Certamente ele não é obrigado a supervisionar a operação de perto. Se fizesse nunca poderia navegar ao redor do mundo com compromissos em terra.

Ainda tenho muitas coisas para aprender sobre Elder, mas sei de uma: ele despreza a terra. Ele mal tolerou o Marrocos e ficamos apenas alguns dias. Ele parecia ansioso em Creta quando me roubou. Ele se transforma num assassino à procura do próximo inimigo enquanto em solo, mas no mar, ele suspira de alívio e deixa as ondas o levarem de volta à sanidade.



“Vi guerras inteiras começarem e terminarem em poucos dias,” Elder diz calmamente. “Mas fico contente de ouvir que está tudo bem. Como vai o projeto atual?”

Seu gerente compreende a mudança de assunto, capaz de responder com entusiasmo agora que a pequena conversa acabou. “Muito bem, Senhor. Sei que disse oito meses para a entrega, mas está parecendo seis. Os trabalhadores já terminaram a base da construção. As novas máquinas instaladas deram um ganho de tempo.”

“Estou contente.” Elder acena para o armazém e cais. “Podemos?” Olhando para mim, ele acrescenta: “Faça um tour com a minha ... amiga.”

Meu coração faz uma careta para a frase. Deveria estar feliz de ser chamada de amiga. Tecnicamente somos amigos. Mas amigos forçam quando um se recusa a falar? Será que amigos agem como se tivessem recebido uma sentença de prisão perpétua quando pedido para passarem mais tempo juntos?

Do que quer que ele a chame então? Amante? Cativa? Convidada?

Todos são tão indesejáveis quanto amiga, mas não posso achar uma palavra que prefira.

Mentirosa.

Posso pensar em uma.

Namorada...



Parceira.

Ridículo, Pim!

Ele não é um menino, nem meu amigo como acabou de dizer. E parceiro? Uau, isso é demais. As conotações que a palavra insinua não são verdadeiras. Ele não é meu parceiro. Ele nunca poderá relaxar o suficiente para permitir que outra pessoa compartilhe sua vida do jeito que uma parceria deve.

Ele é meu protetor.

Isso é tudo.

E, por enquanto, é tudo o que posso pedir.

Tudo que quero.

Mentindo de novo.

Eu quero mais.

Eu quero o que outros homens e mulheres tem.

Quer?

É outra mentira?

Se quero um relacionamento físico, bem como emocional, porque não posso distorcer o prazer que tenho do medo de sexo? Por que ainda vivo presa com um ataque de pânico no peito como uma víbora venenosa?

Elder é um homem totalmente crescido com necessidades que insinuou. Necessidades de controlar e toma um medicamento calmante.

Isso não é normal.



É isso?

Ele não se lança em romances, mas depende de drogas para combater uma falha de personalidade isso não é um bom sinal.

“Um tour? Sim, claro!” Charlton salta e avança. “Será uma honra mostrar o Hammerhead[1].”

Elder revira os olhos. “Chame de outra coisa. O proprietário que o encomendou não está mais interessado em completar o negócio.”

Charlton para, o rosto caindo. “Oh, querido, isso é perturbador.”

Elder sorri, sombriamente e presunçoso. “Acredite em mim; é a melhor notícia que tive num bom tempo.”

“Nesse caso ... maravilha.” Charlton sorri, colocando os óculos de volta na posição privilegiada em sua testa.

“Conduza.” Envolvendo o braço em minha cintura, Elder me puxa para a frente e mais fundo no armazém. Com Charlton um pouco à frente, ele sussurra, “Tem um palpite de quem era esse iate, Pim?”

Meu nariz coça com os aromas de madeira, resina e cera. Muitos trabalhadores para contar, todos conduzindo a melodia de trabalho duro e companheirismo. Uma risada aqui, uma tosse ali, toda a serenata de clack e whirr de ferramentas.

[1] Tubarão cabeça de Martelo.

Aproximando-me do casco quase concluído, meu pescoço se estica enquanto luto para ver o topo. O esqueleto belo de qualquer flutuante assim é enorme, mas não tão grande quanto o Phantom.

Elder acena para Selix e Charlton, dando-nos privacidade que não tenho certeza de que quero.

Um arrepio estranho corre minha espinha.

Dele.

Este barco era para o homem que provavelmente apodrece no chão de sua sala de estar onde o deixamos com três buracos de bala. O homem que nunca tocará neste barco, assim como nunca vai me tocar de novo.

Minhas mãos fecham quando ódio súbito por essa bela criação me enche. Quero queimá-lo por ter quaisquer laços com meu antigo mestre, mas, ao mesmo tempo, quero acalmá-lo e sussurrar o quão sortudo é de nunca ter pertencido a ele.

A respiração de Elder queima minha orelha quando ele se inclina perto. “Será que adivinhou?”

A conversa vaga de ferramentas e viagens volta. Elder me fascinou desde o momento em que ele conheceu Alrik. Suas condições de pagamento da construção me incluíam. Um acordo feito com a mão na minha perna e olhos torcendo meu coração.



Tensiono, afastando-me um pouco, o espaço se fez necessário. “Isto é o que ele te pediu para construir.”

Volto a olhar o nascimento de tal barco. Por que Alrik precisava de uma coisa dessas? Tenho certeza que Elder destruiu todas as pistas e deixou os agiotas para trás? Será que ele realmente me manterá e atirará contra qualquer um que se aproximar?

Você sabe que ele fará.

Ele teria me usado como uma arma.

“Sim.” O rosto de Elder escurece, os longos cílios manchando as bochechas com sombras. “Não que ele o terá.” Seus ombros tensionam quando violência ondula sobre ele, sem dúvida, lembrando-se dos infelizes acontecimentos que levaram à nossa incomum associação. “Estou feliz por ter tomado seus últimos dólares e ainda mais que ele esteja fodidamente morto.” Sua voz me arrepia. “Ele nunca te mereceu e agora posso descansar, sabendo que te roubei e matei o filho da puta.”

Alimentada por sua alegria perversa, celebro a morte de Alrik de maneiras que provavelmente me mandarão para o inferno. Assassinos não devem ter satisfação em tomar uma vida. Mas... talvez seja o que nos atrai, compartilhar o roubo da pior perda que se pode causar.

Uma alma.

Mesmo uma tão suja e má como a de Alrik.



Elder revira os ombros, afastando a crueldade intensa que vejo. “Além disso, se ele não estivesse morto, provavelmente o mataria apenas por nomear essa beleza como tubarão de olhos separados.” Ele bufa. “Hammerhead. Que merda de nome é esse?”

Dou um meio sorriso, arrepios tomando minha pele pela brincadeira repentina em seu tom. “Não é o mais bonito.” Afasto o olhar antes que ele possa me afetar ainda mais e me encanto com a beleza de como simples seres humanos podem transformar madeira e quaisquer outros materiais nessa maravilha. “Como o chamaria?”

Elder esfrega a mandíbula. “Não importa. O proprietário tem que nomear seu navio e vendo que este navio não tem dono ... ela permanecerá sem nome até que a venda.”

“Ela?”

“Todos os barcos são mulheres.” Elder dá de ombros. “Não sei por que, nem me interesso de saber. Apenas é.”

“É?”

“Sim.” Seus olhos suavizam, entrando no reino em que se tranca a todos os momentos. “Prefiro pensar que estão vivos, em vez de vazios. Faz minha vida menos solitária.” Instantaneamente, ele tosse, como se tais coisas não tivessem acabado de sair por seus lábios. Seu rosto torna-se lívido e ilegível enquanto segue os contornos da criação, evitando meu olhar a todo custo. “Você chegou longe com um monte

de perguntas hoje, Pim. Minha vez. Diga-me como a chamaria."

"Eu?" Levo a mão ao peito. "Não sei nada sobre nomear coisa ..."

"Não importa. Diga."

"Pensei que acabou de dizer que o proprietário deve nomeá-las."

"Você está certa." Ele empurra os punhos nos bolsos do jeans. Constrangimento súbito cai entre nós enquanto estamos juntos, mas separados.

Poucos minutos passam, cada um mais pesado que o último.

Não sei como quebrar a frieza entre nós e salto quando ele finalmente murmura um pouco frio, mas cheio de convicção. "O nome dela."

"Mas..."

"Ela acaba de ser vendida."

Faço uma careta. "O que? Como? Você está parado aqui o passe..."

"Como você. A transação está completa."

Ele é confuso. Eu não consigo entender. "Eu não entendo."



“O nome dela, Pim.” Ele se vira para mim, seu peito inflado e a camisa esticada contra os músculos. “Você é a nova dona. Não sei por que não pensei nisso antes.”

Tusso rindo, choque fazendo minha voz vacilar. “*Desculpe*?”

“Ela é sua.”

“É ... você está me dando um barco?”

“Não é qualquer barco. Um super iate de construção personalizada.”

“Mas, eu não posso. Eles valem uma fortuna. Não tenho maneira de pagar de volta.”

Um sorriso calculista toma seus lábios; os olhos acendem com a armadilha que acabei de cair. “Lembra que eu definiria seu valor? Que teria que me pagar através de qualquer tarefa que considere necessária, em qualquer valor que escolher?”

Engulo em seco, dando um passo para trás quando ele avança. Eu lembro, mas não quero dar mais poder a ele. Ele tem o suficiente. Brilha com ele. Ondula nele. Poder masculino, poder de mestre para me encantar e fazer esquecer o que aconteceu e que fui escrava.

Sua energia crua fez meus joelhos pedirem para me ajoelhar diante dele mesmo quando me disse para não fazer tal coisa.

O que ele está fazendo?

“Ela é sua, Pim. Seu valor apenas subiu consideravelmente. Portanto, me deve mais do que jamais vai pagar. Terá que fazer o que digo pelo resto do tempo que estamos juntos. Vai ter que me dar alguma coisa que eu queira. Você terá que responder a qualquer pergunta que fizer.”

Meu coração acelera. “O resto do tempo que estivermos juntos?” Como ele pode me dar um iate, me ligar a ele, em seguida, virar nossa relação em algo que prometi a mim mesma que nunca seria novamente.

Mestre e amante.

“E quanto tempo será?” Lágrimas quentes ardem em meus olhos. “Quanto tempo devo responder a todos os seus pedidos e obedecer a cada comando? Quanto tempo devo permanecer uma escrava, mesmo que meu dono e os arredores mudaram?”

Elder acalma-se, o olhar mais escuro do que já vi. “Você pediu por isso. Tentei libertá-la, Pim. Abri a porta e disse adeus, mas você foi a única que porra pediu para ficar.”

Odeio que ele esteja certo.

Ele não fingiu que mudaria e não fez promessas. Ele sentiu remorso em tomar-me contra minha vontade. Ele foi educado na intermediação de um negócio para eu permanecer, comer sua comida e viver com sua hospitalidade. Mas ele nunca me deu falsas pretensões. Ele nunca deu a entender que sentia a mesma confusão que eu.

Ele nunca me deu um sinal de que me quer do jeito que eu o quero.

"Se este é o custo da minha liberdade, então o preço é muito alto." Elevo a voz mesmo enquanto minha espinha ameaça curvar sob o peso de seu olhar. "Não vou nomear o iate como não vou aceitá-la. É seu."

"Errado. É de Alrik." Elder lentamente tira as mãos dos bolsos, inspecionando as unhas como se não discutíssemos minha vida ou servidão eterna a ele. "Alrik pagou por esta beleza assim como pagou por você. Seu nome está no contrato tal como o nome dele está em suas memórias." Ele olha para cima, os olhos capturando os meus. Com um levantar da mandíbula, ele me estrangula como se estivesse numa forca. "Ele pagou por você e não te merece. Você viveu com ele por anos. Você aguentou sua merda e sobreviveu ao abuso e porra se esse não é o único pagamento exigido."

Eu congelo. "O que... o que está dizendo?"

Minha cabeça doí de como ele torce a conversa. Como ele me deixa nas corredeiras enquanto volta ao mar aberto, calmo e profundo. "Não me deve um centavo por ela, Pim." Ele suspira, dissipando as verdades que fala mascarando-as como mentiras. "Não há dívidas. Não existem requisitos. Este barco foi seu no momento em que te roubei."

Seus passos são impressos em meu coração quando ele se aproxima e segura meu rosto. "É justo que herde o que



Alrik deixou. Você merece por tudo o que ele te fez passar. Não é o suficiente. Não pelo o que ele fez. Mas ela é sua."

Recuo, balançando a cabeça, odiando como as pontas de seus dedos deixam uma marca na minha pele. "Não quero ter nada a ver com ele. Dinheiro ou outra coisa."

"Eu entendo, mas este iate é seu. Ele nunca o viu. Ele não teve nenhuma parte no projeto, é tudo meu." Ele chega mais perto, nossos olhos se fechando nos lábios um do outro. "Não é dele. É meu. Ele sempre foi pensado para ser seu. Não vê?"

Respiro fundo. "Mas se me der então ainda tenho o problema de te reembolsar. Apesar do que disse sobre não vir com cláusulas ou condições." Meu coração acelera. "Estou disposta a dar partes de mim e me proteger. Nunca esperei nada de graça. Preciso pagar de volta para provar que tenho valor."

Odeio como minha voz treme; como ele treme de raiva e frustração. "Não tenho nada de valor, mas você me fez valiosa. Não vê? Você não entende quão doente isso me deixa? Quanto não quero aceitar isto porque..."

Sua boca cai contra a minha, me tomando num beijo feroz.

Fico presa no local, em estado de choque pelo beijo rápido e inteiramente comandado por ele.

Ele rouba cada pensamento.



Somem.

Ele massacra todos os argumentos.

Mortos.

Ele derrete meu gelo com o sentimento mágico de sua boca na minha, sua respiração na minha, a língua contra a minha.

Gemo quando ele afasta os lábios.

Um mês atrás, teria me enojado e escondido.

Hoje, vou para ele rapidamente.

Mas no momento em que o toco, o súbito ataque acaba.

Ele recua, passando a mão pelo cabelo com uma carranca de descrença no rosto. “Desculpa.”

Pressiono a mão na boca machucada. “Não sinta.”

“Eu não deveria ter feito.”

“Está tudo bem.”

Ele rosna. “Não está. Eu escorreguei. Eu nunca escorrego.” Ele se afasta; a mão ainda segura o cabelo. “Porra.”

Não sei o que fazer, então só fico ali. Não acho que seria sensato mencionar que ele escorregou na outra noite também. Ele escorregou até que caiu dentro de mim.

“Senhor?” O gerente de Elder reaparece, olhando entre nós, entendendo que algo não está certo, mas interrompendo



de qualquer maneira. “A equipe de design está reunida. Se estiver pronto.”

Elder geme. “Cristo, eu esqueci.” Olhando para cima, ele consegue esconder a discussão, o beijo e a intensidade de antes, mais uma vez se tornando impenetrável. “Logo estarei lá.”

“Ótimo.” Charlton balança a cabeça, sorri para mim, em seguida se afasta até não poder mais ouvir.

Elder vem na minha direção, os braços nos lados, como se estivesse sob instruções estritas de não se aproximar, tocar ou me maltratar de qualquer forma. “Tenho que ir.”

Minha barriga revira pela irritação em seus olhos. Gosto de pensar que seu aborrecimento é causado pela falta de vontade de me deixar. “OK.”

“Não vou demorar muito.”

Balanço a cabeça.

“Você está livre para passear e explorar. Saiba como seu novo iate será construído. Vou encontrá-la quando terminar.”

“Não é meu iate.”

“É.” Ele ergue a mão quando vou responder. “Nada mais a dizer sobre o assunto.”

“Mas...”



Seus olhos escurecem. “Mas nada. É seu. Consiga um nome. Se tentar lutar comigo de novo, você vai perder.” Sua voz cai para uma ameaça quando ele se aproxima. “É isso que quer, Pim? Comprar uma briga comigo e perder?” Ele lambe os lábios. “Porquê da maneira que estou não iriamos lutar por muito tempo antes de eu perder o controle e te ferir novamente.”

A imagem dele se forçando em mim não deixa o maior número de células querendo fugir. Ele entrou em mim, mas não me fodeu. Se alguém tem força de vontade para estar dentro de uma mulher e não se mover ou procurar liberação, então uma ameaça como a que ele acabou de fazer quase não é tão assustadora, porque ele já revelou que tem moral, que se recusa a quebrar.

Ele abaixa a cabeça, os ombros cansados sob a imensa pressão. “Olha, sinto muito por te beijar. Aproveitei-me novamente. Não vai acontecer uma terceira vez.”

Minha voz que esteve muda agora sai sem censura. “Você não...”

Seus olhos nos meus.

Paraliso sob seu olhar, engolindo antes de continuar. “Você não se aproveitou. Eu...” não tenho coragem de falar sobre meus sentimentos e desejos estranhos, mas tenho que me obrigar se quero alguma chance de alegar normalidade. “*Gosto* de te beijar.”



Minhas bochechas imitam um prédio em chamas quando Elder solta um grunhido estranho, como se tivesse dito tudo o que ele acredita ser mentira.

Mais uma vez o constrangimento parece dançar ao redor numa terceira rodada desagradável. Ele move-se para mim lentamente, com dificuldade, mantendo seu corpo sob estrito controle. “Você está fazendo um jogo perigoso, Pim.”

Ofego pelo desejo ardente em seu rosto.

“Deveria ter saído quando teve a chance.”

Estou calma enquanto ele irradia irritação. Estou calma enquanto ele parece poderoso.

Fico sem fôlego. “No momento em que me encontrou, não tive a menor chance.”

Seus lábios franzem, os olhos ficando tristes. “Odeio que seja verdade. Por nós dois.”

Olhamo-nos sem palavras até que ele murmura, “Lembra da lição de escolha do bolso? Como te ensinei a vir e roubar minha carteira?”

Será que lembro? Claro, que sim. Como posso esquecer a emoção de estar tão perto, de inserir a mão contra sua bunda e pegar o dinheiro? Como poso esquecer a alegria de jogar com ele?

“Eu lembro.”

“Bom.”



Não gosto do brilho em seu olhar.

“Coloque o que aprendeu em prática. Roube algo e traga para mim. Você não quer aceitar este iate? Não quer aceitar o que é seu por direito? Bem, muito ruim. Você ainda me deve por outras coisas, por isso considere esta tarefa sua primeira parcela.”

“Parcela de quê?” Levanto a cabeça, me educando a não o olhar da mesma forma que ele me fita. Com a mandíbula cerrada e bochechas elegantes o tornando tão bonito, mas intocável.

“Parcela pelo quarto e alimentação, é claro.” Ele dá um meio sorriso, mesmo que brilhe com desafio ao invés de diversão. “Cace meu pessoal, Pimlico. Vasculhe meu armazém. Escolha sua vítima. Roube algo antes de eu terminar meu encontro. Caso contrário, vou tornar a tarefa muito mais difícil.”

“Eu não roubo.”

Ele ri. “Oh, sim você faz.” Ele se inclina para frente, a bochecha roçando a minha enquanto ele murmura, “Deveria saber. Roubou mais de mim do que qualquer um.”

Meu sangue acelera a circulação, me fazendo tremer pela súbita corrida de adrenalina, em alguma pequena medida, ele encontra um jeito de me atingir. “Eu fiz?”

O que roubei?

Diga.



Ele assente. “Eu odeio isso.”

“Por quê?”

“Se tiver sorte, nunca vai descobrir.” Ele dá um beijo rápido na minha bochecha, em seguida, se afasta. “Se não está com sorte, vai saber por que e, em seguida, tudo parecerá trivial.”

“Trivial? Como?”

“Você e suas malditas perguntas.” Ele faz uma careta. “Sabe? Quase prefiro seu silêncio.”

Isso é um elogio ou reclamação?

Antes que possa descobrir, Elder ordena: “Roube algo, Pim. Mostre-me que pode roubar dos outros e não apenas de mim. Você tem duas horas.”

Ele sai antes que eu possa recusar.



ELDER

Não consigo me concentrar.

Durante toda a reunião, tudo que consigo pensar é em Pim.

Sobre o beijo.

Sobre a briga.

Sobre cada pequena coisa sobre ela.

Seu cabelo.

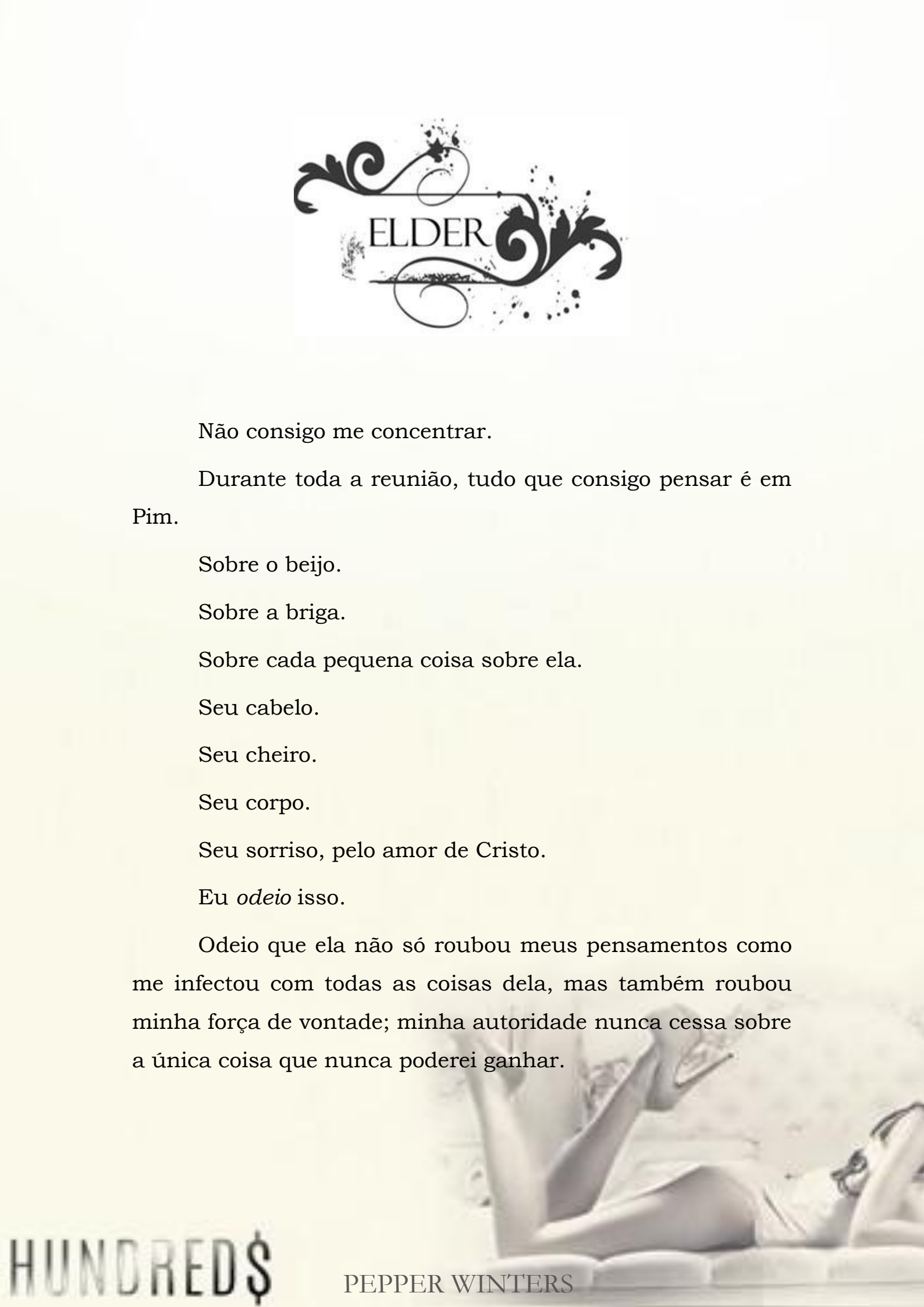
Seu cheiro.

Seu corpo.

Seu sorriso, pelo amor de Cristo.

Eu *odeio* isso.

Odeio que ela não só roubou meus pensamentos como me infectou com todas as coisas dela, mas também roubou minha força de vontade; minha autoridade nunca cessa sobre a única coisa que nunca poderei ganhar.



Charlton mostra outra pasta com os próximos quatro projetos em andamento que levarão a equipe de design quase um ano para terminar, com escala e criações exclusivas.

Eu deveria estar focado em equações matemáticas, me aproximando dos preços e gastos gerais de construção. Mas tudo que posso pensar é quão chateado estou que Pim recusou seu presente.

O iate lá fora é dela.

Sempre foi.

No momento em que terminar vou entregar as chaves, solta-lo na baía para ela fazer o que quiser. Ela não quer isso? Bem. Ela pode flutuar em torno ancorada do oceano sem nenhum propósito ou casa, exatamente como a dona.

Minhas mãos fecham.

Assim como a dona.

Ela não tem nenhum propósito ou casa.

Apenas igual a mim.

Espere, tenho um propósito, a promessa de longa data de fazer para eles o que fizeram para mim. E minha casa tem sido o Phantom.

Mas nunca pode voltar para sua verdadeira casa, não é?

Fecho o pensamento imediatamente.



Tenho o suficiente na minha mente com Pim e não preciso nem um pouco do passado fazendo uma aparição.

Enquanto o resto da equipe tem ideias sobre misturas de madeira e estilos, sutilmente reorganizo três lápis no bloco de notas.

Três na horizontal.

Três na vertical.

Três num triângulo.

Três juntos.

Três distantes.

Sempre três.

Enquanto mantenho as mãos ocupadas, meus pensamentos se voltam sobre se ela me obedecerá. Será que ela roubará para mim? Ou será que os nervos impedirão?

Selix estende a mão e roubou os três lápis, dando-me um olhar cortante.

Quero surrá-lo por levá-los, mas com os dentes cerrados, assinto em reconhecimento. Ele sabe o que significava quando começo a contar. Ele sabe muito bem quando preciso estar de volta em mar aberto, onde a pressão da sociedade, a expectativa dos colegas e cada memória desagradável não pode me encontrar.

Verificando o relógio, sufoco um gemido ao ver que apenas uma hora passou. Uma longa e interminável hora.



Ter a presença de Selix ao lado é o cão de guarda que preciso para me manter em cheque. Ele não está lá para proteção, mas para ser o barômetro para ver quão longe posso cair antes de não poder subir de volta.

No entanto, com ele aqui, significa Pim lá fora ... sozinha.

Ela pode sair.

Ela *deve* ir.

Dei a ela a liberdade deliberadamente.

Quis mandá-la para casa e ela recusou. Sozinha lá embaixo, sem supervisão e livre, terá todas as oportunidades para sair pela porta da frente e nunca mais voltar.

Não sei qual caminho ela irá escolher.

Nunca serei capaz de encontrá-la.

Porra mal acho que posso vê-la novamente, e, ao mesmo tempo, alívio se agarra dentro de mim. Quero que ela se vá, mas não quero. Quero-a perto, mas a temo.

Sou uma bagunça maldita.

Charlton fala sobre projeções mensais, embarques de nogueira e mármore e a limpeza do armazém.

Obrigo-me a prestar atenção. A dar algo ao meu caótico cérebro para pensar.



Fatos e números lentamente substituem escravos e romances, puxando-me de volta para um mundo em que posso conquistar e controlar.



1

Pim

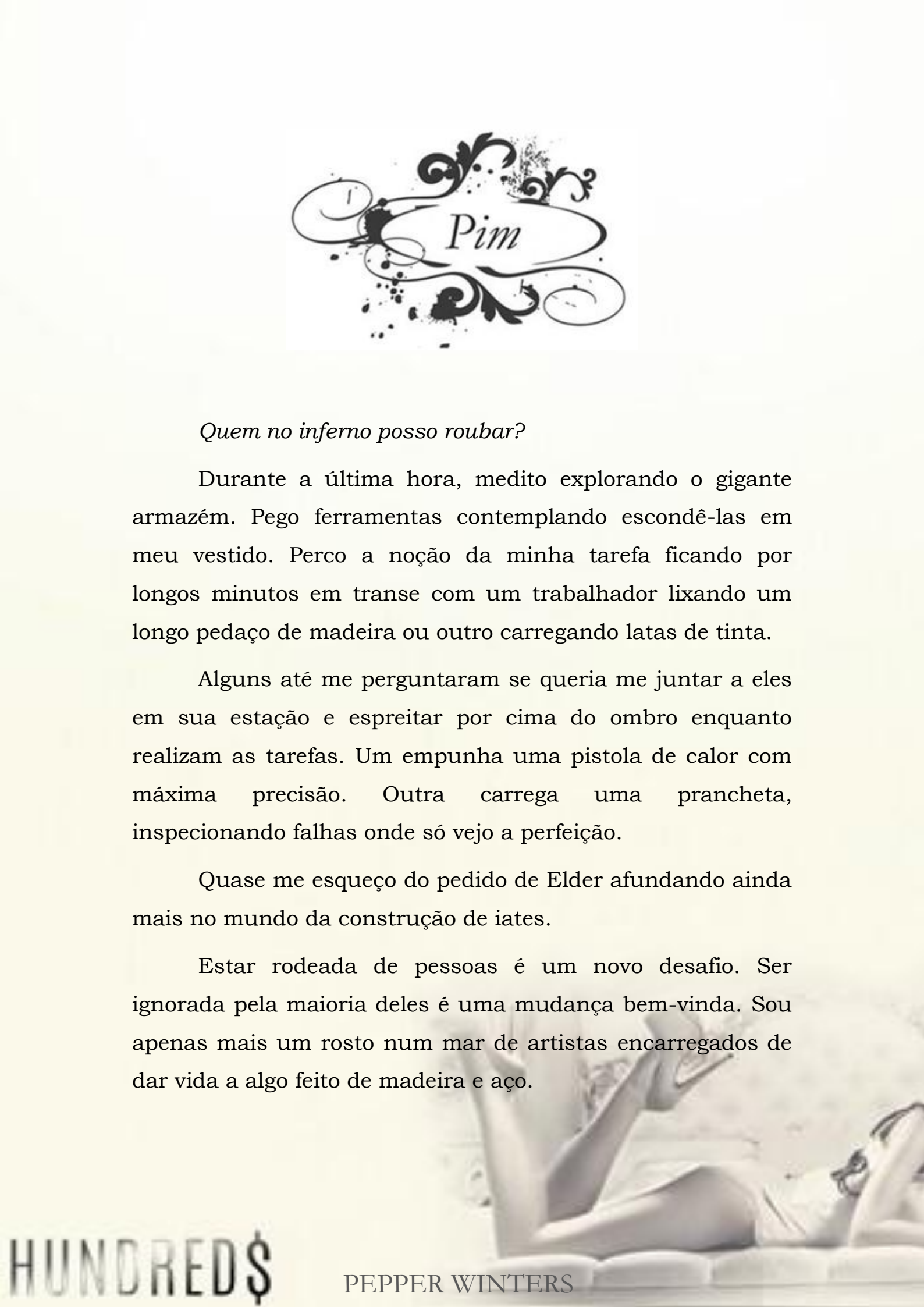
Quem no inferno posso roubar?

Durante a última hora, medito explorando o gigante armazém. Pego ferramentas contemplando escondê-las em meu vestido. Perco a noção da minha tarefa ficando por longos minutos em transe com um trabalhador lixando um longo pedaço de madeira ou outro carregando latas de tinta.

Alguns até me perguntaram se queria me juntar a eles em sua estação e espreitar por cima do ombro enquanto realizam as tarefas. Um empunha uma pistola de calor com máxima precisão. Outra carrega uma prancheta, inspecionando falhas onde só vejo a perfeição.

Quase me esqueço do pedido de Elder afundando ainda mais no mundo da construção de iates.

Estar rodeada de pessoas é um novo desafio. Ser ignorada pela maioria deles é uma mudança bem-vinda. Sou apenas mais um rosto num mar de artistas encarregados de dar vida a algo feito de madeira e aço.



Eles não se importam se paro para olhar. Eles não gritam se pego um cinzel ou chave de fenda. Para eles, não sou importante, seu trabalho é e sou livre para passear, tocar e ver.

O sentimento é libertador. Roçar os ombros com um homem enquanto carrega plantas com um lápis entre os dentes e não me encolher ao ser tocada. Dar um sorriso distraído a um homem pendurado num arnês para pregar um painel no lugar e não temer fazer contato visual.

Sou parte deles emborra sozinha, e, eventualmente, a novidade se torna normalidade e volto a minha tarefa de escolher um bolso. O único problema é que não tenho como manter em segredo ou sutiãs para guardar coisas que não me pertencem.

Tenho um vestido solto, cabelo e as mãos. Não é exatamente o grande traje de ladrão.

Não pela primeira vez, olho a porta fechada, onde Elder e Selix desapareceram. Janelas de cada lado estão cobertas por cortinas, mantendo a reunião escondida.

Estou tentada a sentar numa das grandes pilhas de lona e apenas ver o caos controlado em vez de tentar roubar. Mas sempre que me desvio da ideia de ignorar o pedido de Elder, a culpa que se segue me faz continuar a pesquisa.

Ele tentou me dar um iate.

Este iate.



Balanço a cabeça com admiração para o gigante na minha frente.

Por quê?

Será que ele não sabe quão desconfortável isso me faz? Não por causa da dívida extra que representa, mas o fato de que nunca possuí algo tão caro? Quase sinto que ele pensa que pode comprar de volta minha autoconfiança e de alguma forma apagar os últimos dois anos.

Como se um presente de milhões de dólares fosse me *corrigir*.

Mas *não* vai.

Ele está me corrigindo apenas me dando uma vida. Levando-me para trabalhar com ele. Deixando-me viajar com ele. Esses presentes são de valor inestimável e muito mais valorizados que um barco que não sei como dirigir, não tenho equipe para gerenciar e sem renda para pagar o combustível e manutenção.

É uma ideia estúpida.

Estúpida ou não, ele tentou ser generoso e gentil e me pediu para fazer algo em troca.

Perco muito tempo.

Meus passos caem com um propósito mais profundo quando contorno os principais operários inspecionando prateleiras com raspadores, brocas e martelos. Há muitas coisas que posso tomar, mas nada é pequeno o suficiente.



E além disso ... se roubar uma ferramenta, não será roubar de Elder?

Ele é o chefe aqui. Ele financiou o equipamento e suprimentos. Não faz sentido roubar algo que ele já possui.

É um truque? Ele já chegou a essa conclusão e quer ver o que farei?

Você está pensando nisso.

Concordo com essa lógica, mas só porque não quero roubar. Não gosto da ideia de tomar algo sem permissão ou cobiçar o que não é meu, porque isso é exatamente o que aconteceu comigo.

Então onde é que isso te deixa?

Deus, se eu soubesse.

Condenada se fizer e condenada se não fizer. De qualquer maneira, lhe devo e tenho que fazer o que ele diz.

Giro no lugar, tentando rapidamente detectar algo para acabar com isso.

O grande relógio pendurado acima do escritório mostra que desperdicei noventa minutos e ainda não peguei uma bugiganga para Elder.

Não importa. Ele disse que tenho duas horas...

A porta onde Elder desapareceu de repente abre, revelando uma longa mesa e pessoas recolhendo papéis antes



de levantar. Elder avança, entrando no armazém, examinando seu império.

A reunião terminou mais cedo.

Estou sem tempo.

Seu olhar inteligente corre a equipe, procurando, procurando ...

Ele me encontra.

Congelo quando ele me prende no lugar com apenas um olhar, distante e real.

Respiro fundo, mas para na garganta.

Ele não parece diferente, ainda usa a camisa cinza e jeans caros desbotados de antes. Não importa que não use um terno e gravata. Não importa que seja apenas um homem. Ele tem certa magia que o coloca acima do resto. Ninguém mais pode ser ao mesmo tempo tão brutal, mas justo de modo impiedoso e condescendente. Ele é rigoroso comigo, mas ainda mais consigo mesmo. E não é seu guarda-roupa que conjura essas características. É ele. Toda sua mentalidade e jeito.

Ele sorri com presunção e um tom de alívio, como se tivesse duvidado que eu fosse ficar, mas ainda surpreso ao me ver.

Será este outro teste? Deixando-me por conta? Esperando para ver se fujo ou permaneço? Ele sequer recorreu a sair do armazém e desaparecer.

Talvez ele devesse.

Talvez eu devesse ter focado mais em encontrar um telefone e chamar a polícia que em encontrar algo para roubar?

O que aconteceu com minhas prioridades?

Mas, novamente, o que direi à polícia?

Que atualmente vivo com o homem, que apenas dois dias atrás forçou-se em mim? Que esse mesmo homem ajudou a costurar minha língua e matar o mestre que me violentava?

Estaria num manicômio e Elder numa cela.

As pessoas diriam que é asneira. Que minha fragilidade deu lugar a irracionalidade. Elder seria julgado por sequestro e estupro enquanto eu inutilmente explico que nenhum dos dois foi ele.

Não, não posso sair ainda e ele não pode ser tirado de mim.

Ainda não.

Meu coração dá uma guinada em advertência quando Elder coloca um sapato preto na frente do outro, vindo me reclamar.

Não sei o que ele planeja a seguir ou para onde vamos, mas sei que preciso completar sua tarefa, não por ele, mas para mim. Preciso provar que posso fazer isso sozinha. Não

preciso dele perto o tempo todo. Sou forte o suficiente para fazer o que pediu.

Indo em direção a um posto de trabalho e nas proximidades das múltiplas ferramentas espalhadas na mesa, perco Elder de vista quando corro em torno do iate parcialmente construído.

Um nome sussurra em minha mente para a elegante embarcação. Algo que pode voar. Algo que é forte o suficiente para suportar ondas de maré e tempestades.

Não se atreva.

Você não é a dona e não tem o direito de nomeá-la.

Mantenho os olhos focados nos itens e trabalhadores enquanto passo entre corpos e mãos hábeis. E lá, numa mesa de cavalete com aparas de madeira e pregos descartados, está um quadro pequeno com fotos ovais e pequenas garras mantendo as imagens de uma mulher bonita e uma criança num vestido roxo.

Uma família.

A família de alguém.

Faço uma pausa, correndo o dedo sobre os empoeirados rostos sorridentes. Não sei onde o marido está ou que trabalhador voltará para casa para esta mulher e filha.

Eu quero saber. Quero descobrir os nomes de sua família.



Mas outra parte minha não quer deixar Elder decepcionado. Esse quadro é pequeno o suficiente para caber na palma da mão e leve o suficiente para ser transportado sem esforço.

Não é seu...

Isso quase me para.

Quase.

Pegando a moldura, congelo. A desgraça épica de tocar algo que não me pertence enche-me de remorso. Espero por uma mão no ombro ou um xingamento.

Quase os quero, então não terei que passar por isso.

Mas nenhuma dessas coisas acontece.

O lixamento continua. Os rumores permanecem.

E culpa me invade quando escondo o quadro prata nas mãos e me afasto depois de roubar algo que monetariamente mal tem valor, mas para um homem é incalculável.

Depois de dez passos, não consigo respirar através do meu pesar. Como posso fazer algo parecido? O que me possuiu para roubar algo que significa muito para alguém?

Viro para devolver.

Paro ao comando de Elder.

Ele se materializa pelo lado do iate, estendendo a mão como se tivesse testemunhado meu roubo e não me deixa negar.



Com um pesado nó na garganta, dou um passo em direção a ele entregando a moldura.

Nossos dedos se tocam.

Quente no frio.

Homem e mulher.

Baixo a cabeça enquanto Elder olha a família. Uma vez fui roubada apenas como acabei de roubar esta moldura. Fui tomada insensivelmente sem pensar em como minha mãe lidaria com meu desaparecimento ou qualquer pedido de desculpas.

Agora eu fiz o mesmo.

Recuso-me a ser como eles. A ser como Elder quando sorri e acena com a cabeça em aprovação.

“Espere!” Pegando de volta, abraço as imagens. “Mudei de ideia. Não vou roubar isso.”

Sua cabeça inclina, as ações lentas e refinadas. “Você já fez. Isso não é seu, mas o tomou. Pertence a você agora.”

Recuando um passo, tento lembrar de que estação de trabalho a peguei. “Não. Vale muito.”

Seus olhos se estreitam. “Vale muito? Duvido que conseguiria poucos dólares na rua. Prata oca não vale nada e ninguém quer fotos de entes queridos de outra pessoa.”

Minha boca abre. “Pensa em vendê-la para ganhar dinheiro?”

“Não é por isso que alguém rouba?” Ele dá de ombros, desafiador e indiferente. “Por benefício próprio ou comércio por dinheiro?”

“É errado.” Estremeço. “Ninguém deve lucrar com o outro.”

Luto para manter a conversa na moldura roubada e não em minha própria situação.

“Errado ou certo, já aconteceu.” Elder estende a mão. “Dê isto. É meu.”

“Não, você não pode tê-lo.” Eu coloco as mãos nas costas.

“Tarde demais.” Elder caminha para mim e arranca-a de meu punho, como se eu não estivesse a segurando em tudo. “Você escolheu. Tem que viver com a culpa. Ninguém me disse isso quando comecei a roubar, Pim.” Ele se inclina mais perto, o rosto ardente e raivoso. “Que a culpa te come vivo. A vergonha de tomar o que não te pertence não vale a pena o custo.” Ele ri, mas ecoa com desespero ferido. “Acredite em mim.”

E eu faço.

Acredito que sua escolha de roubar o deixou cheio de remorsos, em vez de feliz e rico. Ele pode ter uma riqueza infinita agora, mas a que custo? Que dívida?



Tremo infeliz quando ele coloca a moldura no bolso das calças e passa o braço em minha cintura. “Venha. Há outro lugar que quero visitar hoje.”

Não pergunto onde, porque ou o que faremos lá. Tudo que posso focar é na moldura em seu bolso e a epifania da confissão de Elder.

Ele pode ter sido um ladrão, mas pagou por cada coisa que tomou. Ele se mostrou ser humano, em vez de monstro, porque mesmo que mantenha o que não é dele, nunca foi capaz de ignorar a injustiça.

Ao contrário daqueles que me roubaram e venderam. Eles sorriram. Eles se parabenizaram. Não se arrependeram.

E por causa disso, perdoo Elder por arrancar um pedaço de mim. Por me obrigar a tomar a propriedade de um homem.

Aceito meu delito, abraço meu pecado e aceito que para melhor ou pior, agora sou uma ladra.



ELDER

Pim sobe na traseira do sedã preto enquanto seguro a porta.

Suas ações são tristes e cheias de profundo remorso. Ela não diz obrigada, só me olha numa intoxicante mistura de suspeita e ansiedade.

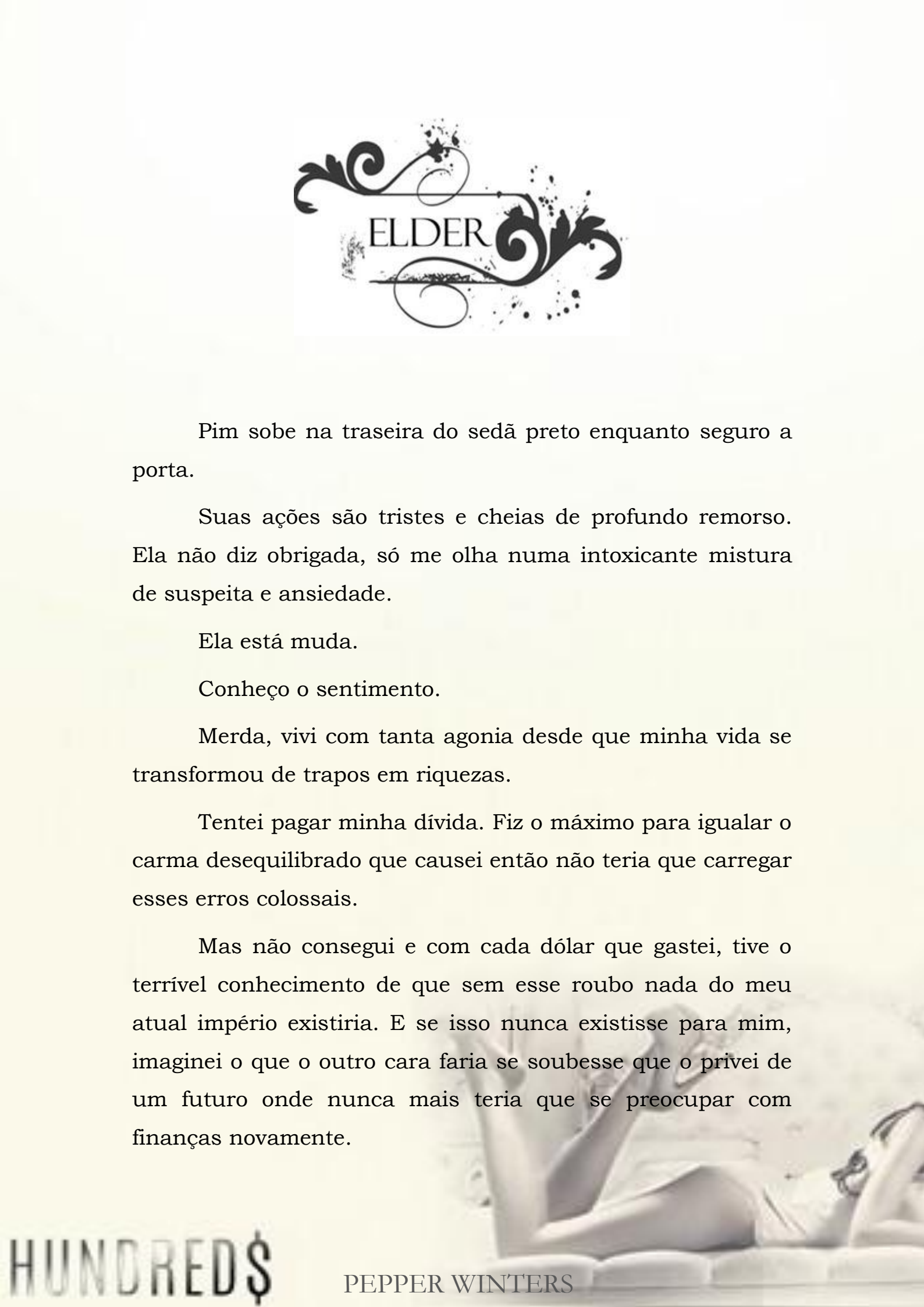
Ela está muda.

Conheço o sentimento.

Merda, vivi com tanta agonia desde que minha vida se transformou de trapos em riquezas.

Tentei pagar minha dívida. Fiz o máximo para igualar o carma desequilibrado que causei então não teria que carregar esses erros colossais.

Mas não consegui e com cada dólar que gastei, tive o terrível conhecimento de que sem esse roubo nada do meu atual império existiria. E se isso nunca existisse para mim, imaginei o que o outro cara faria se soubesse que o privei de um futuro onde nunca mais teria que se preocupar com finanças novamente.



Onde poderia se aposentar e apoiar os entes queridos na velhice.

Tomei sua boa fortuna e a fiz minha porque sou egoísta e mal.

Nunca me perdoarei.

Pim roubou duas fotos e uma moldura prata de cinco dólares

Quadro e moldura.

Eu roubei milhões e milhões.

Em termos de crimes de valor, ela não fez nada.

No entanto, não muda o peso individual de tais coisas.

Roubo é roubo.

Transformei-a numa ladra mesmo que eu já não roube.

Não é justo e não sou mais aquele homem.

Selix passa por mim para entrar no lado do motorista. Paro-o com um rápido toque no ombro. Seus olhos negros encontram os meus, uma sobrancelha arqueada. Elevo a cabeça ao fechar a porta de Pim e o guio a poucos metros de distância, secretamente coloco o quadro em sua mão. “Leve isso para Charlton. Certifique-se de que ele encontre o legítimo proprietário.”

Selix assente sem perguntas ou acusações. Assim como ele não me acusou ou questionou na noite em que cometi o maior crime de minha vida. “Considere feito.”



Bato em suas costas e o espero voltar ao armazém

Para consertar o que Pim fez de errado a meu mando.

Entrando no sedan, olho para ela. Ela descansa seu queixo na mão, olhando fixamente pela janela. Quão pura é sua preocupação por tomar algo que não lhe pertence. Quão inocente é se preocupar sobre o outro depois de tudo o que ela suportou.

Quão altruísta.

Planejei deixá-la manter a culpa, fazê-la sentir um décimo do que sinto, mas meu maldito coração não suporta vê-la com dor.

Mantendo os olhos em Selix enquanto ele volta de sua tarefa e ocupa o banco do motorista. Aproximo-me de Pimlico. "Está de volta ao legítimo dono."

Seus olhos vão aos meus. "O que disse?"

Minha mão dói para cobrir seu rosto, para tocá-la. "Nada foi roubado. Perdoe-se."

"Você devolveu?"

Balanço a cabeça.

Seu enorme suspiro de alívio consegue curar um pouco da minha culpa enquanto Selix coloca o carro em marcha.

"Mas por quê?" Ela balança a cabeça rapidamente. "Quer dizer, estou feliz por ter devolvido ... Mas não entendo."



Recosto-me no assento de couro e fecho os olhos. “Porque é a coisa a fazer.”

Por um segundo interminável, ela fica rígida ao meu lado, mas então se aproxima mais e coloca a mão sobre a minha. “Obrigada.”

Seu toque mal está lá, pairando ao invés de reclamar, mas incendeia cada parte minha que há muito tempo está escura e abandonada.

Ofego mantendo os olhos fechados, assim não vou mais longe nas complicações dela estar preocupada. Uma dor de cabeça formada por tendências que vivi constantemente e tudo que quero fazer é chegar ao Phantom e esquecer. Mas preciso visitar outro lugar antes de me despedir da terra.

Pim remove seu toque.

Cruzo meus braços.

E Selix leva-nos para o único lugar onde todos os meus segredos estão escondidos.

Se alguém soubesse onde procurar.



Pim

As lições de Elder nunca param de vir.

Primeira, mostrando-me que fiquei com ele por própria vontade.

Segunda, revelando que tenho o suficiente de impureza para tomar o que não é meu.

Terceira, me ensinando que posso gostar e repugná-lo enquanto sofro outra emoção conhecida pela humanidade.

Quarta, ensinou-me que não apenas tem um coração, ele tem uma galáxia inteira dentro com planetas e sistemas solares escondidos, esperanças, sonhos e arrependimentos. Coisas que nunca serei privilegiada o suficiente para entender a menos que de alguma forma me torne digna.

Quinta e maior de todas, insinuar um passado que ele não superou, levando-me para um lugar que nunca pensei existir.

De pé ao lado dele no sol do Mônaco, faço um pacto comigo mesma. Quero saber tudo o que há para saber sobre

Elder Prest. Os secretos fragmentos e pequenas tentações de seu passado consumem o meu até que não me importe sobre mim, mas somente ele.

Da próxima vez que pedir algo, farei sem questionar. Ele diz para eu nadar e pergunto onde. Ele ordena que eu roube? Pergunto quanto. Eu farei. Gostaria de viver com a culpa e qualquer arrependimento, porque aqui, agora, ele provou algo inestimável que desesperadamente quero roubar.

O que é este lugar?

Este lugar maravilhoso?

Penduro-me na janela quando um pitoresco caminho de cascalho nos leva a mais linda casa que já vi. Não sei por que o edifício me afeta. Não é como se não estive em uma casa antes.

Mas esta é diferente.

Envolta no sol do meio-dia ela parece viva. Emoção me atinge ao ver as janelas emolduradas. Um convite vem de sua porta dianteira.

É a mistura perfeita de Oriente e Ocidente, masculino e feminino, férias e casa.

"O que é este lugar?" Minha voz mal é audível sobre a brisa morna vinda do penhasco. A cidade brilha a distância enquanto subimos a colina com uma enseada abaixo e praias arenosas que terminam na vista perfeita de um cartão postal.

Os cabelos de Elder brilham, parecendo úmidos. Sua camisa encaixa no peito musculoso enquanto os olhos escuros fecham com coisas que sente enquanto olha a casa diante de nós.

"É minha."

"Sua?"

Ele passa a mão pelo cabelo, domando os fios. "A única propriedade que tenho em terra."

Penso no Phantom e em como é idílica a casa flutuante. Há quanto tempo está no oceano. O pensamento dele vivendo neste lugar se encaixa brilhantemente e ao mesmo tempo, não é compatível.

Antes que possa fazer mais perguntas, ele avança. Seus passos são silenciosos sobre os azulejos de arenito, os arbustos bem cuidados e coloridos com rosas vermelhas, rosas e amarelas uma saudação de pétalas para seu senhorio há muito perdido.

Ele olha por cima do ombro. "Venha." Ele sai sem esperar, como se o puxão da casa fosse tão poderoso sobre ele quanto é em mim.

Eu o sigo, não porque ele manda, mas porque não posso imaginar não entrar nesta casa. Os armários me chamam para abrir e caçar qualquer artefato pessoal do homem que me salvou. Gavetas de cozinha e mesas cabeceira



aguçam minha curiosidade até que vibro com a necessidade de ser intrometida.

Alcançando a porta laranja, Elder puxa uma única chave da carteira. O chaveiro é um símbolo japonês que reconheço como 'vida longa'.

Ele deseja vida longa a esta casa ou a si próprio? Ou para a pessoa em seus pensamentos agora, uma família ou amada que nunca verá novamente?

Ciúmes se instala apesar da minha racionalidade. Hoje foi uma curva de emoções com culpa, pesar e agora ciúme.

Por que sinto ciúmes do passado de Elder? Por que estudo sua linguagem corporal esperando dedos falarem ou seus ombros contarem algo? Como posso estar chateada com uma amante anterior ou amiga quando ele parece tão sozinho quando coloca a chave e destranca a porta da frente?

Se alguém tivesse me dito para imaginar a casa de Elder, nunca imaginaria isso. É exatamente o oposto do Phantom. O Phantom é elegante, refinado em branco e rosa-ouro. Esta casa é quente com exterior cremoso, faixas amarelas e o toque estranho de bronze.

A porta abre como se alguém passasse por seu limite diariamente, não há muito tempo desde que Elder a visitou. A casa não apenas é ampla para nos deixar passar, praticamente inala com esperança por hóspedes.

Avançando, Elder respira fundo.



O imito, inalando o aroma de madressilvas e das rosas aquecidas pelo sol em meus pulmões. Instantaneamente, relaxo como se este fosse meu lugar e finalmente estou onde pertenço. Como se sempre procurei esse oásis. Onde meus problemas permanecem na beira do penhasco lá fora e nada nem ninguém pode me encontrar.

Respiro novamente, inclinando a cabeça para trás para permitir que penetre em minha alma tanto quanto possível. Para uma casa desocupada, o aroma é de comida e um shampoo celestial.

Elder congela.

Bato em suas costas, acordando-o de um sonho. Ele muda de relaxado para em guarda. “Alguém esteve aqui.”

Seu estado de alerta me deixa nervosa.

Olho ao redor com novos olhos. Sombras que antes eram reconfortantes e convidativas a cochilar são agora sinistras com homens prestes a nos machucar. Meus pés querem saltar para onde está ensolarado, mas Elder estende a mão e agarra meu pulso. Seus dedos são quentes e fortes, me ancorando a ele, concedendo-me proteção.

Ignorando a vibração suave no meu peito, permito que ele me puxe para frente do vestíbulo para a cozinha de jantar em plano aberto.



O exterior expande-se para fora em forma de U com um pátio central onde o sol aquece um pátio de ferro forjado e uma fonte de água borbulhante na forma de um yin e yang.

Apesar da hostilidade eriçada de Elder enquanto procura por intrusos em seu domínio, não vejo nenhum sinal de habitantes. Sem pratos com restos de comida ou manchas de manteiga nos armários impecáveis . Não há revistas na mesa de café que já foi uma roda de carroça, mas agora está redecorada.

Isso não impede Elder de me puxar pela sala, por cima de grossos tapetes, com cores brilhantes e felizes e por um amplo corredor que leva a uma mesa vazia e cadeira solitária, um quarto com uma cama de solteiro, passando por um banheiro com banheira de hidromassagem apenas à espera de alguém. Passamos mais dois quartos com vistas incríveis para o pátio e finalmente a suíte máster onde a evidência de convidados indesejados finalmente confirma que Elder está certo.

“Porra,” ele murmura em voz baixa, pegando a mala dobrada perto da porta do guarda-roupa aberta com roupas dobradas.

Roupas de mulher. Meu coração afunda ao pensar numa ex dele aqui. Dele querer reavivar um romance muito menos complicado do que o que compartilhamos.

Mas antes que possa me desculpar e salvar meu coração, a porta do banheiro adjacente abre, revelando a

dona das roupas. Ela usa uma toalha bonita e tem uma touca de banho na cabeça, mantendo o cabelo preto seco das incontáveis gotas que se estendem pelo plástico.

Ela não nos vê durante o mais longo segundo.

Ela se move para dentro do quarto, tirando a touca e soltando os cabelos até caírem em cascata pelos ombros.

Elder xinga de novo; Só que desta vez, ele soa como se alguém tivesse o irritado. Ele tropeça, soltando meu pulso para agarrar a parede. "Okaasan[2]?" Sua voz desmorona com descrença. "É realmente você?"

A mulher grita; abraçando seu peito e apertando a toalha. Seus pés deixam o tapete quando ela se assusta, o olhar indo para Elder e eu.

Nessa fração de segundo, noto que ela é mais velha do que pensei originalmente. Linhas envolvem seus olhos e em torno da boca. Raias de prata brincam e se escondem nos cabelos negros e a pele não é a de uma jovem, mas de alguém que ficou mais do que deveria ao sol.

No segundo seguinte, vejo descrença, choque e tal saudade que machuca fisicamente olha-la.

No segundo final, seu rosto se enche de desgosto, zombaria e raiva. "*Você*!"

[2] Mãe em japonês.

Elder se prepara, afastando-se da parede como se fortificado por seu ódio. Ele esperava um resultado diferente, mas não recebeu e agora sabe exatamente como proceder.

“O que está fazendo aqui?” Sua pergunta é inocente, mas o tom não.

“O que *você* está fazendo aqui?” Ela guincha, agarrando a toalha, totalmente despreparada para uma plateia. Permaneço no fundo, me fundindo com a parede. Não quero que a animosidade na sala me encontre.

Eu vi Elder louco.

Testemunhei-o quebrar o pescoço de um homem, segurar outro para eu atirar a e satisfação sinistra pelo derramamento de sangue...

Vi-o apedrejado para escapar de quaisquer questões que tenha e vi seu arrependimento e culpa por forçar-se em mim.

Mas nunca o vi assim.

Tão pequeno.

Tão confuso.

Seu corpo tensiona como se quisesse golpear a mulher na frente dele, enquanto seu rosto se assemelhava ao de um garoto que ainda acredita que tudo de mal pode ser consertado.

Suas maçãs do rosto combinam com as da mulher na nossa frente. Seu cabelo preto e rosto são semelhantes...

Espere...

"O que eu estou fazendo aqui?" Elder esfrega o rosto, cansado e parecendo mais velho do que antes. "Esta é *minha* casa, mãe."

Meus olhos se arregalam.

Sua mãe?

É certo que Elder e eu não discutimos isso e ainda tenho muito a aprender. Mas ele age como se não a visse em décadas e muito menos esperava que ela estivesse de férias aqui sem permissão.

"Não se atreva a me chamar assim." A mulher ergueu o dedo, severo como uma espada e tão afiado quanto. "Deixei de ser sua mãe no momento em que você matou Scott e Kade!

Meu coração abre uma mala e joga dentro toda dor. Sei que Elder é um assassino, o vi *cometer* assassinato, mas isso não me preparou para esse horrendo pedaço de memória.

Sua mãe funga com o queixo alto. "Ou já esqueceu de seu irmão caçula e pai? Ambos morreram por causa do que você fez!"

Elder recua, inclinando a cabeça. "Como poderia? Nunca os esquecerei, Okaasan."

"Você não vai mais me chamar assim!" Ela invade o guarda-roupa e agarra um par de roupas incompatíveis. "Você não é nada para mim!" Com isso, ela volta ao banheiro e bate à porta.

Ela chacoalha nas dobradiças como se estivesse vibrando com um pedido de desculpas.

Elder exala pesadamente, mas não vira para me encarar. Ele se prepara, nunca tirando os olhos da porta.

Ambos sabemos que o confronto não acabou. Ela terá que voltar.

Mais vozes altas e declarações terríveis acontecerão.

Quero afastar a dor de Elder e tirá-lo da casa. Quero ser corajosa e ficar ao lado dele na próxima rodada.

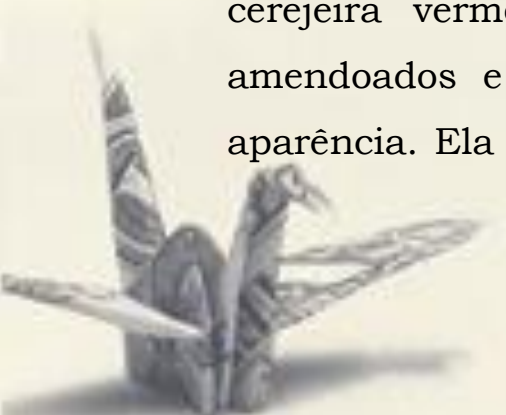
Mas não faço nada. Não ganhei o direito de protegê-lo e tenho certeza como o inferno que não ganhei o direito de lutar ao lado dele.

Esta é sua guerra.

A sala se estica com tensão, crescendo mais e mais conforme o tempo avança. Finalmente, minutos depois, sua mãe abre a porta do banheiro com assassinato no olhar. “Não tenho mais nada para te dizer.”

Elder endireita a espinha, balançando as mãos. “Bem, muito ruim. Tenho muito a dizer para você.”

Sua mãe rosna como um gato encurralado. “Nada que disser mudará qualquer coisa. Nunca! Você me ouve?!”Ela já não usa a toalha, mas uma blusa preta com flores de cerejeira vermelhas e calças cor-de-rosa. Com os olhos amendoados e exóticos, vejo de onde Elder adquiriu sua aparência. Ela é um exemplo perfeito da beleza que pode vir



de pais mistos. Suas feições flertam com toques europeus. Enquanto Elder parece mais ocidental do que ela, insinuando não só ter pais apaixonados por um companheiro de culturas diferentes, mas ele também ser.

Olhando sua mãe raivosa, não posso a imaginar tendo um caso de amor e sendo feliz. Ela parece reprimida, quebrada e irritada com o mundo.

Por quem ela se apaixonou? Como ele morreu?

O pai de Elder é inglês ou americano? Canadense ou finlandês? Seu irmão era tão bonito com genes nascidos de diferentes fronteiras ou estou apenas apaixonada por Elder?

"Mova-se!" Ela ordena, tentando passar por Elder bloqueando a entrada. "Estou indo embora."

"Saindo?" Elder se afasta, arrastando-me com ele para dar passagem a sua mãe. "Mas acabou de chegar."

"Errado. *Você* acabou de chegar. Estive aqui por alguns dias com Raymond. Deveriam ser férias." Ela joga as mãos no ar enquanto segue pelo corredor, ignorando a bela vista da fonte ou do tapete colorido. "Ele me disse que de alguma forma encontrou um lugar que aluga abaixo do preço, não que fosse você."

Estremeço por Elder mesmo que ele não mostre qualquer dor. Ele simplesmente perambula atrás da mulher zangada, mantendo distância quando ela entra na cozinha e pega uma faca da gaveta.

Ela segura metade, a outra aponta para seu filho.

Um filho que ela despreza. Um filho que ela prefere ferir a falar.

Por quê?

O que aconteceu?

Por que ela acha que Elder matou seu pai e irmão?

Certamente, ele nunca faria tal coisa?

Depois do que fez por mim? Como é gentil e protetor? Não faz sentido.

"Okaasan, por favor. Podemos conversar?" Elder ergue as mãos em rendição. "Não vou te machucar."

"Não vai me machucar?" Ela ri loucamente. "Você *já* me machucou mais do que imagina." Lágrimas brilham em seus olhos negros. "Você me *matou*. Você me fez um fantasma caminhando sem família."

"*Eu* sou sua família." Ele bate no peito. "Eu ainda sou sua carne e sangue."

"Você *não* é minha família." Ela cospe na pia. "Você *nunca* será meu filho."

Elder aperta a ponta do nariz. Não sei se era para lutar contra o ódio que sua mãe tem por ele ou para controlar o temperamento que lentamente sobe para combinar com o dela. Vê-los juntos me mostra de onde ele ganhou seus

estados de espírito voláteis. Sua mãe é quente e cruel. Cega e surda para ouvir qualquer argumento senão o seu.

Mas não tenho o direito de julgar.

Só porque não a conheço não significa que ela não esteja certa.

Se Elder fez o que ela acusou o que significa? Posso acreditar que ele tem a capacidade de matar os próprios parentes? O que isso significa para mim?

Calafrios se espalham por meus braços enquanto ele grunhe: "Eu *sou* seu filho. Sempre serei. Fiz tudo o que pude para corrigir, mas você me baniu. Você tirou minha casa, minha família. Você..."

"Não se atreva a me culpar. Foi você quem tirou nossa casa. Você matou qualquer família que um dia te quis!"

"Mas eu cuidei de você! Eu nos alimentei. Roubei por nós."

"Não." Ela ri como uma bruxa mexendo um caldeirão borbulhante. Um grunhido. Uma maldição. "Você entrou no crime muito antes de roubar para nos manter vivos por poucos meses."

"Eu não fiz isso deliberadamente."

"Não minta!" Ela grita. "Você sabia exatamente o que fazia. Podia ser jovem, mas teve uma escolha!"



“Eu *nunca* tive uma escolha!” Elder berra. “Por que não pode entender? Acha que eu queria ser do jeito que sou? Otōsan[3] entendia. Ele tentou ajudar...”

“Sim, e olha o que aconteceu com ele. Por sua causa!”

“Eu me machuquei tanto quanto você. Saber que sou a causa me come vivo! Não posso mudar o que aconteceu...”

“E é por isso que não suporto olhar para você!” Lágrimas escorrem por suas bochechas, quase evaporando por sua raiva. “Prefiro pensar que está morto também; da maneira que me imagino te matando todas as noites pelo que fez.”

Elder perde o fôlego.

A discussão para quando ele balança a cabeça silenciosamente.

Minhas lágrimas brotam pela coisa terrível que ela disse. Não posso entrar nessa briga, mas ninguém deve ouvir a própria mãe querer que ele morra.

Avançando, reúno cada centímetro de bravura que tenho.

“Você não quer dizer isso.”

A cabeça de Elder vira para mim, seu rosto torturado e tenso. “Pim. Não.”

Eu não obedeço. Ficando na frente dele, assim como estive na noite que Alrik apontou uma arma para seu peito,

[3] Papai em japonês.

faço meu melhor para protegê-lo. “A vida é muito curta para guardar ressentimentos.”

Sua mãe agarrou a faca mais forte, descrença branqueando seu rosto, em seguida, raiva a substitui. “Você não tem ideia do que está falando. Absolutamente nenhum direito de interferir.”

“Tenho direito quando você está machucando alguém que me importo.”

“*Pim*” Elder grita, agarrando meu braço para me puxar para trás. “Pare.”

Puxando-me para perto, ele grunhe, “Vá esperar no carro. Diga a Selix que vamos embora.”

“Não.” Contorço-me em seu aperto. “Eu preciso...”

Lembrar que tem alguém que te quer.

Mostrar que você pode ter tido ninguém, mas agora tem alguém.

Eu.

Sua mãe aponta a lâmina para mim, sua ira mudando de vítima. “Quem é você mesmo? Por que está com este lixo? Por que não está correndo para a polícia? Você sabe com que monstro está?”

Solto-me de Elder e marcho para frente, não me importando com ela ter uma faca ou ódio.



Quero dizer-lhe exatamente quem sou e o que Elder fez. Para informá-la de como estaria morta se não fosse por seu filho, mas palavras voam por minha cabeça e coração. Não tenho nada para responder. Minha garganta está seca e empoeirada.

Elder não me dá tempo de descobrir como responder. Ele se coloca na minha frente, mais uma vez protegendo-me na batalha. “Não fale com ela desse jeito.”

“Não me diga o que fazer!” Sua mãe agita a faca, a raiva desaparecendo, substituída com mais e mais aversão. “Saia! Saia ou vou chamar o Airbnb[4] e dizer que...”

“Espere” Elder fala. “O que disse sobre Airbnb?” Ele ri como se não pudesse acreditar. “Isso é o que acha? Um aluguel?”

Ela suspira condescendentemente. “Foi assim que Raymond a encontrou.”

“Raymond mentiu para você.” Elder ri friamente. “Como disse antes, esta é a minha casa. Ele sabe. Disse que era bem-vinda a qualquer hora. Que minha porta estará sempre aberta. Que construí um fodido iate grande o suficiente para abrigar todos vocês. Quero minha maldita família de volta. Disse-lhe para lhe falar tantas coisas uma vez que cortou toda a comunicação. Mas ele nunca respondeu. Nunca apareceu. Nenhum telefonema. Ou e-mail. *Nada*. E agora está

[4] Airbnb é um serviço online comunitário para as pessoas anunciarem, descobrirem e reservarem acomodações e meios de hospedagem.

aqui e provavelmente os trouxe direto para minha porta. Deveria ter ficado escondida, Okaasan. Eles ainda estão vigiando. Acha que ficaram satisfeitos com a morte de Otōsan e Kade?" Sua voz baixa para um sussurro terrível. "Eles nunca vão parar."

"Eles vão parar depois que te matarem."

Elder assente tristemente. "Possivelmente. Mas sabe tão bem como eu que eles são implacáveis na vingança."

Sua mãe combina sua risada com uma quase idêntica. Ninguém pode negar que são parentes. Seus maneirismos são semelhantes, sua sintaxe, seu ódio.

"Essa vingança é em você!" Ela apunhala o balcão com a faca. "Quanto mais cedo te encontrem, melhor para todos. E pare de mentir! Sempre mentindo! Não há maneira desta casa ser sua. Sabe como sei? Porque Raymond nunca ficaria num lugar ligado a você. Todos preferimos morrer. Por que ele arriscaria trazer sua memória de volta à vida?"

Ela olha ao redor do espaço como se fosse uma masmorra e não a coisa bonita que é. "Isso nunca poderia ser seu."

"Nunca?" Elder vai em direção a um grande armário com um pequeno e vermelho cadeado. "Não é minha?" Inserindo uma chave do bolso, ele o abre, mostrando o conteúdo. Todo e cada um. "Como explica isso?"

Sua mãe tropeça para trás quando imagens de dois meninos e uma cabeça castanha de um pai aparecem. Brincadeiras, riso, balanços, praias e sol. As duas crianças são parecidas com os cabelos pretos e membros esguios; um mais alto, um mais baixo, um mais velho, um mais novo. E lá, em muitos dos retratos está a mulher agarrando a faca, uma versão mais jovem na câmera, os braços ao redor de seus dois meninos enquanto o homem beija seu pescoço, a abraçando por trás.

Uma família.

A família de *Elder*.

Ninguém diz uma palavra por um segundo. Ele pulsa com a promessa de perdão ou ódio.

Afasto o olhar do armário de memórias para a mãe de Elder.

Lágrimas silenciosas caem por sua face, a pele branca como a neve. Eu a espero quebrar, admitir que as brigas entre entes queridos são inúteis quando ambos sofrem. Mas seu ódio é muito grande. Ela se transforma num predador, sibilando com desprezo. “Você ousa ter suas fotos? Depois do que fez? Você se atreve a mostrar-me?”

Um soluço escapou dela, soando mais como um suspiro de ajuda do que de desgosto. “*Como pôde?*”

“Eu ouso porque eu os amo também, Okaasan. Sinto falta deles tão fodidamente que me mata.”

Ela grita. Um gemido curto e agudo para ele parar. “Como se atreve a olhar seus rostos? Faz isso porque acha que eles ainda te amam? Que vão te *perdoar*? Seu idiota, estúpido.” Ela joga a faca no balcão, deixando-a quicar enquanto limpa as lágrimas de seu rosto. “Eles nunca vão te perdoar. *Eu* nunca te perdoarei!”

Elder tropeça um passo antes de uma sombra negra cair em seu rosto. Ele aceita a raiva da mãe para não mais permitir que ela o machuque.

Vejo essa transformação, a emoção saindo de seus olhos traz mais agonia do que posso suportar.

“Nunca é muito tempo.” Quebro o silêncio. “O perdão pode ser dado até ao pior dos crimes.” Não posso ficar de pé e deixá-la fazer isso. Não importa o que aconteceu.

Não se intrometa.

Minha voz interior adverte.

Você não sabe o que aconteceu. Meu senso comum implora.

Você nunca perdoou Alrik pelo que ele te fez.

Minha lógica raciona.

Não peça a outro para perdoar um crime que não conhece.

Sei tudo isso, mas não me impede de falar. Encaro a mulher e peço a Deus para não estar lutando com o vilão. Mamãe Prest me prende sob seu olhar de raiva.

“Você está certa. Nunca é muito tempo. Uma eternidade para viver sem meu marido e filho. Uma vida inteira para estar cada dia sozinha e sentir a falta deles tanto que meu coração quebra.”

“Você ainda tem um filho.” Mantenho-me firme.

“Um filho que roubou tudo o que eu sempre amei.”

“Você amava Elder,” lembro.

“Era uma vez.” Seu rosto se transforma em algo feio. “Não me diga quem amei sua pequena idiota.”

“Isso é suficiente!” Elder grita abandonando a melancolia com agressividade vindo à tona. “Chame-me do que quiser, mas não vá atrás de Pim. Nunca. Você me ouve?”

“Se ela está com você, é tão ruim quanto. Posso chamá-la do que quiser!”

“Não.” Ele balança a cabeça com deliberada calma. “Você não pode. Não vou permitir que a desonre.”

“Você a desonra não dizendo a verdade!” Sua mãe volta a acusar. “Estou certa, não? Sua namorada não sabe quem você é. Do que é capaz. O que você é.” Ela diz para mim. “Sabe como ele matou a família? Vou te dizer. Ele incendiou a casa. Ainda tenho o cheiro do corpo ardente do meu filho sob meu nariz.”

Saindo da cozinha, ela continuou, “Ele lhe disse de onde todo o dinheiro veio? Como roubou de uma pessoa desavisada? Como tomou o que não era dele e colocou uma

vergonha tão grossa e espessa em sua alma? O carma virá buscá-lo. Ele pagará por seus pecados, e sugiro que saia, menina, antes que o pagamento venha. Ele está certo de que nunca vão parar até a morte. É apenas justo. Ele merece morrer."

Arrepios se formam em meus braços.

Olho para Elder.

Ele apenas cruza os braços como se esperando que eu saia pela porta. Seu rosto endure. "Eu lhe disse que não era o herói nessa história, Pim. Tudo o que disse é verdade. Eu apenas não lhe contei muitas coisas."

"Sempre pensei que fosse mais esperto do que todos!" Sua mãe balança a cabeça, o cabelo preto cintilando com cinza. "Mesmo quando se banhou de elogios, chamando-se de virtuoso, um prodígio. Ha! Eu sei a verdade. Sei por que é do jeito que é. Não foi nenhum presente tocado pelo céu, mas uma enfermeira te trouxe do inferno."

"Você não sabe do que está falando," diz Elder tão frio e delicado como flocos de neve. "Papai entendia. Ele me ajudou a canalizar..."

"Sim, e como disse antes. Você o matou!"

"Eu não o matei, Okaasan. O *Chinmoku* fez. Você sabe disso! E eles estão caçando todos nós. Você é estúpida se acredita que não são uma ameaça para você também."



“Não diga esse nome!” Ela cobre as orelhas. “Culpar os outros pelo seu mal não vai funcionar. Você foi responsável. Eles morreram por sua causa. Eu não fiz nada de errado.”

Elder se aproxima dela. Agarrando suas mãos, ele as puxa para baixo.

“Esperava que nunca mais voltasse a te ver. Fiquei afastado mesmo que me mate ser indesejado na minha própria família. Mas não vou te deixar acreditar em tais mentiras. Eu amava Kade e Otōsan tanto quanto você. Se pudesse voltar no tempo e nunca me envolver com o *Chinmoku*, eu faria. Eu não sabia o preço. Eu era ingênuo, mas isso não me dá o direito de implorar seu perdão.” Sua voz fica triste, aceitando que essa luta não tem vencedor ou perdedor, ambos são teimosos demais para conceder. “Se nunca quiser me ver de novo, então é isso, mas, Okaasan, eu te amo...”

Sua mãe solta outro gemido, lutando em seu aperto. Ele não a deixa ir. Seus olhos caem sobre o pulso tatuado de Elder. São pequenas em comparação com a obra de arte em seu peito, costelas e órgãos protegidos pela besta mística. Na maior parte do tempo, esqueço da minúscula personagem na fina pele de seu braço.

Não tenho ideia do que significa.

Mas sua mãe sabe muito bem.

Outro soluço escapa quando ela desaba, arrastando Elder para o chão quando ele tenta capturar seu peso sem tocá-la mais do que o necessário.

Ela o atinge quando seu soluço se transforma em gritos.

Seu ódio se transforma em repugnância grotesca.

Ela empurra-o para longe como se fosse uma vil escória. “Como pôde! Como *você* pôde?”

Fico perdida e insegura, mas Elder suspira pesadamente, o rosto caindo com derrota. “Eu pude porque eles eram meus também. Eu os perdi também. Seus nomes me lembram cada hora de cada dia de merda para não ser esse garoto outra vez. Prender isso. Controlá-lo. Nunca esquecer.”

Sua mãe se arrasta para longe, as lágrimas correndo. “Eu *odeio* você!”

“Muito ruim, eu te amo. Nunca vou parar de amar.” Elder dá um passo para trás, a deixando fisicamente e espiritualmente. “Sinto muito, Okaasan. Por tudo.”

Vindo até mim, seu corpo rígido, as mãos balançam e tremem. Ele olha a mãe se contorcendo em agonia no tapete. “Vou embora agora, mas é bem-vinda a ficar. Diga a Raymond que ele tem permissão para ficar o tempo que quiser, como todos os meus tios e tias, sobrinhos e sobrinhas. Família que você não vai me permitir. Família que

nem sabe que estou vivo. Mas, por favor, Okaasan, tenha cuidado."

Ficando de joelhos, sua mãe se levanta. As lágrimas secaram. A boca estreita numa linha feroz. Suas emoções se fecham atrás de portões impenetráveis. Com um dedo apontado e verdadeiro, ela sibila: *"Saia."*

"Adeus, mãe." Elder inclina-se como um príncipe saudando sua soberana antes de sair de seu próprio reino.

Meu coração quebra pelo desastre que aconteceu. Que não ajudei mais. Que não há outra maneira disso terminar.

Com dedos frios, Elder captura minha mão, dando um último olhar para a mulher que lhe deu vida e me leva com ele. Para longe dela.





Porra.

Jogo o copo de cristal vazio na parede, não me importando se estrago a pintura perfeita e o papel de parede. O copo é demasiado espesso para quebrar e quica com um baque irado, rolando através do tapete.

Não oferece nenhuma satisfação. Nenhum acidente ou quebra para acalmar a agonia desenfreada e raiva dentro de mim.

"Maldição," murmuro indo pegar o copo para servir outra dose de vodca.

Eu não devo.

Realmente não devo.

Eu tive uma. Uma é meu limite. Um gosto para evitar o desejo de toda a garrafa. Um truque que aprendi foi permitir uma pequena amostra de algo antes de cortá-lo inteiramente. Ter um gosto faz a remoção mais fácil, em vez de mais difícil porque pelo menos aproveitei algo antes de ser negado.

Mas não funciona esta noite.

Hoje a primeira dose não é suficiente. A segunda não será tampouco. Possivelmente, uma terceira ajudará a desligar as terminações nervosas e memórias, e poderei finalmente armazenar a garrafa e acalmar a merda dentro de mim.

Servindo uma quantidade generosa, eu viro o copo. O álcool queima minha garganta, concedendo desconforto antes de bater no estômago numa onda de calor.

Irritado, ergo o braço e jogo o copo novamente, acertando a parede com ainda mais força alimentada pela raiva.

Agitado, arrasto as mãos pelo cabelo. Meus olhos vão para a vodca mais uma vez, desejando algo, *qualquer coisa* para me acalmar, mas não devo beber.

Minha própria família não me quer, mas isso não significa que vou me destruir. Não quando eles me baniram e não agora.

Não lhes darei a satisfação de saber que o ostracismo deles me arruinou. Nunca cairei porque eles esperam isso. E definitivamente não vou atormentar-me quando o *Chinmoku* me encontrar. Não é uma questão de se, mas quando. Estou surpreso por ter demorado tanto.

Como Raymond se atreve a levar minha mãe a minha casa sem lhe dizer? Como atreve-se a aceitar minha oferta de



acomodação gratuita sem entrar em contato? Ele voluntariamente tomou meu presente, mas não ofereceu nada em troca? Ele usou minha comida, minha casa, minha maldita hospitalidade, tudo sem me dar algo em troca?

Idiota!

Não pela primeira vez, me pergunto por que me agarro tão forte ao passado. Por que desejo a aprovação de tantos que já não fazem parte da minha vida. Eles me largaram para apodrecer. Eles não têm nenhuma opinião sobre quem me tornei. Eles não sabem que tenho alguém constantemente pronto para me alertar quando o *Chinmoku* decidir matar mais alguém da minha família. Eles não sabem que silenciosamente assisto das sombras e mantenho-os seguros por qualquer meio necessário.

Sou a razão pela qual estão em perigo. Mas eles são a razão pela qual permanecem vulneráveis por não aceitarem minha oferta de santuário no Phantom enquanto caço e mato qualquer ameaça a minha linhagem.

Minha mãe destruiu o que restava do meu coração no dia em que unanimemente concordaram que eu deveria sair e nunca mais voltar. Nunca ouviram minhas advertências. Nunca me perdoaram.

"Pare de pensar nisso pelo amor de Deus." Aperto minhas têmporas para o álcool ter algum efeito, mas ao mesmo tempo, o temendo. A maconha é mais fácil no meu



sistema. Só me oferece tranquilidade. Não faz o mundo um lugar melhor ou dá-me ilusões falsas como o álcool.

Não fico feliz, triste, imprudente ou conivente. Só me faz diminuir a velocidade.

Ela para os pensamentos e me permite apenas *ser*. Pairar no momento.

Eu preciso disso.

Também preciso ficar no lugar a julgar pelas marcas no tapete onde estou andando. Meus pés não ouvem e continuam a medir a suíte, procurando um adiamento.

Na trigésima ou mais passagem, quando me aproximo da vodca em sua garrafa de cristal, a pego e ando para fora do quarto.

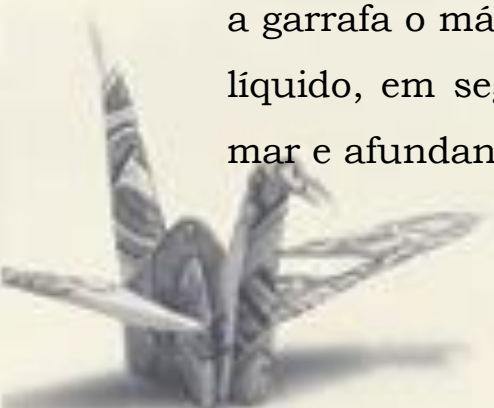
Não poderia tê-la me insultando mais.

Minha força está diminuindo.

Preciso que isso vá embora.

Agarrando a garrafa, tiro a tampa. O vidro temperado abre, permitindo-me acesso ao conteúdo principal. Ancorado a poucos quilômetros da costa permito que a brisa do mar nos encontre e sopre as lembranças da discussão com minha mãe.

Inalando profundamente, jogo o braço para trás e lanço a garrafa o máximo que posso. Ela vira num flash de cristal e líquido, em seguida, cai ao lado do Phantom, quebrando no mar e afundando nas profundezas.



Eventualmente, as ondas e corais cobrem o vidro, começando uma existência como parte do sistema ecológico, em vez de névoa para minha mente e fígado.

Incapaz de voltar para dentro, me debruço na balaustrada e suspiro. A paisagem é bonita e brilhante. O eco da música faz seu caminho sobre a água, revelando a festa interminável que Monte Carlo incentiva. O rico playground que nunca dorme.

Alguns anos atrás, participei dos negócios a noite toda. Bebi, seduzi e roubei.

Agora, o pensamento de dançar com estranhos suados, de sexo em becos com luxuria e pouca roupa me deixa consternado e intrigado. Nunca estive confortável em multidões, mas o fascínio de não ser ninguém por um tempo, de fingir ser alguém além de mim, tem mais peso que o normal. Como é ser diferente? Não ter pecados ou arrependimentos? Não ter sangue sob minhas unhas ou transgressões perseguindo-me constantemente? Como seria encontrar Pim numa pista de dança lotada? Ver uma mulher forte, intocada, ininterrupta e pedir para compartilhar uma bebida? Como será balançar na batida da canção, empurrados por estranhos, começando lentamente a girar, seu corpo de encontro ao meu. Suas pernas roçando as minhas. Seus olhos me convidando a levá-la.



Como seria levá-la a um canto privado e fodê-la sem bagagem, sem problemas, sem velhas dores a superar? Ser apenas nós, sem besteira ou história para arruinar tudo?

Sei como seria. Seria um paraíso. Uma última felicidade em me afundar dentro dela, sabendo exatamente o que quer enquanto geme de êxtase.

Poderia finalmente desligar e deixar ir. Não mais lutar contra quem sou. Ser livre... Só por um segundo.

Minha cabeça cai, querendo isso mais do que qualquer coisa. Mais do que violoncelos, maconha ou perdão. Meu pau fica duro, preso na fantasia de estar dentro de Pimlico, a tendo como participante ativa. Sentir algo diferente da conexão física; finalmente deixar que todas as emoções que tenho se manifestem em algo que posso rotular e não algo que quero fugir.

Odeio o quão fraco fico quando ela está preocupada. A raiva que ela me causa. Como estraga tudo. Recuso-me a falar com ela ou até mesmo olhar em sua direção desde que minha mãe me chutou da minha casa.

Durante o retorno ao porto, o passeio curto de lancha e o embarque no Phantom, não a toquei, falei ou olhei.

Eu não pude.

Estou fodidamente envergonhado. Como posso olha-la quando ela viu como sou indesejado? Quando sabe que toda a sociedade diz que precisamos ser felizes, mas sou infeliz?

Sei o que teria visto em seus olhos se a olhasse.

Pena.

A pena filha da puta e me recuso a ver isso.

Prefiro ver seu ódio e acusação como antes. Ela foi para seu quarto, eu para o meu e não tenho desejo de vê-la. No entanto, aqui estou, duro por ela e deliberando tomar um banho para ceder ao desejo no meu sangue. De fazer-me gozar com a mão e entorpecer minha mente com prazer.

“Elder?”

Minha cabeça levanta quando giro para enfrentar o intruso indesejado.

Esfrego os olhos, me perguntando por um segundo se a vodca me afetou, afinal. Mas não, ela ainda está lá. Ainda me observando com uma preocupação que me irrita ainda mais.

“O que diabos está fazendo aqui?”

Ela se encolhe, mas continua firme. Ela se trocou para um vestido cinza e preto. Isso a fez parecer mais sábia, mais corajosa, pronta para lutar ao invés de fugir.

“Eu... eu estou preocupada com você.” Ela sai da minha suíte, os pés descalços no chão polido. A brisa move seu vestido, mostrando parte das pernas e tornozelos.

Meu pênis se contorce quando luxúria encharca meu sistema. Dois lugares inócuos de mulher, mas em Pim nunca vi nada mais sexy. Quero correr os dedos por suas pernas. Quero beliscar seus tornozelos. Quero tocar cada centímetro.

“Esperava ouvir música.” Seus olhos brilham ao luar. “Quase não vim porque não queria interromper. Mas ... você não está tocando seu violoncelo.” Sua voz suaviza. “Por que?”

Porque, se eu fizesse, não seria capaz de parar.

Porque se cedesse, provavelmente faria algo que lamento.

“Não importa. Não se preocupe.” Minhas costas enrijecem quando ela se aproxima.

“Preocupo-me. Você me trouxe para sua vida e agora faço parte. Você quer conversar sobre o que aconteceu hoje?”

Respondo com desagrado. “Conversar?”

Eu me afasto, colocando espaço entre nós por minha causa e dela.

“Não, não quero conversar.”

“Mas estou preocupada...”

“Não se preocupe comigo, ratinha. Esteja preocupada com você mesma.”

Seu rosto franze, de alguma forma tornando-a ainda mais bonita. Seus olhos estreitam em questionamento, os lábios inclinados de curiosidade. Seu cabelo castanho brilhante toca os ombros, tentando-me a puxa-lo e aproxima-la de mim. Toca-la. Levá-la. Esquecer cada regra e exigência.

Ela não se aproxima, mas também não se afasta. Algumas semanas atrás, a garota que salvei do horror teria

deixado cair o olhar e provavelmente se curvado de joelhos enquanto tira o vestido para oferecer o corpo a seu mestre. Agora, ela mede o terreno; o ligeiro tremor em seus membros é o único sinal de que sua bravura estoica é apenas emprestada e não um lugar comum.

"Falando ou não, não conseguiria dormir a não ser que fosse vê-lo." Ela pausa como se estivesse procurando as palavras que há muito tempo ignora em favor do silêncio. "Você não jantou. Ninguém sabia onde estava. Selix me disse que poderia ter partido."

"Você perguntou por mim?" Meu corpo tensiona, não porque ela invadiu minha privacidade, mas porque falou de boa vontade com todos os outros porque pensava em mim.

Meu coração acelera. "Por que você se importa? Você deveria ser grata que preferi ficar sozinho. Não é isso que queria?"

Ela franze o cenho. "Por que ficaria grata em ser ignorada?"

"Agradecida por não ser atacada."

"Isso é errado." Ela une os dedos como uma vidente pronta para revelar o futuro ou a data da minha morte. "Sua amizade nunca foi um assédio."

Rio baixinho. "Amizade? Você chama o que temos de amizade?"



“Você foi o primeiro a me chamar de amiga.” Seu pescoço ondula quando ela engole. “Gostaria de retribuir.”

Eu deveria ter aceitado sua resposta. Deveria ter acenado com a cabeça e lhe desejado boa noite. Deveria ter feito um monte de coisas.

Mas não fiz nenhuma delas.

Avançando, não paro até que me erga sobre ela; infiltrando-me em seu espaço a faço ofegar e tremer.

“Gostaria de ser minha amiga? Depois de tudo o que te fiz?”

Ela suspira; os olhos dançando sobre meu rosto antes de se fixar em meus lábios. A única porra de lugar que ela nunca deve olhar, porque me faz ficar duro, envergonhado e tantas coisas fodidas que nunca deveria sentir ao seu redor. Lembra-me que quero essa mulher. Eu a quero por semanas, ainda não a tive e agora nunca terei porque me recuso a deixar as coisas terríveis que minha mãe disse se tornarem realidade.

Pim merece algo melhor que isso.

“Quero ser sua amiga *por causa* de tudo que fez.” Seus olhos nunca saem da minha boca. “Eu quero conhecê-lo.”

Meus ouvidos tomam sua sentença e reorganizam as letras em algo que quero ouvir, em vez do que ela disse. Ouço 'Eu quero que você me beije'. Mesmo que as palavras verdadeiras ecoem atrás disso. Até mesmo quando minhas

mãos se esticam e seguram seus ombros. Até mesmo quando minha boca desce sobre a dela e a língua corta a suave e doce obstrução de seus lábios.

Suas mãos seguram meus pulsos, da mesma maneira que ela fez antes. Já é um habito entre nós. Ela se segura. Suas unhas afundam. Mas ela não se conforma, nem luta. Ela se abre a minha invasão. Ela muda de rígida para flexível.

Eu porra perco o controle.

Meus dedos se tornam grilhões, segurando-a forte enquanto empurro para trás. Mais rápido e mais rápido, sem olhar nem me importar com aonde vamos. Só preciso dela contra algo. Preciso dela presa. Preciso pressionar, empurrar e senti-la contra mim com nenhum lugar para correr.

Ela recua, a respiração aquecendo minhas bochechas, sua língua lambendo a minha, combinando com minha urgência até que ela bate contra algo e então para.

Dando-lhe nenhuma desculpa ou aviso roço minha ereção em sua barriga.

Em algum lugar da minha mente, a espero gritar e implorar. Cair de joelhos. Desligar e se fechar.

Ela não faz nenhuma dessas coisas.

Ela me beija de volta.

Porra, ela me beija de volta.

É como se a garota que resgatei tivesse desaparecido e em seu lugar está uma estranha. Uma menina que beija com

a imprudência nascida de um desesperado desejo. Beija com a mesma doença que me atinge até que sou incapaz de entender como ela se tornou tão doente, mas desesperada por uma cura.

Ela me quer.

Eu a quero.

E maldita seja, o beijo se torna selvagem com urgência. Gemo quando ela arqueia os quadris para mim. Ela geme quando mordo seu lábio inferior, não cobrindo meus dentes ou lembrando-me de ser gentil.

Ela me deixa completamente insano, e por um segundo, deixo ir. Sinto a obsessão. Vivo a agressão. Quase tropeço no lugar que nunca poderei chegar.

Eu recuo, me afastando aos tropeços. Esfregando a boca, odeio seu gosto infundido no meu, enevoando minha mente até que tudo o que posso me concentrar é no batimento do meu coração e no quanto a quero.

Ela me imita, pressionando os dedos nos lábios vermelhos, os olhos selvagens e assustados. Parece que ela está a segundos de quebrar.

“Porra.” Respiro fundo. “Mais uma vez, não quis fazer isso.”

Retrocedo mais longe, então dou a volta, indo para minha suíte. Preciso da porta como barricada entre nós para que ela não me consuma.

O banheiro. Preciso entrar no chuveiro. Livrar-me do meu desejo. Lembrar de quem sou.

“Espera.” Pim entra na sala, correndo nos pequenos pés. “Não vá.”

Eu congelei, virando para ela.

“Mas eu apenas te machuquei.”

Ela olha para o chão, torcendo as mãos.

“Você não fez.”

“Não o quê? Beijei você? Coloquei-a contra a parede e tentei te foder?”

Ela treme. “Quer dizer, sim, você fez essas coisas...”

“Exatamente.” Eu me inclino rigidamente. “Nesse caso, boa noite, Pim. Saia do meu quarto.”

Ela avança, erguendo a mão. “Não, espere. Você fez essas coisas, mas não me feriu. Eu ... eu queria.”

Meus olhos se arregalaram. “O quê?”

“Eu te beijei de volta. Você tem que ter sentido.” Suas bochechas coram. “Estou cansada demais de ter medo da paixão enquanto você a vive e respira todos os dias. Você estava sofrendo. Queria lhe dar uma coisa ...”

“Espere.” É minha vez de levantar a mão. “Então me beijou por *pena*?”

Não sei o que é pior, tentar gozar roçando nela ou ela ter me beijado para eu me sentir melhor.

Porra!

"Não é assim. Eu quis te beijar. Quis tanto por mim quanto por você..."

Meu temperamento surge impiedosamente.

"Você tem pena de mim agora que conheceu minha mãe e ouviu como sou indesejado por aqueles que amo."

"O quê?" Ela nega com a cabeça. "Isso não é o ..."

"Você acha que me entende agora, é isso?" Balanço as mãos, impaciente. "Você acha que pode me julgar, me ler? Saber o que se passa dentro da minha cabeça?" Parando na frente dela, eu rosno, "Você sabe mais sobre mim do que deveria, Pim. E eu não sei nada sobre você. Isso não é justo, nem é parte do nosso acordo."

Ela se vira no local, mantendo o olhar fixo no meu.

"Você está enganado. Não sei nada sobre você."

Sorrio friamente. "Você sabe mais do que deveria."

"Eu saberia mais se me dissesse."

Eu rio. "Nunca vai acontecer."

A coceira para tocar o violoncelo atinge meus dedos. Treinei-me o suficiente para saber quando estou na fronteira e procurar música ao invés de uma nova obsessão. Pim está certa ao esperar que eu estivesse tocando. Já é tempo. Preciso que ela vá embora. Antes de fazer algo que lamentarei. Vou em direção à mesa-de-cabeceira, onde



mantenho um baseado em caso de emergência e procuro no meu bolso o isqueiro. Levando a erva aos lábios, acendo e inalo. Um flash de cinza e preto aparece, então minha salvação de maconha some dos meus dedos.

"Que diabos?"

"Pare." Pim segura o baseado. "Fale comigo. Você está sofrendo. Deveria conversar com alguém."

"Falar?" Olho para o teto e rio. "Mais uma vez, você quer conversar."

"Sim, eu acho ..."

Agarrando-a, eu a jogo na minha cama. "Quando estou neste espaço, Pim, a última maldita coisa que quero fazer é conversar."



Pim

Ele sobe em cima de mim, encurralando-me contra o colchão nos lençóis com seu cheiro.

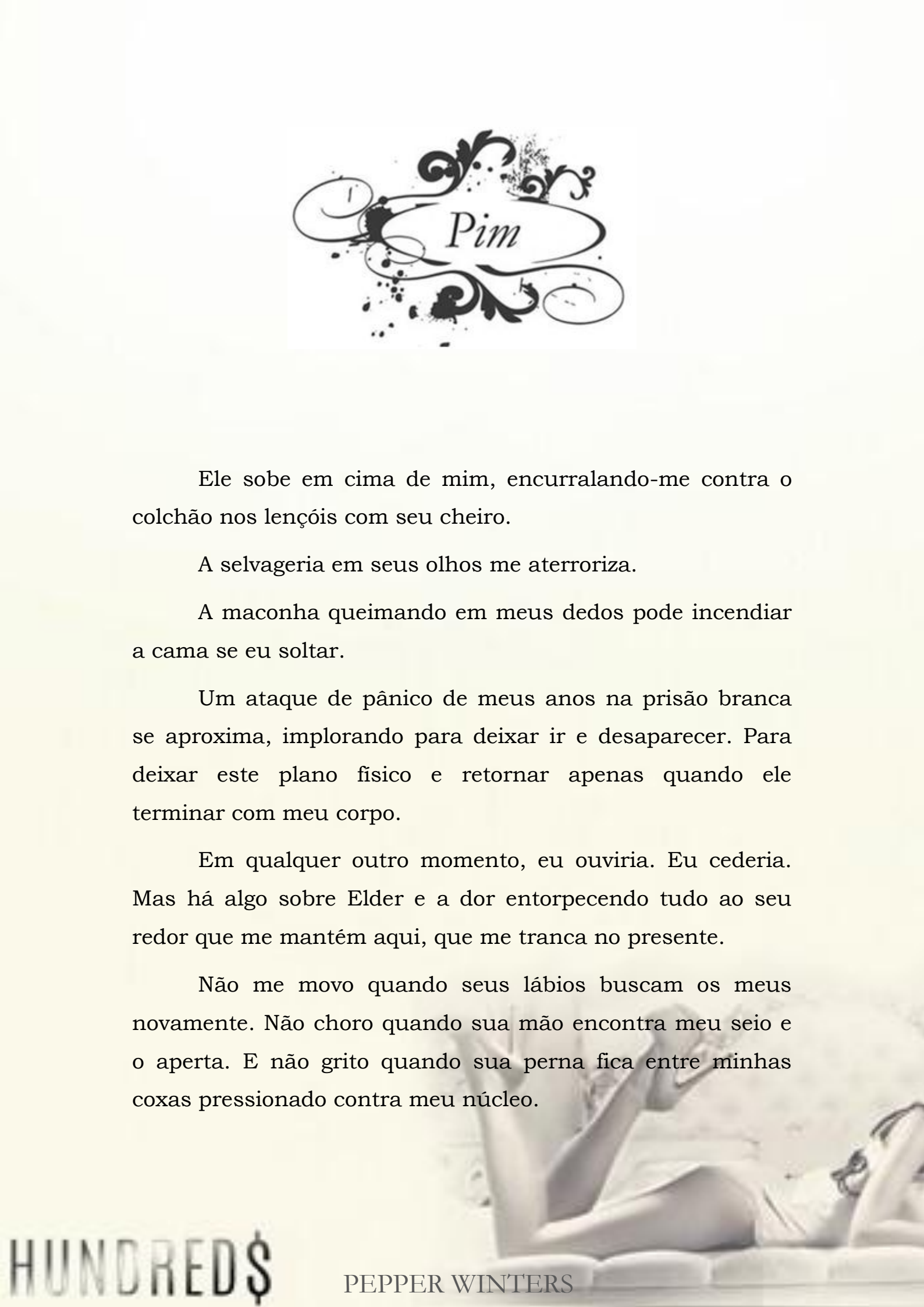
A selvageria em seus olhos me aterroriza.

A maconha queimando em meus dedos pode incendiar a cama se eu soltar.

Um ataque de pânico de meus anos na prisão branca se aproxima, implorando para deixar ir e desaparecer. Para deixar este plano físico e retornar apenas quando ele terminar com meu corpo.

Em qualquer outro momento, eu ouviria. Eu cederia. Mas há algo sobre Elder e a dor entorpecendo tudo ao seu redor que me mantém aqui, que me tranca no presente.

Não me movo quando seus lábios buscam os meus novamente. Não choro quando sua mão encontra meu seio e o aperta. E não grito quando sua perna fica entre minhas coxas pressionado contra meu núcleo.



Fico congelada debaixo dele, forçando-me a lembrar o calor da luxúria e de como gosto de beijá-lo. Como é maravilhoso deixar e apenas aceitar o beijo, me doar de volta, permitir que o calor me atravesse com a promessa de um dia ser completo o suficiente para eu desfrutar de mais.

Agora, me agarro a essas lembranças, apegando-me à sanidade, recusando-me a sucumbir ao pânico sufocando minhas vias aéreas.

Mas não faço isso por mim. Não faço isso para me forçar a melhorar, para aceitar sexo por sexo, para finalmente vencer os obstáculos do meu passado.

Não, não faço por mim.

Eu faço por *ele*.

Forço-me a segurar sua mão na minha e correr os dedos por seu cabelo com a outra. Ordeno-me a não me encolher contra as correntes imaginárias prontas para me amarrar e me repreender por tocá-lo. Peço-me a mim mesma para beija-lo de volta. Abro-me para ele, aceitando a agonia que ele derrama pela minha garganta.

Desejo a meu corpo que se esfregue contra o dele. Arqueio meus quadris contra sua perna. Deixo ele acreditar que o quero em cima de mim. Quero seu toque, seu beijo, sua luxúria.

E o faço.



Quanto mais finjo por ele, mais meu corpo toma o controle de si mesmo.

Meu coração acelera com necessidade em vez de medo.

Minha pele começa a sentir desejo, em vez de terror.

Seu ataque pode ter durado alguns segundos ou minutos, eu não sei.

Tudo que sei é a quantidade de energia necessária para ser uma garota que não sou. Finjo ser uma mulher que quer isso em vez de pedir ajuda para superar meus problemas.

As estrelas nadam no fundo da minha mente; exaustão se instalando quando Elder de repente levanta e senta pesadamente na borda do colchão com a cabeça nas mãos. “Merda.”

A maldição sai quase silenciosamente, seus ombros subindo e descendo com a respiração. Sua ereção aparece na calça jeans, enquanto a necessidade se mostra em cada movimento.

Lentamente, eu sento.

O baseado ainda queima entre meus dedos; a colcha um pouco chamuscada de onde o encostei no linho branco.

Quero alguma distância para resolver os desejos e pensamentos, mas não me afasto. Em vez disso, fico perto dele, então ele sabe que não odeio o que aconteceu. Que ele não é culpado e não tem qualquer razão para preocupação. Que pode fazê-lo novamente se isso o faz se sentir melhor.

Meu coração sente a necessidade de lembrá-lo que alguém o quer, alguém o aprecia, alguém finalmente se importa e é grato por sua bondade, proteção e generosidade.

Eu.

Não compreendo completamente porque o procurei hoje à noite. Por que depois de passar a noite sozinha e de uma viagem silenciosa de volta ao Phantom decidi entrar na cova do leão em vez de ficar fora de seu negócio e dar-lhe tempo para esfriar a cabeça.

Sei que ele está com raiva e existe probabilidade de fazermos coisas de que nos arrependeremos, mas por uma vez, não estou pensando em mim. Recuso-me a ter medo e colocar sua dor acima da minha, ele faz partes de mim que não estão prontas para curar começarem a se reconstruir, felizes por estarem completas, mesmo se esse todo é completamente diferente da menina que fui.

“Não sei o que dizer,” ele respira pesadamente. “Não consigo me controlar,” ele estende a mão. “O baseado, por favor, Pim. Então vá. Não é seguro para você estar aqui.”

Ele me disse algo semelhante antes. Ele fumou naquela noite também. Eu deveria fazer o que ele quer. Deveria entregar a maconha e sair. Mas não o deixaria fazer uma coisa e esperar que eu faça outra.

Ele me trata com amor duro desde que me levou. Ele não me deixa chafurdar. Ele me dá escolhas e decisões e me faz lembrar que sou uma pessoa, não uma posse.

Ele não pode fazer isso e então esperar que eu lhe obedeça sem questionar.

“Não tenho medo de você,” sussurro, esperando que ele não ouça a mentira disfarçando-se de verdade.

Ele olha o tapete. “Deveria ter.”

“Por quê?”

“Porque não sou uma boa pessoa.”

Giro o baseado ainda queimando. O doentio cheiro doce de maconha me faz franzir o nariz. “Você é um anjo comparado a ...”

“Nem *pense* em me comparar com aquele bastardo que a manteve.”

“Não estou te comparando...”

“Sua percepção da humanidade está ferrada. A maioria dos homens não é como ele e a maioria não é como eu. Eu não...”

Não o deixo terminar. “Não me importa os outros homens.”

Ele congela, me olhando pelo canto do olho. “Está dizendo que se preocupa comigo?”

“Eu ...” Minha garganta forma um nó, sem querer deixar passar a resposta. Como posso dizer que vê-lo assim ajuda-me mais do que a brutalidade impetuosa e o poderoso controle? Como posso dizer a ele que me sinto mais forte



quando ele é mais fraco e mais pronta para parar de fugir porque já não tenho que ficar melhor por minha causa, mas por ele?

Ver sua dor hoje me fez crescer, assim como a tempestade eliminou meu passado. Ele lutou por mim, mas ninguém lutou por ele. Eles o jogaram fora. Eles se recusaram a perdoá-lo. Não posso dar-lhe de volta sua família, mas posso dar-lhe minha amizade e compreensão. Não posso responder por seus erros ou até mesmo dizer se é perdoável, mas posso julgá-lo com base em nossa interação e me recuso a deixar o passado ditar como me sinto por ele.

Ele é tão míope? Devo cavar mais adiante em quem ele é?

Provavelmente.

Mas Elder foi o único a me salvar. Esse dom sozinho vale minha lealdade, não importa o custo.

“Sem resposta.” Ele ergue uma sobrancelha. “Não te culpo, sabe. Ninguém me quer. É uma maldição.”

Você está errado. Eu me importo.

Diga isso alto, idiota.

Mordo o lábio enquanto ele rouba a erva e a leva aos lábios. Se eu fosse honesta, não quero que ele fume. Quero terminar esta conversa sem qualquer neblina de substâncias. Se ele é capaz de usar essas ferramentas, por que eu não posso? Por que tenho que enfrentar meu medo do sexo

quando posso abusar das drogas para encontrar paz? Não respiro, prendendo o ar, mostrando minha atenção e desaprovação.

Ele suspira. “Eu não fumo por prazer, Pim.”

“Você disse que ajuda.” Inclino a cabeça quando ele se estica e então alcança um cinzeiro prateado na mesa de cabeceira.

“Ajuda como?”

“História longa.”

“Eu quero saber.”

“Você não adivinhou graças à minha mãe?”

“Como poderia?”

Ele dá de ombros, esfregando a mandíbula, a sombra de uma barba aparecendo. Quanto mais tempo passo com ele, mais consciente estou de que ele é mais um homem do que uma entidade aterrorizante. Ele é bonito e não por causa de características corretamente proporcionais ou um corpo que foi aperfeiçoado e treinado até a perfeição, mas porque realmente é um tipo diferente do monstro com que convivi.

Ele tem uma alma. E é uma coisa vibrante, palpitante e visível, não apenas nos olhos, mas em cada nuance, beijo e movimento.

Suas pernas se espalham quando ele aperta as mãos entre elas, olhando para o chão.

Se ele realmente não me quisesse lá, poderia ter parado e saído.

Mas ele não faz.

Ele não me chuta para fora.

Não me joga sobre o ombro.

Tenho conforto nisso e fico onde estou, dando-lhe tempo se é tempo o que ele precisa.

Finalmente, ele murmura:

“Como pode sentar ao meu lado? Como pode me beijar depois de ouvir que sou responsável pela morte de meu pai e irmão?”

Forço-me a não estremecer quando seus olhos fixam nos meus, me prendendo com as perguntas. “Como, Pim?”

“Porque tenho minhas opiniões sobre você e não vou deixar que os outros a mudem.”

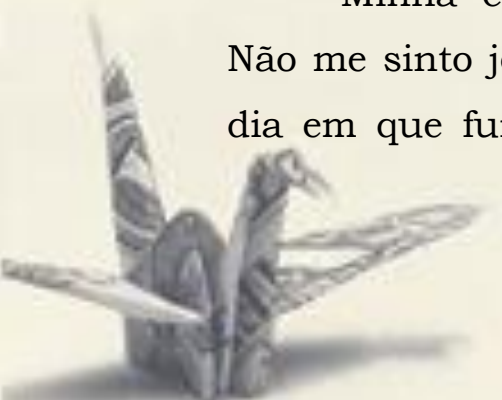
Ele suspira novamente, balançando a cabeça como se eu fosse lamentavelmente ingênua.

“Não estamos falando sobre preferir cães sobre gatos ou odiar vegetarianos. Estamos falando de morte.”

“Eu sei.”

“Então pare de ser tão jovem e romântica.”

Minha coluna vertebral tensiona. “Não estou sendo. Não me sinto jovem em décadas e parei de ser romântica no dia em que fui estrangulada só para ser trazida de volta à



vida.” Cruzo meus braços. “Em vez de colocar palavras na minha boca e me dizer como devo sentir, conte. Eu formarei minhas próprias opiniões sem a manipulação de outros. “

Ele ri tristemente. “E você também vai me odiar? Não penso assim.” Seus olhos vão para meus lábios antes de se afastarem e focarem no tapete novamente. “Vá dormir, Pim.”

“Não.”

“Sim.”

Inclino o queixo. “Fale comigo. Então farei o que quiser.”

Seus olhos escurecem lenta e ameaçadoramente. “Qualquer coisa?”

Meu coração balança a cabeça descontroladamente, me lembrando que aquele olhar significava sexo e tudo o que quero fugir. Mas se meu corpo é o preço para os segredos de Elder que seja. Estou mais forte agora. Posso dar-lhe isso. Afinal de contas, estava disposta a levar uma bofetada para protegê-lo.

No que isso é diferente? Não estão todos os relacionamentos baseados em dar e receber? Nós demos o amor e tiramos o egoísmo.

“Sim, qualquer coisa.”

Sustento seu olhar, caindo mais e mais profundo em sua alma. Espero por ele me beijar, me repreender, dizer que não estou pronta e me ordenar a sair.

Em vez disso, seus lábios curvam-se num sorriso sinistro.

"Assim seja." Saindo da cama, ele vai até a escrivaninha onde os rolos de plantas e lápis cobrem a superfície. Puxando a cadeira de escritório, ele a gira mais perto da cama, em seguida, senta com as pernas abertas e os dedos entrelaçados.

Não deixo o fato dele ter que me enfrentar ao invés de sentar ao meu lado me incomodar. Se isso torna mais fácil para ele, fico contente.

Espero que ele diga algo. Movo-me na cama, me perguntando se devo ser a única a começar qualquer confissão.

O ar entre nós é tenso como uma névoa, pintando seu elegante quarto com coisas desconhecidas.

Finalmente, ele diz: "Tenho TOC. Sempre tive; Sempre terei."

Transtorno Obsessivo Compulsivo.

Uma condição que fiz estudos nas minhas aulas para a graduação. Sintomas e soluções etiquetadas num livro cruel em vez de pessoalmente discutidas. Elder tem muitas coisas, mas TOC?

Não poderia diagnosticar.

No colégio, conheci um menino com isso. Ele usava tanto da medicina farmacêutica que se transformou num

zumbi e não participava das aulas, ou, se ele não tomasse os comprimidos destinados a tornar sua vida mais fácil, ele arranhava as mãos até que estivessem em carne viva. Ele saltava depois que o professor terminava de escrever uma tarefa no quadro branco e copiava palavra por palavra sete vezes.

Toda semana, um novo conto circulava: ele passou por cada sala de aula e empilhou pastas de trabalho por cores. Ele pintou o ginásio de verde brilhante porque disse que o sol desbotou o marrom. Ele não podia suportar as pessoas comendo de caixas de lanche incompatíveis e evitava o refeitório da escola a todo custo.

Ele sofreu.

Mas não vi Elder fazer nenhuma dessas coisas. Não o vi trancar e trancar a porta inúmeras vezes. Não o vi contar a respiração ou fazer uma tarefa repetidamente porque a codificação em seu cérebro salta ocasionalmente.

Ele não tem falhas, apenas foco total e perfeccionismo.

Seu iate, seu violoncelo, ele mesmo. Ele segue minha linha de pensamento, iluminando-me sem eu perguntar.

“TOC vem em formas diferentes. Algumas você está ciente, outras não.”

“Como é para você?”

“Na maior parte posso ignorar as ordens de repetição. Posso ignorar o fascínio de ter que ser excessivamente limpo



ou pânico sobre cada micróbio. Sou mais um obsessivo seletivo." Ele tira um pedaço de pano de sua calça jeans, jogando-o no chão. "Encontro algo que gosto e não tenho escolha a não ser dominá-lo. Esqueço do resto. O mundo já não existe. Nada além dessa *única coisa*."

Seus olhos nublam, lembrando-se de coisas, trazendo-as de volta à vida, discutindo-as. "Começou cedo. Legos, em seguida, outros brinquedos. Eu tocava neles uma vez e então não conseguia parar até que tivesse construído cada projeto, resolvido cada pista, descoberto cada solução. O livro de origami do meu irmão levou-me toda a noite para dominar, e depois disso, passei pela biblioteca local sobre como ficar melhor, mais intrincado. Dobrei e dobrei até que pudesse fazer com uma só mão. Meus pais se preocupavam comigo. Okaasan tentou me impedir, mas Otōsan sabia que era inútil. Ele entendia meus problemas, embora não sofresse do mesmo. Ele tinha, entretanto, uma mania: seu violino."

A voz de Elder volta-se para dentro. "Quando ele me apresentou a música e me levou a primeira aula de violoncelo no meu oitavo aniversário, foi como se a intensidade o preocupasse. Enquanto minha mente tinha as notas e meus dedos tinham os acordes, eu estava vazio por dentro ... completamente livre."

Meus olhos se movem para seus dedos onde eles se contraem como se tocasse um violoncelo invisível.



Ele continua: “Ele passou rapidamente de conforto à necessidade. Não havia outro caminho para mim. Eu *tinha* que tocar. Não era uma escolha. Não era uma necessidade, emoção ou qualquer palavra normal para descrever por que um músico tem que tocar seu instrumento. É só um caminho inevitável.”

Ele olha para cima, os olhos mais uma vez negros com raivosa paixão. “Eu não podia parar. Em casa, longe do violoncelo do meu tutor, eu deslizava em complicações repetitivas. Deixei minha mãe louca rearranjando a gaveta de talheres, a despensa, a lavanderia. Nada era seguro e tudo tinha que ser em três. Meu cérebro se agarrava a qualquer novo sabor que quisesse e até que decidia que teve o suficiente, era tudo o que podia conversar e pensar. Não tínhamos dinheiro para comprar um violoncelo, mas meu pai viu como me ajudava as aulas de uma hora por semana. Como a música poderia me dar uma saída para dominar, mas ser tão complicado que nunca poderia estar verdadeiramente satisfeito. A única coisa que tinha potencial ilimitado para me manter dentro de limites e saudável.”

Ele estremece quando memórias terríveis substituem as agradáveis. “Ele foi contra minha mãe e emprestou dinheiro de pessoas de quem nunca deveria pedir dinheiro. Ele estava tão orgulhoso naquela noite, me dando um violoncelo de segunda mão. E nunca o amarei mais ou serei tão fodidamente grato por ele ter entendido.”



Ele ri em voz baixa. “Aterrorizei os gatos do bairro até aprender a afinar. Joguei-me em tudo o que há para saber sobre cordas, pontes e arcos. Devorei livros de música, depois canções no rádio, clássicos, melodias. Imprimi cada música na memória e uma vez que dominei tudo o que um professor tinha para ensinar, criava minha própria música. Eu misturei. Eu evoluí. Queria que tudo em mim fosse o melhor.”

Ele senta-se ereto, como se estivesse se preparando para o mal. “Na época em que dominei o violoncelo o suficiente para ser notado pelo meu talento, receber convites para concertos, concursos e prêmios, minha mente voltou-se para outras tarefas que poderia dominar. Não gostei de ser notado. Eu queria estar curado. E pessoas conhecedoras para competir contra mim e ver se poderiam me melhorar, me vencer. Isso tirou a liberdade que encontrei.”

Ele inala, a voz se tornando pesada. “O meu TOC não é uma compulsão por repetir. É uma compulsão para fazer algo até eu conquistar. Não apenas conquistar, mas ser o melhor, o único, o mestre. Tenho que saber isso de dentro para fora. Tenho que absorver, controlar e possuir cada minuto.”

Ele me dá um olhar aguçado. “Entende agora, Pimlico?”

Lentamente, peças caem no lugar. Ele disse antes que minha mente é o objetivo final, não meu corpo. Que ele quer tudo de mim. Meu passado, meus pensamentos, meus segredos. Ele disse que precisa me dominar.



Pensei que dramatizou suas necessidades. Que era apenas uma expressão.

Estou tão errada. Estremeço ao pensar nele tendo-me tão agressivamente como faz com seu violoncelo. Dele saber todos os meus pensamentos e lágrimas, cada medo escondido de mim. Dele me conhecer melhor do que eu mesma.

Como alguém pode dominar outro? Como posso dar a ele esse tipo de acesso a tudo o que fundamentalmente me torna *eu*?

Elder avança, forçando-se a revelar mais, como se estivesse se desculpando pela honestidade que me deixa vislumbrar. “Conheci alguém quando tinha onze anos. Um cara que vi praticar artes marciais no meu quarteirão. Considerando minha herança e as histórias que ouvi, imediatamente senti uma conexão. Pedi que me ensinasse. Ele o fez.”

Ele esfrega o rosto, então aperta a parte de trás da nuca. “Meus pais não sabiam com quem eu lutava. Acreditavam que ia ao ginásio da comunidade e eu não neguei. Fui de um garoto magricela que nunca viu o sol com dedos sangrando de tocar violoncelo, para um lutador musculoso que aprendeu a ser Mestre do próprio corpo. Eu não parecia ter minha tenra idade. Cresci e ganhei massa. Sentia cada ligamento e tendão. Estudei livro após livro sobre a melhor forma de atacar, o que um soco faz ao tecido humano e como matar com cada parte minha.”

“Eu me tornei bom. Eu me tornei um mestre. Fui notado.” Ele esfrega a cabeça, a balançando quando memórias se tornam sinistras. “Aos doze anos, fui recrutado para ser segurança dos mesmos homens de quem meu pai emprestou dinheiro. Mesmo jovem, eles disseram que se eu os ajudasse, esqueceriam a dívida e os juros excessivos que cobravam, mesmo depois de três anos, ele ainda estava pagando-os. Concordei, disposto a tirar a pressão da minha família, sabendo como era complicado ter um filho como eu.”

Ele olha para cima, o rosto tenso como se estivesse se preparando para o pior. “Quero dizer que acreditei neles quando disseram que estavam em importação e exportação. Fingi não notar quando alguns recipientes continham pessoas gritando em vez de caixas de comida. Menti para mim mesmo que eles não eram homens maus, mesmo que estivesse acostumado a ensinar lições para aqueles que não pagavam as drogas ou falhavam numa corrida. Eu era um garoto estúpido que só queria se concentrar em lutar, violoncelo e origami. Eu não podia me dar ao luxo de perturbar nada novo.”

Avanço para a frente da cama, caindo de joelhos diante dele. Não faço isso por servidão, mas como uma ávida ouvinte de sua história. Hesitantemente, coloco a mão sobre seu joelho.

Ele estremece como se olhar para mim o tocando não o preparasse para o calor físico.

Com os olhos travados na minha mão, ele diz: “Começou lentamente. Eles disseram que o chefe precisava de minhas habilidades para proteger um carregamento e eu fui. Eles disseram que arranjaram uma luta para mostrar meu talento, então lutei. Não me importei que meus oponentes estivessem aterrorizados ou que perderam. Fiquei bêbado no meu próprio estúpido poder até um dia estar viciado pelo olhar em seus rostos. Eu precisava do medo em seus olhos. Procurava por ele.”

Ele se encolhe. “Um dia, quando tinha treze anos comecei uma briga com meu irmão só porque precisava ver esse medo.” Ele engasga. “Eu quebrei seu braço.”

Escondo meu suspiro, fazendo o melhor para não mostrar qualquer julgamento. Ele me dá um olhar rápido e depois abaixou o olhar, como se não pudesse me ver.

“Meu pai nos encontrou. Eu chorando. Kade em lágrimas. Seu braço torcido estranhamente. Fomos ao hospital. Quando chegamos em casa, Okaasan bateu em mim e deixei. Ela bateu até sangrar e então ela me renegou. Meu pai tentou me defender. Meu irmão, também, enquanto estava com o braço na tala por minha causa. Foi-me dada uma última chance. Parar de lutar pelo *Chinmoku* ou sair.”

Elder se levanta, correndo as mãos pelo cabelo enquanto anda. “Fui naquela tarde e entreguei minha renúncia. Eu era uma criança tola que pensou que seria um simples adeus.”

Ele bufa. “Não é preciso dizer que não aceitaram. Eles vieram atrás de mim naquela noite. Otōsan atendeu a porta e disse-lhes que eu já não iria lutar. Ele sabia quem eu era. Ele entendeu que a merda caiu sobre toda nossa família. Ele fez o empréstimo com *Chinmoku*, mas eu assinei nossas ordens de morte por me tornar um deles.”

A voz de Elder torna-se torturada e baixa. Ele limpa a garganta duas vezes antes de continuar: “Na noite seguinte, acordei numa casa em chamas com uma mensagem pintada com sangue na parede da sala de estar. ‘Uma vez um *Chinmoku* sempre um *Chinmoku*. Você escolheu sua família. Agora não tem ninguém’.”

Essas palavras pairam no quarto muito depois de Elder ter falado. Ele não fala por uma eternidade até que finalmente murmura: “Não havia saída. Eles fecharam as janelas e trancaram todas as portas. Eu era o único não trancado no meu quarto. Era como se esperassem que eu escapasse e voltasse para eles em vez de lutar pela minha família.”

Ele para de andar de um lado para outro, balançando no lugar, fantasmas de fogo dançando sobre sua face. “Consegui entrar na janela do segundo andar e puxar minha mãe para segurança. Otōsan foi pegar Kade quando o cilindro de gás da cozinha explodiu e deixou a casa em pedaços. Tentei voltar, mas a equipe de bombeiros chegou e me apanhou. Ainda posso ouvir os gritos da minha mãe, as

maldições e o conhecimento de que sempre terei o sangue nas mãos."

Ele olha para cima, a pele branca e olhos distantes. "Depois disso, não tínhamos para onde ir. Ninguém nos aceitaria por causa dos meus laços com o *Chinmoku*. Sem casa, minha mãe e eu acabamos nas ruas. Troquei minha habilidade de tocar sonetos pela de roubar. Até que um dia, ela simplesmente desapareceu. Descobri mais tarde que seu irmão lhe ofereceu um lugar para morar se me abandonasse, o que ela esteve muito feliz em fazer."

Levo uma mão a boca, horrorizada. "Isso é terrível."

Ele dá de ombros. "Ela me culpou, com razão, por matar seu marido e filho. Eu não a culpo. Eu me culpo."

Ele revira os ombros, a conclusão da história saindo numa corrida. "Eu sabia onde seu irmão vivia e fui implorar por perdão. Todos viraram as costas para mim e me disseram que eu era um fantasma. Também morri naquele incêndio e isso é tudo o que há para saber."

"Sinto muito."

"Não tenha pena de mim." Ele ergue a mão. "*Nunca* tenha pena de mim. Eu assumo a responsabilidade total, assim como a plena responsabilidade pelo que fiz com você." Ele me dá um sorriso tenso. "É por isso que não posso me deixar relaxar quando estou perto de você. Porque quando digo que não é do seu corpo que estou atrás, digo a porra da verdade. Preciso te dominar, Pim. Preciso estudar, controlar e

manipular você para que me dê cada minúscula coisa. E me recuso a fazer isso. “

Seguro seu olhar. “Isso não explica por que não vai me beijar. Por que disse que só pode me ter uma vez.”

“Não posso acreditar nisso.” Ele olha para o teto e então para mim. “Você está perguntando por que não vou dormir com você? Pensei que ficaria contente com isso depois de tudo o que passou.”

Quebro o contato visual. Não posso mentir depois que ele foi tão honesto, mas não posso dizer a verdade também. “Parte de mim será para sempre grata que não me quer desta maneira. Que a outra noite foi um deslize e nunca terei que fazer sexo novamente.”

Ele fala com repugnância. “E a outra parte?”

“A outra parte está curiosa. Quer saber o quão diferente pode ser com alguém em quem confio. Gosto quando me beija. Gosto do jeito que me faz sentir.”

Ele aperta seus lábios como se eu o tivesse chocado.

Suspiro, embaraço tomando minhas bochechas. “Eu... eu poderia ter evitado dizer, mas depois de tudo o que acabou de me contar, tenho que dizer a verdade. Por você e por mim.”

Ele se aproxima.

Não olho para cima. Eu não posso. Fiquei de joelhos oferecendo apoio, mas agora odeio a troca de poder. Não me



encolho quando ele para na minha frente ou recuo quando ele inclina meu queixo para cima com o dedo.

Quando nossos olhos se encontram, ele sorri tristemente.

"Não vou fazer sexo novamente porque posso me perder em você. Eu me tornaria totalmente e terrivelmente viciado. Uma vez que tiver você completamente, ter você me querendo tanto quanto eu te quero, nunca serei capaz de parar. Vou te foder a cada hora de cada dia. Eu me esquecerei de comer, dormir, respirar. Tudo que precisarei é você. Tudo que quero é você. E esse tipo de obsessão não é saudável, para nenhum de nós."

Deixando-me, ele caminha até o convés onde as portas permanecem abertas, deixando o ar abafado da noite se misturar com as confissões pesadas que fiz.

"Essa é a principal razão pela qual quero libertá-la, Pim. Não por você, mas por mim. Preciso que vá antes que eu faça algo que não posso desfazer. Antes de destruir nós dois."





“Foda-se. Mais forte. O que você é? Uma mulherzinha?”

Selix grunhe enquanto balança as espadas katakana diretamente na minha cabeça. “Dê uma pausa. Sua mente não está totalmente no jogo.”

“Não é um jogo.” Abaixo e acerto os nunchucks[5] em suas costas já que o treinamento não é para quebrar ossos, mas definitivamente contundi-los.

Ele grunhe enquanto me sinto paralisado, suor descendo pelo meu tronco nu e molhando o moletom. “É uma luta, Selix, então seja um maldito homem e *lute*.”

“Oh, sim?” Ele me acerta de volta, totalmente de surpresa, usando o pé e não as espadas em suas mãos. “Bem, eu vou lutar.”

Resmungo quando meus pulmões esquecem de como trabalhar. “É assim que você quer jogar, hein? Golpes

---

5 

baixos?" Jogando os nunchucks de lado, eu o ataco com meus punhos.

"Você entendeu."

Graças à minha obsessão com todas as coisas, sei como matar, como proteger minhas articulações e como minha cartilagem e articulações reagem a um soco. Eu também sei como se sente nos outros. Estudei esboços e revistas médicas que mostraram quais músculos contraem para absorver o golpe, como o sangue jorra de uma lesão, como o sistema nervoso registra a dor.

Sei tudo isso. Penso em tudo isso. Mesmo quando minha mente se encaixa na única coisa que pode.

Luta.

Luta.

Luta.

Desvio, soco, chute.

Selix não é como eu. Ele não precisa saber todos os detalhes sobre algo para ser bom nisso. Ele é um sobrevivente das ruas. Ele é o vencedor e a vítima.

Brigamos um com o outro, oferecendo castigo enquanto o aceitamos. O piso no nível inferior do iate torna-se liso com suor enquanto nos acertamos, criando contusões.

Eu o acordei ao amanhecer e ordenei que se juntasse a mim no ginásio. Depois de falar com Pim, não consegui dormir. Andei pelo convés e não voltei para meus aposentos

caso ela ainda estivesse lá, dormindo em minha cama, inocente e aberta. Não voltei porque não me perdoaria se aceitasse a oferta em seu olhar e a fodesse.

Eu não a fodi.

Não quando ela ofereceu como um presente, um analgésico para cada coisa podre que disse a ela.

O que estava pensando em ao contar a ela essa merda?

Cristo, não posso me livrar da vergonha.

Então desconto em Selix. Ataco-o com mais poder, raiva e sangue frio do que antes.

Não estive tão perto de escorregar em anos. Normalmente, meu violoncelo, lutas e os negócios mantem minhas tendências compulsivas na baía.

Isso foi antes de Pim.

Antes dela me arruinar com os olhos suicidas e desesperados em Alrik.

O sinal soa, dizendo que enquanto circulamos e chutamos já se foram mais de duas horas. Estamos exaustos, sangrando pelos lábios cortados e narizes inchados, ambos feridos.

Selix corre para a frente, dando uma batida sólida em meu peito com o ombro.



Em troca, dou-lhe três rápidos jabs na caixa torácica. Afastamo-nos e levantamos as mãos, avaliando o outro e se era hora de parar ou lutar até que não possamos ficar de pé.

É minha decisão. Selix não recuará.

Tenho que acertar mais um e aceitar que é suficiente. Que a obsessão não me controla. Eu controlo a obsessão.

Recuando, encolho-me em profundo respeito. Honrar a disciplina e regras. “Obrigado.”

Selix suspira, combinando meu cumprimento com os punhos fechados. “Sempre que precisar.”

Tocando os nós dos dedos, rolamos nossos ombros, sorrindo pela dor. “Bem, me sinto melhor.”

Selix ri. “Você parece maltratado.”

Rio. “Acho que você foi o espancado.”

“Você acha errado.” Pegando uma toalha do rack no canto, as paredes espelhadas mostram-me limpando o rosto e esfregando os braços antes de joga-la na cesta pelo refrigerador de água. As máquinas de peso e esteiras cintilam nas luzes brilhantes, persuadindo corpos dispostos a fazer cardio.

Pego uma bebida quando ele murmura: “Vai ficar bem hoje?”

Selix tem seus próprios atributos. Um dos quais poder adivinhar as agendas de outros e falhas com precisão. Ele nunca perguntou o que tenho ou por que às vezes toco

violoncelo por dias ou me castigo empunhando a espada até que desmaie de exaustão. Ele sabe o suficiente para entender a introdução de Pim

Minha existência estruturada não é fácil.

“Vou ficar bem.” Pegando uma toalha, a envolvo em torno do pescoço e esfrego através do cabelo, retirando as gotas causadas pelo esforço. “Preciso voltar ao armazém. Tenho algumas coisas para ver com Charlton.”

“Vou me preparar e te vejo em uma hora. Tudo certo?” Selix move-se para a saída.

Balanço a cabeça. “Sim.”

Ele sai com uma saudação enquanto vou para o elevador e pressiono o andar de cima.

Tomo banho, como e então encontro Pim e peço a Deus que minha mente esteja no lugar mais seguro agora que o sol já subiu e estourei alguns vasos sanguíneos.

A noite passada foi um erro. Não sei o que me possuiu para fazer tal coisa, mas nunca mais acontecerá. Não a deixarei ficar debaixo da minha pele mais do que já está.

Entrando na suíte, meu coração aperta por encontrá-la vazia. Não quero saber por que a decepção sobe por minhas veias ao invés de alívio. Pim não está no meu quarto, mas algo estranho repousa sobre minha cama: um pacote de uma das lojas mais caras de Monte Carlo.



Pedi a Jolfer para mandar alguém de sua equipe comprar mais roupas para Pim. Ela precisa de um guarda-roupa que se encaixe melhor. Ela merece vestidos que se agarrem e mostrem como é deslumbrante em vez de aumentar seu quadro delicado.

Ela também precisa de outras coisas. Coisas que não quero ver porque não preciso de tais imagens embaçando minha mente.

Deveria enviar a caixa direto para Pim, mas não posso me impedir. Olhando dentro, toco um item que deixa meu pau duro antes de fechar o pacote novamente.

Porra, eu não deveria ter pedido isso.

Só tornará minha vida muito mais complicada. Mas Pim vale a pena. Ela vale cada centavo. Mesmo que me custe tudo.





Retornar ao armazém onde roubei a moldura me enche de ansiedade. Fico olhando os rostos dos trabalhadores, esperando ver acusação e conhecimento do que fiz.

No entanto, ninguém me olha estranhamente. Ninguém parece zangado ou injustiçado. Na verdade, seus sorrisos são calorosos e acolhedores, reconhecendo-me de ontem e já me aceitando como parte do círculo de seu chefe.

Se for honesta, estou surpresa que Elder me convidou para acompanhá-lo. Depois do que aconteceu e seu ato de desaparecer, seguido pelo lábio cortado e aparência machucada do que disse ser uma rotina de exercícios esta manhã, me preparei para ficar sozinha por alguns dias.

Mas isso foi antes de Selix ligar e dizer-me para estar no convés dentro de uma hora. Antes de Elder estender a mão com dedos machucados para aceitar minha companhia. Agora, aqui estou novamente num mundo que nunca soube existir, cercada por trabalho duro, pessoas que tem uma existência normal com a qual eu luto. Elder para algumas

vezes para apertar as mãos de supervisores em diferentes departamentos, compartilhando conversas sobre lemes, balastros e coisas de que não tenho conhecimento.

Nem uma vez ele comenta que este iate é meu ou tenta intimidar-me a aceitar tal presente ridículo. Nem uma vez ele parece se importar que seu rosto tem roxos ou que sua língua continua lambendo a fenda no lábio inferior.

Ele é impressionante quando não está ferido. Mas ele mantem sua graça mesmo ligeiramente espancado.

Não sei por que minha barriga se aperta cada vez que olho as mãos manchadas. Talvez, pelo conhecimento de que ele sabe como proteger seu corpo. Ou estou apenas ferrada pela violência depois do meu trágico passado.

De qualquer maneira, a maior parte do tempo, ele finge que não estou lá.

Não me importo.

Fico feliz por ser incluída. Emocionada que ele decidiu deixar passar o passado.

Sempre que o olho, comparo o homem de negócios severo vestido imaculadamente em jeans justo e camisa preto ao homem que é indesejado por aqueles mais próximos a ele.

Proteção e feroz lealdade me enchem.

Quis dizer o que disse na noite passada. Dormir com Elder para mim nunca será opção. Sexo ainda traz memórias repugnantes. Mas dormir com ele por suas necessidades?

Posso fazer. Posso ficar no meu corpo enquanto dou algo que ele precisa. Porque me recuso a tomar e tomar. Não é justo ... especialmente quando ninguém lhe deu nada em troca.

Sua voz fria e áspera corta meus pensamentos.

Piscando, olho para cima nos sérios olhos negros, encobrindo um passado que quero desesperadamente curar. “Isso está bom para você?”

Fico no lugar dividida em admitir que não escutei, mas não querendo admitir que sonhava com ele.

Sobre sexo com ele. Quem pensaria que sou capaz de tal coisa?

Seus lábios se inclinam num sorriso afetado enquanto me olha de cima a baixo e cruza os braços. “Não estava ouvindo, né?”

Minhas bochechas aquecem. “Hum ...” Atormento meu cérebro, tentando lembrar o que ele disse. “Desculpe.” Encolho-me, pronta para a disciplina. Recuo, revirando meus ombros, meus joelhos já soltos e prontos para cair numa posição de curvatura, mesmo quando minha mente sabe que ele nunca me batera. A memória muscular é exigente.

Sua mandíbula aperta, notando meus maneirismos e entendendo a programação que sofri.

Odeio que o deixei triste, fazendo-o pensar que ainda o temo. O oposto é real. Meu corpo ainda pode procurar a autopreservação pelo hábito, mas minha mente sabe melhor.



“Sei que não vai me bater,” sussurro. “Eu não queria vacilar. É um hábito...”

“Um hábito que precisa quebrar,” ele rosna.

Balanço a cabeça. “E vou.” Cada dia está ficando mais fácil lutar contra tal instinto. Só estou arrependida de não poder pará-lo hoje. “O que me perguntou?”

“Não importa. Outra coisa mais importante surgiu.”

“Oh?”

“Eu já volto, senhor.” Agarrando meu cotovelo, ele me afasta de Selix e os dois gerentes com quem esteve conversando.

Meu coração salta quando ele me guia rapidamente pelo chão do armazém até o escritório. “O que ...”

“Quieta.” Empurrando-me para dentro, ele bate a porta e puxa as cortinas.

Instantaneamente, preocupo-me de que o perturbei. Seu rosto está certo e errado. Os músculos tensos e relaxados.

Retrocedo, movendo-se para a mesa de reuniões. “Fiz algo de errado?”

“Sim.”

“Eu fiz?” Minha respiração acelera enquanto ele avança, me empurrando para trás só com sua força de vontade. “O que?”

Ele não fala, mas seu corpo sim. Seus ombros gritam autocontrole. Sua mandíbula aperta com determinação.

Suas narinas brilham de tensão. Seus passos são pesados com deliberação. Ele é um cartaz ambulante de Alfa e faz as coisas mais estranhas no meu interior.

Ainda quero me curvar a seus pés, mais forte agora que estamos sozinhos do que com companhia, mas pela primeira vez, não é apenas medo que me leva a escorregar para a submissão, mas desejo.

Quero agradá-lo

Quero que ele saiba que o olho, o respeito e farei tudo o que puder para me encaixar em seu mundo porque nunca quero sair.

Esse pensamento me congela.

Quando meus objetivos de voltar para casa, encontrar minha mãe, contar minha história para a polícia se foram? Não deveria estar aqui por vontade própria. Deveria estar fazendo todo o possível para pedir ajuda.

Mas quando Elder me persegue mais fundo na sala e minha bunda cai contra a mesa, não posso lembrar por quê. Por que querer sair quando ele me assusta, mas me protege? Por que gostaria de correr de sua honestidade cruel e voltar para uma casa em que já não me encaixo, a uma mãe que não me quer e lutar para sobreviver num mundo que já não me entende?



Elder é meu médico, psiquiatra e treinador tudo em um. Ele está treinando-me para viver novamente apenas por ser ele mesmo. Como posso desistir disso quando quero tão desesperadamente ser a mulher que ele espera que eu seja?

"Desculpe," suspiro. "Pelo que fiz de errado." Meus dedos fecham ao redor da mesa atrás de mim, a borda escavando a parte de trás das minhas coxas.

"Você não está arrependida, mas ficará." Seu rosto mostra desejos perigosos. "Não peço muito de você, Pim. Na verdade, dou muito de mim em troca de nada seu. Mas então você fode tudo. Você me olha com preocupação depois de tudo o que lhe disse ontem à noite. Não é aceitável."

"Eu disse, hábitos são difíceis de quebrar."

"E eu disse que não quebrarei o meu." Ter-me presa não para seu avanço. "Mas aqui estou. Prestes a quebrá-lo."

Meu peito sobe e desce quando ele apaga a distância final, colocando as mãos em ambos os lados da mesa. As palmas fazem seus dedos longos esticarem, mostrando cicatrizes de lutas anteriores junto com as abrasões mais recentes desta manhã.

Quanta violência ele viu? Quanto amor perdeu? Perguntas correm minha mente como gafanhotos desesperados pela liberdade.

Cílios escuros envolvem as pupilas quando seu olhar cai para meus lábios.



Lambo-os, sem fôlego e pausado, pronta, mas não pronta ao mesmo tempo.

“Você quer que eu te beije?”

Minha barriga salta.

Assinto lentamente.

“Responda-me sem o silêncio, Pim.” Seus olhos estreitam. “Fale porque não tem fodida ideia do que isso me faz. Mas saiba, depois que tiver o dom de sua voz, não serei responsável pelo que farei.”

Ofego quando sua mão sai da mesa e se enrola ao redor do meu pescoço.

Memórias velhas de cordas e estrangulamento me fazem endurecer e as lágrimas arderem. Minha garganta ainda está presa a um passado que lentamente rompe o casulo e bate as asas. Essas asas estão molhadas e inúteis, embora, ainda secando ao sol e não totalmente prontas para voar.

Seu polegar pressiona meu pulso, a mandíbula apertada e lábios pressionados. “Você ainda duvida de mim. Seu coração está correndo como um coelho.”

Engulo, sentindo a pressão dos dedos enquanto forço-me a lembrar que esse é Elder não Alrik. Isso é química, não escravidão.

“Não duvido de você.”

Sua boca se separa para inalar. “Mas tem medo de mim.”

Não posso mentir, não quando meu sangue jorra sob seu toque. Minhas veias e artérias são um perfeito detector de mentiras e ele foi programado para lê-los.

“Eu tenho.” Minha voz está sem folego. “Mas há mais que apenas isso.”

“O que?” O tom dele se transforma em pura sedução. Não acho que fez por escolha, mas apenas escorrega na névoa pesada rapidamente apagando o mundo exterior e amplificando ele, eu e tudo o que cresce entre nós.

As coisas não ditas. Os segredos. As trocas. A necessidade perigosa crescendo rapidamente e ficando incontrolável.

Estamos em extremos opostos da balança. Ele não pode me deixar de ir, porque ultrapassará sua sanidade. E não posso me deixar ir porque honestamente não sei ser uma mulher que quer o toque de um homem e não gritar e morrer ao mesmo tempo.

Estamos condenados ao desastre antes mesmo de começar. E nós começamos. O fato de Elder ter estado dentro de mim não conta. Na minha mente, não fizemos sexo. Ainda não. Uma luta virou um erro. Um tropeço foi o despertar.

Para nós dois.



“O que mais sente por mim, ratinha?” Seu sussurro beija meus lábios, fazendo a pele arrepiar. Se ele não estivesse me prendendo com seu corpo, teria balançado mais perto apenas porque quero aplacar o calor em minha pele contra a dele.

Forço meu cérebro a trabalhar. “Essa não é uma pergunta justa.”

“Não é?”

“Não.”

Ele suspira, “Como assim?”

“Porque não sei como se sente sobre mim. Por que devo ser a única a mostrar qualquer fraqueza?”

“Você se sente fraca ao meu redor?”

Suspiro quando seu polegar cai do meu pulso, acariciando a garganta em pequenos círculos sensuais.

“De que maneira te faço fraca, Pim?” Sua voz cai para um rosnado, grosso, potente, áspero e desesperado.

“Em todos os sentidos?” Quero dizer como uma declaração, mas sai como uma pergunta. Buscando sua aprovação.

Insegura de como reagir a paixão.

“Escolha um.” Seus joelhos dobram, trazendo sua boca ao meu pescoço. Seus dentes me encontram primeiro,



beliscando a pele superaquecida antes de lamber com a ponta da língua. “Conte-me.”

Meu coração explode em pequenos pedaços, todos desesperados por encontrar uma saída fora da gaiola das minhas costelas. Minha visão fica embaçada. Eu me sinto bêbada.

Como ele pode deixar minha pele tão hipersensível e meu corpo tão quente e pesado por um simples beijo e toque? Que magia ele tem? Que maldição colocou sobre mim?

Não posso responder. Não tenho resposta. Como posso explicar que nunca pensei que me sentiria assim com um toque ou afeição? Que ele fez mais por mim do que eu jamais sonhei ser possível?

Seus dentes me encontram novamente, sufocando sua frustração em meu pescoço com um gemido áspero. Minhas costas arqueiam e caio em seus braços enquanto sua boca quente sela minha garganta e chupa.

Eu formigo. Tremo. Fico molhada, quente e pronta para coisas que não posso descrever.

“Mais uma vez você não vai me responder.” Ele afunda os dentes em meu pescoço. “Não vai me tirar da maldita miséria.” Afastando-se ele captura meu queixo, segurando-me firme, mesmo que meus olhos façam seu melhor para memorizar até os minúsculas gotas penduradas como orvalho em seus cílios.

“Vou dizer por que você me deixa fraco, Pim. Você me deixa tão fodidamente duro que não consigo pensar direito. Você rasteja dentro da minha mente quando não tem o direito de fazê-lo. Você me intriga, me confunde e me faz contradizer tudo que sei e acredito. Você me corrompe.”

Tomando meu pulso, ele me puxa um pouco para ver como estou flexível. Ao descobrir que não ofereço resistência, ele lentamente traz meu braço para frente, sem tirar os olhos dos meus.

Levo meu olhar para onde ele me abraça, os lábios se separando para respirar mais forte enquanto aumenta a pressão até que meu braço cai entre suas pernas.

Seus olhos brilham como diamantes negros quando ele se inclina para trás, girando meu pulso e virando a palma da mão para cima. Sei o que ele está prestes a fazer. Qualquer mulher gostaria desta luxúria e sua confissão ecoando nos ouvidos.

Eu não quero.

Eu quero.

Eu quero me afastar.

Eu não quero me afastar.

Engulo um gemido quando ele pressiona minha palma contra sua ereção, forçando-me a toca-lo mesmo que seus dedos permaneçam soltos o suficiente para eu me afastar.



Ele me obriga a fazê-lo, mas sou eu quem obedece. Eu não preciso. Posso me afastar. Posso dar-lhe um soco. Posso gritar.

Mas não faço.

Nossos olhos se encontram quando meus dedos se enrolam em torno do comprimento grande, longo e quente em suas calças. Minhas unhas roçam o jeans.

Seus olhos ficam mais pretos que os sistemas solares sem estrelas ou planetas. Ele tropeça, prendendo-me mais forte em meu aperto.

Sua garganta contrai. Mas ele não me ordena a chupa-lo. Ele não me empurra no chão e quebra todas as regras, afogando sua necessidade em mim.

Em vez disso, ele permanece parado e firme, permitindo-me tocá-lo como quero. Sua mão cai do meu pulso, voltando para a mesa ao lado do meu quadril. Ele não se mexe, apenas se dá a mim no mais básico dos caminhos.

Meus olhos reagem com alegria, terror e confusão enquanto aperto, testando. Não espremo para lhe trazer prazer. Não aproveito as muitas habilidades que aprendi para fazer um homem gozar. Permito que estranhos se tornem conhecidos, sentindo o pulsar sob os jeans, o calor de seu desejo e o peso do corpo de um homem que uma vez esteve dentro do mim não desejado, mas agora pode ser tolerado.

“Você ainda não se afastou.” Sua testa franze com disciplina e tortura. “Por quê?”

Levo a mão para a cabeça de sua ereção, pressionando a carne macia e dura escondida nas calças.

Ele estremece, mas não grunhe nem pragueja. Seus dedos cavam na mesa, balançando o móvel embaixo de mim.

“Você não me forçou a ficar de joelhos ou ordenou minha boca ainda.” Olho para cima, confiante e implorando. “Por quê?”

Ele faz uma careta. “Acredite em mim; é uma batalha, não sei quanto tempo vou aguentar.”

Sua admissão de quão perto está é um clique que faz com que o medo rasteje por mim, subindo pela coluna como um alpinista com grampos afiados e ganchos.

Mas não deixo que me controle.

Se ele pode ser honesto, eu também posso.

Não me importa que estamos no seu local de trabalho, num escritório desconhecido, cercados pela janela fechada. Tudo que me importa é que estou evoluindo. “Tocar você assim ... é diferente.” Meu dedo explora mais, caindo para baixo e para baixo na protuberância onde a carne delicada reside.

Ele solta um gemido baixo, o eco animalesco ecoando nas câmaras do meu coração.



“Vejo como se esforça para não me usar e isso me capacita a explorar.” Afasto mais os dedos, pressionando contra ele. “Nunca toquei em alguém assim.”

“Nunca?” Seus olhos ardem. “Nem um namorado? Antes...”

Antes dos estupros.

Balanço a cabeça, feliz quando uma mecha de cabelo cai sobre meu olho, oferecendo um escudo parcial de sua intensidade. “Nunca.”

Suas costas arqueiam quando aperto o polegar em sua coroa, crescendo frustrado com o tecido grosso protegendo-o. Nunca pensei que gostaria de bom grado do pensamento de tocar um homem só porque quero. Porque não há expectativas sobre onde seu pau acabará e estou sem medo se ele me fará mal.

Eu quero explorá-lo. Aprender a me soltar porque vê-lo lutar contra seus desejos básicos para me manter segura faz algo brilhar e queimar dentro de mim.

“Você gosta?” Sua pergunta é um rosnado. “De me tocar?”

Respondo com um gemido. “Sim.”

Ele congela, procurando mentiras. Eu congelo, procurando pela insanidade. Um olhar de compreensão vem dele para mim. Acabo de admitir estar aberta a uma amizade sexual. Acabo de lhe dar permissão para destrançar as

correntes que mantem em torno de si mesmo e acreditar que pode haver mais entre nós.

"Porra." Sua mão segura minha nuca, trazendo meu rosto ao dele. Pressionando a testa na minha, nossos narizes roçam, os lábios tão perto de beijar, mas ainda separados. "O que está fazendo comigo, Pim?"

"O que *você* está fazendo comigo?"

Ele ri sombriamente. "Dando-lhe uma existência melhor ... se estou fazendo certo."

Eu sorrio e então ofego quando ele me puxa para frente e beija. Este beijo vibra com tensão; uma bomba apenas esperando para detonar. Mas ele permanece controlado e gentil. A língua mal toca minha boca. Seu sabor sutil e doce. O sabor mais fraco de cobre de seu lábio cortado. Ele se afasta antes que esteja pronto, me deixando doendo e necessitada.

"Você ainda me deve uma aposta."

Faço uma careta. "Que aposta?"

"Aquela em que você concordou em passar uma noite comigo se roubasse algo, mas não mantivesse."

Os lábios se transformam num sorriso calculista. "Você falhou. Você me deve."

A aposta em questão volta. Nós jogamos baralho depois das minhas primeiras aulas de roubo. Ele apostou minha



liberdade em troca de uma noite. Engraçado como já não olho para minha liberdade como a escolha preferencial.

Minha garganta fica seca quando imagens de abuso e estupro se infiltram com sonhos inocentes de carícias e abraços. Ele nota, os dedos apertando em volta da minha nuca.

"Disse ontem à noite que não dormiria com você. E mesmo se fizesse, nunca seria doloroso para você. Tem minha palavra." Ele lambe os lábios. "Eu já estive dentro de você sem sua permissão. Manter distância deveria ser minha regra única. Mas, porra, Pim ..." Seu olhar escurece, tornando-se nebuloso com desejo. "Você me deixa louco."

Seus lábios encontram os meus de novo, cancelando palavras em favor do prazer.

Entrego-me, beijando-o de volta até que ele termina tão rapidamente como começou.

"Eu não deveria fazer isso. Sei que não devo. Mas ..." Ele fecha os olhos antes de abrir novamente com uma resolução maníaca. "Dê-me uma noite. Uma noite e depois serei melhor. Estou fodido de dizer coisas que nunca disse a ninguém. Preciso de algo de você depois do que tirou de mim. Preciso do equilíbrio entre nós."

Sua mão arrasta da minha nuca para o ombro, então corre meu braço para unir seus dedos nos meus. "Sei que estou pedindo demais. Sei que não está pronta. Mas me dê o



que preciso e então posso me controlar novamente. Vou ... enlouquecer se não fizer."

Meu estômago se dobra em mil arcos, revirando forte, tanto que sinto enjoos e uma dentada de dor me apunhala. "Você me quer?"

"Porra, não posso ver direito." Suas narinas brilham. "Tenho dito a mim mesmo que não pode acontecer. Quero ter mais força de vontade. Mas então penso sobre todas as primeiras vezes que te foram negadas, todo o prazer que te roubaram e isso me deixa zangado. Estou jogando minhas necessidades em você. Estou me enganando pensando que estaria te fodendo por você. Para lhe mostrar como o sexo deve ser."

Sua voz cai. "Quero te dar seu primeiro orgasmo. Quero ver como parece quando gozar com minha língua entre suas pernas."

Eu tremo.

Fico fisicamente tensa e me encolho em seus braços. A reação que ele me causa é visceral e muito intensa para ser real.

"Cristo, Pim." Ele geme, afastando-se como se o rasgasse. "Então você faz a porra dessa coisa." Seus olhos brilham e a pele aquece, "Você me convida a te foder mesmo que provavelmente esteja aterrorizada."



Correndo as mãos pelo rosto, ele grunhe: “Não posso mais continuar. Preciso disso para mim. Uma vez. Então acabou.”

Meu coração faz beicinho. Não é isso que quero. Quero-o fisicamente porque, pela primeira vez, quero alguém emocionalmente. Ele não pode me dar tudo o que acabou de descrever e depois se afastar.

Mas e se é o que preciso para que ele cuide de mim?

Para mostrar a ele o quanto me importo sem ter que encontrar as palavras certas?

Será que realmente preciso de uma garantia por escrito de que seremos um casal depois de dormirmos juntos?

Elder pensa que ele é aquele com o poder. Que tem a escolha sobre como, quando e quantas vezes seremos íntimos.

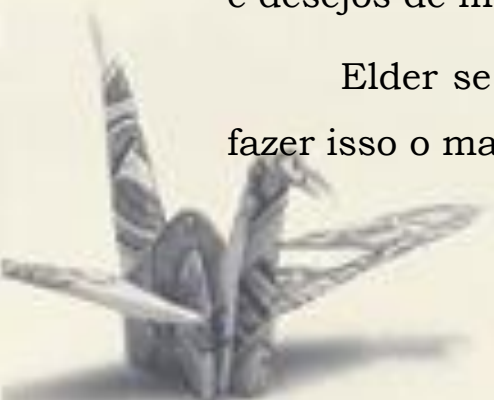
É o que ele pensa.

Se por algum milagre eu gostar. Se não tiver um ataque de pânico e cair nos velhos hábitos, então ele lamentará se render. Eu o desejarei de novo e de novo, eu o usarei para reivindicar tudo o que me foi roubado.

Ele não terá escolha.

Ele me deverá, independentemente de seus problemas e desejos de me dominar ou avisos de obsessão.

Elder se move para a porta com claro esforço, como se fazer isso o machucasse mais do que jamais vou saber.



O egoísmo de repente me deixa doente. Mais uma vez, só estou pensando em mim. Elder se abriu ontem à noite. Ele me mostrou por que tem regras e exigências.

Se uma noite pode ajudá-lo com seus problemas, então quem sou eu para esperar mais? Não tornarei mais difícil fazendo as mesmas coisas que me foram feitas. Eu carrego as cicatrizes por toda a vida. Elder já teve o suficiente para suportar.

Destrancando a porta, ele olha por cima do ombro. “Deixei um presente para você no armazém. Use suas habilidades de ladra para encontrá-lo. Não está roubando de ninguém. É para você. Vou te encontrar quando for hora de partir.”

Com um último olhar quente prometendo uma noite que nunca esquecerei, ele sai do escritório, me deixando derretida e desossada contra a mesa.



ELDER

Que diabos foi isso?

Como fui de falar como um ser humano racional com meu pessoal a arrastar Pim para o escritório e praticamente força-la a me bater uma punheta?

Minha mente nubla, mudando a disposição que vi em seu olhar para a mesma garota ferida que tirei de Alrik. Como posso fazer com que ela me toque depois que outras pessoas fizeram algo errado com ela? Como posso achar que ela quer me tocar?

Mas ela quis.

Não é?

Os dedos dela não me envolveram por vontade própria? Sua respiração não ficou mais rápida e a pele mais quente?

Confundi os sinais de luxúria recíproca porque a desejo ao ponto de obsessão?

Porra, o que fiz?



E quanto às minhas promessas na noite anterior de não dormir com ela? E toda a merda que não tinha a intenção de contar?

Eu estou quebrando.

Rápido.

O que estava pensando?

Selix me encontra voltando para Charlton e os outros gerentes. Agora que decidi dar o iate a Pim, a decoração interior e quartos precisam ser redesenhados para atende-la. Quero algo exuberante e opulento, mas caseiro e aberto.

Quero que ela possa relaxar, sabendo que está protegida e segura de tudo.

Se ela alguma vez aceitar, é claro.

"Ah, aí está você." Selix cruza os braços, parecendo dez vezes mais são e lúcido do que me sinto. "Estive te procurando."

Meu sangue imita um carro de corrida, acelerando e batendo nas veias. Estou ansioso e prestes a perder minha merda. Quanto mais longe vou do escritório onde deixei Pim, mais o dragão em minha caixa torácica torna-se vivo e sibilante, deslizando sobre minha pele, desesperado para retornar a ela e ordená-la a aplacar a maldita dor entre minhas pernas.



Se não tiver Pim debaixo de mim, gemendo meu nome, gozando .... Se não encontrar uma maneira de me controlar antes desta noite...

Merda.

"O quê?," rosno. "O que quer?"

Ele não hesita com minha explosão, apenas me dando um sorriso presunçoso. "A equipe está pronta para ser informada sobre suas emendas."

"Ótimo."

Apenas fodidamente perfeito.

Tenho que ir a uma reunião e discutir logística enquanto minha mente não pode parar de pensar sobre Pim e meu pau que não recebeu o memorando para parar de ficar malditamente duro.

Passo por ele, ajustando meu pênis. Livrar-me da ereção enquanto Pim ainda dança em meus pensamentos é impossível.

Isso é tudo culpa dela por aparecer em meus aposentos noite passada. Parecendo tão corajosa, tão tentadora. Ela virou o jogo e de alguma forma me fez ser aquele que precisa de conforto.

Eu não gosto.

Não gosto do jeito que ela me olha com nova coragem e luxúria brilhando nos olhos. Não tinha que dizer que a queria. No entanto, ela continuou empurrando.

Ela fez algo que nunca deveria ter feito.

Ela me mostrou que me quer por si mesma. Ela me convenceu de que meu toque não é mais abominável E meu beijo não é mais um pecado. Ela me deixou pressioná-la na cama. Ela me deixou ...

Cristo, homem.

Ela é apenas uma garota.

Uma garota de quem precisa ficar longe se valoriza o controle pelo qual tanto lutou.

Essa tarefa seria mais fácil se ela fosse apenas uma menina, se ainda me observasse com terror. Eu poderia ignorar o desejo de levá-la se soubesse que a machucaria. Agora ela me convida. Ela faz parecer como se eu a machucasse recusando.

Ela me faz acreditar que posso tê-la mais uma vez e tudo ficará bem. Que não cairei. Que não a foderei. Que não passarei uma eternidade pagando pelo curto prazer que teremos juntos.

Não, não vale a pena.

Eu a encontrarei e direi que não quis realmente dizer aquilo. Que não haverá nenhuma noite. Essa coisa não mudará entre nós.

É o melhor.

Mesmo tentando me convencer, vou contra meu raciocínio.

Selix coloca a mão no meu ombro. “Você está bem?”

Afasto-me, obcecado demais com meus próprios pensamentos.

Foda-se.

Não posso continuar assim.

Preciso tê-la.

Uma vez.

Uma vez, onde ela participe plenamente. Eu tomarei seu prazer. Ela terá o meu. Seremos iguais na eletricidade zumbindo tão fortemente entre nós.

Então e só então poderei colocar minhas leis de volta no lugar e retornar ao meu frio, recolhido e solitário mundo.

Girando para encarar Selix, ordeno, “Reserve uma suíte no hotel de Paris para esta noite. Tenha a equipe do Phantom arrumando roupas para mim e Pimlico junto com o pacote vermelho na minha cama e os envie para a suíte.”

“Só um quarto?” Selix pergunta inocentemente. Muito inocentemente. “Estou supondo que se disse coisas para você e Pim, haverá dois convidados.”

Mostro-lhe o dedo e não respondo.

Ele sabe exatamente quantos hóspedes haverá.

E o que faremos.





Leva um tempo, mas finalmente encontro.

Desde que Elder sai do escritório, vasculho em torno de cavaletes e ferramentas. Escondo-me em cantos e frestas. Caço através de depósitos e salas. Na minha caça ao tesouro, encontro a moldura de prata que roubei anteriormente, de volta onde pertence, coberta de serragem e cintilando ao lado de um prego e martelo.

Elder foi fiel à sua palavra e devolveu o item ao legítimo dono.

Meu coração pula de alegria.

Se ele pode manter uma promessa tão frágil, para aliviar minha consciência, então posso confiar nele para manter sua promessa de que esta noite será mútua. Que posso direcionar o que acontecerá o máximo possível.

Que não tenho necessidade de temer a ideia de dormir com ele, porque se tudo se tornar demais, posso dizer não e ele ouvirá.

Pelo menos, acho que sim.

Não discutimos as regras. Não discutimos muito sobre qualquer coisa. Parece que nossas vozes estão sendo sufocadas por nossos corpos e suas demandas. Até termos tido uma conversa física, duvido que seremos capazes de ter uma intelectual.

Achar o presente que Elder escondeu para mim faz meu coração parar de se alegrar e bater como um martelo atacando minhas costelas, tocando uma música que não reconheço. A melodia lentamente se torna conhecida por meus dedos segurando a beleza do origami. O corajoso papel com poeira de armazém, o verde macio desaparecendo sob aparas de madeira.

A vibração suave. O borbulho inconfundível.

Estou ... feliz.

Estou feliz depois de anos estando miserável.

Fico feliz porque Elder me faz sentir valiosa com sua autocontenção e presentes de origami.

Esse é o verdadeiro dom: a habilidade para fazer elogios num mundo que achei estar pronta para deixar.

Trazendo o origami mais perto, inspeciono as dobras firmes com linhas elegantes e nítidas. A pequena casa é feita de uma nota de cem dólares, insinuando, talvez, tanto o passado como o presente.



As quatro paredes e o telhado minúsculo representavam a casa na colina onde sua mãe gritou com ele ou qualquer lugar que ele me levará hoje à noite para ver se sobreviveremos um ao outro?

Minha imaginação manda calor através das veias enquanto imagino os elegantes dedos de Elder apertando a nota de cem dólares, forçando o retângulo num projeto tridimensional.

Quando ele fez isso?

Ele é tão talentoso, tão oculto.

Que outros segredos abriga?

Que outra dor esconde?

Agarrando a intrincada casa de papel, caminho de volta pelo armazém.

Preciso encontrar Elder e agradecer. Preciso que ele saiba que estou feliz em aceitar que não está roubando, meramente afirmando. É para mim. Tem um valor momentâneo e emocional.

Elder ainda espera que eu roube para pagá-lo de volta. Para comprar minha liberdade com base em sua estimativa do meu valor.

Bem, seu primeiro reembolso será os cem dólares, se tiver estômago para destruir o que ele dobrou.

Até então, o presente não tem preço e não gastarei um centavo disso.

ELDER

O hotel Paris em Monte Carlo acolhe-nos com foyers alto, colunas de mármore e claraboias de vidro. O hotel cinco estrelas abriga celebridades e democratas, famoso por ser uma casa longe de casa para Winston Churchill.

Fiquei aqui algumas noites enquanto procurava uma casa para comprar e nunca esqueci a discrição e atenção do pessoal junto a elegância suave e luxo.

Atravessar o lobby do hotel deve invocar sensações de relaxamento e prazer em passar o tempo num novo lugar e ser recebida na classe máxima. No entanto, minhas costas permanecem tensas e eretas, as mãos doendo de tanto aperta-las.

Desde que Pim me encontrou e agradeceu pela casa de origami, estou na borda. Não discutimos o que acontecerá esta noite e quando Selix apareceu no armazém com o carro, ela não fez qualquer pergunta.

Ela não exige saber se voltaremos ao Phantom. Ela não demora nem hesita como se tivesse dúvidas.

Ela simplesmente entra e fica em silêncio, transformando-se na silenciosa ratinha que resgatei e não a pequena valente que quero foder.

Quase a prefiro assim. Isso me dá um indulto e permite aos instintos protetores livra-la de todas as ameaças externas e de mim.

Meu estômago rosna com fome e estresse. Ficamos no armazém mais tempo do que pretendia, principalmente porque as alterações para transformar o iate de Alrik no de Pim incluem uma profunda mudança de um navio de guerra para um cruzeiro.

Pim se distrai sentando e vendo, usando as pontas dos dedos para desenhar padrões na serragem das muitas mesas de trabalho e estudar homens e mulheres de todas as idades transformando madeira e metal em algo vivo.

A intensidade que ela me dá é inegavelmente erótica.

Olho-a pelo canto do olho. Selix fica atrás de nós quando Pim caminha ao meu lado. A cabeça inclinada para ver o crepúsculo brilhando através da claraboia acima. Sua boca se abre em admiração pelo arranjo florido de uma história contada no centro do tapete extravagante costurado à mão.



Ela bebe da beleza como se nunca tivesse visto tais coisas. Ela se aquece com a cor e decadência de uma maneira que me faz dar uma segunda olhada e apreciá-lo mais. Não mentirei e direi que não gosto dela destemida. Faz-me inchar com orgulho, como se fosse o único a esculpir e cortar cada obra-prima, pedra e arco de mármore.

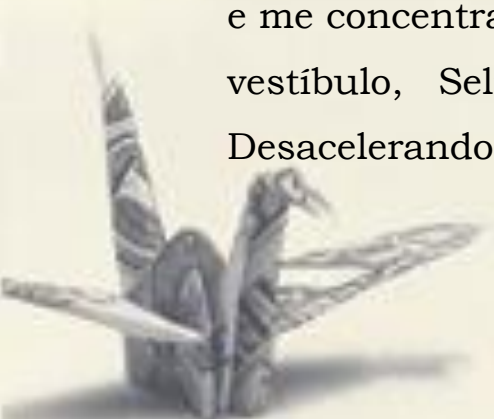
Meu estômago ronca novamente enquanto meu pau lateja com um tipo diferente de fome. Todo o dia, me distraí com pensamentos de Pim sozinha num quarto de hotel. De levá-la contra a porta ou no chão, porque serei incapaz de esperar até chagarmos a cama.

Se ela fosse qualquer outra mulher, teria realizado essas fantasias. Teria ficado com fome pelo resto da noite se isso significasse uma maratona de paixão e orgasmos.

Mas Pim é única e estou atraído por ela *porque* ela é única. Sua força e determinação de até mesmo contemplar uma noite sozinha me deixam em paz.

Não destruirei sua confiança ou aceitação do desejo a usando para minha própria satisfação. Ciente deste fato, darei um passo adiante para garantir que esta noite seja tudo sobre ela, não eu. Que ela esteja segura de minhas necessidades.

Se puder lidar com isso, manterei meu pau nas calças e me concentrarei apenas nela. Enquanto cruzamos o enorme vestíbulo, Selix avança para processar nosso check-in. Desacelerando, toco o cotovelo de Pim, guiando-a em direção



a um grande pilar de mármore para ficar longe dos hóspedes, malas e funcionários.

“Você gosta?” Pergunto, seguindo seu olhar enquanto ela encara furiosa um piano e um homem idoso tocando 'Hungarian Rhapsody’. Sua espinha ereta enquanto a peça clássica se espalha como perfume pelo vestíbulo, infiltrando cada canto e sombra. O medo comum sempre que ouve música brilha em seus olhos. Ela engole e visivelmente se sacode pela melodia.

“Sim, é lindo.” Ela sorri distraída, incapaz de afastar os olhos longe dos dedos do homem voando sobre as teclas pretas e marfim.

Odeio vê-la tão rasgada. Adoro tudo a ver com a música e me chateia não poder compartilhar isso. Não quero que essa noite seja roubada graças ao seu condicionamento em relação às canções clássicas.

Tentei quebrar essas correntes com meu violoncelo. Obviamente, preciso forçá-la a tocar mais vezes. Sentá-la entre minhas pernas enquanto meus dedos mantem os dela presos nas cordas. Segurá-la perto enquanto beijo a parte de trás de seu pescoço e arrasto o arco para criar sons maravilhosos.

Encontrarei um instrumento com o qual ela se conecte e a farei brincar e tocar até ser a dona e ninguém mais.

“São só notas e ritmos, Pim,” murmuro enquanto lágrimas brilham em seu olhar conforme a melodia alcança

sua máxima. Aproximando-me, meu ombro a toca. “Não vou deixar que isso te machuque.”

Seus olhos encontram os meus. Ela me dá um sorriso tenso, cada vez mais firme quanto mais a olho. “Eu sei. Não está não tão ruim quanto antes, mas leva tempo.”

Atualmente, ela já não exige sua liberdade. No tempo que teremos começarei minha ida ao inferno.

Uma noite pode tão facilmente se transformar em duas, depois três, depois cinquenta. Ela nunca estará livre de mim.

Corra, Pim ... enquanto tem a chance.

Selix volta, segurando uma chave. “Suíte Diamond Charles Garnier. Dois quartos. Quase tão boa quanto a Suíte Diamond Winston Churchill, mas essa não está disponível devido a reformas.”

Levanto uma sobrancelha para a observação de dois quartos. Tanto quanto estou preocupado, um é todo o necessário. Pim entrou neste hotel sabendo muito bem o que tentaremos esta noite. Ela ficou ao meu lado voluntariamente, em vez de gritar por ajuda. Ela não pediu nem implorou ao porteiro pela polícia.

No entanto, se ela decidir que não quer que isso aconteça, então é sensato ter dois quartos.

Um lugar para correr e bater uma porta em meu rosto.

Um lugar em que posso destruir a porra da mobília pela frustração.

“Obrigado, Selix.” Pego a chave rapidamente. “Vou ligar se precisarmos.”

Selix franze o cenho. “Não quer que te acompanhe no jantar ... só no caso?”

Balanço a cabeça. “Não essa noite. Só nós.”

Um medo fugaz do *Chinmoku* se vingar, vem e vai. Então, novamente, foram anos desde que nos encontramos. Esta noite não será sobre eles.

É nossa.

Pim olha para trás e para frente entre nós, seus pensamentos secretos. Daria tudo para saber o que ela pensa. O quanto quer isso. O quanto está apavorada.

“Pronta?” Estendendo a mão, dou-lhe mais uma oportunidade de aceitar ou negar.

Não sei qual quero que ela escolha.

Ela balança para trás, ainda esperando uma bofetada ou pior, mas com a mesma rapidez, ela sorri, olha em meus olhos e bravamente coloca sua mão na minha. “Pronta.”

Meu coração salta. Então afunda como um navio pirata.

Acenando com a cabeça para Selix, a levo até os elevadores. Não falamos uma palavra quando as portas abrem, nós entramos, em seguida, ela fecha, subindo-nos para o quarto. O calor de seu corpo, a proximidade, o conhecimento do que estamos prestes a fazer faz com que a

adrenalina bombeie através das minhas veias em vez de sangue.

As portas abrem silenciosamente, deixando-nos no nosso andar. Levo-a até o corredor inspirado na Riviera Francesa e coloco a chave na porta pintada de branco.

Abro, fazendo uma reverência para ela entrar primeiro.

Com um aceno de cabeça respeitoso, ela se move para a frente, um pequeno suspiro saindo de seus lábios enquanto tranco o quarto.

"Oh, uau. Isso ... é impressionante."

Tenho que admitir, é bonito.

O quarto principal é azul com uma cama com dossel e pesados babados. As janelas são duplas, mostrando-nos o porto congestionado, flash de turistas, palmeiras, fontes, ferraris vermelhas e Porsches amarelos canários.

A sala de estar nos faz voltar no século com cadeiras barrocas francesas e uma espreguiçadeira na janela perto da grande mesa branca de café. Tudo é creme, azul ou cinza profundamente rico, manipulando meu humor para relaxar.

Pim vai até o quarto principal, ignorando o segundo, assim como a suíte agradável. Ela senta hesitante no alto colchão, pulando um pouco para sentar. Suas pernas balançam enquanto os dedos torcem os lençóis.

Olhamos um para o outro.



Não estamos prontos para falar, nos mover ou quebrar qualquer feitiço. Eu não aguento. Tudo que posso pensar são em suas mãos no meu pênis e os lábios contra os meus.

Precisando de uma distração da súbita e esmagadora necessidade de tocá-la, sigo em direção ao guarda-roupa e abro. Como esperado, encontro minha mala preta ao lado do pacote vermelho. Pegando ambos, vou em direção a ela ainda sentada na cama e coloco o pacote vermelho ao lado da garota que quero mais do que qualquer coisa.

“Para você.”

Seus olhos se arregalam quando me afasto e corro uma mão pelo cabelo. “Use isso. Não por mim, mas por você. É hora de lembrar quão poderosa pode ser uma roupa.”

“O que quer dizer?”

Olho a caixa vermelha, já me censurando por quanto mais duro isso me tornará. “Quero dizer que o guarda-roupa certo pode apagar várias falhas e preocupações. O guarda-roupa certo pode deixar seu inimigo de joelhos.”

Seus olhos estreitam, tentando decifrar o que disse.

Afastando o olhar, saio do quarto antes que ela possa abrir a caixa e me fazer perder o resto do autocontrole.

Desapareço no banheiro para tomar banho.

Para me preparar para a melhor e mais provavelmente pior noite da minha vida.





Laços.

Ligas.

Sexo, sensualidade e pecado.

A caixa está cheia de lingeries, toda coberta em papel rosa e vermelho. Para a maioria das mulheres, seria o prelúdio de uma das noites mais românticas de sua vida. Para mim, representa escravidão, desconforto e o lembrete que sou macia onde ele é duro. Sou utilizável enquanto ele é o mestre que pode fazer o que quer.

Seu corpo estará dentro do meu**.**

Há algo mais estranho do que um corpo penetrando outro? Estou pensando demais? Posso ser capaz de pensar sobre sexo como emoção e sensação, em vez de reivindicação brutal?

Puxando um sutiã do ninho de serpente da feminilidade, olho as rosas na taça. As calcinhas correspondentes são tão bonitas, tão inocentes. Jogando-as

na cama, pego outra combinação. Está é preta com tiras de veludo e renda na roupa interior. Incontáveis conjuntos brancos, azuis e creme.

O tempo passa enquanto minha pele arde ao pensar em usar estas coisas apertadas.

Minhas orelhas se atentam ao som de um chuveiro que libera respingos de água. Instantaneamente minha imaginação toma conta. A imagem de Elder nu e molhado com a cabeça jogada para trás e líquido escorrendo pelo cabelo preto e espesso. Bolhas de sabão descendo pelo corpo, fazendo o melhor para lavar a dor de dentro dele, mas falhando**.**

Minha barriga aperta mais uma vez, me surpreendendo e confundindo. Nunca senti essas coisas antes.

Nunca pensei em outro e tive uma reação física. Nunca sonhei em beijar voluntariamente ou com a ideia de mais.

Elder verdadeiramente me corrompeu, assim como disse que eu o corrompi.

Fazendo meu melhor para me concentrar na lingerie e não desviar os pensamentos para Elder cobrindo sua tatuagem de dragão com sabão, as mãos deslizando sobre a pele, o corpo tensionando e ... tremo, um pouco tonta.

Pare com isso. Ele é apenas humano. Apenas um homem.

Mas essa é a coisa.

Elder não é apenas um homem. Ele é mais do que humano. Ele transcende a fantasia. Ele é uma besta trancada num castelo. Ele é o herói lutando contra demônios internos. Ele é mais do que apenas mortal porque já fez muito mais do que qualquer outro príncipe de um mentiroso livro de histórias.

Ele me salvou.

Ele me acordou.

Ele me beijou despertando como a Bela Adormecida e tirou a maçã envenenada da minha alma como Branca de Neve.

Ele é o meu feliz para sempre.

Só tenho que ser corajosa o suficiente, forte o suficiente e destemida o suficiente para reivindicá-lo.

Prepara-se, Pim. Pare com esses pensamentos fantásticos.

Esta foi apenas uma data. Só sexo. Nada mais.

Buscando na caixa vermelha, empurro de lado a última peça restante e tiro um vestido preto.

Simples com a bainha de cetim, mas curto com franjas e cordas de pérolas negras sobre o corpete.

Então ele me comprou uma lingerie, mas garantiu que o vestido rodasse em torno do meu corpo sem claustrofobia.

Ele disse que a lingerie é para você.



Eu não acredito.

É para ele.

Ele quer me ver vestida como uma mulher normal que está prestes a seduzir. Ele quer esquecer meu passado para que possa evitar a culpa e a vergonha que testemunho em seus olhos toda vez que nos beijamos.

Não quero isso.

Quero que isso seja novo, mas também que seja nós. Não fingindo ser outras pessoas.

A porta do banheiro abre, soprando nuvens de vapor no quarto quando Elder sai com uma toalha branca enrolada em torno da cintura.

Congelo com as mãos no sutiã preto enquanto meu coração esquece de bater e morre.

Gotas dançam sobre os músculos do seu peito, o dragão negro com tinta, as escamas e garras de alguma forma inteiramente reais. A ilusão de suas costelas nunca deixa de fazer eu me encolher de preocupação enquanto o cabelo de seu peito desaparece na toalha, fazendo minha boca secar de desejo ao invés de horror.

Suspiro.

Não tenho escolha.

Preciso aliviar a tensão sexual dentro de mim.

Preciso saber de uma vez por todas se posso fazer isso.



Se eu posso ser *normal*.





Eu ando.

Não estou orgulhoso disso. Fico viciado no suave barulho dos meus sapatos no rico tapete azul.

São nove passos.

Viro de volta.

Mesmos nove passos.

Repito.

Normalmente, quando sofro os sinais nervosos de uma queda livre na compulsão e repetição, vou para o meu violoncelo. Esqueço do mundo, expulsando da minha mente cansada e permitindo que a música pense por mim. Derramo tudo o que estou sentindo na melodia até estar vazio de mim e cheio de notas puras que não preciso contar ou catalogar. Eu me dou a única droga que tem qualquer poder de me manter são.

Mas não consigo fazer isso.

Então tenho que acelerar. E ando. Tenho que andar em passos de nove ou minhas faculdades defeituosas destruirão esta noite antes de termos deixado a maldita suíte.

Tenho que ficar bem. Pim ficará pronta a qualquer momento. A porta do banheiro abre.

Merda.

Prendo a espiração quando o vapor me impede de ver a garota que obsessivamente não consigo parar de pensar. Quando a névoa dá lugar à clareza, a figura nebulosa coberta de preto me agarra pelo coração e me deixa em silêncio. Meus pensamentos ficam quietos. Minhas necessidades param.

Paro quando ela se transforma de uma invenção para realidade, entrando na suíte com uma elegância hesitante.

As palavras me abandonam.

Palavras como *wow*, *puta merda* e *que porra estou fazendo?* Tudo o que posso fazer é olhar. Olho o quão impressionante o vestido preto a envolve com pérolas e franjas. Como o vislumbre de cintas de veludo nos ombros insinua um sutiã. Como os músculos da panturrilha se apertam, dando uma definição às pernas de bailarina, inclinando-a nos saltos.

Pim sempre foi linda, mesmo coberta de hematomas e em cativeiro. Agora, ela parece uma maldita deusa. Uma sereia colocando em mim seu feitiço.



Seus olhos encontram os meus, um sorriso tímido aparecendo no rosto. As bochechas brilham quando ela me olha de cima abaixo. Ela usou a maquiagem fornecida pelo hotel para escurecer os cílios e pintar os lábios perfeitos. Seu cabelo pende como seda sobre os ombros.

Não tenho chance.

Ficamos com o quarto entre nós, ainda não preparados para quebrar o estudo erótico um do outro. Não fui um santo no passado, mas olhando Pim ... nenhuma outra mulher existiu.

Ela é a *única*. Ela é a única criatura com esse título. Parece que nunca vi uma mulher antes. Que ela é tudo sobre sexo e a conexão fala com sua força, esperança e confiança.

Ela é uma menina, bruxa e esposa...

Porra.

Balanço a cabeça, dissipando pensamentos delirantes. Não toquei meu violoncelo. Não estou pensando em linha reta.

Não me responsabilizo por meus pensamentos. Nenhum.

Pim é apenas uma escrava que roubei.

Só isso.

Mas, quando seus olhos verdes me provocam olhando o terno preto e parando na gravata em volta do pescoço, fico quente. Quando ela lambe os lábios olhando a camisa cinza que escolhi em vez da branca, eu fico duro.

Ela me confunde, me deixando querer protegê-la, enquanto a crescente urgência de molestá-la me faz entrar numa guerra interna.

O fato dela usar a lingerie negra sob seu vestido me deixou louco. Preto é minha cor favorita. Ela acaba de fazer esta noite fodidamente dez vezes melhor.

"Você está linda." Limpo a garganta pesada e necessitada.

"Você está bonito." Ela abaixa o olhar, juntando os dedos como se tivesse com medo de eu repreendê-la pelo elogio.

Não posso deixá-la ter medo.

Nunca quero que ela tenha medo novamente.

Andando para frente, hesito quando minha mão dispara, almejando sua bochecha.

Não faça isso.

Não se deixe sentir.

Meu braço paira.

Penso em me afastar, mas seu rosto se inclina, os olhos se alargando em questão quando não a toco. A maneira inocente que me encara, o olhar flutuando da minha boca até os olhos e de volta, ameaça o resto do meu autocontrole.

Lentamente, sempre devagar, fecho a distância entre nós e suavemente seguro seu rosto. Meus dedos tremem por

ser suave quando quero ser cruel. Quero grunhir para ela me deixar em paz. Dizer-lhe para correr.

As palavras caem do meu coração para a boca em vez de serem analisadas pelo cérebro. Não tenho como detê-las. Sem censura para evitar a verdade profunda e sombria. “Eu nunca quis ninguém tanto quanto te quero.”

Pim perde a respiração. A parte superior de seus seios fica visível graças a lingerie.

A sentença poderia ser superficial. Diz que alguém sofre de luxúria e nada mais. Significa libertação física e egoísta.

Mas ela já sabe que quero mais com ela do que isso. Quero sua mente, sua história. Quero estudar seu passado sob um microscópio e fazer testes sobre todas as suas coisas.

E agora, graças à minha falta de força de vontade e sua crescente coragem, preciso arrancar cada centímetro dela e separar cada personalidade. Preciso entender seu poder sobre mim.

Mas acima de tudo, eu *a* quero.

Cristo, eu a quero.

Arrepios tomam meus braços enquanto escovo o polegar sobre seus lábios. Minha mão continua a tremer e a mancha do batom rosa pálido fica em minha impressão digital.

Sua respiração na minha mão aperta meu intestino.



Ela balança para mim. Seus olhos se enchendo com a mesma coisa que me infecta.

Desejo.

Profundo, verdadeiro e implacável desejo.

Deixando cair a mão, dou um passo para trás, amaldiçoando a rigidez dos meus músculos e costas.

Querendo que ela passe do meu pênis para o coração até os ossos. Ela me dá um reumatismo de luxúria e odeio que fui tão longe e encontrei analogias tão ridículas.

Limpo a garganta arranhando, pronta para ordená-la a ir para cama.

Precisamos nos afastar. Preciso de alguma distância.

Preciso me controlar.

Alisando meu terno, fingindo que é o tecido que acaricio e não minha pele aquecida e ossos doloridos, digo: “Precisamos ir.”

Ela pisca com desejo, acordando mais uma vez. “Estamos... Estamos atrasados?”

“Atrasados?”

Ela morde o lábio, preocupada com isso. “Para a reserva?”

Claro, ela pensaria isto. Qualquer um pensaria se tivesse que sair com urgência.



Não tenho reserva, nenhuma agenda. Esta noite está aberta a todas e quaisquer experiências. É por isso que tenho que sair desta sala. Imediatamente.

Sorrio um pouco, já lamentando todos os eventos que levaram até agora e todos os próximos. “Não, não estamos atrasados.”

“Então por que?”

Viro para encarar a porta, curvando-me um pouco com o braço esticado para ela se juntar a mim. “Porque se não formos neste instante, nós nunca sairemos.”

“Oh?” Ela se aproxima. Quadris balançando. Cabelo brilhando. Olhos confiantes. “Por quê?”

Cristo, ela não pode deixar isso para trás. “Porque não posso ficar sozinho com você agora.”

Preciso de espaços públicos e olhares julgadores.

Preciso lembrar que eu sou eu e você é você e tudo o que estamos tentando criar nunca vai funcionar.

“Oh...” Essa pequena palavra pode ser lida de muitas maneiras.

“Sim, oh.” Reviro os olhos e caminho para a porta. Ela se move ao meu lado com um sorriso suave nos lábios. “Eu entendo.”

Nossos olhos se encontram.

Luxúria acende.



E sei que ela entende.

Perfeitamente.

* * * * *

"Uma mesa estará pronta em dez minutos, Sr. Prest," diz o maître de meia idade. "Posso oferecer uma bebida no bar enquanto esperam?"

Quero dizer não, que o álcool não tem lugar nas atividades da noite, mas preciso fazer algo com minhas mãos para impedir que Pim se aproxime. Talvez, por uma vez, o álcool me acalme ao invés de irritar ainda mais.

Eu assinto. "Ok."

"Ótimo. Por aqui." O maître nos guia pelo restaurante ricamente decorado até um bar íntimo. Escolhi o restaurante exclusivo do Hotel Paris, em parte porque preciso estar perto do nosso quarto caso perca a sanidade e em parte para garantir que Selix não tenha um aneurisma por ter que enviar proteção.

Pim está testando meu autocontrole. No elevador, fiquei contra a parede de vidro e fingi usar uma camisa de força para evitar alcançá-la. Na curta caminhada pelo lobby, resisti ao desejo de morder os nódulos das mãos toda vez que olhei sua bunda perfeita.



Se ela romper minha restrição restante, então, pelo menos, terei um espaço para desaparecer antes que o mundo se rompa.

Cometo o erro de olhar os quadris de Pim novamente enquanto ela se move na minha frente, sentando sedutoramente num banquinho de veludo. Estou tão acostumada a vê-la com os pés descalços ou em sandálias planas. Não levei em consideração quão excitante ela ficaria de saltos. Como seu passo natural passaria da tentação para um puro vício do caralho.

"O que posso pegar para você?" Pergunta o barman, o cabelo raspado dos lados e mais comprido no topo. Seu uniforme combina com o resto dos hoteleiros com o elegante colete de marinheiros e bordados azul escuro.

As cores me lembram do oceano e o quanto sinto falta de estar nele. Se estivesse no Phantom, tiraria meu terno e mergulharia nas ondas frescas. Não voltaria a superfície até sufocar cada peça que não tivesse força de vontade quando voltar a Pim.

Estico os dentes contra o desejo de contar os pontos na lapela ou afastar uma tigela extra de castanhas, porque os números são pares e estranhos. Espero minha vez de pedir.

No entanto, ela olha para mim em vez disso. O grande peso do silêncio se instala sobre ela. Seus olhos estreitos com desculpas e preocupação, sugerindo que apesar dela conversar comigo, não está pronta para isso, não está pronta

para bartenders ansiosos, escapadas em hotéis cinco estrelas e encontros sexuais.

Ela é forte. No entanto, esqueço o quão terrível foi sua vida, o quanto teve que superar apenas para sentar aqui comigo e aguentar um Martini.

Aceitando que ela não precisa falar com estranhos e entendendo sua muleta porque tenho a minha própria, peço por ela. “Ela terá um Tequila Sunrise[6].”

Seus lábios se separam.

Não sei se em aprovação ou negação, mas acrescento: “Faça dois.”

“De imediato, senhor.” O barman vira para montar nossas bebidas enquanto os olhos de Pim estão presos nos meus.

“O que?”

Ela dá de ombros, tira um guardanapo da barra e puxa as bordas. “Nada.”

“Não é nada.”

“Eu só...”

Estendo a mão, alcançando as suas sobre os guardanapos. “Só o quê?” Sua pele queima debaixo da minha, elétrica e intoxicante. Tocar nela me faz querer tocar mais e mais e mais. Quero acariciar, lamber e adorar cada

[6] Coquetel feito à base de tequila, suco de laranja e xarope de grenadine.

centímetro. A coceira, a necessidade esmagadora crepita no meu sangue, implorando-me para deixar ir e simplesmente ceder.

Para esquecer essa farsa de jantar e voltar para onde olhos curiosos não julgariam. Para dar a Pim advertências sobre o quão perto estou de ceder e me sentir culpado quando ela finalmente quebrar.

Mas não faço.

Não farei.

Deixando-a ir, aceno com a cabeça agradecendo os dois copos de suco de laranja, tequila e grenadine colocados na nossa frente. “Pode usar o silêncio com os outros, Pim, mas não comigo.”

Ela toma um gole da bebida, estremecendo com o sabor potente do álcool, evitando minha pergunta. Dando-lhe alguns instantes, bebo o meu. A acidez dos cítricos não ajuda meu humor.

Um sussurro suave vem do meu lado. “Você não bebe.”

Eu me acalmo, colocando o copo de volta no bar e viro para encará-la. “Como sabe que não bebo?”

Ela me olha com timidez. “Na casa de Alrik... você recusou as bebidas que ele ofereceu.”

Ela notou isso? Hã. *O que mais notou*? “Isso é porque me recuso a suportar simpatias sociais com um idiota.”

Seus ombros ficam tensos, a mente indo onde não quero que vá.

Tocando a delicada pele de seu pulso, eu murmuro: “Um *idiota* morto. Ele não pode mais machucá-la.”

Ela me dá um sorriso tenso, mudando de assunto. “Você não bebe no Phantom.”

“Porque tenho uma alternativa melhor.”

“Maconha?”

“Isso e outras coisas.”

“Seu violoncelo.”

“Sim.”

Seus olhos iluminam, estreitando com inteligência. “Você disse na primeira noite que tem muitas leis que governam sua vida.” Ela senta mais reta como se estivesse pensando para me perguntar isso. “Quais são?”

Suspiro, tomando outro gole.

A dose não cai bem, mas tomo outro gole de qualquer maneira.

É minha culpa. Respondi suas perguntas anteriores, o que lhe deu a ilusão de que responderei mais. Falei sobre minha família. Ela testemunhou o quanto minha própria mãe me odeia. Ela já conhece inúmeras coisas sobre mim. Muito mais do que sei sobre ela.

Nossa compreensão um do outro é desequilibrada.

Não vai continuar.

Afastando minha bebida, cruzo meus braços. “Não mais.”

“Não mais?” Ela inclina a cabeça. “Não mais o que?”

“Respostas.”

“Mas...”

“Não mais até responder algumas das minhas perguntas.”

Ela olha para mim, preocupação em suas características. “Respostas para o quê?”

“Para tudo.”

Tenho uma enciclopédia de coisas que quero saber; perguntas que estou desesperado para fazer. Mas primeiro, ela tem que entender isso, só porque escolhi ser um cavalheiro e não impor nosso acordo prévio, ela ainda precisa me pagar de outras maneiras, não apenas com segredos.

O barman deixa seu posto para conversar com uma mulher idosa junto à janela. Atrás do balcão em prateleiras regimentadas e expositores azuis iluminados onde estão colheres de metal preto, guardanapos dobrados e coqueteleiras com o emblema do hotel.

São propriedades do hotel, mas sem valor real. Coisas que os hóspedes usam e seguram sem pensar.

Vamos ver o que Pim faz...



Eu sorrio. “Antes de conversarmos, você fará algo por mim.”

“Eu vou?”

“Vai.” Apontando para o visor com o queixo, eu digo: “Roube-me uma colher.”

Suas sobrancelhas levantam, destacando quão impecável é sua pele, como ela não precisa de maquiagem para fazer os olhos verdes aparecerem ou horas com um cabeleireiro para garantir que os fios me tentem constantemente. “Desculpe?”

“Lembra do nosso acordo? Que roubaria coisas para mim?”

“Lembro de você dizer essas coisas. Mas não me lembro de concordar com elas.”

Eu sorrio. “Oh, concordou com elas me satisfazendo. Além disso, acho que o silêncio impediu seus olhos de me responderem? Você está esquecendo que posso te ler Pim, assim como acho que você faz comigo.”

Ela franze os lábios, sem confirmar nem negar minha crença de que ela é uma mestra na compreensão da linguagem corporal.

“Além disso, já roubou coisas em meu nome. Isso te faz uma ladra.” Inclino-me mais perto, mantendo a conversa estritamente entre nós e não audível pela nobreza coberta de diamantes à nossa volta. “E um ladrão precisa praticar.”



O cheiro de sua pele chega a meu nariz e envolve diretamente meu pau. Seguro um gemido quando ela se aproxima, o pescoço se alongando numa curva de cisne, implorando-me para morder.

"Tenho aquela nota de cem dólares que transformou numa casa. Posso te dar isso?" Sua voz vacila, com desejo no tom. "Certamente, vale mais do que uma colher estúpida."

Meu coração acelera enquanto ela se aproxima.

Seu joelho contra o meu.

O calor do seu corpo contra o calor do meu.

Obrigo-me a ficar quieto, mesmo que minha visão esteja nebulosa e tudo o que posso me concentrar é ela. Seu cheiro. Sua voz. Sua tentação.

"Não quero dinheiro. Tenho muito."

Ela inala bruscamente, um ligeiro tremor surgindo em sua coluna vertebral. "O que quer então?"

Foda-se, é uma questão densa.

E sem resposta simples.

"Se lhe disser o que realmente quero, cairá desse lugar tão rápido que não poderei te pegar."

Ela afasta os olhos dos meus. Ela lambe os lábios e luto com cada instinto de beijá-la. Sei que ela terá gosto de tequila e suco de laranja. Sei que estará quente. Sei que me beijará de volta.



Cristo, isso é mais difícil do que pensei.

Endireitando-me, pego a bebida e termino em dois goles. “O que quero Pim, é que me roube uma colher.”

Ela estremece quando o calor entre nós explode graças à minha negação de tudo o que dançamos ao redor. “Uma colher?”

Esfrego a boca com a parte de trás da mão, curtindo este jogo porque me coloca no poder enquanto o tiro dela. “Sim. Especificamente, uma colher preta que está por trás da barra.”

“Mas tem inúmeras colheres no Phantom.”

“Essa não é a questão.”

“Qual o ponto?” Sua crescente beligerância me faz esconder um sorriso que ela se sente segura o suficiente para mostrar uma atitude irritada. E isso me deixa ainda mais duro.

Abaixo a voz para um sussurro. “Para fazer você me obedecer.”

Ela engole em seco, olhando-me por um longo tempo e com raiva.

O tempo para.

O hotel desaparece, brilhando com luxúria e rapidamente se esticando nos limites da etiqueta. Quem se importa com o jantar e a conversa quando apenas a ideia de



espalhá-la pelo bar, gritar a todos para sair e levá-la aqui mesmo quase me faz gozar?

Essa fantasia é muito boa, muito real.

Reorganizo meu pau duro rapidamente quando ela finalmente deixa cair os olhos e desliza do banquinho.

Sua tensão diz que não aprova. Sua sobrancelha inclinada diz que obedecerá ... mesmo a contragosto.

“Apenas uma?” Seu tom cheira a sarcasmo. “Tem certeza de que é suficiente?”

Deixo sua advertência grosseira sem repreensão. “Apenas uma.”

Ela não diz mais nada quanto bufa e se move perto do bar, observando o bartender que continua a falar com a cliente idosa.

Ela se move como o oceano que eu amo. Como um rio caindo sobre pedras, caxemira e veludo, nunca hesitando, nunca quebrando, viajando num lugar novo.

O fato dela ter feito o que pedi enquanto seu fogo nunca se extingue me arruína pra caralho.

Como ela foi mantida como posse por todos esses anos e nunca quebrada? Como pode ser tratada tão terrivelmente, mas nunca permitiu que isso a arruinasse? Ninguém mais vê o que vejo? A imperatriz em forma mortal? A guerreira mais corajosa de todas?

Foda-se, se ela muda, fala e me coloca no meu lugar tão rapidamente depois do cativeiro, como estará daqui a um mês? Um ano a partir de agora? Serei o único de joelhos implorando por qualquer atenção que ela quiser conceder.

Sem falar, Pim passa por vidros brilhantes e garrafas de licor caras para o objeto de seu roubo. Com dedos rápidos, pega uma colher preta de haste longa da cremalheira, e sem timidez ou medo, vira para mim.

As luzes projetadas para atrair os clientes a comprar Bourbon ou brandy de seus lugares ricamente decorados paira sobre seu rosto. Parecem estrelas caídas do céu e encontrando uma nova casa em sua pele.

Atrapalhando-me com seu olhar quente, ela sorri uma vez, em seguida, insere o utensílio no decote.

Eu engulo.

Minhas pernas tensionam.

O corpo endurece.

Meu coração acelera por um minuto.

Essa menina é muito perigosa.

Essa menina é o próprio inferno.

Rapidamente, mas com toda autoridade, ela caminha de volta para mim, apenas a tempo do maître anunciar que nossa mesa está pronta.



Pim

A colher há muito tempo mudou de metal frio para uma quente amiga.

Está aninhada entre meus seios como um emblema de quem Elder está me tornando.

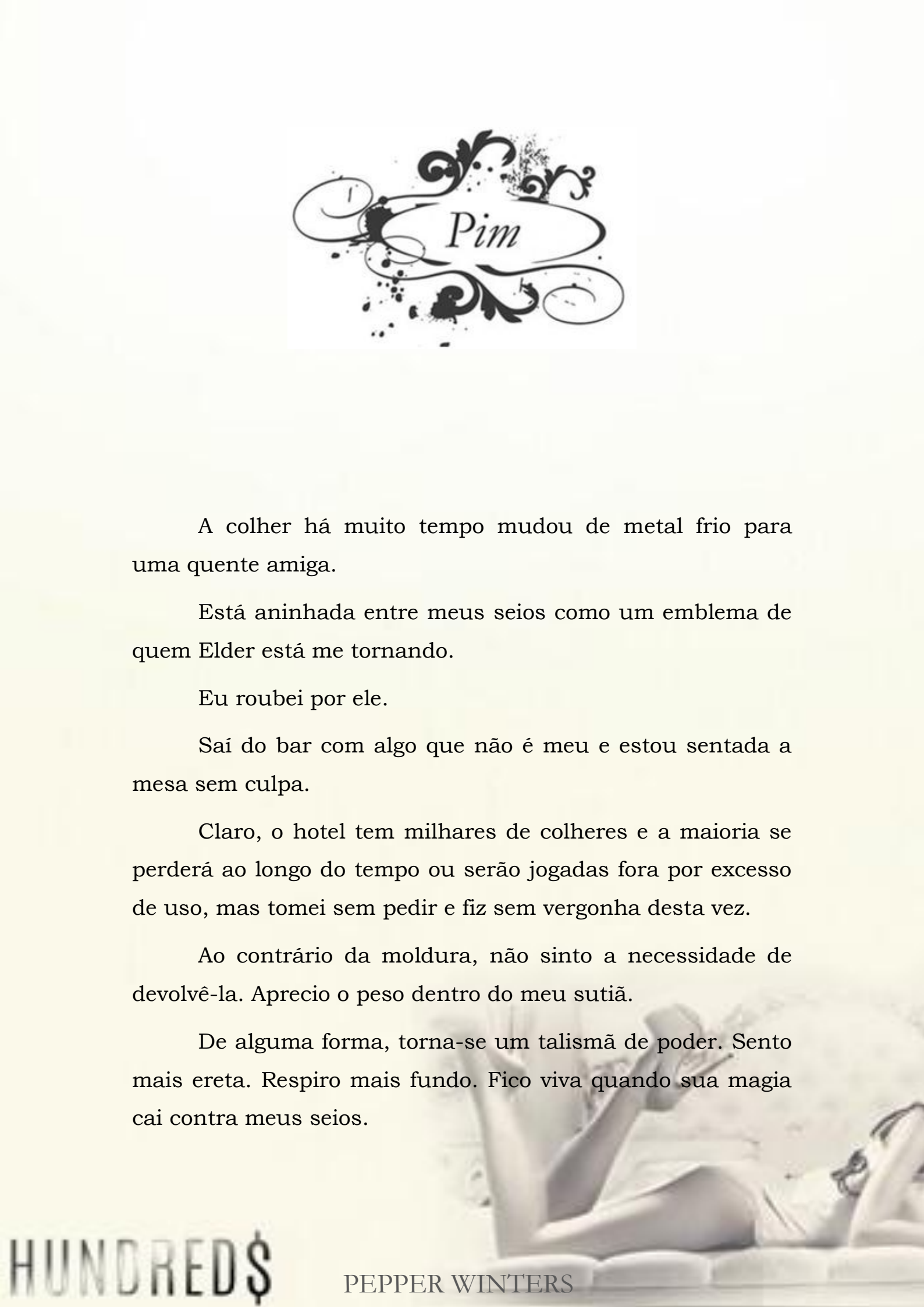
Eu roubei por ele.

Saí do bar com algo que não é meu e estou sentada a mesa sem culpa.

Claro, o hotel tem milhares de colheres e a maioria se perderá ao longo do tempo ou serão jogadas fora por excesso de uso, mas tomei sem pedir e fiz sem vergonha desta vez.

Ao contrário da moldura, não sinto a necessidade de devolvê-la. Aprecio o peso dentro do meu sutiã.

De alguma forma, torna-se um talismã de poder. Sento mais ereta. Respiro mais fundo. Fico viva quando sua magia cai contra meus seios.



Os seios que odiei quando fizeram com que homens me batessem.

Os seios que costumava desprezar porque me faziam mulher quando queria não ser uma. Queria ser nada, sem forma física, sem dor, sangue ou corpo para doer.

Mas agora ... sentada com a colher beijando minha pele e Elder explodindo com tudo que guarda, ganho acesso a outra parte minha.

Uma parte que finalmente está *grata* por ser mulher. Agradeço por não ter recebido a deliciosa calma da morte e ter sobrevivido. A vida é melhor. A vida é minha para roubar, manipular e decidir.

Quero me abraçar com o quão excitante o mundo parece de repente. Quantas oportunidades e experiências tenho para compensar. Quero roubar outra colher. E outra. E outra. Quero garfos, facas, vasos e figurinhas. Quero tomar e levar para recuperar o que me foi roubado.

Elder não fala enquanto sentamos de frente um para o outro numa mesa íntima e privada. Uma única vela pisca no pano da mesa. Uma rosa branca ao lado dela quase tão perfeita quanto os origamis de dólares que Elder aperfeiçoou.

O ar está pesado com tudo o que não falamos.

Ele sabe que algo tem acontecido comigo.

E sei que ele luta muito mais do que mostra.



Nós nos lemos, tendo conversas inteiras em nuances e cílios trêmulos, construindo nossas próprias decisões e teorias sem pedir a verdade do outro.

"Olá, serei seu garçom esta noite."

Fico surpresa quando um interlocutor indesejado arruína a atmosfera entre Elder e eu.

Elder tira os olhos dos meus, sorrindo bruscamente para o jovem, com um pano branco sobre o braço, bloco de notas e caneta nítidos.

O garçom inclina a cabeça. "Está pronto para fazer o pedido? O que trarei para vocês?"

Meus ouvidos vibram enquanto Elder pega o menu e faz o pedido. O timbre sedutor de sua voz capta minha atenção, mas as palavras não são registradas.

Não tenho ideia do que comeremos quando meus ouvidos param de trabalhar em favor de meus olhos gravarem cada pequena coisa sobre ele. A maneira como bebe a água depois que o garçom sai. O jeito que brinca com as abotoaduras de prata. O jeito que tenta parar de me olhar, mas em poucos segundos, os olhos encontram os meus novamente e não podem ir.

Tenho a mesma aflição.

Ele é gravidade.

Ele é a lua, eu o oceano e juntos não podemos desviar o olhar por um momento.



Ele não pediu a colher e não tentei dar a ele. É nosso pequeno segredo e provavelmente não é a única razão pela qual seu olhar percorre meu peito mais de uma vez, continuando a me deixar quente, fria e molhada, tudo ao mesmo tempo.

Nosso aperitivo chega.

Uma base de wonton crocante com ceviche de atum e creme de queijo.

Mais uma vez, não mantemos uma conversa à medida que Elder reúne meu prato e colocou dois dos delicados aperitivos na minha frente.

Usando os dedos, coloco um na boca. Meu apetite tem apenas um jeito de matar a fome e não é com comida. Mais uma vez, a terrível conversa interna me torce e faz acreditar que estou curada o suficiente para querer o que desesperadamente preciso.

Minhas papilas gustativas ficam vivas porque os sabores sutis me chamam, finalmente dando algo mais para me concentrar do que apenas Elder.

Ele mastiga lentamente. Os olhos fecham por um momento, desfrutando da comida leve, mas aromática.

Minha boca rega enquanto sua poderosa garganta ondula ao engolir. Meus dentes cerram quando suas mãos flexionam para pegar o guardanapo. Quando a cabeça vira para pesquisar o restaurante e outros clientes nesse oásis de



comidas, estudo a orelha perfeitamente definida, o formato de sua testa e a sombra da barba no rosto.

O ceviche[7] tem substâncias ilegais? Por que de repente estou tão consciente de cada pequena coisa sobre meu companheiro de jantar?

E por que não falamos?

Por que tenho medo de falar quando apenas alguns olhares revelam o que palavras nunca fariam? Nós doemos um pelo outro. Morremos um pelo outro.

Nunca fui uma garota que precisa de contato físico para se sentir amada. Minha mãe não é carinhosa e seria mais adequado nunca ser tocada após minha história miserável.

Mas a presença de Elder puxa-me.

Não gosto de estar do outro lado da mesa. Quero estar ao lado dele. Quero ser capaz de toca-lo.

Os panos de mesa e a comida ainda são uma novidade depois da tigela e das correntes de cão. Sou uma impostora neste mundo.

Preciso de Elder perto assim como ele esteve na primeira noite quando tentou me dar um centavo por meus

---

7 

pensamentos. A primeira reunião quando trouxe o fim do meu mundo.

Preciso que ele me proteja dos sussurros do passado, sibilando que não tenho permissão para comer num lugar como esse. Que não tenho licença para pensar que sou uma mulher e não um animal de estimação.

Ele foi quem me fez acreditar. Ele foi o único que me empurrou mais perto da confiança.

Nossa refeição principal chega.

Elder pediu o mesmo para ambos: purê de couve-flor com vieiras, decorados com coisas que não posso nomear e ervas que derretem em minha língua.

O silêncio é uma terceira entidade enquanto comemos, olhamos e comemos um pouco mais.

Meu estômago embrulha com comida e fantasia. Tensão nasce de perguntas...

O que acontecerá quando voltarmos ao nosso quarto?

O que faremos quando estivermos sozinhos?

Forço-me a comer todos os deliciosos bocados enquanto Elder me prende no lugar com um olhar severo e cenho franzido que nunca paro de sentir em seus lindos olhos de amêndoa.

É apenas quando terminamos a refeição e os pratos sujos são retirados, que ele senta de volta, limpa a boca com o guardanapo e troca o olhar estreito pela determinação.

A vibração pesada de desejo prestes a se realizar.

Estou grata de uma maneira estranha. Agradecida que a conexão que queima entre nós não nos devorará agora. Que temos tempo. Que não somos reféns do que nossos corpos exigem.

Imito-o com meu guardanapo, tomando um gole de água para reforçar a coragem.

Nunca tirando os olhos de mim, Elder alcança o bolso do blazer e tira dinheiro.

Pegando uma nota de cem dólares, ele a coloca sobre a mesa, empurrando-a para mim com dedos elegantes.

“Para você.”

Pego o dinheiro, perdida e ligeiramente reduzida. Ele me deu dinheiro antes, mas as notas sempre vieram como origamis. Não contei o quanto ele deu graças as criações, mais do que tive em anos, e continuarei a aceitar qualquer número de suas dobraduras porque não tenho intenção de destruí-las para gastar.

Elas foram presentes.

Isto é pagamento.

Pagamento pelo quê?

Nunca aceitarei dinheiro diretamente.

Sento-me na cadeira, os lábios juntos.



Ele se inclina para frente, entendendo minha sutil recusa. “Está pensando demais.” Tomando a nota, ele dobra o papel verde, o rosto franzido pela tensa aflição entre nós e tornando-se quase inocente.

Seus dedos apertam e dobram, magicamente transformando dinheiro plano num beija flor simples, o mesmo que me ensinaram na escola.

Empurrando para mim, ele murmura: “Agora, é um presente. Não um pagamento.”

Odeio que ele me entenda tanto. Que possa me ler tão bem. É uma invasão de privacidade. Um assalto a tudo o que tento manter escondido e secreto.

Faço uma pausa por um segundo antes de avançar e arrancar o passarinho da mesa. Só porque ele me lê corretamente não quer dizer que o punirei por isso. Adoro seu origami tanto quanto odeio sua música.

Empurrando-o na palma, assinto em aceitação. “Obrigada.”

“Ainda não me agradeça. É em troca de algo.”

“O quê?”

Ele esfrega a mandíbula. “Coisas que quero saber.”

Sento em silêncio, tentando dar sentido a isso.

Elder inclina-se para a frente, as mãos juntas, cotovelos descansando sobre a mesa. “Cada pergunta que eu fizer, você me dará uma resposta.”

Espero mais.

Quando ele não continua, pergunto: “Onde o dinheiro entra?”

“Disse que lhe daria um valor fixo. Um valor que teria que pagar para ganhar sua liberdade. Você recusou minha oferta de liberdade. Agora, deve fazer o que eu disser para tê-la.”

“E se eu não quiser?” Retruco, surpreendendo a nós dois com honestidade brutal. “Se eu não quiser retornar para casa numa cidade que não me sinto segura, para uma mãe que nunca gostou de mim e para amigos que não sabem mais quem sou? O que então?”

“Então você leva seu dinheiro e começa uma nova vida.”

Meu coração pende com o pensar de outra existência. Uma sem viagens e iates, e acima de tudo, ele. Não sou superficial. Não gosto de Elder pelo estilo de vida caro que ele pode me dar. Gosto de Elder pela *qualidade de vida* que ele pode me dar. O entendimento que oferece. O conhecimento que compartilha. Esses atributos não têm preço aos meus olhos.

Pegando o pássaro, sussurro: “Então ainda quer se livrar de mim?”

“Não é questão do que quero, Pim.” Ele resmunga. “É sobre o que é certo.”



Não respondo por um momento, tentando entender o que é certo e errado. Nossa conexão é errada? O que cresce entre nós é algo terrível e com necessidade de separação? Quem é puro o suficiente para julgar o certo e errado? Quem está lá para nos dizer que estamos quebrando as regras quando fazemos nosso próprio jogo e encontramos um terreno onde podemos sobreviver?

Olho para cima, estudando as sombras sob seus olhos e a tensão na mandíbula. Elder parece tão capaz de esquecer o que me contou. Convencionalmente ignoro sua necessidade de simplicidade, música e as maneiras pouco ortodoxas de manter suas tendências à distância.

"Você quer que eu saia."

Ele balança sua cabeça. "Não é verdade."

"Então nega que estou tornando sua vida mais complicada?"

Ele resmunga, soltando uma risada triste. "Nunca negarei isso quando é uma verdade tão dolorosa."

Mordo o lábio, odiando como o hélio substitui o oxigênio, fazendo meus pulmões doerem e prestes a explodir a qualquer momento. "Oh." Então sou a errada nesta equação. Elder é meu direito, mas sou seu errado. Enquanto ele me cura, eu o mato. Enquanto melhoro, ele piora.



Não podemos sobreviver juntos porque eu me alimento de sua caridade e proteção enquanto ele se afoga em minha incipiente sexualidade e esperança.

Suponho que é uma coisa boa sermos sinceros um com o outro. Saber agora que não importa o que aconteça hoje à noite, começamos isso sabendo que terá um final.

Você sabia, Pim!

Sempre soube que isso é temporário.

Só porque sei não significa que não sinta uma lâmina esfaqueando meu coração.

Acaricio o origami do dinheiro como se fosse vivo e comesse as migalhas do jantar, murmuro: “Quanto eu valho?”

Seu maxilar aperta. “Quanto acha que vale?”

Que pergunta horrível. Respondo muito baixo e ele ainda acreditará que não superei o passado. Respondo muito alto e ele pensará que estou acima de sua ajuda e me mandará embora. Que me valorizo mais do que o valorizo. “Não posso responder a isso.”

“Nesse caso, quanto acha que *eu* valho?” Seus olhos brilham negros, me atrevendo a adivinhar.

A pergunta me surpreende. “Quer dizer valor literal ou preço da alma figurativa?”

“São coisas separadas?”



“Definitivamente.” Coloco o beija-flor de cem dólares sobre a mesa, descansando no meio do meu guardanapo como se o linho branco fosse uma lagoa sobre a qual ele acaba de pousar. “Uma alma não tem preço e nunca poderá ter uma soma anexada. O valor líquido pode fazer diferença nesta vida, mas quando morremos, todos valemos o mesmo.”

“E o que é?” A voz de Elder é enganosamente baixa e provocativa.

“Valemos o peso do que deixamos para trás. As pessoas que tocamos. A vida que compartilhamos. O conhecimento que reunimos e negociamos. Fisicamente, vale a pena a poeira em que nossos cadáveres se transformam, mas espiritualmente, seremos para sempre ricos.”

Ele se recosta na cadeira, cruzando os braços. “Isso é muito bonito, Pim, mas não respondeu minha pergunta.” Ele lambe os lábios. “Escolha. Escolha um valor e me diga.”

Obrigo-me a olhar Elder.

Verdadeiramente.

Penso no passado exótico, a brutal criança, o homem que conheço e só vejo um homem de negócios áspero num restaurante elegante usando um terno imaculado.

“Você é rico.”

Ele assente. “*Quão* rico?”

“Milhões?”

“Continue.”

“Rico o suficiente para viajar pelo mundo no maior iate que já vi e negociar com homens como Alrik.”

Ele tensiona. “E acredita em minha mãe quando disse que roubei?” Seus ombros endireitam, a linguagem corporal desligando como se estivesse esperando a resposta sem nenhuma pista. Ele fez uma pergunta que não quer a resposta.

Pelo menos, ele não tem que se preocupar. Não acreditaria em ninguém sobre ele até que uma evidência prove o contrário. “Você é um gênio musical com um talento para aperfeiçoar tudo o que faz. O dinheiro teria chegado a você, independentemente se roubou ou não.”

“Você pensa muito de mim.” Ele ri, o rosto caindo em indiferença polida quando o garçom chega para servir um doce caramelo de sobremesa.

Não tocamos nele, absorvidos na conversa complicada.

Olhando o deleite açucarado, sussurro: “Você vai dizer? Como se tornou assim? Como criou este império?”

Pegando o garfo, Elder usa a sobremesa como tática de atraso. Levando uma mordida doce e pecaminosa a boca, ele mastiga lentamente. “Esse é um conto para outra hora, Pim.”

“Mas vai contar?”

Ele desvia o olhar. “Não essa noite.”

Imito-o e tomo uma mordida do caramelo.

Outra mordida e Elder pergunta: “Acha que mereço?”

Suas perguntas fazem meu cérebro doer e tenho medo de estar errada. Quando ele disse que queria fazer perguntas, esperava que fossem sobre mim, não ele. Preparei-me para ser evasiva e não comprometedora, não procurando além das barricadas e arrancar coisas que ele nunca quis ver.

Respondo a sua pergunta com outra. “Alguém merece mais do que pode gastar durante toda a vida?”

Ele sorri friamente. “Boa resposta.” Seus olhos nublam com coisas que não consigo entender. “A resposta certa é não, não mereço isso. Minha mãe está certa. Eu roubei. Nada disso é real.”

“Não acredito. Isso é real. Você é real. O que sinto por você é real.” Engasgo, rapidamente cobrindo a boca com meus lábios.

Ops.

Ele congela, preso como uma estátua na cadeira. Ele respira fundo, examinando meus olhos por uma eternidade. “Como pode ter certeza de algo quando não sabe nada sobre mim? Quando somente pelas coisas que conhece, sou um assassino, um criminoso, sem família ou plano de futuro?” Seu temperamento aparece no rosto, deslizando nos ombros e mãos. “Como pode me olhar do jeito que faz?”

“Que jeito?”



“Como faz agora mesmo. Como se confiasse em mim para mantê-la segura enquanto morro para não fodê-la nesta mesa.”

Sua admissão nos sela juntos.

O silêncio estoura.

Ignorando o doce, pego meu pássaro novamente, precisando desesperadamente me mexer pela intensidade que ele me causa. “Sei que sou ingênua para você, mas não posso mudar o que sinto. Faz anos desde que senti algo. Mesmo antes de ser levada, eu apenas existia em vez de viver.”

Calo-me novamente.

Ainda não compartilhei uma coisa sobre mim. Não sei se ao começar agora poderei parar.

Mas Elder não me deixa fechar a porta que acabei de abrir. “O que quer dizer?”

Olho o guardanapo na mesa. Escrever para Ninguém e dizer a um amigo imaginário como estava chateada com minha mãe é diferente de falar em voz alta. Escrever não parece uma traição. Não quero admitir até hoje que ainda a detesto por seu rigor e falta de amor. Que me preocupo com ela. Que a odeio. Amo. Sinto falta. Maldita seja.

A coceira familiar para pegar uma caneta e escrever me consome. Faz dias que escrevi para Ninguém. Como esqueci de compartilhar esta nova parte da minha vida em tinta e



papel? Só ... não estou certa do quanto dizer que Elder não saiba ainda.

Ele sabe.

Ele leu minhas anotações para Ninguém.

Todas e cada uma.

Olho para cima, uma raiva fraca aparecendo. “Você já conhece mais sobre o meu passado do que deixa aparecer. Leu meus pensamentos mais íntimos. Você os roubou.”

Sua testa franze quando a negação se encaixa em seus músculos apenas para revelar a verdade. “Eu fiz.”

“Então, por que a necessidade de me conhecer? Por que dizer que precisa “me dominar” para estar livre de mim quando já sabe mais sobre mim do que todos?”

Ele esfrega a mandíbula. “Talvez eu tenha lido suas anotações, Pim, mas nunca parou para pensar em para quem escreveu?”

“Eu escrevi para ninguém.”

“Exatamente.”

Faço uma careta. “Não entendo.”

Ele se recosta na cadeira. “Por que atribuí-los a ninguém? Por que esse destinatário específico?”

Dou de ombros. “Era o menos pretensioso. Caro Diário era muito jovem. Para a pessoa que eu gostaria de ver era um convite para ser espancada. Só ... pareceu certo.”



Elder ri baixinho, balançando a cabeça. “Simplesmente pareceu certo.”

Não entendo sua melancolia ou a direção de nossa conversa incomum.

Quero pedir-lhe para explicar, mas ele olha para cima, me fixando com os olhos negros. “Sabia que na minha cultura se um membro da família é renunciado, eles o chamam de Ninguém? Eles não têm casa, nem parentes, nenhum lugar para ir. Até eu te salvar, eu era ninguém. Você entende o quão louco é essa coincidência? Roubei suas notas e sinto como se estivesse me escrevendo esse tempo todo? Acreditei que estava me implorando para encontrá-la, mas me levou dois fodidos anos para te libertar?”

Ele passa uma mão pelos cabelos. “Não acredito em coincidências, Pim. Não vou deixar que o que li no papel torça minha necessidade de ouvir a verdade. Quero saber tudo. *Preciso* saber tudo. Você entende agora? Já sinto como se te conhecesse, mas *não conheço*. O que li não me satisfaz nem um pouco. Preciso ouvir de você.” Seus olhos queimam, trazendo um novo assunto tão rápido quanto veio para este. “Terminamos o jantar. Não temos mais nada para nos distrair do que sabemos que acontecerá uma vez que entrarmos na suíte.”

Respiro mais e mais rápido. “O que está dizendo?”

“Não sei se estou dizendo alguma coisa.” Suas feições são uma máscara torturada. “Pensei saber como esta noite

ocorreria, mas não tenho ideia. Se voltar comigo para o quarto, não serei responsável. Não vou me desculpar. Não tenho controle."

Paro de respirar completamente. Como devo reagir a isso? Descer a rua gritando? Depois de sua confiança? *O que?*

"Você precisa dizer," ele pede. "Diga que quis dizer o que falou antes."

"O que eu disse?"

"Que sente algo por mim. Que sabe que hoje à noite não é mais sobre você. É sobre mim. Sobre nós."

Ele fica de pé, estendendo a mão como um príncipe escuro pronto para me levar ao submundo, em vez do reino prometido. Eu o convidei a isso. Estamos nos aproximando desse precipício a semanas.

Não tenho ideia de como ele reagirá.

Não tenho ideia de como eu reagirei.

Podemos encontrar o mesmo terreno e o melhor prazer. Ou podemos nos arruinar numa chuva de dor.

Vale a pena?

Sou forte o suficiente para assumir essa aposta? Para trocar nossa amizade estranha por um terrível romance?

Não tenho resposta. Duvido que ache uma quando coloco a mão na dele e o sigo de volta ao quarto. Até que desisto e deixo o que está prestes a acontecer ... acontecer.



Então é exatamente o que faço.



ELDER

O Hotel Paris pareceu voyeurístico enquanto silenciosamente vamos da sala de jantar, para o elevador e então até a suíte. Comemos um jantar que eu não queria, cercado por pessoas que não gosto, de paredes sem vida, com uma mobília cega, surda e estúpida.

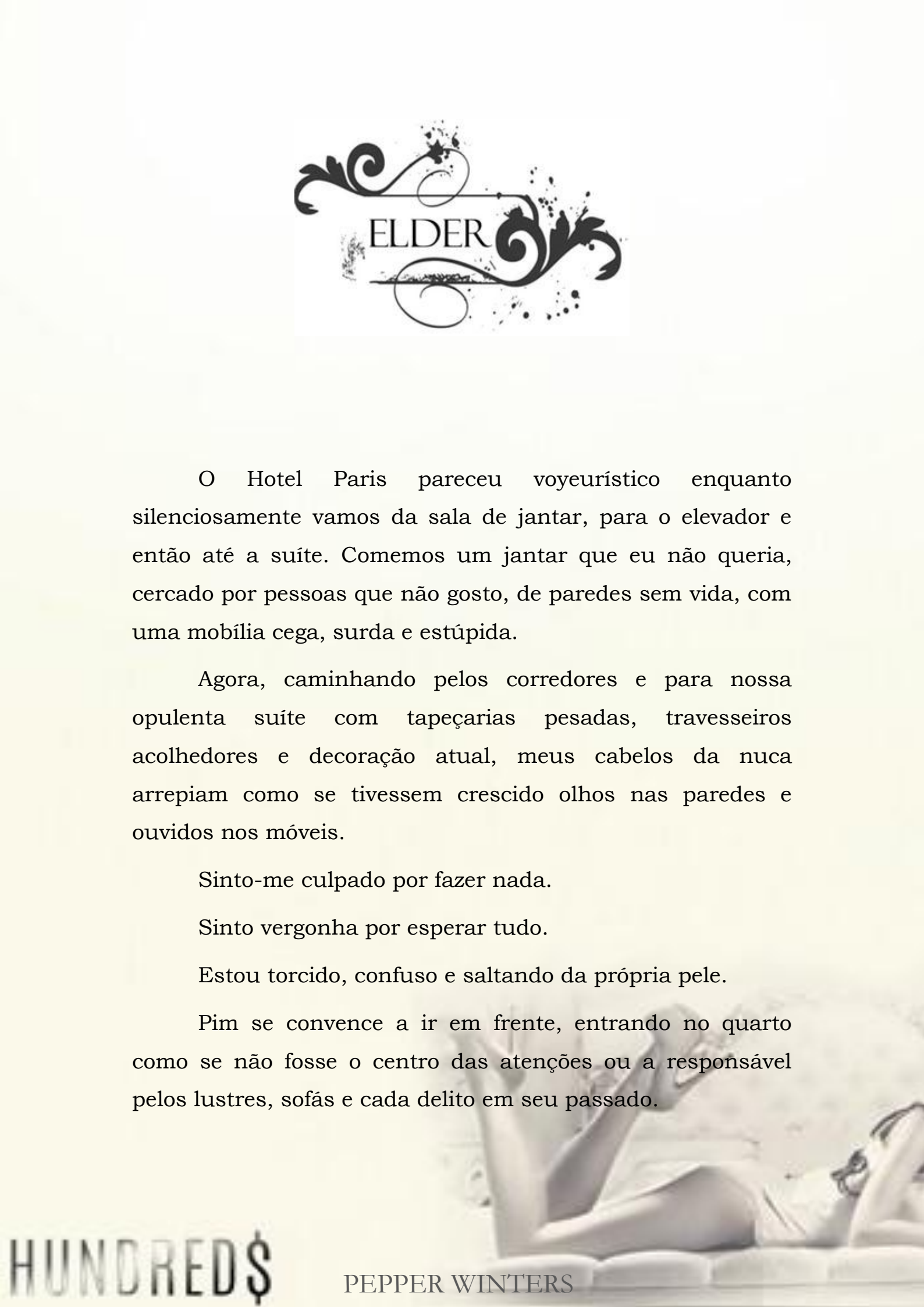
Agora, caminhando pelos corredores e para nossa opulenta suíte com tapeçarias pesadas, travesseiros acolhedores e decoração atual, meus cabelos da nuca arrepiam como se tivessem crescido olhos nas paredes e ouvidos nos móveis.

Sinto-me culpado por fazer nada.

Sinto vergonha por esperar tudo.

Estou torcido, confuso e saltando da própria pele.

Pim se convence a ir em frente, entrando no quarto como se não fosse o centro das atenções ou a responsável pelos lustres, sofás e cada delito em seu passado.



Paro no limiar, me perguntando uma última vez se isso é o que quero.

Minha única regra foi quebrada em favor de duas.

Se fizer isso, quem diabos sabe se iria despertar ou se voltarei ao garoto que não se importa com nada a não ser as próprias obsessões. Que toca até que as cordas do violoncelo machuquem seus dedos até os ossos. Que bate nas pessoas só porque deseja sentir a dor e a vitória de ser uma arma.

E se estou perto de cair no ritmo do vício até desistir de tudo?

Minha mão alcança a porta para empurrar e trancar. A corrente de segurança faz barulho enquanto entro. Não sei se estou trancando para manter fora possíveis estupradores e assassinos ou prendendo Pim com um.

Porra, controle-se.

Esfrego minhas têmporas enquanto dou a volta.

Congelo quando os dedos de Pim mergulham no decote. Sei o que reside lá. Não esqueci o utensílio roubado. Durante o jantar não consegui parar de olhar para o peito dela e lutar contra o desejo desesperado de ir pegar a peça.

Engulo quando ela vai em direção ao outro lado da sala para a porta do banheiro, pronta para tira-la.

Não deveria ter permissão para isso. Preciso sentir seu calor.



“Espere.” Levanto a mão, indo para frente rigidamente. “Deixe-me.”

Seus olhos se arregalam quando paro na frente dela.

Com os lábios pressionados juntos, ela concorda e tira as mãos do peito.

Com cada músculo fixo em minha necessidade opressiva, lentamente insiro os dedos no vale de seus sexy e perfeitos seios.

Jesus Cristo...

Meus olhos fecham, cheios de luxúria. A pele dela é tão suave. Sua respiração tão delicada. Seu convite tão bem-vindo enquanto as pontas dos meus dedos cercam o fecho.

Com um olhar encapuzado, puxo gentilmente.

Pim estremece, os lábios se separando e o mais sexy rubor sobe por seu peito até as bochechas.

Meu pau fica duro, perfurando o cós, desesperado para escapar e fazer o que não sou homem o suficiente: ataca-la e fode-la sem dó.

Estou cheio de um desejo ardente enquanto puxo de novo, deslizando a colher por seu decote e vagando pelas voltas arredondadas de seus seios.

Ela se arrepia enquanto desenho o símbolo japonês de calma sobre o monte de seu seio direito.

Silencio por ela.

Silencio pela facção a quem estupidamente cedi minha vida.

Chinmoku é a palavra japonesa para silêncio e a odeio agora, assim como o fato de que ela escrevia para Ninguém ter um fim que nunca esperei.

Ambos estremecemos enquanto aperto a colher ainda quente em minha palma e dou um passo para longe. Preciso de um pouco de espaço. Preciso respirar sem sentir seu perfume.

Digo firmemente. “Como se sente tirando isso?”

Pim passa os dedos pelos cabelos, percorrendo os fios brilhantes, acordando-se do transe sexual que estamos. Ela pega a elegante e deliciosa peça de jantar, parecendo uma selvagem e de alguma forma, ainda mais bonita nessa versão. “A colher?” Ela pisca, como se conversar fosse a última coisa em sua mente.

Conheço o sentimento.

É por isso que escolhi falar em vez de agarra-la e beija-la sem sentido, para nos dar um pouco mais de tempo.

“Sim, a colher. Você se arrepende de pega-la?”

“Eu deveria. Não é minha para tirar.”

“Deveria? Isso significa que não se arrepende?” Minha boca contrai num sorriso orgulhoso. “Está dizendo que gostou de roubar? Que ficou emocionada?”

Ela se moveu em torno, indo para frente da cama. “Não realmente.”

“Mentirosa.” Digo a palavra lentamente.

Ela espalha as mãos como se pedindo perdão. “Ótimo. Isso... fez coisas comigo. Ajudou, claro, saber que é uma de milhares e que não sentirão sua falta.”

“Ah, as desculpas começaram.”

Ela põe as mãos nos quadris. “Não estou dando desculpas por meu comportamento. Sei que foi errado e não farei de novo ... Mas me mostrou coisas sobre mim que esqueci.”

“Tipo o quê?” Meu interesse desperta. Meus ouvidos implorando pelo resto da história.

“Como a compreensão de que perdi um monte de coisas. Que não quero continuar perdendo porque estou com muito medo de tentar.”

Faço meu melhor para não ler entre suas palavras. Para não ouvir um convite sexual.

“Essa é a emoção de roubar, Pim. Só fica pior quanto mais faz.”

Ela balança a cabeça. “Esse pequeno sinal de excitação é nada comparado a emoção que senti quando...”

Ela se interrompe, olhos brilhando com o choque de que quase deixou escapar algo que não quer que eu saiba.



Minha obsessão com ela passa de controlável para um limite perigoso.

"Quando você o quê?" Vou em direção a ela, endireitando a coluna quando ela dá um passo atrás para me evitar. Vê-la recuar faz coisas brutais ao meu instinto. Faz-me querer perseguir, caçar, devorar.

"Não importa." Ela baixa o olhar para o rico tapete azul. "Esqueça."

"Não esqueço, Pim." Jogando a colher na cama atrás dela, cruzo os braços. "Diga-me."

Ela fica quieta no lugar antes de suspirar bruscamente. "Não é uma emoção tão forte comparado ao que sinto quando você me beija... quando me toca." Vermelho arde em suas bochechas. "Eu... não fui muito beijada. Não acho que gostei até você..." Seus cílios sobem, me deixando ver dentro dos sombrios olhos verdes. "Você faz bem."

"Ah, Cristo." Engulo um gemido enquanto cada centímetro meu, rosna para eu diminuir a distância e pega-la. Tê-la conversando comigo é uma das maiores recompensas depois do seu auto imposto silêncio. Tê-la admitindo que gosta de me beijar? Foda-se, é mais do que posso suportar.

"Não pode dizer coisas como essa para mim, Pimlico. Especialmente agora." Andando para longe, vou em direção a minha bolsa e para o pequeno bolso lateral onde pego algo para emergências. Minha mente está cheia de partes do corpo

e foder. Uma foda rápida e feroz. De pegar o que quero sem nenhum pensamento dela psicologicamente traumatizada.

A compulsão dentro de mim fica mais forte graças a admissão de Pim. Meus pensamentos ilegais focam em coisas que não deveriam.

As cortinas são feitas de um tecido com listras. São listras ou grupos se eu contar? O tapete tem redemoinhos azul-marinho. A proporção do claro e escuro são iguais?

Fecho os olhos, escondendo a superestimação.

Meus dedos vibram sobre uma corda de violoncelo imaginária fazendo o melhor para ignorar a desordem no meu sangue. Quero tocar em Pim. De qualquer jeito, *preciso* tocá-la para permanecer centrado e não ceder.

Mas não é apenas o toque, é completa e total dominação. Irei despi-la, lambe-la, foder com ela. Agarrarei, montarei, segurarei e manipularei até que ela me dê *tudo*.

E porque sou fodido e ela está traumatizada por sua história, apenas nos destruirá. Recuso-me a arruinar seu progresso ou o meu.

Sou melhor que isso.

Cerro os dentes enquanto abro o bolso e puxo um baseado já pronto. Os efeitos da erva medicinal são mínimos, mas necessários. Acalma minha mente, faz as bordas ásperas da minha preocupação diminuírem e me dá um pouco de paz em desejar tudo agora, imediatamente, tudo sem exceções.

O som dos saltos de Pim soa sobre o tapete enquanto ela chega mais perto.

Viro de costas, segurando o baseado enquanto procuro um isqueiro em meu bolso. Meus dedos lutam para encontrar o instrumento para acender o fogo, escavando com força enquanto Pim se move para ficar ao meu lado. Seus olhos tristes pousam na maconha, o rosto dela dividido entre fazer perguntas e me dar espaço.

“Não me peça para não fazer, Pim.” Grunho quando encontro o isqueiro no bolso e pego. “Você não pode me pedir para parar.”

“Não posso?”

Segurando a ponta no baseado o acendo, mas não fumo. Preciso que ela entenda. Isso é tanto para sua proteção quanto para minha. Não a machucarei mais do que ela já foi machucada. Devo conserta-la e não deixa-la pior só porque não consigo me controlar. A doce e nauseante fumaça faz meus olhos arderem. Ainda não inalo. “Você não pode me pedir para parar.”

Ela corre a ponta da língua sobre o lábio Inferior, assistindo a curva da fumaça indo em direção ao teto. “Por quê?”

“Acabei de te dizer porquê.”

Seus olhos fecham nos meus. “Não, me diga uma verdade diferente, então não vou sentir como se estivesse se

entorpecendo para ficar comigo. Diga e então não vou pensar que não me quer depois de tudo."

Que pergunta forte. Uma resposta mais difícil ainda.

Disse a ela no jantar no Phantom, mas tenho diferentes razões hoje à noite.

Desejo a primeiro tragada da maconha, mas me seguro fazendo o melhor para ser honesto. Afinal, hoje exigi cada pingo de sua honestidade. Ela não tem nenhum lugar para se esconder, ninguém para ajudá-la.

Será cruel assim como prazeroso e tendo tantos extremos preciso de toda a ajuda que puder.

"Lembra o que disse a você? Aquela primeira noite no seu quarto com Alrik?"

Ela envolve os braços em si mesma, bloqueando memórias ruins. "O que disse?"

Não estou surpreso que não se lembre, mas faz a raiva borbulhar sob a superfície, mostrando quão perto estou de perder o controle. "Disse como queria ser o primeiro a te tocar, a deixa-la molhada somente com minha voz. Que precisava ser o primeiro a te lamber e provar enquanto goza. Para ver quão linda é quando deixa o prazer te dominar em minha língua."

Ela treme, a pele cheia de arrepios.



“Disse que seria o primeiro homem a morder seus mamilos, beijar sua barriga e te fazer perceber o quanto de poder tem sobre um homem como eu.”

Ela me encara, a respiração rápida. “Vai fazer isso hoje à noite?”

Minha respiração abranda, agitando e pronta para sair mesmo quando faço o meu melhor para segura-la. “Você quer que eu faça?”

Ela dá de ombros como uma criança em vez da mulher em pé com os mamilos eretos num sexy vestido preto.

Paro na frente dela. Meus joelhos gemendo pelo peso do autocontrole. “Responda à pergunta. Assim como vai responder todas as minhas perguntas hoje à noite. Quando finalmente vai me dar e me deixar mostrar como a luxúria deve ser.”

Ela fica tensa em relação a palavra, mas não se move para longe enquanto afasto parte de seu cabelo e junto os fios na base do pescoço. “Responda-me.”

Lentamente, seu olhar amolece, convidativo. “Sim, eu quero.”

“Por que...?”

Os olhos dela enfurecem e então se escondem de novo. “Porque preciso de você.”

“Por que...?”

Sua testa franze, infeliz com o teste. “Porque quero ser normal. Quero entender o desejo que você cria dentro de mim. Eu quero...”

Prendo a respiração, a esperando continuar. Prendo meus pés no chão, então não vou jogá-la na cama e transar até cada regra não mais existir.

Seu sussurro mal encontra meus ouvidos. “Quero saber como é.”

“Como é o quê? Sexo?” Digo a palavra. Forço-a nela. Trucido-a até que está presa e mastigada, exatamente como a fera dentro de mim.

Ela concorda rapidamente. “Sexo com você. Tem que ser... Tem que ser diferente. Melhor que...”

Eu a puxo, esmagando-a contra mim.

Não quis fazer isso. Não a quero mais perto do que o necessário. Mas de novo, não consigo me conter quando se trata de Pim. Sua complexa mistura de vulnerabilidade e coragem me fazem lutar com o monstro e o herói.

Seus braços vão ao redor da minha cintura, seu calor e forma longilínea encaixada contra minha dureza. Porra, quero abraçá-la; prometer que nunca a deixarei. Que ela está segura quando isso é mentira. Que ela é minha quando não posso tornar isso verdade. Que ela não precisa nunca ter medo de mim quando essa é maior inverdade de todas.



Afrouxando o aperto, eu xingo, “Sexo entre nós vai ser diferente de qualquer coisa que já teve. Eu prometo.”

Sexo entre nós será diferente de qualquer coisa que *eu* já experimentei. E isso é o que me assusta. Assusta-me que me tornarei um maldito viciado que esquecerá de comer, respirar e beber uma vez que eu a tiver.

Seu abraço afrouxa quando ela se afasta. “Desculpe-me se eu te... desapontar.” Ela sacode a cabeça usando o cabelo como escudo. “Tenho certeza que já teve melhor...”

“O quê?” O rugido sai dos meus lábios antes que possa parar.

Ela pula, o rosto ficando branco e furioso, imitando minhas feições. “Eu, eh, eu não sou estupida de pensar que não esteve com outra...”

Não posso mais fazer isso.

“Pare. Agora.” Caminhando para longe, puxo vagarosamente a fumaça do baseado. A grossa fumaça entra em meus pulmões, ardendo minha língua. “Sabe porque preciso disso? Por que só tive que fumar desde que entrou na minha vida? Que a última vez que tive que recorrer a esses métodos foi há malditos três anos atrás?”

Ela balança a cabeça.

“Por *sua* causa. E por causa do quanto malditamente te quero. É porque você me rasga por dentro. Você faz coisas



ao meu coração doente e torcido e me faz querer coisas que não mereço."

Ando pela suíte, fazendo meu melhor para calar a boca então não mostrarei toda minha alma podre. "Não posso estar neste hotel com você sem isso, entende? Não posso te pedir para tirar o vestido sem ajuda, ok?"

Olho o teto, amaldiçoando minha existência, os problemas que causei, os erros que cometi, o karma que vem comigo. "É você, mais ninguém. Saber que vai deixar eu me aproximar. Que vai me perdoar por te foder. Que tem a força de querer dormir comigo me corrompe tão fodidamente que apenas um beijo vai me quebrar."

As pérolas no vestido de Pim me imploram para contá-las.

A franja na bainha provoca-me a organizar em grupos ordenados ao invés da bagunça selvagem que estão atualmente.

Paro, obrigando-me a olhar em seus olhos verdes cheios de tristeza. Com um olhar, ela me envia ao inferno. "Estou *tão perto* do limite, Pim, então não se desculpe por ser a única mulher a ficar debaixo da minha maldita pele, está bem?"

A raiva que lutei por muito tempo entra em vigor. Jogando-me numa cadeira de couro perto da lareira de mármore, inalo profundamente o baseado, batendo a cinza



numa bandeja de cristal e encaro seu olhar. “Agora, dispa-se. Mostre o que está vestindo sob o vestido.”

Ela ofega.

Seus dedos saltam para o peito como se adicionando outra camada de decência. Ela não se move para obedecer.

Dando um último trago, faço a ponta vermelha do baseado brilhar. Quando o calor chamusca minha pele, o apago, me inclinando para a frente com os dedos entre as pernas e os entrelaço para formar uma algema, aprisionando-me, então não a alcançarei nem tocarei.

Esta parte é para Pim.

Não eu.

Tudo esta noite tem que permanecer sobre ela.

A maconha me ajudará a manter essa promessa. Isso me deixará concentrado em única e apenas uma coisa.

Ela.

Permitirá que eu permaneça calmo e não quebre.

Isso me matará, ferirá, me fará implorar a cada lâmpada de gênio no Marrocos para quebrar minha proibição auto imposta, mas não farei.

Porque ela precisa entender o próprio poder.

Precisa reivindicar sua própria beleza.

Tomar posse de seu próprio corpo.



Talvez, então seja forte o bastante para suportar quando pegar o que quero.

Com os dedos brancos e meu coração acelerado, eu rosno, “Não vou pedir de novo, Pim. Dispa-se. Quero ver cada centímetro seu.”



Pim

Sua voz ricocheteia dentro da minha cabeça.

Quero ver cada centímetro seu.

Ver cada centímetro.

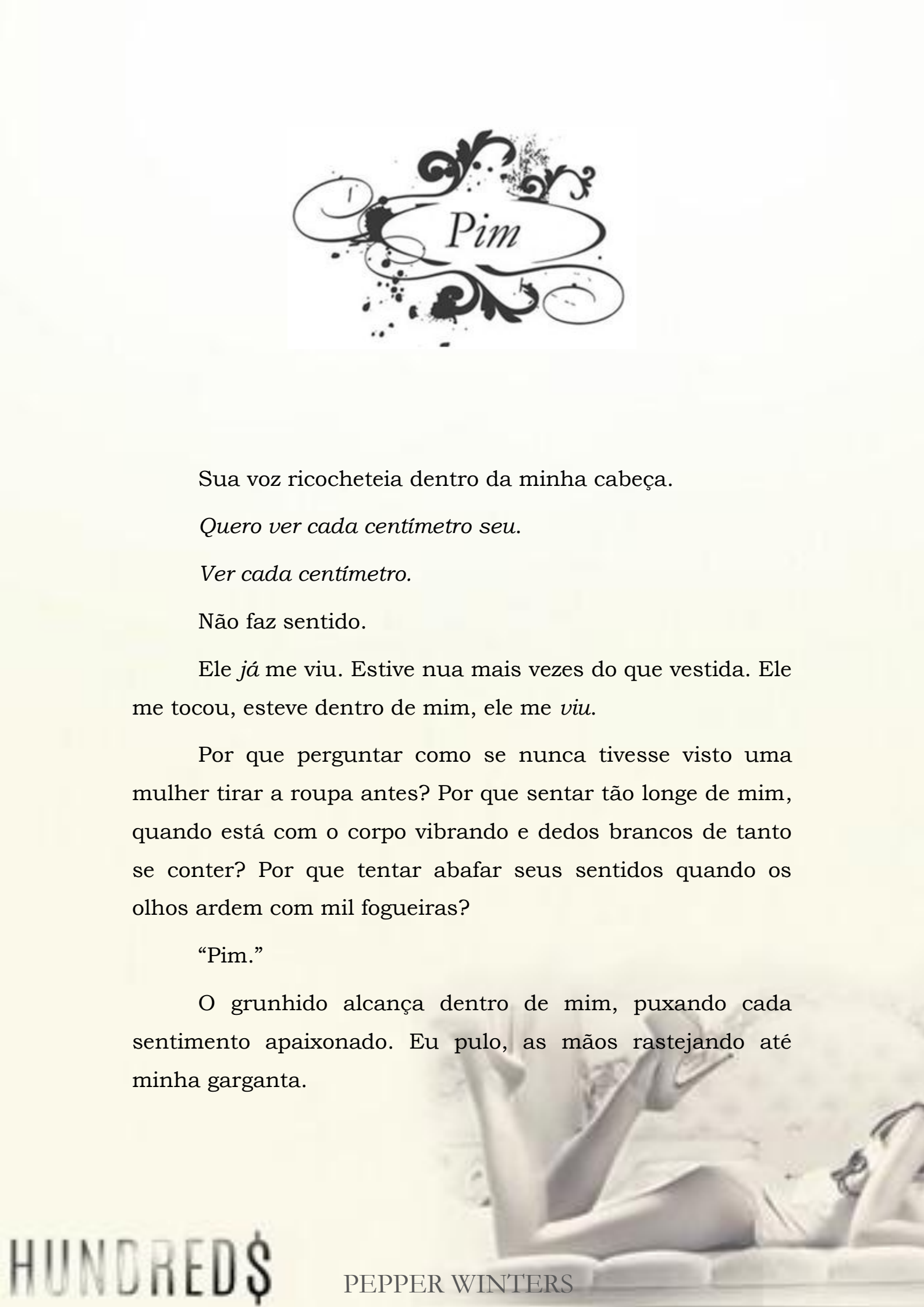
Não faz sentido.

Ele *já* me viu. Estive nua mais vezes do que vestida. Ele me tocou, esteve dentro de mim, ele me *viu*.

Por que perguntar como se nunca tivesse visto uma mulher tirar a roupa antes? Por que sentar tão longe de mim, quando está com o corpo vibrando e dedos brancos de tanto se conter? Por que tentar abafar seus sentidos quando os olhos ardem com mil fogueiras?

"Pim."

O grunhido alcança dentro de mim, puxando cada sentimento apaixonado. Eu pulo, as mãos rastejando até minha garganta.



A mesma garganta que ainda abriga lembranças de estupro, contenção e devastadores mestres.

“Tire o vestido.”

Forço minhas mãos para baixo no corpo, recusando-me a deixá-las subir e me proteger. Não pedi por isso? Não forcei para que isso acontecesse?

Por que, então, quando estava acontecendo, fico absolutamente petrificada?

Abaixo o olhar, tocando o vestido de franjas. Nunca pensei que trocaria a liberdade de estar nua pela claustrofobia de permanecer vestida.

Mas aqui estou, relutante em me mexer porque seus olhos queimam até que ameaço desaparecer.

Ele me destruirá se eu ficar nua em sua frente.

Seus músculos do pescoço ondulam quando ele engole, sem tirar o olhar de meu corpo. Ele me olha como se eu fosse dele, como se não fosse uma humana com opiniões e decisões próprias. Ele não faz contato visual. Ele não confere para ver como sua intensidade me deixa desconfortável.

Ele apenas dá fome num novo sintoma, virando tudo contra mim.

Meu coração deseja sexo. Minha buceta aperta por sexo. Meus mamilos endurecem para fazer sexo.

Sexo.



Sexo.

Sexo.

Como é possível?

Eu odeio sexo.

Não quero nada com isto.

No entanto, o desejo só piora.

Com um coro cantando em minhas veias e uma banda marchando no meu peito, fico mais ereta.

Sexo é apenas algo que adultos consentem em fazer juntos.

Consentimento é a palavra-chave.

Eu *nunca* fiz sexo.

Só fui estuprada.

Isso é novo.

Isto é fresco, desconhecido e nada a temer.

Lentamente, sempre devagar, alcanço meu lado e solto o zíper de debaixo do braço até a metade do quadril.

Estremeço quando o pesado material fica entreaberto, deixando o ar quente da suíte escorregar por minha cintura, flutuando ao redor do umbigo e para baixo.

Elder não se move.

Ele não respira enquanto estendo a mão para puxar as tiras finas dos meus ombros, ambas ao mesmo tempo,



movendo-me enlouquecedoramente lenta quando meus instintos lutam com minha coragem de ficar. O tecido desliza para meus cotovelos e para lá, provocando a linha do sutiã, perguntando-me educadamente se isso é verdadeiramente o que quero. Será que realmente quero que o vestido diga adeus e fique no tapete? Honestamente quero os olhos selvagens de Elder vendo o que está escondido?

Minha resposta muda de sim para não voltando ao sim e não um milhão de vezes em questão de segundos. Luto uma guerra entre a escrava que fui e a mulher que quero me tornar. Pim e Tasmin. Cativa e livre.

Com um suspiro pesado, abaixo meus braços.

O tecido percorre minhas curvas, lambendo as pernas até cair numa piscina preta sem vida ao redor dos saltos.

Elder resmunga, rápido e baixo, como se o simples ato de tira-lo o afete muito mais do que jamais saberei. Pressionando os lábios contra o dorso de sua mão, seu olhar queima, bebendo-me de cima a baixo.

“Acredite em mim quando digo isso. Você é a criatura mais bonita que já vi.” Seus olhos se encontram com os meus por apenas um segundo antes de cair de volta para o veludo preto e lingerie de renda que uso.

Durante todo o jantar, amaldiçoei o elástico apertado, a lingerie imperdoável, a liga e meias escorregadias. Ter tantas sensações em mim causou mais de uma distração durante o jantar. Sem não mencionar os saltos pretos de tiras cortando

meus pés, destacando os ossos que não curaram direito e a artrite que não deveria ter me encontrado até que eu fosse mais velha.

Nunca serei inteiramente flexível. Não serei uma ginasta com minha cartilagem fundida e ligamentos abusados, mas posso ser bonita.

Elder disse isso.

E pela primeira vez, eu acredito.

Acredito na forma como seus lábios se separam como se eu fosse o nascer e o pôr-do-sol e não apenas uma garota. Acredito na forma como seu corpo se contraí e suaviza como se num momento ele fosse levantar e vir até mim e no outro se obrigasse a permanecer sentado e contido.

Um calor aparece em meu sangue. Uma magia que nunca senti antes.

Ele me dá o dom da luxúria apenas me observando. Ele me faz entender as diferentes camadas e complexidades do desejo, respeito e magnitude do controle que precisa para contemplar o objeto de seu fascínio e não o alcançar e agarrar, não machucá-lo, não reivindicá-lo, não fazer nada além de apreciá-lo por quanto tempo quanto fosse permitido.

Sei o que ele está fazendo.

De repente entendo as regras para tudo sem ele ter que falar.



Ele balança a cabeça, seguindo meus pensamentos tão claramente como quando me recusei a falar com ele. “Você entende.”

Suspiro.

“Você entende que é *você* que está me dando esse presente, ninguém mais. Eu não estou tomando; você está dando.” Ele recua na cadeira, as grandes mãos indo para as coxas onde apertam o músculo. “Você está no comando esta noite, Pim. Você me diz o que quer. Cabe a você me mostrar o que quer que eu veja. Me dê o que quiser. Peça o que quiser em troca.”

É a minha vez de ficar hipnotizada quando ele ajeita a ereção feroz nas calças pretas.

“Isso é o que você fez comigo. A dor que estou sentido. A necessidade que causou. É tudo por sua causa. Mas não importa o quanto quero que me tire desta miséria, não vou forçá-la. Não vou te tocar até que me dê permissão.”

Meus mamilos endurecem sob o sutiã, ficando duros como diamante, enquanto ele me olha e se aperta. Ele morde o lábio enquanto a mão torna-se branca, tocando-se não com prazer, mas com dor.

Dor, eu conheço. Dor, eu entendo.

Não quero isso para ele. Não quero isso para mim. Quero algo diferente. Algo que já está se construindo entre nós, que é anônimo, mas conhecido ao mesmo tempo.



As mãos vão para minhas costas soltar o sutiã. A ideia de mostrar a Elder um outro pedaço meu porque quero me dá uma onda de calor.

Ele fica rígido; a mão firme no pênis.

Meus olhos vão para a porta do hotel, certificando-me de que está trancada, quase chocada ao ver uma porta. Quantos anos vivi onde nenhuma privacidade foi oferecida? Nenhum lugar para correr ou me esconder? E agora, aqui estou, diante de um homem que parece cada vez menos humano quanto mais jogamos esse jogo e não estou com medo.

Estou poderosa, encorajada, *viva*.

Sua voz soa como a de uma besta. “Pode ir se quiser. Não vou te impedir.”

Não digo a ele que não estou procurando uma fuga, mas certificando-me de que não seremos perturbados. Que confio nele mais do que confio em qualquer um, até em mim mesma. Que ele provou para mim por permanecer preso na cadeira, que posso fazer o que quiser.

Posso me despir para ele.

Posso deitar na cama para ele.

Posso me tocar e ele não irá se mexer.

Isso o mata. Mas ele não se mexe.

E saber tudo isso me fez cair mais rápido no que quer que exista entre nós.

Fechando os olhos, solto a alça do sutiã, permitindo que ela deslize por meus seios e cai para se juntar ao vestido. O ar é quente ao redor de meus mamilos, mas não tão quente quanto sua boca será. Fantasio sobre ele me pegando firme e chupando. Imaginei-o tocando-me suave, mas firme, possessivo, mas controlado.

Minha barriga aperta, me deixando mais molhada do que nunca. Meu corpo cicatrizou o suficiente para que eu possa ficar na frente de um homem e me preparar para o sexo, para realmente ter ideia de que posso participar e desfrutar de bom grado.

Elder esfrega a boca, colocando ambas as mãos sobre os lábios, como se para silenciar qualquer comando que quer dar.

Afastando-me do vestido caído, indo para trás na cama. Meus quadris balançam, acentuados pelos saltos. Meu estômago sobe e desce com respirações rasas. Meu corpo contrai e formiga quando partes minhas se tornam pesadas enquanto outras ficam leves como o ar. Minha visão periférica me abandona e já não vejo os adereços do hotel, cortinas, ou tecido ... só ele.

Ele está no fim do meu ponto focal, lentamente crescendo quanto mais me concentro. Ele se torna tudo o que posso ver, reconhecer e entender.

Curvando-me, o cabelo cai sobre o ombro quando desfaço as pequenas fivelas dos saltos. Liberando os

tornozelos, chuto os saltos com um rápido movimento, estremecendo um pouco enquanto meus metatarsos torturados se alinham de flexionados para retos.

Elder continua a observar, mas não deixa a cadeira se aproximar.

Ele não fará isso.

Não até que eu diga.

E por isso serei eternamente grata.

De certa forma, é ele que usa cordas e correntes esta noite.

Não eu.

Sem sapatos, sem vestido e sem sutiã, só restam três peças de roupa.

Minha cinta-liga, meias e calcinha.

Minhas mãos tremem quando pego as ligas, soltando-as antes de lentamente rolar a seda por minhas pernas, sentindo como se tivesse derramado outro pedaço de mim, removido outro medo, apagado outro momento do passado.

Meus dedos vão para os quadris, enganchando ao redor do laço. A cadeira que Elder senta range quando ele se move.

Vergonha me inunda.

Não é constrangimento com a ideia de estar nua, abracei minha nudez muito antes que a lingerie pudesse me esconder. Não, constrangimento pelo quanto preciso dele.

Como estou vazia. Faminta. Nunca experimentei uma reação tão visceral antes. E por causa disso, me preocupo que Elder, não importa quão bonito e perfeito possa parecer, talvez não satisfaça a coceira crescente.

E se ele tiver me amaldiçoado para sentir essa profundidade de desejo só para me deixar insatisfeita para sempre? E se sexo não for diferente do estupro? E se meu corpo não puder distingui-los? E se a promessa de prazer nunca se concretizar?

Pare...

Acredite. Confie. Relaxe.

Puxo de volta os medos antes deles poderem roubar minha confiança restante. Sentando na cama, deixo a calcinha, tomando a decisão por mim, não por ele ou qualquer outra pessoa. Curvo meu dedo, dobrando-o num sinal de "vem cá."

Instantaneamente, Elder se levanta. Uma mão apertada num punho, a outra ainda na ereção. "Tem certeza?"

Lambo os lábios, lutando contra todos, abraçando tudo. "Tenho certeza."

Ele se aproxima.

Cabeça baixa, olhos flamejantes, corpo tenso. Ele cruza o espaço em alguns passos longos e então está aqui. Apenas a um metro de distância, ambas as mãos em punhos, ambas



as pernas cerradas, o corpo todo sobre ordens de não se mover.

Não perto o suficiente.

Balançando em meus pés, fico diante dele.

Ele geme quando minhas mãos pousam nos botões de seu terno. Os olhos fecham quando os desfaço, afasto seu casaco e coloco os dedos no calor do peito coberto.

Quero esfregar meu rosto contra ele.

Quero cheirá-lo, acariciá-lo, deleitar-me nele.

Mas não sei o quão longe posso empurrar quando seu rosto tenso e o poder absoluto de seu autocontrole uiva no espaço.

Em vez disso, agarro a gravata preta, enrolando em torno de meus dedos e puxo-o para a frente.

Seus olhos arregalam quando ele tropeça em mim e depois me segue quando caio na cama. Nunca soltando a gravata, movo-me mais para cima no colchão, puxando-o comigo.

Ele deixa.

Ele obedece.

Nunca tive um homem submisso antes.

Fico bêbada nisto, poderosa sobre ele. Engulo uma estrela e brilho com ela.



Rastejando sobre mim de quatro, suas costas curvam-se graças ao meu aperto na gravata, as grandes mãos parecendo patas selvagens enquanto me segue para o meio da cama maciça.

Deito, soltando a gravata.

Não tenho ideia do que vem a seguir.

Ele paira sobre mim, respirando forte, lábios cheios, olhos selvagens, testa tingida de suor.

Não nos movemos.

Nervosismo corre através do meu sangue. Estar de costas com um homem acima de mim não é novo. Sempre foi um inferno. Mas agora ... apenas olhar para Elder sem expectativas ou conhecimento do que está por vir, posso apreciar quão espetacular realmente é.

Como ele treme para me manter a salvo.

Como ele rola de costas para me dar espaço.

Deitados lado a lado, seus punhos apertam a cama. Ele fecha os olhos; a testa franzida com contenção.

“Foda-se, isso é mais difícil do que pensei.” Pressionando a palma da mão na testa, ele me dá um olhar de lado. Ele não fala mais e meus ouvidos se esforçam por alguma instrução, alguma orientação sobre o que duas pessoas normais fazem quando deitadas lado a lado na cama.

Sem dor.

Sem lágrimas.

Mútuo, querido e seguro.

Com um estrondo no peito, Elder fica de costas para descansar de lado, apoiando a cabeça na mão. “Vou te tocar. Não consigo não tocar.” Sua outra mão sussurra sobre os lençóis e encontra minha cintura.

Eu me afasto, não por medo, mas pela intensidade insana que seus dedos causam. Como o sangue floresce como uma rosa em chamas sob minha pele. Como cada parte feminina minha se aperta e enrola de prazer.

Sua mão corre minha barriga, os dentes mordendo o lábio inferior enquanto ele acaricia lentamente para cima e para cima até que agarra meu seio.

Meus olhos fecham quando memórias tentam me consumir. Seu calor, seu peso, tudo isso me fez tremer até que o suor toma minha pele para corresponder ao seu. Dificilmente tocamos, contudo, a adrenalina e necessidade queimam por qualquer controle que abandonamos.

Seus dedos roçam, rolando o mamilo, acariciando-me como se nunca tivesse sido tocada antes. Em vez de implorar para que pare, de desaparecer em minha mente onde a sensação física não pode me machucar, me arqueio ao toque.

No segundo que pressiono mais da minha pele em sua mão, ele quebra.



Seus quadris disparam para a frente, pressionando a calça preta e a camisa contra minha forma, principalmente nua. Sua cabeça cai, fechando os lábios macios e úmidos sobre os meus.

Gemo enquanto ele me beija.

Forte.

Rápido.

Profundo.

Molhado.

Qualquer paciência que ele teve desaparece quando a dureza de sua ereção cutuca meu quadril e os dentes de seu zíper ainda fechado arranham minha coxa.

Contorço-me por proximidade.

Ele deixa sua humanidade para trás e me beija mais forte. Os dentes machucam meus lábios. Minha língua luta contra a dele. Nossos gostos misturados com caramelo e tequila.

Nunca em minha vida fui beijada tão ternamente, mas tão viciosamente.

Nunca em minha vida procurei voluntariamente o próximo estágio, ter um corpo quente e molhado, procurando mais.

"Maldita seja, Pimlico." Ele chega mais perto, a mão caindo do meu peito e para o laço que protege o último



pedaço de mim. Enganchando os dedos no cós, ele puxa-o pelas pernas, contorcendo o corpo para que sua boca continue a arruinar a minha enquanto ele me despe.

Inclino-me e quando a calcinha está baixa o suficiente por minhas pernas, chuto-as sem esperar instrução.

Beijo-o com mais força do que antes. Abro mais, lambo mais fundo; jogo-me de cabeça em novas experiências, existências melhores e num mundo que quero desesperadamente ser parte.

Meus dedos pousam em seu cinto, tentando desfazê-lo, puxando a camisa.

Ele ainda está completamente vestido.

Eu não estou.

Fico totalmente a sua mercê.

Mas, novamente ... não estou.

Ter um sedutor vestido de preto beijando-me e estremecendo com autocontrole não me torna vulnerável. Ah não. Isso me torna *poderosa*. Corajosa. Uma rainha adorada por um pretendente que ela escolheu e não uma escrava feita para obedecer a um mestre irado.

Elder captura meus pulsos, prendendo-os acima da cabeça. Afastando a boca da minha, seus lábios brilham enquanto ofega. “Não.”

Não?

Não para quê?

Não para tocá-lo?

Não para lhe dar prazer?

Antes que possa perguntar, sua mão livre fica entre minhas pernas. Sua mão inteira. A mão forte e elegante que toca violoncelo e rouba carteiras.

Encolho-me de desejo.

Estremeço de medo.

Tremo tanto que seus olhos perdem o brilho feroz e derretem com compreensão. “Sou eu, Pim. Apenas eu.”

Lambendo meus lábios, eu assinto. O silêncio é mais uma vez meu amigo. Eu não falo. Eu não posso. Leva toda minha concentração ficar com ele e não cair no buraco do coelho.

Seus dedos apertam ao meu redor, fazendo-me ofegar e contorcer. O calor de ser mantida de tal forma queima até que meu clitóris pulsa por algo, *qualquer coisa.*

Quero correr e me esconder.

Quero implorar e andar.

Estou dividida com complicações.

“Você não está pronta.” Ele pressiona a testa contra a minha. “Devo parar com isso.”

Balanço a cabeça, arqueando para trazer sua boca de volta a minha.



Eu o beijo.

Essa é minha resposta. Eu não posso ser inteiramente livre para desfrutar isso, mas quero independentemente. Quero experimentar todos as primeiras vezes que ele falou. Quero prazer para substituir a dor.

Outro gemido sai dele por mim quando se encaixa impossivelmente mais perto. Sua palma aperta meu clitóris, enviando foguetes e mísseis por minha barriga.

Então sua mão se move para baixo.

Seus dedos roçam minha buceta.

Seu toque explora até encontrar minha entrada.

Tudo congela.

Eu.

Ele.

O tempo.

Nossos lábios nunca se soltam, mas não nos movemos quando ele faz uma pergunta silenciosa e obtém uma resposta silenciosa.

Você realmente quer isso?

Eu... eu acho ...

Outro longo segundo enquanto ele delibera e confere as correntes em torno de seu autocontrole.

E então ele me toca.



Invade-me.

Pressiona um dedo longo e forte dentro de mim com concessão, posse e agressão reprimida.

Todo o resto desaparece.

Eu odeio isso.

Eu detesto.

Eu quero isto.

Eu preciso.

Meu corpo se estica para acomodar sua invasão. Seu dedo esbelto e firme.

Minha mente fica suja.

Palavrões. Palavrões.

Tudo o que vejo é vermelho, veludo e fumaça.

Seu dedo continua me reivindicando de dentro para fora.

Puta merda.

Nunca fui tocado dessa maneira. Os dedos foram usados para verificar quão seca estava ou lubrificar em lugares que nunca quis ser violada.

Elder toca-me com tanta reverência que esqueço tudo isso. Apago os gritos e lágrimas e foco apenas em quão estranho, perfeito e esplêndido é.



Meus pulsos ficam quentes sob os dedos que me prendem. Minha respiração fica rasa enquanto ela engancha o dedo e esfrega algum ponto dentro de mim que se curva num prazer nunca visto.

Meus olhos ficam selvagens, querendo registrar tudo. Não consigo desviar o olhar de seus dentes no lábio inferior e o balanço erótico de seus quadris em mim. Suas calças o mantem preso, mas isso não impede que sua ereção me marque.

Há demasiados estímulos.

Não sei no que focar. Seu corpo pressiona inteiramente ao longo do meu, a perna jogada sobre a minha, a mão ordenando-me a sentir, apertar, abrir para mais.

Sua voz profunda ecoa em meus ouvidos. “Você gosta disso?”

Gosto disso?

Eu não sei.

Sofro todas as condições conhecidas pela raça humana. Estou culpada, envergonhada, com medo, despertada. Quero que ele pare, continue, me deixe em paz, esteja inteiramente dentro de mim.

Sou um coelho que salta com cada espectro de sentimento me dominando.



Ele ri, soando com dor. “Você vai gostar ... Vou te mostrar. Serei o primeiro a mostrar-lhe como deve ser. Serei o primeiro a te sentir gozar.”

Quero acreditar nele, mas meu passado feio é um companheiro de cama entre nós. Meu coração acelera com cicatrizes e feridas, fazendo o possível para desligar meu corpo que decidiu confiar nele.

Meus desejos animais não são complicados. Meu corpo sabe que é com um novo parceiro e que o parceiro irá tratá-lo bem. Mas minha mente ... está condicionada demais para relaxar, para não ficar tensa esperando o primeiro golpe, o primeiro soco, o primeiro chute.

Mas gozar? Tornar-me tão envolvido com Elder que serei capaz de quebrar como o que li sobre isso?

Não acho que posso.

Duvido que alguém possa me fazer, não importa o quanto eu queira.

Ele inclina o pulso, mergulhando mais fundo dentro de mim. Um segundo dedo junta-se ao primeiro. A pressão é maior, o alongamento mais amplo. Ele me enche de forma tão diferente da que foi usada antes.

Memórias de objetos indesejáveis e abuso repugnante centralizam minha mente. Fico rígida enquanto a respiração de Elder aquece meu cabelo onde ele dá um beijo persistente. “Fique comigo. Não vá embora.”

Perco a respiração e forço meu corpo a relaxar, para que minha mente se concentre em Elder e somente Elder, no quarto de hotel e lençóis macios e sedosos para me lembrar que nunca serei torturada novamente. Que isto sou eu me reivindicando. Que isto é imperativo para minha futura cura.

Elder move os dedos dentro de mim, acariciando, empurrando lentamente no início. Lento e profundo.

Não estou preparada para quão rapidamente meu corpo esquece a dor e estende braços ansiosos para o que ele promete. Meus olhos se arregalam quando seu polegar encontra meu clitóris, pressionando de todos os jeitos certos.

Ofego, minhas mãos abrindo e fechando ainda presas ao colchão acima da minha cabeça.

“Jesus Cristo, você é gostosa.” Seus dedos entram firme e profundamente. “Você precisa gozar, Pim. Preciso disso para me sentir bem por você, porque não durarei muito.”

Ele é tão diferente de todos que me machucaram. Ele espera coisas para si mesmo, mas quando vem para mim é além de generoso.

Abro a boca para me desculpar, para avisá-lo de que talvez não possa gozar, não importa o quão bom seja essa parte inicial. Mas ele balança a cabeça e empurra os dedos para cima.



Gemo, balanço a cabeça para o lado quando uma onda de felicidade cresce sobre mim.

“Será melhor se fechar os olhos?,” Ele murmura. “Concentre-se apenas no que estou te fazendo.”

Eles permanecem resolutamente abertos. Não quero deixá-lo fora, não quando não confio em mim mesma para não correr.

Meu coração fica preocupado, mãos sobre a boca. Ele me castigará se eu não gozar? Ele tomará como pessoal se eu falhar?

Meu medo de decepcioná-lo aumenta.

“Pim, relaxe.” Ele me acaricia firmemente. “Feche os olhos. Confie em mim.”

Já sei o que acontecerá, mas por ele, eu os fecho.

No momento em que obedeço tudo o que vejo é Alrik, minha cela branca, música clássica, correntes, cordas e dor. Estou lá. Estou sangrando de novo, gritando de novo, desejando a morte de novo.

Estou em pedaços.

Estou quebrando em pedacinhos.

Pare.

Pare.

Pare!



“Pim. Pim!” Elder solta meus pulsos, agarrando meu queixo para trazer meu rosto ao dele. “Pim, abra os olhos. Agora mesmo.”

É uma briga.

Uma luta para subir na areia movediça de horror e lembrar de que há outro mundo lá fora. Meus cílios têm cola sobre eles, cola na forma de medo de descobrir onde estou, com quem estou e se tudo o que aconteceu com um estranho tatuado com um dragão chamado Elder Prest é sonho ou realidade.

“Pim. Olhe para mim.”

Volto para ele, para a cama, para o hotel com um tremor. Minha pele está coberta de suor e qualquer prazer que ele conjura é silenciado sob um terror doente. Quero me enrolar numa bola e desaparecer.

Só faz alguns segundos, mas me encolho como se Alrik tivesse reencarnado na sala conosco.

Elder mantem os dedos dentro de mim, mas não se move. Afastando o cabelo úmido de minhas bochechas, ele sussurra: “Você está bem?”

Minha voz é rouca de medo. “Sinto muito. Eu não queria fazer isto.”

“Não queria?”



“Não foi uma escolha desta vez. Eu ... eu não pude parar.” Desvio o olhar. “Eu só fechei os olhos por um segundo.”

Ele sorri tristemente. “Não, você não fez. Você desapareceu por alguns minutos.” Sua mão se move para sair, para terminar sua busca de me fazer gozar. “Isso foi uma ideia maldita.” Seus quadris se movem, a ereção mais dura do que nunca.

“Espere!” Agarro seu pulso, impedindo que seus dedos me deixem. “Eu não quero parar.”

Ele cerra a mandíbula, as narinas se abrindo. “Não acho que posso fazer isso. Estou tão perto de perdê-lo e me recuso a levá-la quando não está pronta.”

Lágrimas cintilam em meus olhos, ardidas e quentes. “Sei que estou pedindo muito, mas ... por favor ...”

Ele estuda-me. O olhar correndo dos meus lábios para o nariz até o cabelo e finalmente até onde sua mão descansa entre minhas pernas. “Droga.”

Não suplicarei novamente. Não o forçarei a fazer algo que não é capaz. Deixando seu pulso ir, deito e ordeno a cada membro, ligamento e tendão para relaxar. Para aquecer por causa da conexão. Para latejar por causa da atração.

Olho fixamente para Elder querendo ajuda. Isso me aterroriza. Ele me segura aqui e não lá.

Hesitantemente, desfaço os botões de sua camisa. Ele enrijece quando desabotoo um, depois dois, depois três.

Seus olhos estreitam. “O que está fazendo?”

“Eu ... preciso ver você.”

Preciso tocar, olhar fixamente e me prender a ele.

Ele franze os lábios como se recusasse. Seu antebraço fica tenso para parar de me tocar.

Desfaço os botões restantes enquanto ele delibera. Com dedos rápidos, solto a gravata, estendo a camisa e solto um suspiro quando sua magnífica tatuagem aparece.

Seu estômago esculpido com músculos. Ele mal respira. “Gosta de me olhar?”

Não consigo parar minha risada. “Gostar? Não.” Traço o focinho de seu dragão, adorando a maneira como ele treme. “Eu adoro te olhar.” Deixo meus dedos explorarem a pele dolorosamente quente, pressionar músculos firmes, me apresentar ao seu peito e tinta. “Acho você muito ... atraente.”

Engulo, timidez superando minha ousadia. Nunca tive que seduzir alguém antes ou convencer outra pessoa para que façam coisas maravilhosas para mim apenas por eles.

Elder xinga sob sua respiração, a cabeça inclinada para frente quando pressiono a palma inteira sobre seu coração. “Você está cheia de surpresas, ratinha.” Seus dedos

apertam dentro da minha buceta, rápidos e seguros, molhados e quentes. “Você quer isso?”

Assinto com a cabeça, sentindo-me mais centrada e menos à mercê das garras do passado. “Sim.”

Ele entra forte, ativando tudo o que já construiu e acionando outra onda de prazer. “Você tem certeza?”

Enterro as unhas nos chifres de seu dragão, sentindo-me acessa e segura. “Sim.”

Seu polegar circunda meu clitóris, fazendo com que minhas pernas se fechem e os quadris curvem.

“Você quer ver?” Ele acrescenta mais pressão, os dedos desaparecendo inteiramente dentro de mim. “Posso pegar um espelho se quiser. Mostrar como está gostosa.”

Quero desesperadamente balançar a cabeça no caso dele achar que meu silêncio é um pedido para tais coisas. Mas ele apenas ri de meu desconforto e inclina-se para beijar meu pescoço. “Talvez em outra ocasião vá te fazer assistir a cada pequena coisa que fizer. Talvez da próxima vez, vou te dizer como está molhada em minha mão, quão quente é sua buceta, o quanto amo o tremor de suas pernas quando faço isso.” Ele empurra forte e rápido.

Em vez de me fazer desligar, é a tesoura para as cordas que estou presa. Elas caem, inofensivas e indesejadas quando relaxo e me solto em seu toque.



Isto é o que preciso para aguentar qualquer chance de gozar. Não sou eu que tenho coragem de lutar pelo prazer. É ele. Ele me empresta coragem. Ele me deixa roubar dele para ser mais corajosa, mais forte. Tocando-o. Ouvindo-o. Sentindo. Ele é o encanto que me liberta.

Seus dedos continuam se movendo, arrastando-me da escuridão para uma dispersão aleatória de fogos de artifício enquanto meu corpo se aglomera.

"Gosta quando falo com você, Pim? Gosta de me tocar enquanto eu te toco?"

Sua voz é minha âncora. Seu corpo minha escada. Sua presença meu escudo.

Segurá-lo permite que meu corpo suba e procure tudo, sabendo que ele me pegará se eu cair do jeito errado.

Um jorro de calor aperta seus dedos quando meu ventre finge que não conhece o prazer e cede.

Elder geme ao sentir minha aquiescência. "Aí está. Porra, sim. Solte. Deixe-me te fazer gozar."

Então eu faço.

Fecho as mãos em seu peito e o seguro.

Fixo os olhos em seu rosto, deixo sua beleza sombria roubar minha respiração, e caio numa fantasia onde um ladrão de cabelo negro coberto com escamas de dragão me arrasta contorcendo e ofegando da minha história terrível.

Dentes afiados perfuram seus lábios perfeitamente formados enquanto segue meu olhar para sua tatuagem e onde nossos corpos se encontram. Seu olhar negro escurece ainda mais, incapaz de esconder a luxúria.

A máscara impenetrável que ele sempre usa, escorrega por um segundo enquanto me estuda com a mesma força com que o olho.

Isso é mais do que uma luta para me fazer gozar. Mais do que uma escrava roubada e um lutador vingativo. A forma como nos olhamos é algo muito mais profundo que sexo. A maneira como encontramos um santuário na alma bagunçada do outro nos liga muito mais verdadeiramente do que qualquer foda.

Meu coração se abre, a ponte levadiça, o fosso seco, bandeiras tremulando para ele entrar e reivindicá-lo como seu. Não quero mais lutar. Quero cair e cair e encontrar algo que nunca pensei achar.

Algo precioso.

Algo eterno.

Elder curva-se para me beijar, o polegar circulando, os dedos empurrando, apertando minha buceta até eu me contrair intensamente. Seus lábios mal tocam os meus, e como se estivesse lembrando que isso não deveria ser doce, que ele deve estar provando um ponto e não se apaixonar, sua máscara volta no lugar e seu toque fica áspero.

Minha respiração falha quando ele força meu corpo a subir. Seus dedos se arqueiam, reunindo eletricidade, de alguma maneira conseguindo identificar e concentrar meus batimentos cardíacos diretamente entre as pernas.

Formigo com um estranho peso.

Ofego com uma estranha frustração.

Mergulhando o polegar em minha umidade, ele pressiona meu clitóris e perco qualquer decoro restante.

"Oh, Deus!" Jogo a cabeça para trás. Os dedos arranhando seus ombros.

Seu sorriso é o próprio Hades. "É isso, ratinha. Não lute contra."

Meu apelido aperta os músculos novamente. Ratinha. O passado se mistura com o presente. Inocência interligada com luxúria.

Para cima e para cima, eu voo.

Sim.

Sim.

Sim.

Puxo-o mais. Precisando de seu calor. Precisando dele perto.

Elder deixa-me agarrá-lo. Sua perna em torno da minha, os dedos perdendo qualquer indício de suavidade e entrando em mim com severidade sombria.

Seu pênis encosta no meu quadril, latejando debaixo do material. “Você não tem ideia do quanto quero colocar isso dentro de você, Pim, mas, por sua causa, vou esperar até que esteja pingando, molhada e descendo de um orgasmo que nunca sentiu antes.” Seu nariz roça o meu. “Não é justo da minha parte? Legal da minha parte?”

Aceno loucamente com a cabeça.

Tão justo.

Tão legal.

Mais.

Mais.

Mais.

Agarrando meus pulsos com a mão livre, ele os prende novamente sobre minha cabeça. Presa ao colchão por suas mãos, quadris, pernas e ereção, estou completamente desamparada, sem esperança e completamente a sua vontade.

Seus movimentos crescem em ferocidade, me machucando sem vergonha com seu desejo de me umedecer pelo êxtase.

Engulo em seco enquanto sua garganta trabalha forte, o cabelo caindo sobre um olho quando ele pressiona a testa contra minha têmpora. “Você vai gozar, Pim. Está tudo na sua cabeça.”



Aperto os lábios quando um gemido traidor sai do meu peito. Algo novo acontece abaixo.

Tensiono e relaxo tudo de uma vez.

Vibro e formigo tudo ao mesmo tempo...

Meu sexo estica e aperta, procurando, buscando algo mais gratificante do que apenas dedos.

"Sente isso? Sente seu corpo cedendo?" A língua de Elder corre a concha da minha orelha, o pênis cutucando meu quadril. "Você me deixa tão fodidamente obcecado por você; estou a segundos de gozar apenas te tocando."

Seu polegar circula mais rápido. "Então goza, Pim. Goze, então eu posso. Cristo, eu preciso gozar." Os dois dedos se tornam três.

Meu torso levanta da cama.

Sim, é o que preciso.

Espessura, dureza e posse.

Ele sabe disso.

Ele lê minhas necessidades melhor do que posso descrevê-las. Estou admirada de como ele me faz reagir. Chocada que sou capaz de tal euforia.

A primeira parte de um choque elétrico me atinge.

Minha boca abre enquanto estremeço com outro.

Outro.

Outro.



“Lá vai você, escute seu corpo.” Ele entra em mim. De novo e de novo. “Não pense. Não tenha medo. Apenas *sinta*.” Sua respiração fica frenética. “Quero-te tanto. Quero minhas bolas profundamente dentro de você. Quero que quebre em meus dedos. Quero sua língua em minha boca e suas súplicas em meus ouvidos.”

Sua fala suja faz mais terminações nervosas acordarem. O tom comandante de sua voz me encharca com pensamentos sexuais, transformando as palavras em ações, imaginando-o em cima de mim, os quadris batendo nos meus, o pênis profundamente em mim. Minha boca saliva por sua língua e faço algo que nunca acreditei ser possível.

Jogo-me de cabeça na paixão. “Por favor, *por favor...*”

Seus lábios se contraem com vitória. “Está pronta para gozar para mim? Pronta para prender meus dedos?” Seu rosto paira sobre o meu, os olhos negros e sem piedade.

Meu queixo inclina-se por vontade própria, desesperado por um beijo.

Antecipação atinge meu ventre tenso e torcido, pronta para acender fogos de artifício se ele só me der o que preciso.

“Você me quer, ratinha? Vai gritar por mim? Gemer por mim?” Seus dedos ficam escorregadios com minha luxúria e não posso dizer mais onde ele me toca, só que o faz. Ele me toca fundo, profundamente dentro e massageando partes escondidas de mim.



Minha cabeça cai para trás enquanto os olhos rolam e desisto completamente. Seja lá o que for, não quero que termine.

Sempre.

Sempre.

Sempre.

Movo-me inquieta, desesperada. Minha atenção fica em seus dedos astutos e manipulação magistral. Meus seios ficam pesados e doloridos, meu corpo vazio e necessitando. Entro numa galáxia onde sou a rainha, governante, e minha forma terrena tem que fazer exatamente o que ordeno.

Eu quero gozar.

Goze.

Goze.

Goze.

"Solte-se, Pimlico." Ele se ergue sobre mim, os dedos afundando profundamente, a unha me pegando e adicionando punição. Seus dentes prendem em meu pescoço. A língua circula minha garganta. Seu domínio me faz queimar até que me consuma em cinzas.

Tão perto.

Tão perto.

Tão perto.



Ofego enquanto meu corpo se estica e deseja que o pesado ciclone dentro de mim, me pegue e faça voar.

Elder sibila com o calor, as pontas de desejo ardendo dele para mim. Não posso sobreviver quando ele me olha assim, me fode assim, rouba tudo de mim desse jeito.

Seu brilho pesado é o de uma besta que quer me comer viva. Sua língua desliza ao longo do lábio inferior, me fazendo desejar. Quero sua língua em mim, dentro de mim, me consumindo.

E quando ele morde o lábio inferior, como é seu traço característico, desisto de qualquer parte minha que mantive oculta e jogo-me de todo o coração em sua posse.

"Boa garota, é isto. Você sente?" Sua voz muda para um ronronar, ele se move cada vez mais rápido, mais e mais brutal contra meu quadril. "Foda-se, te quero tanto." Seus dentes pousam em minha orelha, mordendo forte quando o ritmo fica frenético. A cama balança e meu quadril machuca onde ele se masturba contra mim.

"É isso aí. Goze. Estou esfregando seu clitóris, apertando-o, machucando-o, fodendo e contundindo, se é isso que precisa. Monte meus malditos dedos, Pim. Monte-me e goze tão forte que se esqueça de ficar em silêncio e *grite*."

Algo acontece.

O final me encontroa.

Meus olhos fixam nele.



Minha respiração para.

Ele me assusta, me prende e me atira no final que meu corpo tanto quer.

Goze.

Goze.

Eu...

Eu...

Eu deixo ir.

E quando me solto, paro de respirar, pensando, vivendo, existindo, temendo.

Torno-me nada mais do que elementos, jorrando líquidos e feminilidade.

Meus lábios soltam um grito sem som no paraíso sensacional.

Tremo, tremo e me empurro mais e mais alto até uma montanha que nunca escalei antes.

Ele é incansável, implacável, me fodendo tão profundamente que perco todo conceito de quem sou e explodo.

Deus, eu explodo.

Eu gozo.

Eu quero.

Eu me despedaço.



Violentamente.

Faminta.

Completamente.

Poderiam ser segundos ou horas, mas as faixas de êxtase finalmente me deixam desossada e embriagada no abraço feroz de Elder.

No momento em que abro os olhos para um quarto girando e fora de foco, Elder tira os dedos, empurra o cinto e desfaz o zíper.

Ele não faz isso como um strip-tease. Ele faz porque está com dor. Brutal e intensa dor. Nunca vi nada tão sedutor quanto ele puxando o pau para fora e se encolhendo com a esmagadora sensibilidade.

O comprimento e a circunferência de sua ereção irritada diminuem na grande palma quando ele abre a mão e aperta tão fortemente que os nós de seus dedos ficam brancos. Seu rosto cora. Ele se empurra na mão uma vez. Duas vezes.

Ele é tão comprido e grosso. Inegavelmente implacável e aterrorizante. “Olhe para mim, Pim. Veja-me gozar por você. Da próxima vez, estarei dentro de você e sentirá que eu a tomo, a reivindico.” Ele é completamente desavergonhado, irrepreensível e preso na fúria do que fazemos.



Meus mamilos tensionam numa dor insuportável, meu ventre arrebatado pelo vazio e com o movimento mais ousado da minha vida, arrasto os dedos para meus seios e aperto.

As narinas dele dilatam e o mais sexy som de luxúria e perigo sai de seus lábios.

"Porra, não sabe o que está fazendo comigo. Faça novamente."

Quero ser imprudente por ele. Quero que ele saiba que estou mais solta do que já estive. Mais feliz do que já fui. Estou obcecada com ele e quero marcar-me em seu coração, então ele nunca me esquecerá.

Se ele quer que eu me transforme de um corpo que até dois minutos atrás odiava tudo, num show pornográfico, eu farei. Se ele me quer de joelhos ou em alguma posição dolorosa, eu farei.

Porque *eu* escolho.

Ninguém mais.

Darei este presente.

Ele não aceitará sem permissão.

Somos iguais.

"Aperte seus mamilos, Pim. Toque-se."

Os comandos enfeitiçam meu cérebro, fazendo as mãos obedecerem sem pensar. Arqueio as costas, espalhando as



pernas, confusa quanto a quem me tornei, mas abraçando-a de qualquer maneira.

"Porra!" Elder curva-se, a mão empurrando o pênis.

Seu grunhido rouco ondula meus dedos do pé quando o primeiro respingo de sêmen me manda convulsionando num espasmo de corpo inteiro.

Meu ritmo cardíaco acelera e cega minha visão, deixando-me absolutamente sem fôlego quando fio após fio de tiro branco de sua coroa salpica minha barriga. Ele aperta o pau e se brutaliza, empurrando na palma como se fosse morrer caso não encontrasse liberação.

Seu estômago vira pedra dura quando a última onda do orgasmo jorra dele em mim, me manchando num gozo perolado.

Não tenho vontade de correr e lavar.

Não tenho necessidade de vomitar ao ser marcada.

Fico ali deitada, tremendo pela melhor coisa que já experimentei e tensa depois de um aperto residual enquanto ele empurra as calças até os joelhos e se move para cima de mim. Ele sequer terminou de gozar antes de sua mão soltar do pênis e os dedos afundarem em mim.

Grito de prazer, em seguida, tensiono quando seu pau cutuca minha coxa.

Eu congelo.

Ele congela.

Nossa respiração é alta e fora de controle.

"Preciso de você." Sua voz é apenas um sussurro, mas ecoa com desespero. "Eu preciso gozar de novo. Por favor, Pim." Seus dedos se retiram, manchados do orgasmo anterior, garantindo que estou molhada, pronta e praticamente tremendo para ele me encher.

Enrolo-me nele e mordo seu ombro, sem me importar com o dragão que sopra fumaça em mim ou suas costelas sangrentas com detalhes.

Ele geme forte e baixo, um som de tormento. "Você é linda quando se solta." Seus dedos envolvem o pênis, guiando a coroa até minha entrada.

"Deixe-me fazer isso. Fique comigo."

Empurro-me, mas no meu estado desenrolado, não consigo me lembrar por que tal sensação deveria me chatear. É bom. Parece certo. Parece como casa.

Com a ponta da ereção dentro de mim, suas mãos se erguem e cavam no colchão abaixo da minha cabeça. Segurando meu cabelo, ele puxa forte, forçando minhas costas a arquearem e os quadris a subirem. "Você gozou. Você está pronta. Você é minha." Seus dentes encontram meu pescoço sem classe ou provocação.

Estremeço quando sua língua lambe a mordida e quando murmura duramente, "Vou te foder agora. *Forte*."

Ele cumpre a promessa de me fazer gritar.

Grito de delírio enquanto ele aperta o pênis dentro de mim. Mais grosso e mais longo do que os dedos.

Mais amplo, mais profundo, abrangente.

Pensamentos, se vão.

Medos, somem.

Horror, terror, pânico ... tudo desaparece.

Minhas pernas enrolam em torno de seus quadris quando sua boca cai sobre a minha. Aperto-o com força. Seu peito nu é melhor do que qualquer coisa. Ficamos juntos, suor com suor quando ele entra em mim de novo e de novo.

Perco a noção de estar viva ou morta, ficção ou realidade, cativa ou livre.

Elder é meu sol, meu ar, meu mundo.

E deixo-o me montar.

Seguro-o enquanto seus quadris vão cada vez mais rápido. Seus beijos molhados e ferozes. Não sei onde ele começa e eu termino. Nós somos um. Estamos selvagens, maníacos, atordoados e procurando. Buscando e implorando uma linha de chegada onde poderemos descansar e respirar.

Peso. Calor. Balançando e gemendo.

Ele não para de me foder e não paro de deseja-lo.

Não tenho nenhum ataque de pânico. Sem lágrimas. Com ele segurando-me, permaneço sua e única.

E quando seu fôlego falha pela segunda vez e ele se levantou para investir como um garanhão raivoso em mim, grito com uma liberação de coração ao invés de corpo.

Ele goza, inundando-me com um segundo clímax.

Eu gozo, com tudo o que me torna humana. Não sei se o orgasmo se origina em minha barriga ou alma, mas todas as extremidades formigam e relaxam. Todas as células brilham e não ficam soltas. Todo o ódio e raiva que seguro em direção ao sexo oposto é acalmada, deixando-me com alegria pura.

Agarramos um ao outro, descendo do nosso alto vicioso.

Finalmente, depois que recuperamos a respiração e deixamos as peles animais para humanas mais uma vez, Elder lentamente se apoia sobre mim. Observando-me de cima, seu rosto não mostra nenhum dos segredos afiados ou agonia sombria. Os olhos estão mais calmos, menos pretos e profundos como o oceano. “Eu sinto muito.”

Por que ele está se desculpando?

Ele não fez nada de errado.

Rolando de lado, ele puxa o pau para fora, deixando-me com umidade pegajosa de prazer compartilhado. Colocando o braço sobre os olhos, ele murmura: “Iremos ao médico amanhã. Para pegar a pílula do dia seguinte.”

Arrepios descem por minha espinha. Contanto que ele esteja me tocando, eu posso fazer isso. Posso fingir que sou normal. No minuto em que para, as lembranças de ser escrava voltam. Não posso ter a melhor experiência sexual da minha vida arruinada pelo passado.

Enrolando-me nele, afundo profundamente até que seu braço desliza em torno, embalando-me perto. “Eu não preciso disso. A injeção que Alrik me deu é válida por mais alguns meses.”

“Oh.”

Uma palavra pequena, mas mil coisas não ditas por trás.

Nossos pensamentos voltam a lugares menos felizes e uma mistura de decepção e estranha tristeza me enche.

Movo-me num lago de melancolia, incapaz de entender completamente quem sou, onde estou ou o que quero ser.

“Devemos dormir.” Beijando o topo da minha cabeça, Elder me deixa ir e sai da cama. Erguendo as calças até a cintura, desaparece no banheiro. O som de uma torneira enche a suíte antes dele retornar e tirar as roupas restantes.

Sua gravata está rasgada, a camisa soltas nos ombros e calças abandonadas no chão.

Apagando a luz, ele deixa as cortinas abertas e o céu noturno pinta-o numa silhueta fantasmagórica na luz suave das estrelas e lua.



Subindo na cama, espero até que ele descanse de lado. Não sei se ele quer que eu vá para o outro quarto. Dar-lhe espaço. Tenho permissão para tocá-lo?

Ele afasta minhas perguntas empurrando meu ombro até que eu fique de lado, em seguida, engancha o braço em minha cintura e me puxa para seu peito.

Não espero um abraço ou cuidados posteriores. Não quero que ele me dê algo que não está confortável dando.

Mas quando me afasto, seu abraço vira um aperto sem saída. “Fique. Preciso te sentir.”

Suspiro pesadamente, querendo ser honesta. “Preciso te sentir também.”

A leve inspiração é a única prova que o surpreendi. O colchão balança e suas pernas tocam as minhas antes dos bíceps apertarem ao meu redor, metade de proteção, metade de posse.

Fico rígida por um momento, claustrofobia aparecendo nas pontas do meu conforto.

Ele beija atrás da minha orelha. “Relaxe, Pim. Durma como fez naquela primeira noite. Confie em mim para mantê-la seguro.” Seus dedos acariciam minhas costas, me encorajando a arquear nele como um gato domesticado. “Durma. Amanhã é um novo dia.”

Amanhã *será* um novo dia.

Amanhã será um dia de conversa.



Amanhã será um dia para mais de hoje à noite.

E esta noite foi a noite em que encontrei o paraíso.

E Elder é um homem que nunca esperei encontrar.

E eu sou melhor por causa dele.



ELDER

Meus olhos seguem o teto decorado pintado à mão três andares acima de mim, imaginando Pim ainda na cama, acordando sozinha, vendo o cavalo de origami feito de cem dólares e a pequena nota dentro.

Apenas algumas palavras, porque mesmo mil alfabetos não conseguiriam transmitir o que a noite passada foi para mim. O que seu orgasmo fez comigo. O que sua confiança me fez sentir.

Olhei sua forma adormecida e ponderei como abrir meu coração para que ela possa ler o que marcou lá, em vez de tentar ser coerente.

No final, decidi mantê-lo simples e quase sem emoção.

Foi o melhor.

Para nós dois.

Fui para uma reunião matinal com Selix. Volto em breve.



O que ela pensará quando desdobrar o cavalo do origami e ler as linhas impessoais?

"Você está me ouvindo ou o quê?" Selix limpa a garganta, tomando um gole de sua bebida quando o sol aquece o tapete à nossa volta no café do hotel.

Afastando a mente de Pim, tomo um gole da minha xicara. "Claro."

"O que acabei de dizer então?" Ele se recosta com um sorriso gentil nos lábios.

Amaldiçoo o dia em que pedi que ele viesse comigo todos esses anos atrás.

Deveria tê-lo deixado nas ruas, bastardo arrogante.

"Você disse que minha mãe e meu tio não estão mais na casa de Monte Carlo."

Ele franze o cenho como se estivesse irritado ao descobrir que estou ouvindo, afinal. Ele não precisa saber que só ouvi metade. Pim ocupa com sucesso a maior parte do meu cérebro.

"Sabe para onde foram?" Selix pergunta, terminando o café.

"Sei."

"E vai atrás de sua mãe? Falar com ela?"



Balanço a cabeça, alisando o jeans, mesmo que não esteja amassado. “Não. Nenhum ponto.”

Não me permito pensar nela desde a noite infeliz quando falei demais a Pim. E não perseguirei o mundo como antes, implorando perdão.

Fiz o que pude.

O resto depende deles.

E se nunca quiseram que eu volte para suas vidas, então bem, foda-se. Continuarei a protege-los de longe e permanecerei na minha existência solitária.

Sobrevivi a muito tempo sem ninguém. Posso sobreviver ainda.

Selix estreita os olhos. “A família sempre é um ponto. Se tivesse uma, não aceitaria não como resposta. “

Selix está nas ruas por causa de um erro do sistema de adoção da criança após seus pais serem mortos no cinema local. Ele não tem ninguém ... assim como eu.

Afasto seu comentário com uma mão cansada. “Minha família prefere pensar em mim como morto.”

“Sua família é de idiotas.”

Bufo, dando-lhe um sorriso pela lealdade. “Minha família tem seus motivos.”



Razões que não tenho intenção de dizer a Selix, mas por conhecê-lo, ele provavelmente já pensou nisso ou bisbilhotou para descobrir.

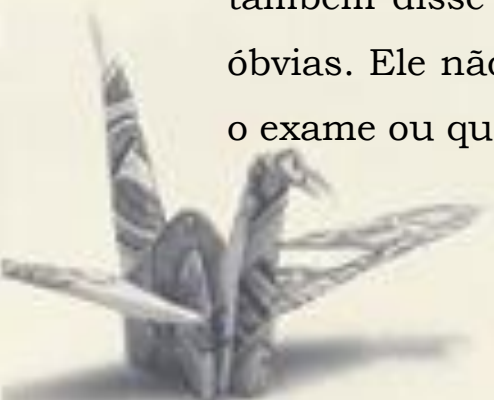
"Ok, então ignorando a visita da mãe e tio, mesmo que pense que deve seguir e tentar conversar em vez de usar seu lugar como casa de férias e, depois, sair sem um obrigado, temos outros tópicos a serem abordados."

Esfrego o queixo, saboreando o último sabor do café. "Eu ofereci a eles. Não preciso de agradecimentos."

"Ok então." Selix tira o telefone e olha para qualquer agenda que tenha que cobrir hoje.

Em uma hora, devo retornar ao armazém e aprovar algumas encomendas pesadas de aço e uma mesa de bilhar que pesa mais do que meu carro para o último cliente. Isso chateia o grupo até o ponto de nossos matemáticos estarem tendo problemas com o arranjo de salas e quartos em comparação com onde a sala de jogos deve estar.

"Pim tem uma consulta com o dentista amanhã de manhã antes de sair do porto, junto com um optometrista, exame ginecológico e de sangue. Michael arranjou para garantir que sua saúde geral não esteja prejudicada agora que sabe que seu corpo está se curando." Selix levanta os olhos para se certificar de que estou prestando atenção. "Ele também disse que a ginecologista é uma mulher, por razões óbvias. Ele não acha que Pim ficará feliz por ele mesmo fazer o exame ou qualquer outro homem."



Qualquer coisa a ver com Pim tem minha maior concentração.

E não por causa da noite passada.

Não direi a ela, mas fumei outro baseado esta manhã. Toda a noite, mal dormi. Contei as listras nas cortinas. Calculei e recitei hinos. Toquei meu violoncelo imaginário até o caos que Pim me causou ser bastante silencioso para dormir.

No entanto os meus sonhos foram piores do que estar acordado.

Sonhei com Pim de novo e de novo. Dela implorando-me para deixá-la descansar, mas minhas necessidades não permitem isso. Ela chorou quando acordei e o amanhecer me deu uma desculpa para fumar, tomar banho e sair.

"Tudo bem." Balanço a perna, impaciência começando a aumentar. "Compartilhe a localização e a hora com meu telefone. Vou escoltá-la pessoalmente."

Selix me dá um olhar estranho antes de assentir e tocar algumas coisas em sua tela, que por sua vez faz meu celular soar com novas notificações.

"Sairemos às dezesseis horas amanhã. Hoje serão entregues novos serviços e provisões junto com o combustível. Estaremos preparados para viajar para South Hampton como solicitou."



“South Hampton?” Franzo a testa. “Por que diabos vamos voltar a Inglaterra?” Não me lembro de construir um iate para alguém de lá e não há nada chegando ...

Ah merda, sim, há.

Gemo. “Não quero Pim com esses criminosos.”

Selix ri em voz baixa. “Diz o cara com um dos maiores registros de roubo que já conheci.” Ele baixa a voz. “Qual é a pena por roubar mais de três bilhões em pedras?”

“Feche a boca,” xingo baixinho, olhando as mesas de café da manhã. “Isso é diferente.”

“Só porque foram diamantes e não dinheiro não significa...”

“Isso significa que eles têm sangue nas mãos, Selix. Os Hawks não são uma família a ser tocada levemente. Especialmente o filho mais velho ... seja qual for seu nome. Desde que ele assumiu o controle, os negócios estão silenciosos. Não há rumores. Nenhuma informação. Sinaliza que ele é ainda mais implacável do que o anterior ou tem uma habilidade para matar rumores antes de começarem.”

Selix consulta o telefone. “O nome, para seu registro, é Jethro Hawk. E pode estar certo sobre a parte do implacável, mas ele está mandando na bola mais prestigiada no Hemisfério Norte. Inúmeros clientes estarão lá, junto com outros que querem suas habilidades e qualidade. Você vai. Quem disse que deve levar a garota?”



Meu temperamento desperta. “Ela não é *apenas* uma garota.”

Seu olhar estreita, julgando-me. “Sim, posso ver. Cuidado, El.”

Ele sabe que odeio esse apelido. No entanto, por algum motivo, se Pim o utilizasse, duvido que me importarei.

Hipocrisia do caralho.

“Posso dizer o mesmo para você, Selix.”

Ele sorri. “Estou confirmando seu comparecimento ou cancelando? Mais um ou sozinho?”

Olho de novo para o teto. Pim já experimentou bastante mal sem que fosse submetida aos Diamantes Negros de Buckingham Shire. Os rumores em torno dessa família e dívidas antigas não são algo no que quero Pim envolvida.

Mas, novamente, não depende de mim proteger sua vida. É comigo mostrar que ela é forte o suficiente para lidar com qualquer coisa com ou sem mim.

Foda-se.

“Confirme. Com mais um.” Estou pronto. Pronto para que essa reunião termine. Preciso chegar ao armazém, mas primeiro, quero verificar Pim. Quero vê-la uma última vez antes que a erva desapareça do meu sistema e eu volte a ser fodido e ter que me automedicar novamente ou evitá-la.

“Ah, antes de ir.” Selix levanta, enfiando o telefone no bolso do blazer. “Nós temos um problema.”

“Problema? Que problema?”

Ele esfrega a parte de trás do pescoço. “Alguns dos detetives que colocou para rastrearem a mãe de Pim ligaram.”

Congelo. “E?”

“E sei onde ela está.”

Meu coração fodidamente dispara. Não sei se estou feliz ou irritado. Pim tem uma família a procurando.

Ela tem outros que a amam. Ela é alguém para eles enquanto sempre serei o homem que a roubou.

Isso significa que ela vai embora? Que terei que deixá-la ir como prometi? Maldição, será impossível. Gosto da loucura que ela me faz sentir. Não há como voltar agora ...

Merda.

“Onde ela está?” Já penso em maneiras de informar Pim. De alterar meus planos de viagem para casa. Estamos a caminho do Reino Unido. Ela é de lá (*eu acho*), graças ao sotaque, mesmo que não tenha me contado exatamente de onde.

A visita aos Hawks pode começar com ela no meu braço e terminar com ela deixando-me.

Não vou fazer isso.

Não quero deixá-la ir.



Mas sei que é a coisa certa, independentemente do que quero. Fiz minhas escolhas. Seguirei. E farei a coisa certa em relação a Pim.

Sempre.

Empurrando uma mão pelo cabelo, eu ordeno, “Diga-me, Selix.”

Alguns seguranças olham minha explosão, lembrando-me de que nossa conversa não é privada. Abaixando a voz, comando: “Venha comigo. Vamos discutir isso fora.”

Selix assente e me segue.

Atravessamos o lobbie decadente e brilhando e depois ele rapidamente destrói meu futuro.

Ele me conta sobre a mãe de Pim.

Sobre o que ela fez.

Sobre onde está.

Sobre tudo.

* * * * *

“Você voltou.” Pim sai do banheiro.

Meus músculos tencionam de angústia. O vício luta contra a brandura da erva e me faz *desejar*. Estou fodidamente ansioso para tê-la novamente.



Maldita seja, ela não consegue parar de me matar por um segundo?

Usando uma toalha com o cabelo agarrando-se como chocolate derretido em volta da clavícula, ela é minha fantasia ganhando vida. Sua pele brilha. Os lábios sorriem. Ela tem uma leveza, uma sensualidade que nunca teve antes. Uma calma sensual que me rouba a respiração, ata o intestino e me faz querer atacar e beijá-la de uma só vez.

Já estou ferrado quando se trata dela.

Ainda mais agora que sei sobre sua mãe.

Olhando para longe, aperto os punhos para combater todos os desejos sujos girando em minha cabeça. “Desculpe, tive uma reunião com Selix.”

Sei o que aconteceu com você.

Sei quem realmente é.

Seus segredos são meus segredos.

E não posso dizer a ela nenhum deles.

Seus pés batem suavemente no tapete. “Sua nota informou.” Ela sorri mais, vindo em minha direção com intenções no olhar. Intenções de me beijar, tocar ou talvez até me arrastar com coragem de volta à cama para cumprir as promessas que nunca deveria ter feito. “Senti sua falta.”

Levanto uma mão, afastando-a e indo em direção a minha mochila. “Não agora, Pimlico.” Jogo as roupas que usei

na noite passada, as mesmas que cheiram a sexo e a ela na bolsa e fecho com força. “Tenho outras coisas em mente.”

Coisas como me distrair para que não te jogue no chão e espalhe suas pernas. Coisas como impedir-me de trancar este quarto e nunca te deixar sair da cama.

A dor nas minhas bolas quase me deixa violentamente doente. Na noite passada, gozei duas vezes numa rápida sucessão e ainda não é suficiente para me satisfazer plenamente. Meu corpo não tem limite de prazer quando se encaixa no que procura. Alguns homens podem me chamar de sortudo. Eu acho uma maldição.

Dormi com ela contra meu peito e de pau duro a noite toda.

Não é que sou um desviante sexual sem fim para a libido. É porque meu vício faz tudo, incluindo meu pau, obedecer às suas necessidades em busca de conquistar e controlar.

Sou apenas uma ferramenta para alcançar a maior manipulação possível. E Pim está substituindo rapidamente minha obsessão por artes marciais, origami e música.

Não posso deixar acontecer.

Porque, se for, nada me manterá calmo. Somente ela. Só quando estiver dentro, tocando-a, beijando-a, amando-a poderei parar a contagem, vicio e preocupação que vem com tal condição deliberada e cansativa.



“Oh.” A triste aceitação aparece em seu rosto enquanto seguro a alça e vou até a porta. O progresso que fizemos na noite passada desaparece e ela volta para um membro passivo, procurando o próximo punho, temendo o chute iminente.

Ela balança a mão como uma borboleta morta. “Claro. Desculpe, sei que está ocupado. Eu vou ... vou sair do seu caminho.”

Com os ombros caídos, ela volta ao banheiro. A porta começa a fechar, mas não antes que eu veja o brilho das lágrimas em seus olhos.

Merda. Merda. *Merda*.

Quero que ela fique longe. Fui cruel e frio para conseguir isso. Se fosse por mim, teria a agarrado no segundo que entrei na suíte e ela estaria grudada a mim agora.

Mas não estou saudável.

Minhas necessidades não estão corretas.

Ela tem que ficar longe por causa dela e de mim.

Mas não posso suportar sua dor ou viver comigo mesmo, sabendo que sou a causa disso.

“Pim, espere.” Avançando para frente, bato a mão na porta, mantendo-a aberta.

Seus lábios se separam. “O que...”



Não consigo me concentrar em nada além de sua boca, as delicadas clavículas e o rubor na pele recém-lavada. Afasto seu passado, sua mãe, nosso futuro.

Empurrando a porta, a pego nos braços e ando. Levanto seu peso sobre a pia de mármore, as pernas penduradas, olhos selvagens com incerteza.

Odeio essa incerteza.

Odeio minha incerteza e o maldito conhecimento que agora carrego. A dívida de saber algo que ela não sabe e ter que dizer quando daria qualquer coisa para não fazer.

"Também senti sua falta." Segurando seu rosto nas mãos, eu a beijo.

Ela se derrete no meu toque. Num momento ferida e desconfiada. No próximo acolhedora e receptiva. Ela tem gosto de água fresca e pasta de dente, a pele ainda úmida e quente.

Sua cabeça inclina para me beijar mais fundo, a língua como uma serpente habilidosa fazendo minha cabeça nadar, regras se destruírem e meu autocontrole chegar ao limite.

Perco o controle e engancho os dedos em seus quadris. Arrastando-a para a borda, me encaixo entre suas pernas.

Ela geme quando solto a toalha e esfrego-me contra ela. Seus lábios se separam mais rápido do que antes, mais segura e confiante do que em nossas outras conexões compartilhadas. Sua língua luta com a minha antes de eu ter

a chance de manipular o beijo. Sua exploração valente e ousada envia cada gota de sangue para o meu pau.

A agressão reprimida de me segurar a noite passada transborda.

Puxo o resto da toalha, tomando cuidado para não a machucar.

Ela balança, as mãos se fechando nos meus ombros. Tudo o que quero fazer é empurrar meu jeans e entrar nela.

Para foder como ela quer.

Para nos lembrar que duas coisas quebradas podem ficar inteiras quando estão na cama.

Seus dedos descem do meu peito até o cinto. Seu toque roça meu pau enquanto luto para desfazer o cinto quando me encaixo contra ela.

Fico de pé no precipício, a poucos segundos, recostando-me, deixando-a me tirar e levando-a comigo.

Mas uma coisa me segura.

Uma coisa que mantenho para me impedir de fodê-la ainda mais do que já fiz.

A mãe dela.

Pim já não é minha. Ela nunca foi. Ela pertence a uma mãe. Uma mãe que fez coisas indescritíveis. Uma mãe que não a merece, mas ainda tem propriedade sobre essa incrível mulher que é sua filha.



“Pim ... pare.” Afasto-me, segurando seus braços, prendendo-a, impedindo seus dedos de abrir minha calça. “Não farei isso de novo.”

Ela pisca, atordoada e aquecida. “Mas...”

“Disse ontem à noite que só dormiria com você uma vez.” Soltando-a, retrocedo e corro as mãos pelo cabelo. “Acabou.”

Mechas de chocolate se agarram à clavícula quando ela sacode a cabeça. “Mas pensei...”

“Você não pensou em nada. Nós nos divertimos e agora acabou.” Virando de costas para sua agonia, a agonia que causei, murmuro, “Vou te deixar no Phantom. Tenho que voltar ao armazém em algumas horas.” Apoio a mão no batente da porta, não a deixando ver minha dor. Como minhas tripas estrangulam o coração e me matam. Como meu corpo treme para girar e arrastá-la para o chão. Montá-la. Beijá-la. Fodê-la até que nós dois não possamos respirar.

De certa forma, fico feliz que Selix me deu notícias terríveis. Concentro-me nisso. Isso me dá um limite que não posso atravessar. Uso isso agora, substituindo o que quero pelo que é melhor para Pim.

Limpo a garganta, ainda com seu gosto na minha língua. “Uma vez que terminar o trabalho, precisamos conversar.”

Vou te dizer algo que não quer ouvir.

Ouço-a saltando da pia, seguido de um suave gemido de dor pelos ossos maltratados. Sua presença elétrica aproxima-se. O toque mais suave de sua mão pousa nas minhas costas. “Se precisa conversar ... fale agora.”

Ela pensa que sou o único que precisa contar as coisas?

Que despejarei o resto do meu coração como fiz na noite anterior?

De jeito nenhum.

Na próxima vez que conversarmos, todo assunto será sobre ela. Direi o que sei e será melhor para ela, juro por Cristo fodido, contar tudo o que sabe em troca. Quero saber em que escola ela estudou. Quais apelidos teve. Qual seu assunto favorito. Seu filme favorito, cor, cheiro, gosto. Quero possuir todas as suas memórias, não porque tais coisas me prendem a ela, mas porque preciso ter o que é dela.

Preciso mais do que meu próximo baseado ou sessão de música.

Também preciso muito disso.

Girando ao redor, rosno. “Isso não é sobre mim. É sobre você.”

A dúvida enche seu olhar, procurando meu rosto por pistas sobre qual assunto pode ser. “Se for sobre a última noite...”

“Não é.”



Suas sobrancelhas sobem sobre o olhar ferido. “Tudo bem.” Energia toma sua coluna vertebral, deixando-a ereta, independentemente de estar nua. Mais uma vez, ela está como prefere e parece fodidamente impressionante. “Vamos navegar para um lugar novo hoje à noite?”

Luto contra o desejo de fechar os olhos, então não me afundarei em sua perfeição. Então não olharei para os mamilos ou as linhas elegantes da barriga levando ao lugar que quero mais do que qualquer coisa.

“Amanhã.” Minha voz é um rosnado. “Na parte da manhã, você tem algumas visitas ao médico. Então navegaremos.”

“Oh.” Ela olha para baixo, os dedos ardendo como se tocasse um acorde imaginário como faço quando fico estressado.

“Oh?” Cada centímetro meu anseia prender suas mãos, deslizar os dedos por sua coxa e …

Maldito seja, controle-se.

“O que há de errado?” Bufo.

“Nada.” Ela sorri brilhante e falsamente. Movendo-se para passar por mim, ela abaixa o olhar, escondendo seus pensamentos.

Não me movo. “Há algo.” Cruzo os braços, atravessando seu caminho. “Conte.”

“Está tudo bem. De verdade.”

“Não gosto de mentirosos, Pim. E definitivamente não gosto de pessoas que ocultam a verdade.”

Hipócrita.

Diga a ela. Agora mesmo. Conte-lhe sobre sua mãe.

Mas não faço porque tenho padrões e espero mais de Pim do que de mim mesmo.

Desgraçado.

Pim engole em seco, endireitando os ombros. “Eu só ... eu pensei ... sabe o que, não importa. Nunca importou.”

Vibro com frustração. Ela me tenta com algo e depois nega ... sim, isso não cai tão bem. Punhos cerrados. O autocontrole vacila. Perigo se aproxima. “Tudo sobre você importa, Pim. Cada pensamento aleatório. Cada desejo que tem muito medo de fazer.” Abaixo a voz, tentando esconder meu rosnar. “Fale e não recue novamente.”

Ela levanta o queixo em desafio. “Você disse que me daria uma noite. Você me disse que me levaria. Que nós ...” Ela acenou com a mão no ar. “Você sabe.”

“Faríamos sexo.”

Ela olha seus dedos. “Sim.”

“E está desapontada? Ferida? Desejando esquecer tudo?”

“Não!” Seus olhos se abaixam. “De modo nenhum. Como pode pensar isto?”

“Posso pensar porque sei que não estava preparada. Não deveria ter te usado assim.”

“Você não me usou.” Suas bochechas esquentam. “Quer dizer, ontem... foi a melhor noite da minha vida. Você me mostrou como possuir meu corpo novamente. Você me mostrou do que é capaz e ainda ...”

“Ainda o que?”

“Você me deu algo incrível, Elder. Você me deu prazer. Você é a primeira pessoa de quem não tive medo. O primeiro homem que, voluntariamente quero tocar e beijar. Isso é enorme, uma mudança de vida. Não tem ideia do que significa para mim.”

O calor abre caminho ao redor do meu coração, mas ignoro. “E seu ponto é?”

Ela se encolhe um pouco com meu coração frio, mas continua. “Meu ponto é que só consegui gozar e aproveitar o que aconteceu entre nós porque me deixou te tocar. Você me deixou te beijar. Você me deixou te usar como minha âncora.”

Não vejo o ponto dela. Meus braços tremem enquanto luto contra a necessidade de gritar para ela falar ou correr.

Voltar ao Phantom e pegar meu violoncelo, então terei algo para fazer com minhas mãos, mente e sanidade.

“Vamos, Pim. Estou atrasado.”

O trabalho é uma boa desculpa. Não posso ficar se tenho compromissos.



Ela coloca as mãos nos quadris. “O que estou tentando dizer, Elder, é que não pode me dar algo assim e se recusar a fazer novamente.”

Uma risada sombria sai dos meus lábios. “Essa é a maior besteira que já ouvi.”

“O que? Como?” Temperamento brilha em seus olhos. “Acabei de te dizer que consegui gozar... algo que é o Santo Graal a ser alcançado por uma garota como eu, graças a você. Acabei de dizer quanto vale para mim poder te tocar, te beijar e agora você fala que nunca poderei ter isso novamente? Você não entendeu? Só pude gozar porque é você. E agora não terei mais. Você quer conversar e isso significa apenas uma coisa.”

“O que significa?”

“Você está me mandando embora. Você me teve, e agora, não sou um desafio.” Lágrimas furiosas correm por seu rosto. “Você me dá algo que nunca pensei que poderia desfrutar e vem com limites de tempo e advertências!” Seu pequeno punho atinge meu peito. “Prefiro que não tivesse me mostrado o que o amor pode ser porque até agora só conheci o abuso, mas sei a dor de estar sozinha!”

Agarrando suas mãos quando ela vai me bater novamente, puxo-a contra mim. “Isso não é amor, ratinha. Isso é foder.”



“Não foi foder e você sabe! Houve algo lá. Se não houvesse, não seria capaz de fazer o que fiz. Não ficaria aqui gritando com você para me dar novamente.”

“Novamente?” Puxo-a para frente, girando e batendo-a contra a porta. “Você quer meu pau de novo?” Apertando meu corpo ao longo do dela, eu rosno, “Eu te avisei, Pim. Uma vez é tudo o que posso dar-lhe. Você já me teve duas. Não teste sua sorte.”

“Duas vezes? A primeira vez não foi sexo, Elder. Foi estupro!”

Eu travo.

Músculos, esqueleto, coração e alma. Trancado numa pequena caixa onde nada pode me tocar.

Eu a lembro. “Você está certa. Foi. E é por isso que, seja lá o que for ... acabou.”

Ela ri como uma louca. “Acabei de dizer que quero mais. Que não me importo com a primeira vez. Que só me importa o que aconteceu ontem. E tudo o que pode se concentrar é em acabar com isso! Eu quero mais, Elder. Não menos. Eu nunca quis algo para mim além de liberdade e agora estou pedindo mais e você não quer me dar!”

Empurrando, ela me prende contra a pia, onde há alguns momentos atrás, fui o único controlando as coisas. “Sei que estou tornando difícil para você. E sei que não deveria. No jantar ontem à noite, prometi-me que não pediria



mais do que quero dar. Mas por que tem que ser uma vez? Não entendo. Podemos descobrir algo. Temos que descobrir algo. Você precisa me dominar? Bem, faça! Diga o que precisa para que eu possa ter o que quero."

Preparo todas as partes, ignorando os convites e soluções que ela está disposta a dar. "O que precisa é de um bom castigo por pensar que pode me manipular."

Ela fica imóvel, com os dedos brancos nos azulejos de mármore. "É isso o que quer? Mentiu para mim esse tempo todo? Não estava me protegendo, mas secretamente quer me quebrar ... como ele?"

Eu rosno. "Nunca me compare com ele. É uma frase, isso é tudo."

"Bem, o que devo pensar?" Ela levanta as mãos. "Sou tão terrível? Dormir comigo foi uma experiência terrível que está usando seu TOC como desculpa, então não precisa me tocar novamente?"

Argumentar comigo nunca é bom.

Lançar acusações que são completamente falsas na minha maldita cara é como uma bandeira vermelha para um touro.

Minha mão levanta. Meus dedos envolvem sua garganta. Forço-a contra a parede. "*Nunca* mais fale comigo assim novamente. Você não me conhece."



Suas unhas arranham meus pulsos. O pânico antigo de seu pescoço sendo ativado e a enviando direto para o passado. Se fosse um homem melhor, eu a deixaria ir. Eu a pegaria num abraço e diria a verdade, que estou fazendo meu melhor para protegê-la enquanto a magoo.

Mas não sou.

Então não faço.

Em vez disso, meus dedos apertam até ela estar pendurada no meu controle. “Você está errada em tudo.”

Seus lábios tensionam, mas ela não responde. Toda sua concentração usada para permanecer aqui comigo e não deixar sua mente se desativar para remover a ameaça do meu aperto.

Uso isso em minha vantagem.

“Você tem que saber por que está errada.” Eu me aproximei, prendendo-a contra a parede. “Você deve saber.”

Raiva acende em seu olhar. Ela não fala, não enquanto seguro sua laringe, mas eu posso.

É sua vez de ouvir.

“Na noite passada, gozei duas vezes e não perdi a ereção. Na noite passada, acordei com uma garota que não consigo parar de pensar sobre.” Com a mão livre, coloco seus cabelos úmidos atrás da orelha. “Quero isso novamente. Quero te dobrar e foder, aqui mesmo, agora.” Meu pau levanta, querendo admitir o quão cruel sou por negar minha

necessidade de fodê-la com cada respiração. “Mas se fizer isso, ratinha, é tudo o que eu poderei fazer pelo resto do maldito tempo.”

Ela respira fundo.

Com essa respiração, a luta deixa seu corpo, o ódio virando tristeza e se derrete num anjo que não posso mais machucar física ou verbalmente.

Minha raiva some tão rápido quanto aparece.

“A noite passada também significou muito para mim. Mas isso está fora do ponto.” Meus dedos deslizam, descansando sobre sua clavícula. “Não torne mais difícil do que já é.”

Olhamo-nos em silêncio durante uma longa pausa, aceitando que acabou.

“Desculpa, Elder.” Ela suspira pesadamente, lágrimas correndo por suas bochechas. “Eu fui egoísta. Eu acho, espero...” Ela olha para cima com súbita determinação. “Você não faz ideia do que fez por mim na noite passada. Você me trouxe aqui, me mostrou romance, conexão e união. Você me levou para jantar e me mostrou como seria amar. Preciso que saiba o quão grata sou, e mesmo que nunca mais faça isso, pelo menos sei o que estou procurando quando voltar para casa.” Ela me dá um sorriso triste. “Tenho uma comparação do que eu quero e nunca irá diminuir.”



Meu coração machuca e incendeia ao pensar nela com outro homem. Um bom homem. Um homem que casará com ela, dançará e lhe dará um beijo de boa noite pelo resto de suas vidas.

Isto machuca.

Demais.

É exatamente o que tem que acontecer.

Recuo.

Vindo em minha direção, ela pega minha mão e aperta-a contra o rosto. Beijando a palma, ela assente como se finalmente aceitasse meus termos. “Obrigada, Elder. Por tudo.”

Afastando-se, seu olhar suaviza. “Só houve um homem que amei e ele foi levado quando eu era muito nova. Adorei meu pai. E mesmo que não tivemos muito tempo juntos, quero que saiba que também te amo. Talvez não seja o tipo tradicional de amor ou amor entre um casal que encontrou o caminho através de começos desordenados, mas um amor que é para sempre. Eu te amo por me resgatar. Eu te amo por me ajudar. Eu te amo por me mostrar o verdadeiro significado da luxúria quando tive tanto medo.”

Seu ombro toca o meu quando se move nua e poderosa em direção à porta do banheiro. “Não vou tornar o resto do nosso tempo juntos mais difícil para você. Vou me vestir.”

Não consigo me mover.



Literalmente, não posso me mexer.

Meu coração para de bater. Tem que ser. Foi substituído por uma supernova catástrofe.

Ela usou a palavra amor.

Ela disse que *me* ama. Não apaixonada por mim. Não o amor vindo da obrigação familiar. Não amizade. Um amor que se *ganha*. Um amor que nunca pode ser comprado ou quebrado.

Amor.

O único elemento que sempre me negaram.

A única emoção que me aflige além da medida porque foi tirada e nunca esperei recuperar. Encontrar alguém além da minha família para me amar? Por que ela me concede este presente altruísta e maravilhoso?

Isso faz meus joelhos curvarem.

Eu mereço?

Mostrei a ela como será o amor?

De jeito nenhum.

Fiz um trabalho de merda.

Fui frio, implacável e só me preocupei. Não me deixei cair. Não mostrei a ela uma fração do que poderia ser entre nós. E agora, nunca farei porque ela me mandará a levar para casa no momento em que ouvir sobre sua mãe.



Ela aceitará minha oferta de liberdade e ficarei no meu iate sozinho, vazio e xingando o instante em que ela arruinou o que restava de mim.

Eu me movo.

Minhas pernas, meu corpo, meu coração.

“Pim, espere.”

Ela gira, o vestido da noite passada nas mãos e choque em seu rosto.

Ataco-a, segurando e levando para a cama.

Ela solta um suspiro quando a coloco suavemente sobre o colchão, subo em cima e a beijo.

Nesse momento, não estou lutando contra minhas necessidades, mas dando tudo o que ela merece.

Eu a beijo docemente, delicadamente, com adoração.

Sua boca se separa, a língua toca a minha e seu gemido ecoa em meu coração muito mais alto do que nas orelhas.

Meus quadris pressionam sua barriga, revelando completamente o quanto a quero. Não apenas uma, duas vezes ou mil vezes. Mas para sempre, se um homem como eu pode esperar por tal coisa.

Rompendo o beijo, seguro seu rosto nas mãos, apoiando os cotovelos na cama. “Nunca quero que duvide de quão maravilhosa é. Você é tudo e mais. Você é mais do que



posso suportar. Você tem o poder de me ferir mais do que posso suportar. Você não vê? Está cega se não viu."

Eu a beijo de novo, reclamando seus protestos e perguntas com uma varredura profunda da minha língua.

Corro os dedos de suas bochechas até os seios, prendendo um grunhido pelo calor da pele, saboreando o brilho saudável substituindo os hematomas amarelos e verdes de antes.

Ela se curva para mim, os lábios abrindo de prazer. Beijando um caminho pelo pescoço, murmuro: "Eu quero você, Pim. Quero te foder tanto que não faz ideia." Sua pele cora quando me inclino e pego um mamilo na boca. "Apenas estou segurando sabendo que você me quer. Que não tentaria se esconder. Que me deixaria te tocar de novo..."

Seus braços imediatamente envolvem minha cabeça, me segurando, assumindo o controle sobre minha pressão e rapidez.

Gosto tanto que amaldiçoo.

Posso estar no meu mais gentil agora, mas não posso deixar que ela me restrinja. Ensinando-lhe uma lição, mordo o seio.

Ela estremece e depois mais quando rodo a língua sobre o mamilo que acabo de punir. "Você usa o amor nas palavras, contudo não compreende completamente. Quer que



te mostre... uma última vez? Quer que eu faça amor com você?"

O medo me inunda.

Conhecimento do que isso fará comigo.

O que significa.

Mas quando seus olhos ficam nebulosos e um sorriso sensual enfeita seu rosto, sei que tenho que fazer por ela. Sofrerei as consequências. Usarei a dor, a vergonha, o horror do que será de mim para honrar o que ela me deu.

Ela olha, não me dando resposta.

"Você tem que dizer, Pim. Fale."

Seus olhos se estreitam enquanto diz com um suspiro. "Sim, quero que faça amor comigo. Mais uma vez."

"Nesse caso, você terá."

"Agora?" O olhar aterrorizado e esperançoso desfaz-me.

"Não, não agora." Levantando, me afasto da cama. Se não colocar espaço entre nós rapidamente, não irei para o trabalho. Quebrarei todas as minhas regras e ela estará bem e verdadeira fodida não apenas uma vez, mas para sempre.

Prometi que faria amor com ela, não foder.

Preciso encontrar uma maneira de fazer isso sem me matar.

Reorganizando minha ereção para que não enlouqueça, murmuro: "Vamos ficar mais uma noite."

Sentando na cama, ela fica nua com vitória e antecipação. “Obrigada.”

“Oh, não me agradeça, ratinha. Não me agradeça por me dar exatamente o que quero. Você deve ter medo. Eu teria.”

Sem dizer adeus, deixo-a vestir-se enquanto vou me afogar no trabalho.

Esta noite ela será minha uma última vez.

Amanhã, falo sobre sua mãe.

Depois de ter mostrado a ela exatamente como pode ser o amor.

Depois de experimentá-la.

Lambe-la.

Usa-la.

E tornar-me completamente viciado nela.



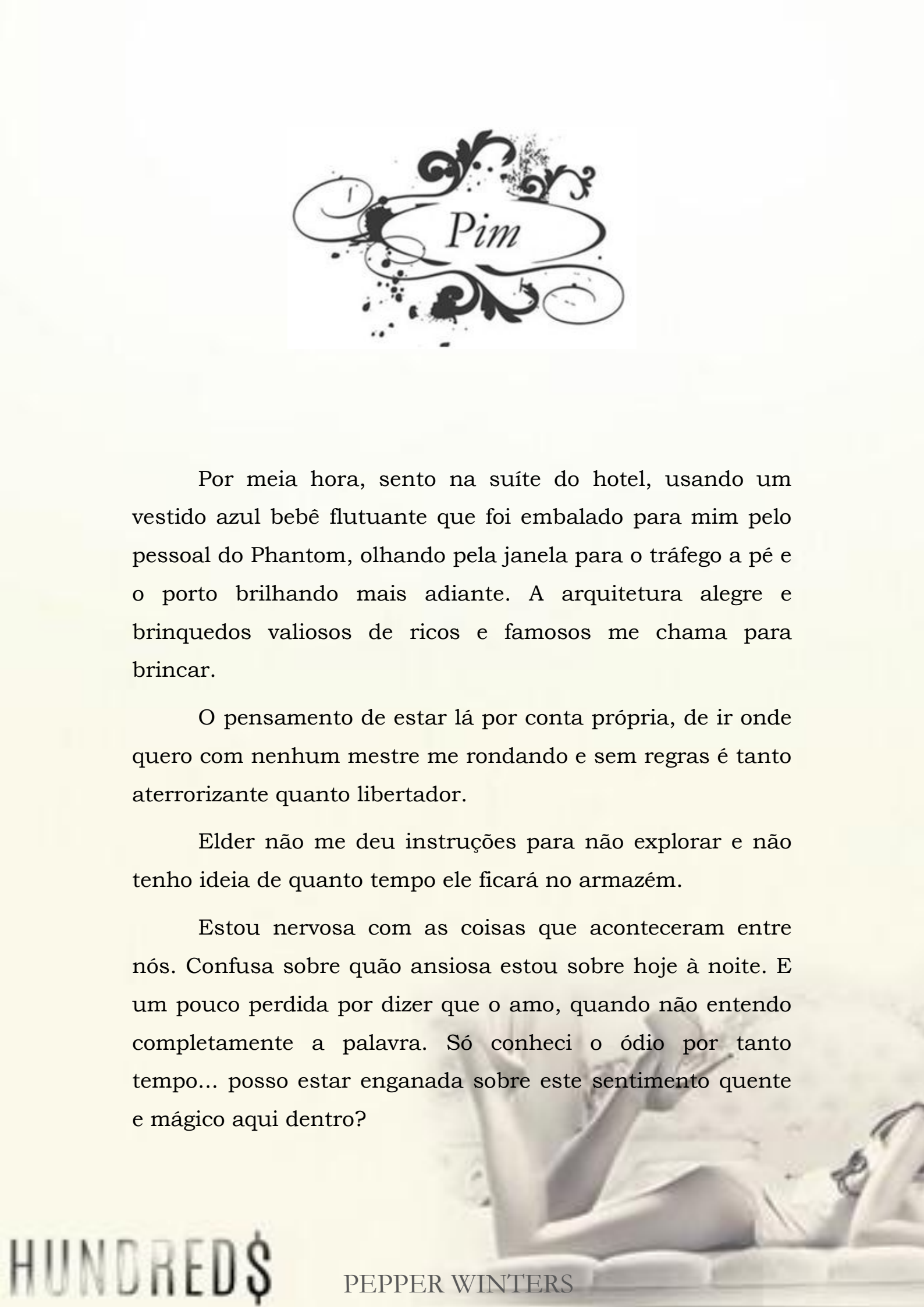
Pim

Por meia hora, sento na suíte do hotel, usando um vestido azul bebê flutuante que foi embalado para mim pelo pessoal do Phantom, olhando pela janela para o tráfego a pé e o porto brilhando mais adiante. A arquitetura alegre e brinquedos valiosos de ricos e famosos me chama para brincar.

O pensamento de estar lá por conta própria, de ir onde quero com nenhum mestre me rondando e sem regras é tanto aterrorizante quanto libertador.

Elder não me deu instruções para não explorar e não tenho ideia de quanto tempo ele ficará no armazém.

Estou nervosa com as coisas que aconteceram entre nós. Confusa sobre quão ansiosa estou sobre hoje à noite. E um pouco perdida por dizer que o amo, quando não entendo completamente a palavra. Só conheci o ódio por tanto tempo... posso estar enganada sobre este sentimento quente e mágico aqui dentro?



Não posso sentar e não fazer nada.

Não posso ficar rodeada por meus pensamentos.

Juntando coragem e um par de sandálias pretas, propositadamente marcho em direção à porta e a abro.

Em vez de um corredor aberto cheio de indecisão, há dois estranhos.

Homens.

Instantaneamente, meus instintos comicham e renascem. “Oh, oi.” Agarro a maçaneta, olhando os homens em ternos escuros. Balanço, pronta para bater à porta em suas caras e tranca-la quando eles veem em minha direção.

Um deles com a cabeça careca e pele mediterrânea, sorri profissionalmente. “Olá, Sra. Pimlico. Precisa de algo?”

Eles sabem meu nome?

“Hum...” Olho de relance em direção ao elevador que me levaria a rua onde há incontáveis estranhos, lojas e sensações. Se não consigo lidar com dois estranhos num hotel... como lidarei com multidões do mundo aberto onde crimes são cometido tão facilmente quanto atividades lícitas?

Estufo o peito e olho para baixo do meu nariz. Esperando parecer no controle e distante e não tremendo de medo rapidamente digo, “Vou dar uma volta.”

Isso é permitido?

Quem são esses homens?



Elder colocou-os aqui para me manter a sete chaves? Suas conversas de liberdade são sem valor?

O homem mais baixo com um fino bigode e olhos azuis surpreendentes se move para fora do caminho. “Claro, ótimo dia para um passeio.”

Minha boca cai aberta, pois no corredor fica claro que os homens vão me dar espaço para passar. Terror substitui meu medo. Talvez estou errada e estes não sejam homens de Elder, mas pessoas sinistras que podem me ferir no momento em que eu sair da suíte. Talvez estejam aqui para me levar de volta.

Roubar-me de volta para Alrik.

E se Alrik de alguma forma despertou dos mortos e mandou pessoas atrás de mim?

Talvez seja Monty?

Monty não estava lá no dia que Darryl e Alrik tentaram cortar minha língua.

Ele está por aí... vivo.

Volto para a suíte, balançando a cabeça. “Pensando melhor... Talvez eu fique...”

O guarda com olhos azuis franze a testa. “O que quiser senhora. Sr. Prest disse-nos para ir onde quer que vá e te proteger. Mas se acha melhor relaxar, estamos felizes em mantê-la aqui.”



Hesito. Os dedos apertando a maçaneta da porta. “O que disse?”

“Disse que estamos ao seu dispor. Onde quer que vá, nós iremos. Só para mantê-la segura.”

“Então... não estão aqui para me impedir de sair?”

O guarda careca sorri. “De jeito nenhum. Vivemos no Phantom e estamos a serviço de Elder Prest. Selix está com Sr. Prest, então nos pediu para vigiá-la.” Ele dá de ombros. “Sei que é uma inconveniência, mas são regras do chefe, receio.”

Inconveniência?

Droga, devo a Elder um pedido de desculpas. Só penso o pior dele. Depois de toda a conversa de confiança e carinho, ainda espero que ele me faça prisioneira.

Espere... posso confiar nestes homens? Eles sabem o meu nome e de Elder, mas Monty também sabia. Ele não pode saber que Selix é guarda-costas do Elder, mas não posso afastar a suspeita.

Nunca acreditarei em alguém sem fazer minha própria pesquisa? Nunca serei capaz de desfrutar da companhia de pessoas que não conheço sem a busca de uma ordem alternativa?

Minha mente não consegue compreender por que Elder não só me libertou, como me mostrou o mundo e deu coisas

que só sonhei, mas então essa é sua maneira de me manter segura.

Tenho problemas com confiança, mas ele confia em mim para vagar sozinha sem aprovação. Ele é atencioso o suficiente para fornecer guardas no caso do mundo com seu tamanho monstruoso assustar a tímida ratinha que de repente foi liberta de sua gaiola.

Estreito os olhos, testando os guardas. “Conhecem um homem chamado Monty?”

Os dois trocam olhares. Procuro mentiras, mas só vejo perplexidade em seus rostos.

O careca dá de ombros. “Não, senhora.”

“Bem. Próxima pergunta. E se, nesta caminhada, eu for a uma delegacia de polícia ou ao aeroporto... você me impedirá?”

Os dois homens mais uma vez se olham. Uma pergunta voa entre eles. O de olhos azuis levanta as mãos em confusão. “As nossas ordens não cobrem detalhes, Sra. Pimlico. Estamos aqui para protegê-la. O que quer que faça e por que é seu negócio, não nosso.”

“E se disser para me deixarem sozinha?”

O homem careca faz uma careta. “Bem, acho que chamarei o Sr. Prest para ter aprovação.”

E Elder dirá sim e me deixará ir?



Não tenho dúvidas, visto que ele tentou forçar a liberdade em mim há alguns dias. Mas isso foi antes das coisas mudarem.

Antes de gritar com ele no banheiro.

Antes dele ceder e concordar em dormir comigo uma última vez.

Engulo meu coração acelerado de repente.

Odeio a verdade nisso. Que algo mudou entre nós. Algo enorme e pungente. Algo irreversível e Elder e eu não estamos preparados para enfrentá-lo.

Ele está tentando parar isto.

Estou buscando isto.

Teremos problemas piores do que os que resolvemos esta manhã em breve.

Chega de pensar.

O sol está quente e a cidade vibra.

Elder está ocupado, e além do mais, quero fazer algo por mim. Reivindicar de volta outro pedaço de minha confiança sem ele lá para amparar-me o tempo todo.

É agora ou nunca.

Movo-me para o liminar e sorrio com determinação. “É melhor me dizer seus nomes, então sei com quem estou andando.”



O careca sorri com dentes ligeiramente curvados. “Sou Lance e este é Bill.” Ele estende a mão.

Bill tem os olhos azuis presos em mim. “Prazer, a seus serviços.”

“Olá.” Desajeitadamente, concluo as sutilezas sociais e insiro minha mão na de Lance.

No instante em que sua pele toca a minha, os dedos apertam os meus e seu calor encontra meu corpo, não estou mais no hotel, mas de volta *lá*.

Lá com Alrik.

Lá na mansão branca.

Terríveis memórias substituem memórias seguras de Elder. A história de ódio a todos os homens e autopreservação silenciosa, ódio interno e sonhos de morte, todos desencadeiam um ataque de pânico tão rápido e violento, que tropeço para trás.

Lance move-se junto, a mão apertando a minha. “Tudo bem, senhorita?”

Pisco os olhos quando Bill se aproxima, me encurralando.

Tudo o que vejo são homens e eu sozinha.

Eu e os homens.

Eu e os homens.

Como tantas vezes antes.



Busco por ar, minha garganta fecha, os pulmões inúteis sacos de oxigênio.

Eles não vão te machucar.

Eles estão aqui para te proteger.

Não se perca.

Não tenha medo.

“Ei, senhorita?” Lance aperta minha mão.

Rosno como um animal.

“Solte-a, cara.” Bill puxa o braço de Lance, afastando-o de mim. “Pare de tocá-la.”

No momento que o contato de Lance termina e minha mão está livre novamente, seguro minha cintura e respiro.

Está tudo bem.

Está tudo bem.

Você está bem.

Inalações imperfeitas agitam meu peito.

Bill murmura, “Tenho uma irmã que tem ataques de pânico. Reconheci os sintomas.”

Olho por baixo da cortina de cabelo. Seu rosto tomado com sombras de preocupação e compreensão.

Sua doçura interrompe a espiral na escuridão e abraço-me com mais força para voltar à vida.



Não sei o que dizer. Não consigo lidar com o atoleiro de constrangimento ameaçando puxar-me para o chão.

Deus, pensei que era mais forte que isso.

Elder não me curou das infecções malignas do passado. Afinal, ele só me reprogramou para querer seu toque ao invés de abominar enquanto ainda temo todos os outros.

Não admira que ele já não queira essa responsabilidade.

Não admira que ele queira ser livre de mim quando sou tão carente e desamparada.

Acreditei estar no caminho para ser reparada ... Mas ainda tenho muito para vencer.

Um dos celulares dos homens toca, quebrando o silêncio estranho. Minha respiração nivela e meu diafragma já não tenta sufocar-me.

Bill puxa um telefone do bolso do casaco e responde. “Sim, senhor?”

Silêncio quando o outro lado fala.

“Claro.” Bill passa o telefone para mim. “É para você.”

Levanto uma sobrancelha, de modo hesitante. Estendo a mão. O aparelho vibra contra meu ouvido. Não digo alô, mas não importa. A voz áspera e quente de Elder enche minha cabeça, anulando os últimos segundos, dando-me um bote salva-vidas cheio de confortáveis almofadas e cobertores.

“Pim? Olha, desculpe, mas estarei aí um pouco mais tarde do que pensava. Não respondeu o telefone do hotel, então estou supondo que saiu.” Ele ri. “Fiz uma aposta comigo mesmo para ver quanto tempo levaria para você explorar.”

Limpo a garganta, esperando que ele não ouça a fraqueza que tive. “Sabia que eu tentaria sair?”

“Ficaria desapontado se não tivesse.”

“Oh.”

“Meu único pedido é para deixar minha equipe segui-la. Não é para mantê-la; você é livre para ir onde quiser. É só para me dar paz de espírito sabendo que está protegida até mesmo quando não posso estar aí.”

Ele não diz para minha paz de espírito. Ele não me rebaixa, dizendo que os guardas estão lá porque pensa que não tenho o que é preciso para entrar no mundo normal sem um acompanhante.

Não sei por que isso significa tanto para mim que ele acredite que sou mais forte do que realmente sou.

Sei o motivo.

É porque quero coisas de Elder, e por algum motivo, sei que ele não dará se não tiver certeza que posso lidar com elas. Ele tem questões que não divulga plenamente, questões que quero entender porque quanto mais tempo passo com ele, quanto mais vezes nos tocamos, quanto mais vezes nos beijamos, mais fico atraída.



Estou usando-o para me encontrar.

Estou sexualmente e emocionalmente atraída por Elder e não posso deixá-lo acabar com isso.

Ainda não.

"Obrigada por pensar em mim." Viro as costas para a equipe, mesmo que educadamente eles tenham se movido e fingido não ouvir. "Posso ir dar uma volta?"

"Por que está me pedindo?"

Porque estou condicionada a acreditar que meu querer não importa.

"Desculpe." Suspiro. Falho no meu primeiro teste para ser normal.

A voz do Elder deriva para um ronronar lânguido. "Você tem dois pés?"

"Sim..."

"Você tem dois olhos?"

"Sabe que tenho."

"Bem, então vá usá-los. Use seus pés para explorar e os olhos para ver. Não volte para o hotel até que veja tudo que há para ver e tenha dor nos pés." Ele ri sob a respiração. "Se precisa de regras e limites, pronto. Você os tem. Obedeça-me."



Sorrio, meu corpo derrete nas complexidades deste homem. O julguei tão mal. Tenho tanta coisa para reembolsa-lo. Se tivesse dinheiro, lhe compraria um presente.

Você tem dinheiro... o origami que ele te deu.

Elder interrompe minha imaginação de compras para ele, de comprar-lhe algo que transmitirá irremediavelmente a gratidão que tenho.

"Ah, outra coisa, Pim."

Meu coração pula. "Sim?"

"Suas tarefas estão ainda em curso. Espero que roube uma carteira ou algo assim. Não precisa ser grande; não precisa ser de valor. Mas quero algo que outra pessoa tinha e você tornou seu. Entende?"

Olho por cima do ombro para os guardas. "Você quer que eu roube? Na frente da sua equipe?"

Sua risada é puro desafio masculino. "Se você é boa não te verão."

"Não gosto de roubar. Você sabe disso."

"É uma pena. Não gosto que se sinta assim, mas não tenho poder para impedir. O justo é justo."

Perco a respiração, arrepios subindo por minha pele.

Amo quando ele é sincero comigo. Amo como suas palavras voam ao redor de meu interior, decorando-me com enfeites de espuma.



A pausa fica pesada com coisas que não estamos prontos para dizer. Eventualmente, ele murmura, a voz sombria e ríspida, “Roubou-me algo, Pim. Afinal de contas, você já roubou algo meu.”

Meu coração para.

Palavras nunca sumiram tão rápido da minha mente.

O que roubei?

Seu coração? Seu amor? Sua luxúria?

O que?

Mas o telefone desliga.

A chamada acaba.

Elder deixa-me cheia de perguntas inquietantes.





Toco meu violoncelo mais forte, mais longo e mais brutal do que nunca.

Nota após nota. Acorde após acordes. Os calos nos dedos não são suficientes para a fúria que coloco na música.

Eu sangro. É justo.

Doí. É justo.

Conjuro melodias sombrias, hinos quebrados e lúgubres clássicos misturando-os com techno, punk e death metal.

Por duas horas, toco até que minha camisa esteja ensopada e a respiração irregular. E uma vez que a magia da música reestrutura meu cérebro para se concentrar em coisas racionais e não nas fixações loucas com que luto ou o pesadelo que presenciei esta tarde. Volto à terra um pouco melhor, mais seguro e com sorte o suficiente para dar a Pim uma noite de prazer antes de perder o controle novamente.

Depois, no minúsculo chuveiro no armazém, lavo meu suor de tocar violoncelo e deixo a mente voltar para minha casa nas colinas.

Ao desastre onde uma vez houve ordem.

Depois de deixar Pim, peço para Selix me levar lá por nenhum outro motivo além de certificar-me de que minha mãe foi realmente embora. Piso no limiar cheio de fantasias estúpidas que minha Okaasan e tio finalmente decidirão falar comigo, sentar, ouvir, perdoar e seguir em frente. Que pode haver um futuro onde ela não me odeie.

Afinal, ganhei o amor de uma mulher.

Se posso fazer isso... não mereço uma segunda chance de minha família? O que não daria para ter uma rede de entes queridos para introduzir Pim. Para lhe mostrar o quão bom pode ser uma grande família, protetora, selvagem e comovente tudo ao mesmo tempo.

Mas esses sonhos são frustrados e inúteis quando entro na casa percebendo que o *Chinmoku* faz o que sempre temi e me encontrou.

Mesas estão derrubadas, gavetas abertas, janelas esmagadas. O armário que abriga o santuário para meu pai e irmão foi arrancado e massacrado com força brutal. Meu temperamento fica preto com fúria que suas memórias foram profanadas pela mesma sujeira que os matou.

É onde rezo, esqueço, imploro perdão.

Trechos de tempos mais felizes abandonados no silêncio da casa. O riso do meu pai. Os socos fracos do meu irmão. Dói fisicamente lembrar deles.

Mas a versão da porra do *Chinmoku* de uma equipe de limpeza destruiu meu templo.

Tive minha casa saqueada e respiro a guerra.

Minha mãe nunca deveria ter usado seu passaporte para vir até aqui. Ela nunca devia ter deixado o anonimato de sua nova casa com os membros da família e o *Chinmoku* não saberia sobre esse lugar.

Agora sabem onde ela retornará e onde estou.

Finalmente começou.

De certa forma estou feliz.

Espero por este dia há muito tempo.

Eles querem me matar por ter deixado sua irmandade e quero matá-los por assassinar meus entes queridos. Esta perseguição mortal terminará em suas mortes ou na minha, é apenas questão de quem encontra quem primeiro.

Que comecem os jogos, filhos da puta.

Sigo ao redor de pedaços de móveis e olho as facas de cozinha embutidas nas paredes, buscando pistas sobre quantos invadiram e se deixaram um cartão de visitas, tal como fizeram quando queimaram minha casa de infância.



Indo para o quarto principal, onde minha mãe ficou sozinha em casa, eu o encontro.

Não escrito em sangue, mas igualmente invasivo em tinta spray negra. O cheiro acre de químicos substituindo qualquer conforto da casa.

Meus olhos correm sobre a mensagem*: 'uma vez um Chinmoku sempre um Chinmoku. Fugiu como um covarde. Agora morrerá como um traidor.'*

A promessa é uma última lembrança. Minha raiva se acende pronta para rastejar e sufocar quem tanto tocou aos meus.

Pim...

Ela está fora... por conta própria.

O desgosto de perder meu pai e irmão é nada comparado com meu coração destruído pelo pensamento de Pim sendo executada pelos bastardos do meu passado.

Tenho que encontrá-la.

Tenho que protegê-la.

Tenho que fazer um trabalho melhor do que fiz quando tinha treze anos.

O oceano me chama, as ondas pedindo-me para ir embora e nunca retornar à costa. No horizonte aquoso, ninguém poderá nos assustar. Alrik pode ter me pedido para instalar armamento em seu iate, mas suas sugestões são nada comparadas com o que coloquei no Phantom.

Ele é uma fortaleza flutuante. Uma arca.

E é hora de voltar para lá.

Mas a promessa... fazer amor com Pim.

Minhas mãos enrolam mesmo enquanto meu pulso fica estável para enfrentar a próxima batalha. Pim precisa de mais uma noite de afeto. Porra, eu preciso de mais uma noite de afeto.

Quero-a demais para ser perseguida e esconder-se desses canalhas.

Mais uma noite.

Nesse caso, preciso de algo para garantir que eu me comporte.

Ignorando a tinta spray pingando sobre a cama e travesseiros, pego a mesa de cabeceira e puxo a caixa de bambu de seu interior.

Pim tirou de mim uma promessa que não sei se posso cumprir. Esta noite ou estaria no meu domínio de capacidades ou num lugar de escuridão de que lutarei para sair.

De qualquer forma, não retornarei ao hotel sem estar preparado.

Maconha não me ajudará esta noite.

Minhas outras muletas tampouco.



Tenho que bolar outro plano. Um que talvez, apenas talvez, contorne meu cérebro inútil. Um plano que tecnicamente pode ajudar Pim tanto quanto a mim. Forçado a aceitar a responsabilidade pelo que ela está me pedindo para fazer.

Acariciando a tampa de bambu, não preciso abrir para lembrar o que tem dentro.

Presente dos homens que destroçaram minha casa.

Ferramentas do meu trabalho de quando era um lutador pela causa deles.

Certifico-me de que tenho a chave da caixa no bolso, ligo para o serviço que costuma manter este mausoléu e solicito uma arrumação urgente.

Não sei por que o Chinmoku não ficou ao redor para terminar o trabalho quando eu voltasse. Não sei onde foram. Mas estou pronto há anos. Sou eu que eles devem temer, não o contrário.

Com uma tempestade lá fora, deslizo para dentro do carro e ordeno a Selix para me levar ao armazém.

Lá, encontro meu violoncelo e todos os pensamentos de trabalho são rejeitados.

E agora que tive minha dose musical, estou pronto para encontrar Pim.

Pronto para caçá-la, cuidar e de alguma forma, encontrar a força para amá-la.



* * * * *

Eu a sigo durante os últimos dez minutos.

Ela não me vê graças a meus hábitos de ladrão e formação como assassino fantasma.

Normalmente, meus batimentos não aumentam quando persigo a presa. Permaneço focado e afiado, preso numa missão e apenas na missão.

Mas Pim?

Porra, essa garota faz o corpo inteiro me desobedecer. Minhas mãos suam enquanto ela passa entre turistas e habitantes locais. Meu coração acelera quando ela esbarra com homens estranhos e luta contra seu condicionamento de saltar com punhos sobre os olhos, timidamente sorrindo e acreditando que está a salvo do perigo.

Os dois guardas que exigi fazem um bom trabalho; seguindo-a, mas não sufocando, eles assistem diligentemente o tráfego a pé e fazem suposições apropriadas sobre o que e quem é uma ameaça.

Escaneio as multidões por qualquer sinal do Chinmoku, mas tudo parece normal. Se estiverem aqui, sentirei antes de vê-los. Por enquanto, os pelos na parte de trás do meu pescoço permanecem inalterados. Conhecendo-os, eles recuaram para planejar um ataque agora que sabem onde moro.

Infelizmente para eles, acham que resido na casa em cima da colina e não num forte em águas abertas.

Além da bagunça me alcançando, Monte Carlo está bêbada demais na sua própria superioridade para ser um perigo para a maioria. O pior crime na cidade é um jogo de pôquer de alta potência abastecido por milhões de dólares seguido por lágrimas de quem perde. Criminosos insignificantes não estão aqui. Eles são excluídos pelos cérebros que operam em plena vista sob o disfarce de empresas bem conhecidas.

Na verdade, a única pessoa que é uma ameaça a esta cidade é Pim.

Ela é uma ladra no meio deles e ninguém presta atenção.

Meus lábios puxam num sorriso torto, orgulho me enchendo quando Pim, lentamente troca de sonhadora sinuosa para se concentrar na tarefa que lhe dei. Estava à espera dela completar o roubo mais cedo, ou ela não encontrou um alvo perfeito ou demorou para ganhar coragem, de qualquer forma, tenho sorte o suficiente para ter bilhetes de primeira fila para sua infração.

Olhando as mulheres com bolsas que passam roçando o material e pingando com joias, ela fica distraída por carteiras nos bolsos de trás dos homens enquanto eles seguem as esposas e amantes.



Desistindo de saquear um indivíduo em movimento, ela procura nas barracas vendendo frutas frescas e outras que têm joias e missangas baratas.

Cada um, ela descarta como alvo.

Dei-lhe uma tarefa impossível. Ordenei que fizesse algo que não está confortável e aceitar a culpa e a vergonha, que sem dúvida, virão junto

Empurro para frente, com a intenção de salvá-la de ter que fazer uma coisa dessas, mas ela de repente muda de direção, saindo da calçada e indo em direção à praia, onde banhistas da tarde deixaram seus pertences para mergulhar na agua turquesa.

Areia voa atrás dela pelas sandálias até que ela as retira e enrosca os dedos nas correias de borracha. Os seguranças a seguindo parecem ridiculamente fora do lugar em seus ternos pretos. Mantenho-me longe, misturado com o tráfego ao invés de me expor na areia.

Pim segue por toalhas multicoloridas, olhando livros de bolso e frascos de protetor solar, fitando ocasionalmente chapéus protegendo a carteira e chaves embaixo. O ritmo abranda quando ela se aproxima de uma bolsa de praia em cima de duas espreguiçadeiras.

Os proprietários de tais pertences foram nadar sem dúvida. Totalmente envolvidos em seu feliz feriado para notar a ladra espiando debaixo de sua cadeira.



Prendo a respiração quando Pim olha para a esquerda e direita então abaixa e rouba um pequeno livro. Instantaneamente, o item surrupiado desaparece nas dobras do vestido. Espero que ela levante rapidamente e continue, mas ela substitui o livro com um pequeno pedaço de papel, enterrando metade para que não voe.

No momento em que a nota está segura, ela se move rapidamente.

Sua postura é culpada, mas decidida. Os ombros dela tensionam ... mas também relaxam.

Se não tivesse sentimentos por ela antes, claro que teria agora.

Ela pode ter roubado um livro, mas para mim... para mim, ela roubou meu coração.



Pim

O livro pesa muito mais do que as quatrocentas e quinze páginas mostradas no índice.

Pesa na minha consciência.

Pesa no meu coração.

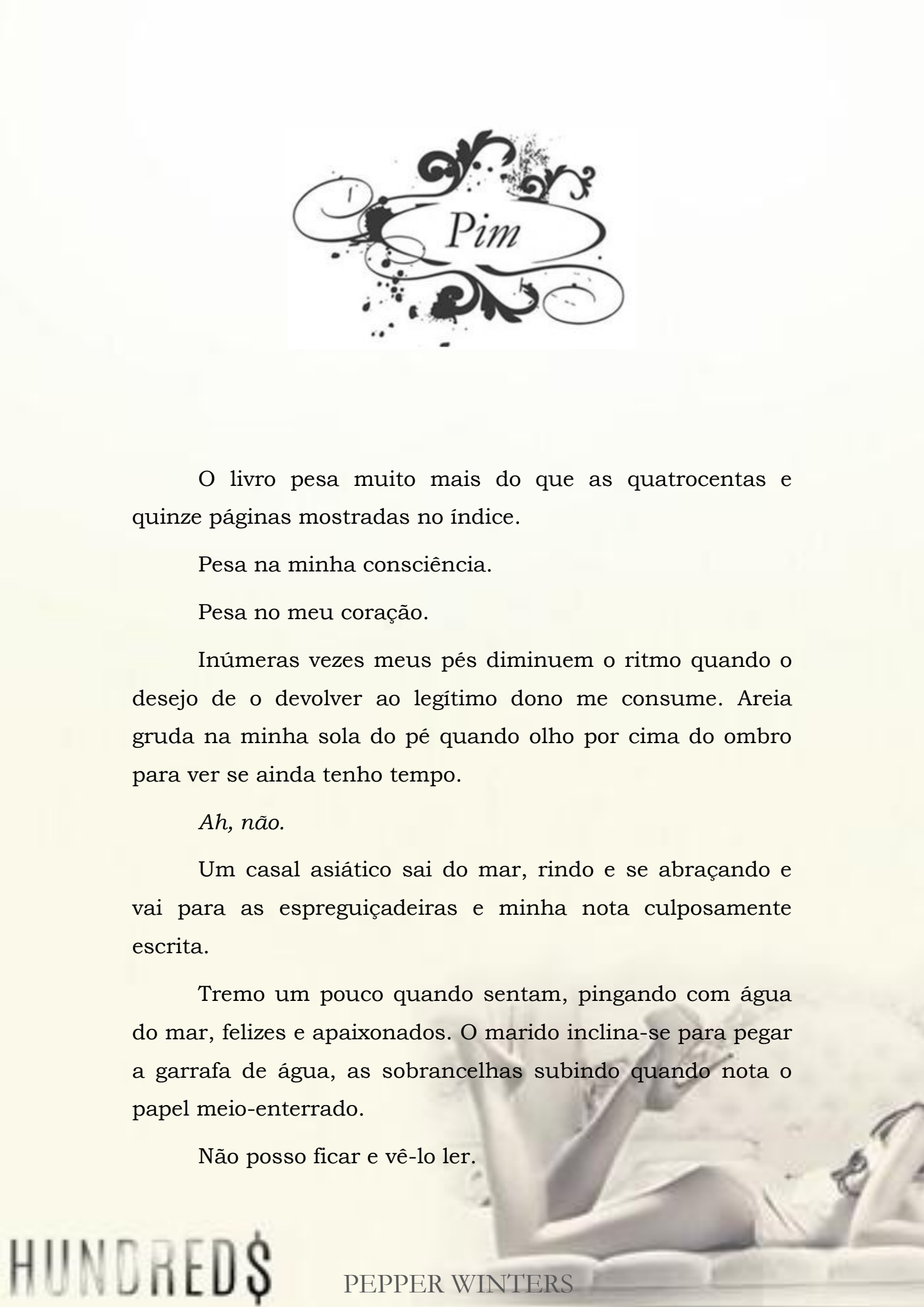
Inúmeras vezes meus pés diminuem o ritmo quando o desejo de o devolver ao legítimo dono me consume. Areia gruda na minha sola do pé quando olho por cima do ombro para ver se ainda tenho tempo.

Ah, não.

Um casal asiático sai do mar, rindo e se abraçando e vai para as espreguiçadeiras e minha nota culposamente escrita.

Tremo um pouco quando sentam, pingando com água do mar, felizes e apaixonados. O marido inclina-se para pegar a garrafa de água, as sobrancelhas subindo quando nota o papel meio-enterrado.

Não posso ficar e vê-lo ler.



Não posso vê-lo ficar com raiva de ter algo seu tomado tão insensivelmente.

Viro, correndo para frente, abraçando sua posse que agora é minha. Em minha mente, vejo as palavras que rabisquei num pedaço de papel do café onde parei hoje cedo. Bill me comprou um café, me salvando do embaraço de esquecer o costume de trazer dinheiro nesta excursão.

Tantas coisas que costumo conhecer.

Tantas coisas que tenho que lembrar.

Coisas como andar a favor do tráfego e não contra ele. Não perco tempo em frente de vitrines a menos que queira ouvir resmungos. Não ando no meio da estrada, superando o medo de ser imprensada por corpos estranhos, a menos que queira ser atropelada.

E não roubo.

Parece que ignoro essa regra inteiramente, graças ao Elder.

O peso do livro me condena nas dobras do vestido. Minha nota não impede a vergonha. Não torna o que fiz correto. Mas é melhor que nada...

Eu acho.

Lembro da caligrafia... como se tivesse acabado de escrever.



Querida pessoa que roubei,

Sinto muito pela violação em sua vida. Pela raiva e a frustração de ver algo que você comprou e pagou, ser tomado. Espero que saiba que o valor monetário de uma coisa não é nada comparado à dívida que agora tenho.

Espero que me perdoe. Prometo que eu vou cuidar do que levei.

Sua Ratinha.

Balanço a cabeça, lamentando pela assinatura. Papai desceria do céu por eu roubar e usar seu apelido ao cometê-lo.

Mas não posso usar Pimlico já que não é meu verdadeiro nome. Não posso usar Tasmin porque ainda não mereço.

Sem dúvida o casal pensará que estou sendo desonesta e usando um cartão de visitas.

Eles não podem estar mais errados.

Desisti de um enorme pedaço meu assinando dessa maneira.

Virando o livro nas mãos, corro os dedos sobre a capa.

Por que roubei um Dicionário japonês/Inglês? Por que roubar desse casal a habilidade de traduzir e conversar?

Eu sei por quê.

É porquê...



“Eu fico com isso.” Uma mão enorme e maravilhosamente formada aparece por cima do meu ombro e captura o livro, puxando-o de meu aperto.

“Não...” giro em torno, colidindo com Elder numa camisa preta e jeans azul em toda sua glória. O brilho laranja e a sombra do pôr do sol atrás dele o fazem parecer irreal.

Meu coração soa como um sino de igreja quando seus olhos escuros de amêndoa encontram os meus. De alguma forma, toda vez que ele me olha, invoca borboletas em minha barriga.

Ele endurece como se sentisse a corrente magica que acontece sempre que estamos juntos, então deixa cair o olhar para o presente que roubei.

Ele congela, percebendo os caracteres japoneses traduzidos para inglês na capa com o logotipo da Webster no canto. Seus lábios tensionam, a mandíbula aperta e ele balança a cabeça. “Por quê?”

Não precisa dizer mais.

Por que isso?

Por que um dicionário?

Por que a língua de sua herança mista?

Coro com ainda mais vergonha por pensar que não tenho o direito de me envolver e usar o pouco que sei sobre ele para meus propósitos. Roubar é terrível. Tê-lo recusando meu presente é pior ainda.

“Porque devolveu-me o dom da linguagem. Você me lembrou de como falar. Você preencheu a lacuna de alguma forma, e agora, já não tenho medo das palavras.”

Elder geme, as sobrancelhas caindo sobre os olhos agora torturados e cheios de dor. “Pim... pare.”

“Não, você pediu. Roubei para você. Sei que não tem grande valor. Na verdade, está gasto nos cantos e bem utilizado. Mas tem tanta coisa que preciso te dizer. Para provar o quanto sou grata. Podemos falar versões diferentes e usar alfabetos estrangeiros, mas você me entende. Não quero mais ficar em silêncio. Eu quero falar. Por você. Eu quero entender...”

“Basta.” Ele estremece, segurando o dicionário. A garganta trabalha como se lutasse para responder, então, as feições formam uma ilegível pergunta “Você sabe japonês?”

Sua mudança de assunto deixa meu raciocínio lento, mas sigo voluntariamente sua direção. Se ele não está preparado para discutir o que aconteceu entre nós ontem à noite e a luta que tivemos esta manhã, tudo bem. Posso ser paciente, porque ao contrário de Elder, que tem uma linha de chegada em mente para nós, não tenho a intenção de deixá-lo terminar. “Não, estudei um ano na escola, mas esqueci a maior parte.” Dou um passo para frente, olhando nos olhos dele. “E você?”

Ele passa a mão sobre o rosto. “Já sabe a resposta dessa pergunta.”



Nós compartilhamos um olhar e vejo a resposta que já conhece. Ele nasceu de pais de raças diferentes. Ele viveu no vale do Leste e oeste e foi criado com leis e exigências misturadas.

Ele é honrado, bem como implacável.

Ele é gentil, bem como cruel.

Ele é tudo que quero ser e tudo o que temo.

Então, novamente, se sabe falar japonês, ele aprendeu do lado da mãe, no entanto, ela não gritou com ele em Japonês, só inglês. Por quê? Talvez, ter um pai europeu quer dizer que sua mãe fala em inglês em respeito à sua memória? Talvez ela apenas prefira?

Quem sabe?

Somente Elder tem as respostas, e mais uma vez, estou disposta a ser paciente para ganhá-las.

“Ensine-me?” Pergunto baixinho.

“Japonês?”

“Tudo.” Minha voz sussurra a palavra, implora-lhe para torná-la verdadeira. Dentro dessas duas sílabas e quatro letras tem aceitação; estou pronta para ele me ensinar a tocar violoncelo, aprender sua história e deixá-lo me educar sobre tudo o que perdi.

Começando hoje com sexo, paixão, luxúria, amor e tudo que preciso desesperadamente.



A luz do sol some atrás dele, deixando-nos no crepúsculo.

Momentos intermináveis passam, antes dele pressionar o livro no coração e assentir com a cabeça. “Ensinarei tudo o que quer saber.” Ele faz uma pausa, sinalizando o fim da sentença. Mas então seu rosto suaviza, o humor escurece e seus lábios movem-se numa promessa sensual. “Vou te mostrar algo que quer ver, Pimlico.” Sua mão sobe, tocando meu rosto por um segundo. “Por você, vou fazer qualquer coisa.”

O momento é grande demais para um pequeno pôr do sol na praia lotada; indo longe demais para ser desperdiçado em público.

Doí o sacrifício em seu tom; o conhecimento que ele irá se machucar para dar o que quero.

Seu temperamento desta manhã desapareceu. Ele finalmente chegou à mesma conclusão que eu: que não temos escolha. Temos que segurar, ceder e esperar que sobrevivamos a tudo o que for que nossos corpos, corações e almas decidam que devemos suportar.

De pé com areia entre meus dedos e suor em cima da pele, nunca estive mais viva, mais cheia, mais pronta para dar um passo à frente em algo tão incrivelmente especial.

Fiz sexo com este homem e permaneci intacta.

Vivi com este homem e permaneci ilesa.



Lutei com este homem e permaneci sem hematomas.

E agora, abraço este homem e encontro uma nova casa.

Meus braços vão em torno dele, meu rosto aninhado em seu peito, meu corpo ligado ao seu do ombro ao quadril.

Abraço este homem e em alguma maravilhosa reviravolta do destino... ele me abraça de volta.

* * * * *

"Está ficando escuro."

Dou uma olhada em Elder que anda furtivamente ao meu lado pela última meia hora. Seus olhos nunca ficam quietos, caçando o público, esperando o mal quando só vejo romance. Não sei por que estou tão alerta ou por que ele está tão perto. Quero perguntar, mas não quero estragar este maravilhoso passeio como um casal normal.

Andamos pela praia à medida que lentamente se torna deserta.

Somos como os outros homens e mulheres apaixonados.

Após nosso abraço, nos separamos timidamente, olhando para longe e dando desculpas para andar e concentrar-me em frente ao invés de ficar olhando um para o outro.

Elder manda Lance e Bill embora e nossa conexão formiga não tendo desvanecido. Ela brilha em torno enquanto

a noite lentamente envolve Monte Carlo. Postes de luz acendem, lutando contra as sombras e lembrando as pessoas tomando banho de sol, que ele acabou e que agora é hora de festejar com a lua.

As pessoas lentamente recolhem as espreguiçadeiras e toalhas molhadas, colocam as roupas com areias sob a roupa de banho empapada e vagam pela praia.

Hotéis serão inundados em todos os lugares com água salgada e polvilhados com areia pelo regresso dos turistas.

As pessoas se vão e fico mais consciente de Elder, até que somos as duas únicas pessoas que ficam na costa suave.

Paramos e olhamos um ao outro, não preparados para hoje à noite mesmo que seja a única coisa que conseguimos pensar.

Estou com fome não de alimentos. Cansada, mas ansiosa.

A eletricidade corre entre nós me esgotando ao ponto onde não sei se estou pronta para voltar ao hotel ou não. Se estou preparada ou não. A última vez que Elder e eu ficamos sozinhos, nós lutamos. Ele lutará comigo outra vez por causa disto? Faz-me uma pessoa horrível saber que será difícil para ele e ainda não lhe dar uma chance de mudar de ideia?

Elder limpa a garganta. “Você me ouviu? Eu disse que está ficando escuro.” Ele esfrega a nuca. “É uma dica que devemos voltar.”



Caminho em frente antes de enfrentá-lo com relutância. Não sei o que mudou em trinta e um minutos desde que lhe dei o dicionário roubado. Por que mudei de segura para incerta e por que a ideia de lhe tocar faz metade do meu corpo quente e derretida e a outra querer se jogar no oceano e nunca parar de nadar.

O ruído suave das ondas é o único som quando Elder murmura, “Não temos que fazer isto novamente, Pim. Se não está pronta.”

Procuro em seu tom por mensagens escondidas. Ele não está pronto? Ele prefere que não tenhamos sexo novamente?

Você já sabe a resposta para isso, boba.

A brisa agarra meu cabelo, chicoteando-o por cima do meu ombro.

Elder avança, capturando os fios rebeldes, os dedos quentes roçando meu pescoço antes de se estabelecer no ombro, com o punho cerrado. “Não há resposta certa ou errada aqui. Esqueça o que discutimos esta manhã. Se mudou de ideia, então podemos retornar ao Phantom e voltar a ser como antes.” Ele chega mais perto, sussurrando no meu ouvido. “Você é a única com poder.”

Eu tremo, desejando que seus lábios fechem a distância e me beijem.



Ele pensa que sou a única com poder? Ele não pode ver que é mentira? Eu não tenho poder. Ele tem. Ele tem *todo* o poder.

Poder pela força, riqueza e segurança. Até mesmo em pé, alto e rigoroso, segurando meu cabelo, não me tocando de qualquer outra forma, ele é o mestre de tudo porque não usa a violência contra mim, mas me deixa escolher.

Que só me dá toda a confiança que preciso.

Eu escolho você.

Eu escolho esta noite.

"Vamos voltar ao hotel."

Seus olhos estreitam. "Tem certeza?" Ele olha em direção ao horizonte aguado onde o Phantom brilha ao longe como uma cara joia na coroa de um Deus da água. "Podemos voltar para casa."

Casa...

Ele faz soar como se já tivesse me dado metade desta palavra maravilhosa. Que *tenho* uma casa. Que sou permanente, mesmo quando tudo o que dançamos ao redor não foi nomeado.

Soltando-me, Elder esfrega o queixo, cansado e cauteloso. "Podemos tentar outra vez. Quando você estiver..."

Levanto minhas mãos. "Quando eu estiver o que?"



Seu rosto escurece com frustração. “Quando estiver mais certa do que precisa. Que outra noite comigo é...”

“Isso é o que preciso.”

“Como posso ter certeza? Afinal, sou o homem que te roubou. Guardei-te longe do mundo. Fiz exatamente o que ele fez e te aprisionei. Se tem sentimentos por mim, é porque os coloquei aí.” Ele se afasta, arrastando os olhos atormentados do horizonte de volta para mim. “Não quero ser o homem que...”

Eu o sigo, segurando o antebraço, preciso me inclinar enquanto ele tenta afastar o alicerce que construiu debaixo dos meus pés. “Está dizendo que não me quer? Que *está* com dúvidas?”

“Jesus, Pim.” Ele geme para a lua de prata. “Quantas vezes preciso dizer-lhe? Você é tudo que consigo pensar. É a única coisa que me preocupa. Você me quer? Eu sou seu. Diabos, levaria você aqui na praia se me pedir.”

Estremeço com a força da dor em sua voz. Não duvido dele.

“Leve-me de volta ao hotel, Elder.”

Ele agarra meu rosto, me aperta, os dedos prendendo. Não suspiro, nem pestanejo. Deixei-o inclinar a cabeça, então pode procurar em meus olhos por algo que precisa. Algo deve ter aparecido por que um segundo depois, ele deixa-me ir e segura minha mão.

Arrastando-me pela praia, ele rosna, “Assim seja.”





Não estou com fome, no entanto, peço o serviço de quarto.

Não tenho nenhum desejo de descansar, no entanto, ordeno a Pim sentar ao meu lado enquanto alguma novela de merda passa na TV.

Não tenho nenhum pensamento além de fodê-la, nem a ameaça do *Chinmoku*, mas faço tudo que posso para esquecer o que faremos e concentro-me em todo o resto.

Pulo quando a comida chega.

Dou uma gorjeta.

Rosno alto demais quando Pim queixa-se que não está com fome e não pode comer a sopa de lagosta.

Fico agitado quando ela se recusa a assistir TV e fica sem jeito no meio da sala.

Paro de respirar, quando ela se curva e pressiona o botão de desligar para silenciar a atriz e as imagens. Gemo ao vê-la se levantar como uma estrela pornô.

O silêncio mortal é como uma cortina ao nosso redor, grossa e à prova de som, pesada como o final de uma produção de teatro após o bis final.

Isso é a que minha vida se resume.

Sou um ator que finalmente tem que parar de fingir. Minha vida é uma performance, agora a produção acabou e não tenho nada. Não há falas para ensaiar, sem ações para aperfeiçoar, nenhum diretor para dizer como me comportar.

Isto é tudo por minha conta.

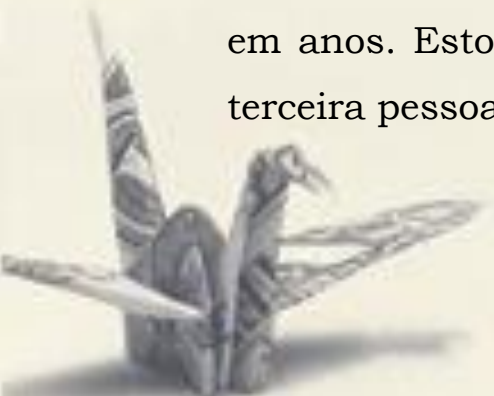
O resultado inteiro de hoje está sobre meus ombros e sem sugestões de palco, mãos ou avisos, e vou estragar tudo.

Só sei disso.

Pim entrelaça os dedos, vindo em minha direção com pés descalços e hesitantes. O vestido azul que ela usa hoje vibra ao redor de suas pernas, fazendo-a parecer uma deusa virgem vestida com o céu celeste.

O dicionário japonês que ela roubou para mim repousa sobre a mesa de café. Cada vez que o olho de relance, meu coração faz uma estranha viagem em queda, fazendo-me lutar com meus instintos de puxa-la perto e beijar.

Ela é a primeira pessoa a dar-me algo sem um pensamento por trás. Tratar-me como um amante e não um captor. Na presença dela, sou mais aceito e cuidado do que em anos. Estou tão acostumado à solidão, que agora é uma terceira pessoa com ela por perto.



Devo encontrá-la no meio do caminho.

Devo me juntar a ela no tapete e tornar isto mais fácil afastando o nervosismo de ser a única a dar o primeiro passo. Devo arrebatá-la, deitar na cama e ser gentil, amável e doce.

Mas porra, eu não posso.

No momento em que a tocar, tudo irá para o inferno.

Eu sei disso.

Agora, minha mente elegantemente em ordem se transforma num caos. Minha desordem puxa um truque e mecanismos para permanecer sã e não começar a reorganizar as almofadas em números ímpares ou correr de volta ao Phantom e tocar um concerto precisamente dezessete vezes até que as cordas se tornem escorregadias com meu sangue.

Estou quebrado, porra.

Escondo a profundidade do fato de todos (inclusive eu) através de pura determinação.

Mas aqui está Pim me pedindo para abandonar todas as ferramentas que uso e espero por Deus lembrar-me de como encontrar meu caminho de volta.

Tropeço para trás quando ela se obriga a ficar diante de mim. As pontas dos dedos estão brancas de escavar no tapete.

Ela tem medo.



Ela deve ter.

Ela não deveria ter.

Medo.

Uma emoção que ninguém deve sentir quando se aproxima da pessoa que quer dormir. Por que ela faz isso por ela e por mim? Ela não pode ver que estou a momentos de perdê-la?

Eu me forcei na primeira vez.

Já estive dentro dela duas vezes.

Não posso ter a terceira.

Eu irei quebrar.

Mas a memória dela esta manhã, do espírito, fogo e desejo, não posso me fazer negar. Não posso resistir a ela e essa é a verdadeira razão para minha ruína.

A razão pela qual a roubei em primeiro lugar.

A razão que a mantive quando deveria mandado de volta para sua mãe.

Se tivesse feito isso não estaria aqui quebrando sobre tudo o que sei. Não estaria preocupado com a segurança dela, sabendo que a guerra está vindo de mim. Não estaria à beira de destruir meu modo de vida, meu próprio mundo. Com ela, sou apenas uma noite ou duas, um homem que pode mostrar o prazer dela. Ela está me usando para ser livre de seu passado.



Gosto disso.

Quero ser o que ela procure para ajudar, em vez de dificultar.

Mas para mim? Ela está fodendo *tudo*.

Ela não está só me pedindo para dormir com ela. Ela está me pedindo para continuar a cair quando tenho a intenção de nunca tropeçar.

Pela minha própria sanidade, preciso parar com isso.

Mas como posso sabendo a vida que ela teve?

Como posso negar sem sequer saber quão vazio será o momento que eu disser a ela sobre sua mãe e a levar para casa?

"El…."

Esse apelido novamente... e apenas como suspeitava, não me importo quando ela usa.

"Pim." Rosno o nome, minha voz oitavas inferiores ao normal, beirando a besta.

"Posso... posso beijar você?" Ela olha para mim através de cílios que não precisam de rímel ou sombra para fazê-la a criatura mais bonita e sexy que já vi.

Fecho as mãos em punhos.

Não.

Fique longe de mim.

Concordo rigidamente.



Ela chega perto, mas não me curvo para ela alcançar minha boca. Não cedo quando suas mãos pousam no meu peito num pedido para eu começar o beijo, para assumir o comando.

Cristo, Pim... não sabe o que está me pedindo?

A justiça só espera para desenrolar e bater sobre mim.

Três, desejos e caos.

Eu revido, arrastando as mãos sobre meu rosto. “Não posso fazer isso.”

Ela congela, agonia e rejeição a tomando. “Oh...” Respiração por respiração, ela fecha até que nenhuma luz ou esperança resta em seus olhos. Odeio cada segundo, mas quis dizer o que disse. Tomarei uma posição de uma vez por todas.

Posso ter algo uma vez.

Essa é minha regra.

Minha única regra rigorosa.

Já a quebrei e estive com ela duas vezes.

Mas há outra maneira...

Quem me dera se não tivesse ido à casa da colina. Quem me dera não ter encontrado a bagunça ou previsto como aconteceria esta noite. Quem me dera se não tivesse trazido algo que me dá outra chance de conceder o que Pim



quer enquanto de alguma forma engano minha mente acreditando que minhas regras não serão quebradas.

Afastando os olhos dela, meu coração para pôr magoá-la. Dou uma olhada na caixa de bambu condenando-me na mesa de cabeceira.

Pim segue minha atenção, uma pergunta em suas feições. Antes que ela possa fazer, vou em direção à caixa, desbloqueio-a com a chave pequena ao lado e puxo os segredos de dentro.

Mantenho-os escondidos atrás das costas e vou em sua direção. “Vou te beijar... sob uma condição.”

Ela põe os braços ao redor de si mesma, já se preparando para o pior. “Que condição?”

Não estou preparado para lhe mostrar. “Faremos sexo esta noite... se você me obedecer.”

Seus lábios franzem com as palavras que escolho.

Não gostaria de fode-la ou fazer amor. Faremos sexo. Ela terá que ser uma participante ativa. Não a tomarei como da última vez... por que esse passe é único e já foi usado.

No entanto, há um furo na minha regra.

Um conceito louco e não apoiado por resposta racional, mas espero que me mantenha são.

“Como tenho que obedecer?” Ela arqueia o pescoço, fazendo seu melhor para ver à minha volta. “O que está escondendo?”

É agora ou nunca.

Trazendo os braços para frente, revelo o que trouxe de casa.

O tilintar das correntes e o sussurro de seda das cordas em cascata em minhas mãos. “Esta é minha condição.”

Sua boca cai aberta, terror brotando brilhante e austero. Ela recua tão rápido que tropeça, caindo de bunda. Ela não faz um som quando pousa desajeitadamente, uma vez mais silenciosa como a ratinha que roubei.

Instinto faz-me ir em direção a ela. Seguro-a com as mãos cheias de escravidão, levantando-a a seus pés. “Você está ferida?”

“Não me toque!” Ela me empurra, o rosto em branco e selvagem. “Você... você quer me amarrar? Você quer me machucar? Como *ele*?” Lágrimas jorram de seus olhos, tornando-se um espelho onde me vejo, vejo quão indomável já me tornei, quão desesperado por ela entender.

“Não.” Balanço a cabeça. “Nunca.”

Ela não ouve. “Você quer me amarrar? Prender-me? O que é isso? Uma piada doente? Todo esse tempo, você me deixou acreditar que era *diferente*. Que não iria me machucar...”

Sou muitas coisas, mas não tolerante quando venho a ser chamado de mentiroso ou sádico.

“Eu sou diferente. Não vou te machucar.”

“Mentiroso!” Ela corre até a porta, as mãos se atrapalhando com o bloqueio e correntes que ela mesma colocou uma vez que o serviço de quarto nos deixou para não sermos perturbados. “Não acredito que pensei que era diferente.”

“Pim...”

A corrente cai. O cadeado pesado clica abrindo sob seus dedos aterrorizados. “Não! Fique longe de mim!”

Agarrando as correntes, saio atrás dela. “Pim. Ouça.”

“*Não*! Deixe-me sair daqui.” Ela corre pela porta, com os pés descalços e louca. Não há guardas para testemunhar nossa disputa. Nada de Selix para afastar Pim de mim porque ele verá a bagunça que já sou. Ele não a deixaria me arruinar ainda mais.

Somos só nós.

Só eu para resolver isto.

Persigo-a até o limiar, mas paro, seguro a porta, conforme ela corre pelo corredor. “É para mim.”

Ela não ouve, muito ansiosa na intenção de chegar aos elevadores.

Eu a odeio por me fazer gritar, mas faço porque se nunca mais a ver, não quero que ela me coloque junto a mais um monstro de seu passado. “É para *mim*, Pim.”



Os pés dela param, girando ao redor com o cabelo indomável e pele manchada de terror. “O... O que?”

Suspiro, odeio-a muito mais. “Não faço isso a menos que me prenda.”

Suas lágrimas correm nas bochechas. “Eu... eu não entendo.”

Minhas unhas apertam o batente da porta como se pudesse rasga-lo em pedaços. Ela não entende porque não totalmente compreende o homem com quem viveu. O homem que ela deu sua confiança.

Eu mereço sua confiança, mesmo que muita gente discorde. E não arruinarei isto provando ser um mentiroso.

“Eu te fodi da última vez. Eu tirei de você.” Deixo minha cabeça cair, drenado além da crença e nem sequer nos beijamos. “Não posso fazer isso novamente.”

Ela dá um passo em minha direção. “O que está dizendo?”

“Estou dizendo que se quer isso, *você* tem que tirar de *mim*.”

Quando ela não se mexe, eu adiciono, “É a única maneira que farei isso, Pim. Amarre-me, use o que quiser. Encontre seu prazer por qualquer meio necessário. Estarei com você a cada passo. Vou falar com você. Vou ordenar. Mas fisicamente não te toco.” Eu suspiro. “E quando terminarmos, é isso. Não mais. Não estou brincando. Não

estou inventando regras estúpidas para tornar isso mais difícil do que já é. É isto ou nada. Sua escolha."

Voltando para o quarto, empurro a porta mais larga em boas-vindas. "Foda-me, ou não, Ratinha. Mas entenda que só pode ter esta noite. Não quero ser responsável pelo que vai acontecer se eu quebrar a regra."

Abaixando-me para pegar um pedaço caído de corda, a seguro, minha pele já quente e meu pau latejando só de pensar nela totalmente no controle.

Este é meu truque.

Da última vez, estive no controle.

Desta vez, ela estará.

Uma única vez em ambas as dimensões.

Uma primeira vez, não uma repetição.

E então acabou.

Meu passe redimido e não mais a usarei.

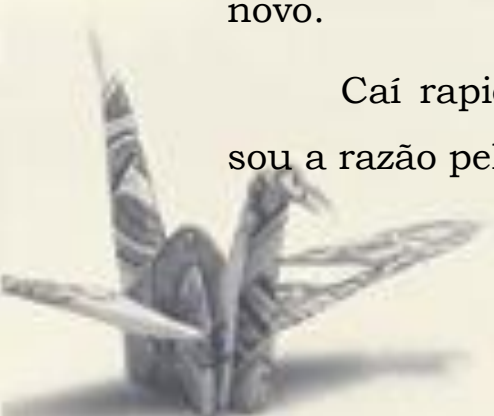
Cometi o erro de acreditar que posso me controlar perto da minha família, com os hobbies que amo e o crime.

A cada vez, eu me enganei.

A cada vez, eu ferrei tudo.

Finalmente aprendi a lição e não deixarei acontecer de novo.

Caí rapidamente na minha obsessão mais profunda e sou a razão pela qual meu pai e irmão estão mortos.



Não serei a razão para qualquer morte ou sofrimento.

É a única noite que Pim e eu ficaremos juntos. E então, uma vez que ela tenha reivindicado meu corpo e me usado, ela estará satisfeita e contarei sobre sua mãe.

Navegaria com ela para a Inglaterra.

Colocarei Phantom num curso e viajarei para longe, muito longe dela.

Caçarei o *Chinmoku* e esquecerei esse desastre.

Para o bem dela.

E para o meu.

Dou-lhe um sorriso triste e ela acena de volta. Imploro-lhe. Prometo a ela.

“Sua escolha, Pim. Sim ou não.”





Vou para quarto de hotel.

O que diabos estou fazendo?

Confiei num homem que achei invencível, mas que revelou sua falha mortal.

O que diabos estou pensando?

Sigo-o enquanto ele se move em direção à cama e, sem dizer uma palavra, puxa a camiseta sobre a cabeça.

Tirando os jeans e a cueca boxer, ele é tão real, tão orgulhoso,

Tão majestoso como naquela noite que pulou ao mar para um mergulho da meia noite.

Eu não deveria fazer isso.

Nu, Elder puxa o dossel para trás e coloca no fundo da cama. Sentado no colchão, ele ergueu as longas pernas para a horizontal e com um olhar dolorido deita.

Eu devo sair.

Com a mandíbula cerrada, ele ergue uma corda negra, brilhante com qualidade e suave como seda. Ele não me dá ordens sobre o que quer que eu faça. Ele simplesmente a coloca sobre a barriga, levanta os braços acima da cabeça e aperta os dedos nos postes da cama de dossel francesa.

Não se atreva, Pim.

Ignoro meu terror arrogante e batimentos cardíacos rápidos. Meu corpo se tornou uma fortaleza esperando o pior no momento em que Elder revelou a escravidão, erguendo torres e trincheiras. Estou pronta para correr, lutar e mutilar.

Mas isso foi antes dele transformar tudo que conheço no oposto.

Ele estará amarrado.

Não eu.

Ele estará à mercê.

Não eu.

O que isso significa?

Não entendo.

Sempre fui a cativa. Não tenho nenhum conceito de como o sexo funciona com a concessão masculina de todo o controle.

A palavra submissão aparece na minha cabeça, assim como quando ele me permitiu beijá-lo no Phantom.

Tenho Elder preso.



Mas é a palavra errada.

Elder pode me ordenar a amarrá-lo, mas ele não é submisso. Nunca.

O olhar em seus olhos é o de um predador atrás das grades: contido por enquanto, mas apenas esperando o momento certo de atacar. Seu corpo não paira calmamente; zumbe com energia, crepitando com desejos que ele se recusa a realizar.

Elder não é submisso.

Ele é o homem mais dominante que conheço e o fato dele me pedir que o amarre insinua que está com medo, não de mim, mas de *si mesmo*.

Isso não é um jogo.

Não é apenas sexo.

Esta é a vida dele. Sua sanidade no dom do prazer.

Todo meu corpo torce quando a fortaleza que amo ameaça quebrar em escombros ou fortificar suas paredes, dependendo da minha aceitação.

Posso fazer isto?

Será que farei?

Meu estômago levanta e cai quando me aproximo da cama.

Inversão de poder.



Minha mão treme quanto alcanço sua sublime nudez focada não na ereção duradoura entre suas coxas ou o pelo preto viajando por seu peito, mas na corda igualmente preta enrolada como uma cobra em sua barriga.

Não faça isso.

Ele estremece quando me inclino e toco-a. Os fios são leves e surpreendentemente eróticos, nada como o fio grosso que Alrik usou ou as correstes brutais que ele preferia.

Correntes.

Há correntes.

Olhando em volta, noto a pilha brilhante na mesa de café, meio espalhada pelo chão. Sei sem dúvida que se fizer isso, se há uma chance de fazer isso, as correntes não farão parte.

Enrolando a corda nos dedos, inclino a cabeça. “Só isso. Nada mais.”

Elder estremece pela minha voz, mas lentamente acena com a cabeça. “Amarre-me e não haverá necessidade de nada mais.” Eu tremo, equilibrando as agulhas de preocupação. Como essa noite mudou de Elder me segurando. Elder me beijando. Elder fazendo amor comigo. Para Elder deixando-me sozinha com minhas memórias. Ele não me segura. Ele não me beija. Ele não fará amor comigo.

Eu estou sozinha.

Minha mente ficará com ele ou fugirá?

Como acho que terei a confiança de usá-lo como Alrik me usou? Como teria relações sexuais com alguém em vez de ter relações sexuais comigo?

É muito estranho, também assustador, não é certo ...

Elder suspira pesadamente, o olhar fechado no teto. Ele não me orienta, condena por minha hesitação ou questiona a decisão com a qual ainda luto.

Esta não sou eu ...

Com as mãos trêmulas, avanço para frente e encaixo a corda preta em volta do pulso direito.

Mas talvez isso seja bom ...

Ele congela. Ele para de respirar.

Ele não quer isso ...

Meus joelhos travam quando os olhos de Elder encontram os meus. “Faça.”

Balanço a cabeça. “Eu não acho que posso.”

“Se não puder isto acaba agora.”

A dor por não tê-lo e não sentir a maravilhosa plenitude novamente me dá um tiro de confiança. Com os dentes cerrados, passo a corda por seu pulso e amarro-o com força.

Eu conheço o nó.

Sei porque eles usaram comigo.



Elder me dá um sorriso agonizante seguido de um aceno de aprovação doente. “E o outro.”

Isso é loucura.

Você não acha que está ferrada o suficiente sem fazer isso?

Escuto o tambor no meu peito enquanto respiro muito pesado e forte, encharcando meu sangue de oxigênio, fazendo a sala girar.

Mas não me afasto. Não o solto. Obedeço e envolvo o resto da corda ao redor do pulso esquerdo, aprisionando-o na cama e na submissão.

Submissão.

A palavra terrivelmente enganadora novamente.

Elder se entrega inteiramente a mim para fazer o que quero. Ele visivelmente está abalado com quanto isto vai custar.

Ele está em todos os meus pensamentos, cada respiração, cada ação.

Ele me controla mais do que nunca.

Ele reina, governa e domina-me.

Eu não estou sozinha.

Quando me afasto da cama, os olhos caem para a ereção orgulhosa, rígida e brilhante em sua musculosa barriga. Seus olhos encontram os meus, mais escuros do que

um cânion preto e tão vastos. Cada parte de mim tinge, brilha e não necessariamente de boas maneiras.

Quando não me movo, ele lambe os lábios. “Deixe-me vê-la.”

Sua voz me toca em vez das mãos. Sua voz será minha âncora hoje à noite.

Confie em ... confie nele ... confie em si mesma.

Minhas mãos se arrastam até as tiras do vestido, em seguida, param.

Se eu fizer ... não há volta.

Elder testa os nós, as mãos empurrando duramente. A corda não cede; Ele permanece atado. Com olhos perigosos, ele me fita de cima para baixo. “Só porque não consigo te tocar, não significa que pode levar a noite inteira, Pimlico.” Seu pênis treme contra a barriga. “Dispa-se para mim. Agora.”

Meus dedos ficam presos nas tiras antes que meu cérebro possa interferir. Deslizo o vestido pelos braços, deixando-o em torno dos tornozelos, revelando que não uso roupas íntimas.

A timidez me aquece, mas a expressão no rosto de Elder me lembra o quanto ele me queimou na última noite. Como, sem importar minhas inseguranças, ele me quer. Ele quer que eu o toque, foda-o. Ele quer tanto isso, mas não pode fazer sozinho.

Fico molhada o olhando, sabendo que se o quero dentro serei eu quem terei que fazer. Tenho que levá-lo. Não há como negar que escolho fazer sexo.

Odeio a responsabilidade que me invade. Espero que possa voltar e deixá-lo trabalhar sua magia como ontem à noite. Que sucumbirei e nadarei nas sensações que ele causa em vez de ser a única a compor a música estranha que cantaremos.

"Suba na cama, Pim."

Sigo as instruções, grata por elas. Espero que ele possa ver que será muito mais fácil para mim, se ele me der sua voz.

Seus lábios se inclinam num meio sorriso enquanto obedeço, ficando de joelhos no colchão como qualquer obediente animal de estimação.

Minha coxa nua toca a dele. Minha pele aquece por causa dele.

Sua garganta funciona enquanto engulo; sua voz é rouca e cheia de desafios. "Não direi a você todas as partes disso. Você deve ser a única no controle. Caso contrário, anula o que estou tentando fazer."

"*O que* está tentando fazer?"

"Salvar-nos de uma vida de miséria."



Meu coração treme com o pensamento de uma vida com Elder. Não de miséria, mas de felicidade. Não tivemos miséria suficiente em nossas vidas?

Mas como podemos ter toda a vida juntos se ele cumprir sua promessa de que esta noite será nossa última? Como posso passar dois anos com um homem que abusou de mim e me fez desejar a morte apenas para encontrar outro que me faz implorar pelo prazer que me nega?

Que tipo de piada cruel o mundo está fazendo?

“Pare de pensar.” Elder move-se na cama, o pau saltando enquanto se ajusta. “Eu não fiz você despir. Não a obriguei a me amarrar. No entanto, você fez estas coisas. Desligue sua mente, ratinha e ceda... porque você já começou.”

Não posso desviar o olhar. Tenho que continuar olhando. Seus lábios. Seu maxilar. Seu peito.

Ele respira mais rápido quando o olhar desliza por sua frente e para no pau espesso.

“Toque-me.”

Minha cabeça dispara. “Mas pensei que disse que não me guiaria”

“Esquece a porra que disse. Quando olha para ele desse jeito, você me deixa louco.” Ele testa as cordas novamente, puxando os eixos. “Faça.” Ele arqueia as costas,



o pescoço girando contra os travesseiros. “Por favor, toque-me.” Não é um pedido, mas uma ordem rosnada.

Minha mão se move para a frente.

Toque.

Ele geme longo e baixinho quando seguro a parte superaquecida. Quão estranho é pensar que esta é a primeira vez que tenho permissão para segurar, em vez de sugar ou apresentar-me sua escolha.

Nunca estudei as veias e complexidades. Nunca corri o polegar sobre a coroa e notei a textura da pele lisa até o mais suave veludo.

As coxas de Elder tensionam enquanto meus dedos o capturam, acariciando, espremendo, aprendendo. Ele morde o lábio, as narinas dilatadas e olhos fechados.

Odeio que causei desconforto embora não quero deixá-lo ir. Talvez eu não seja boa em toque preliminar, mas sou uma mestra em oral.

De joelhos, me forço a ser corajosa e puxo o cabelo de lado. Apoiada sobre seu quadril, coloco a boca nele.

No segundo, quando meus lábios tomam a dica, ele arqueia. “Santa merda.”

O choque de eco e a necessidade palpitante em seu tom me infectam, dando a coragem de continuar.

Já experimentei uma vez, mas ele me deteve. Ele me chamou de puta.

Minha mente queima com más lembranças.

Ele pode ter me parado antes, mas não conseguirá agora.

Abaixo-me em seu comprimento, engolindo-o profundamente.

A cama treme quando ele luta contra os nós que o envolvi. “Pim ... pare. Isso não é...” Ele engole a última palavra quando o chupo com força, correndo a mão pelo comprimento.

Algo acontece.

O habitual desgosto e vergonha que sinto quando faço tal ação sexual está estranhamente longe. Ao invés do meu coração desligar e a mente ficar entorpecida, encontro bolhas de calor no meu sangue. Meus quadris se alargam sobre as pernas para afundar mais. Minha mandíbula se afrouxa sobre o pênis para chupar com mais força.

Para Elder, pode parecer que lhe dou um presente.

Para mim ... reclamo-me de todo o coração.

Noto sua falta de ar, seu esforço. Roubo suas contrações e grunhidos. Aprecio o poder me dominando.

Isso não é para ele.

É para *mim*.

E não tenho intenção de parar.



Minha língua gira, a boca cheia; Elder fica incrivelmente mais duro entre meus lábios. Meus dedos correm mais baixo para as bolas tensas e quentes.

“Jesus Cristo, Pimlico.” Seus olhos se abaixam, me encharcando de luxúria pura e potente. Os músculos do estômago se destacam. Seu dragão quase distorcido com a forma como ele se prepara.

Outra lambida. Uma sucção mais profunda e sua voz geme novamente, desta vez espessa e perdida por mim. “Pare. A menos que queira que eu goze. Estou a segundos de ...” Ele geme quando descubro os dentes e o mordo suavemente.

As ondulações reveladoras de um orgasmo cintilam sob meus dedos. Por um momento, quero terminar com ele.

Ter isso para mim. Mas outra parte, uma pequena parte sádica, quer que ele permaneça na agonia lúgubre.

Recuando, lambo os lábios, encarando de seu torso até os olhos torturados.

Ele dá respirações gananciosas, buscando o clímax e eu o deixo lutar. Quando pode finalmente falar, ele resmunga: “Isso foi cruel.”

Um sorriso triunfante cruza meus lábios.

Nunca esperei sentir-me orgulhosa por lamber algo que costumava odiar. As mudanças nunca cessam.



“Você tirou isso de mim, ratinha.” Sua boca se espalha num sorriso próprio; só que o dele é calculado e sombrio. “Hora de devolver o favor.”

Faço uma careta.

O que? Como?

“Sente no meu rosto.”

Levanto pela surpresa. “Com licença?”

“Você me ouviu.”

“Mas...”

“Sem, mas.” Ele abaixa um pouco na cama; os braços forçando. “Venha aqui.”

“Eu... eu não entendo.”

Os olhos dele ardem. “O que não entende?”

“Estou nua. Se sentar no seu ...”

“Eu posso fazer por você o que acabou de fazer por mim.”

“De jeito nenhum.” Afasto-me. “Eu nunca ... Ninguém.” Balanço a cabeça. “Não, eu não estou confortável...”

“Não me importa se não está confortável.” Ele ri, deslizando mais em seu papel de guardião bem como de atormentador. “Disse que quero dar-lhe muitas primeiras vezes. Bem, esta noite vou ter que te dar tantos quanto puder, começando com você sentado no meu rosto.”

Minha barriga revira. “Eu não vou.”

“Você vai.” Suas sobrancelhas sobem numa carranca mal-humorada. “Quero te provar. Venha aqui.”

A simples ideia de fazer algo tão vulgar enfraquece cada valor que tenho, mas sob esse horror está a pequena questão de como uma língua será lá embaixo. O que a língua de Elder será.

Segundos passam tão rápido quanto meu coração bate.

“Não vou pedir novamente.” Elder sacode os pulsos nas cordas. “Venha aqui.”

A única coisa que torna remotamente possível para mim pôr de lado meu constrangimento e me mover é o comando do Elder. Sigo sua voz enquanto me movo de quatro para cima e para cima, na cama.

Engulo quando o olho. “Você tem certeza?”

“Mais do que qualquer coisa. Estou morrendo de vontade de fazer isso desde o dia em que a vi.”

Quando não me movo, ele ordena: “Monte-me como fazia antes.”

Uma dúvida começa na minha cabeça, mas consigo me inclinar para frente e fazer. Com desajeitados movimentos, abro as pernas e gradualmente abaixo-me.

O olhar dele fecha em minha buceta, nua e aberta.

Eu não posso olhar.

Ao fechar os olhos agarro-me à cama.



“Venha mais perto.” Sua respiração faz cócegas no interior das minhas coxas.

Estou perto o suficiente, muito obrigada. Qualquer coisa mais próxima...

“Quero lamber você, ratinha. Minha língua quer se enterrar dentro de você. Não me negue isto.”

Oh Deus.

Forço-me a fazer o que ele ordena, descendo até que sua respiração roça da minha coxa interna ao núcleo. Encolho-me quando ele pressiona um beijo delicado na minha perna. “Agora mais baixo até me sentir.”

Odeio isso. Positivamente odeio isso.

Minhas pernas fecham enquanto descem. Isso é sujo, estúpido e ...

Merda ...

Minha cabeça falha por um segundo, a sensação mais selvagem me toma. Quente, molhado e gostoso.

Abaixo de mim, Elder geme quando grito.

Nunca na minha vida alguma coisa foi tão *incrivelmente* desejada e rápida em mudar minha opinião.

Tão rápido para admitir que não odeio isso. De modo nenhum. Adoro isso. Eu *quero* isso.

Mais.

Mais.

Mais.

Estou perdida.

O que é essa feitiçaria?

A língua de Elder é mais hábil que qualquer dedo, mais hipnotizante do que qualquer beijo. Ele mergulha dentro de mim, gira ao redor, me adora, me corrompe, me reivindica em todas as dimensões.

Eu não me torno mais do que duas mãos segurando a cama e qualquer coisa que Elder quer que eu seja. Meus quadris começam a se mover junto com sua língua. Minha respiração sumindo sempre que ele se abre e me enche.

Fico feliz por ele ser meu primeiro.

Ninguém mais pode fazer isso melhor.

Já disse que o amo por tudo o que fez. Não disse a ele que o amo por ele, mas para pressionar meus limites e mostrar que o céu vive atrás das portas que estou com muito medo de abrir.

Com ele entre minhas pernas, o amo de uma maneira diferente. Saio da segurança e deixo sua língua me guiar. Amo de forma romântica. Um caminho do coração. Uma maneira que me faz inchar, queimar e gritar com a beleza disto.

"Foda-se, você tem um gosto tão bom," ele ronrona, parecendo tão alto em mim quanto estou nele.

Olho para baixo.

Minha respiração para. Não há palavras para descrever o quão bonito ele é. Como é real. Quão realista.

Ele murmura com um olhar pesado quando a língua lambe os lábios. Lambendo cada gota como se quisesse me comer viva.

Minhas coxas tremem quando ele se arqueia e continua a me agradar.

Minhas costas se curvam quando caio inteiramente nele. Caindo na hipnose de sua língua e o familiar, mas ainda não familiarizado desejo, enquanto meu corpo tensiona e dói. Meu coração salta e implora por mais.

Conheço o sentimento.

Sei onde isso leva se continuar seguindo e subindo, me movendo na língua de Elder até chegar ao ponto mais alto.

Quero segui-lo.

Mas, assim como eu o deixei na ponta de um orgasmo, não é justo eu gozar sozinha.

Relutantemente, sento de joelhos, afastando minha palpitante carne da incrível boca de Elder.

Ele fica atordoado e bêbado, lábios brilhantes, o queixo molhado de meu desejo. Sua voz arranha minha pele com desejo sensual. “Volte aqui. Eu não terminei.”

Por uma vez, não obedeço.



Escorregando por seu corpo, abaixo-me nele. Peito a peito. Buceta com pau. Deito sobre ele, soltando todo meu peso, tocando-o de todas as maneiras que posso.

Isto é o paraíso.

Isto é casa.

Um rosnado retumba em sua caixa torácica enquanto abaixo meus quadris para dentro dele, prendendo seu pênis entre nós.

“Cristo, o que está fazendo comigo?”

“Tudo o que eu quiser.” Corro o dedo de sua mandíbula para o quadril. “Não é isso o que me disse para fazer?”

Ele aperta-se embaixo de mim, os olhos tão pretos como carvão. “Você está me provocando, Pimlico. Não tem uma maldita ideia.”

Meu coração acolhe cada palavra e coloca-as profundamente em seus bolsos. A novidade dele dizendo como me sentiu ser empurrada para um orgasmo sem qualquer outro estímulo.

Fico consternada com tudo sobre ele. Sinto dor por ele. Queimo até não ter mais escolhas além de queimar ou morrer.

“Eu quero você,” murmuro. “Eu preciso de você,” imploro.



“Você me tem.” As veias de sua garganta se destacam enquanto me esfrego contra ele. “Foda-me, ratinha. Deixe-nos sair desta miséria.”





Não sinto minhas mãos pela corda ao redor dos meus pulsos.

Não sinto o caos em minha mente pelo gosto de Pimlico em meus lábios.

Não sinto as coisas que me tornam humano quando Pim cora e depois balança contra mim.

Tremo por uma luxúria tão profunda e profana que quero vira-la de costas e me enterrar tão rápido quanto puder dentro dela.

Mas, quando Pim me dá um sorriso diabólico, satisfeito, confortável e confiante, não posso tirar isso dela. Não posso mandar que ela me liberte para que assuma o controle. Ao me ter amarrado, ela é livre para se apropriar e entender que nada é melhor que o sexo entre duas pessoas que se respeitam.

E eu a respeito totalmente.

Meu respeito é a coisa mais difícil de ganhar. Meu coração ainda mais.

Então, por que tirei os dois de onde moram dentro de mim e os estendi nas mãos sangrentas, desesperado por ela aceita-los?

“Diga-me o que fazer,” ela sussurra, os quadris balançando como um mar na tempestade, manchando sua luxúria ao longo do meu comprimento. Minha língua queima para lambe-la novamente. Ela é minha aluna e eu seu tutor. Quero ensiná-la, tudo o que sei e tudo o que não sei.

Minha regra de uma vez nunca será suficiente. Preciso comer Pim em cada refeição. Preciso dela sempre comigo.

Como no inferno me afastarei disso? Como sobreviverei a ter ela no Phantom comigo, a leva-la para sua casa e não a aprisionar todas as manhãs, dias e noites na minha cama?

Como vou dizer adeus?

A dor me toma até que gemo de agonia e êxtase.

“El ... você não respondeu.” Pim arrasta a ponta do dedo sobre meu dragão. “Diga-me o que fazer.”

Meu estômago aperta-se sob seu toque. “Leve-me.”

“Isso não é suficiente.” Ela balança a cabeça. “Preciso que me guie. Se não vai me tocar, preciso da sua voz para me manter aqui.”

Esqueço a pressão no meu pênis e me afogo na névoa sexual de seus olhos. Pim chegou tão longe desde que nos

conhecemos. Ela me surpreende a cada passo. Mas ainda há inseguranças, medo e o brilho da aversão com o pensamento de sexo.

Ela sempre lutará? Dividida entre dois extremos polares?

Dando-lhe um sorriso gentil, assinto com a cabeça. “Ok, ratinha. Eu falo com você.”

Seu sorriso de resposta é letal para meu autocontrole irregular. Tão bonito. Tão gentil. Tão forte.

“Venha mais para cima no meu corpo.” Meus bíceps apertam contra a corda.

Pim obedece, removendo a buceta roçando no meu pênis, sentando logo abaixo da minha caixa torácica. Ela olha minha tatuagem e volta para meus olhos. “Diga-me mais.”

“Arqueie as costas, incline-se sobre mim.”

Ela obedece. Seu rosto se aproxima quebrando a distância para um beijo. Nunca quis nada mais. “Beije-me.”

Suas sobrancelhas levantam, mas um olhar sonhador nega sua surpresa enquanto curva e pressiona os lábios nos meus.

Inclino o rosto, ganancioso pelo que ela quer dar. Começa fugazmente, mas depois se transforma num beijo apropriado. O primeiro beijo que ela me rouba completamente e não a guio. Deixei-a ditar o tom, acelerar e

gemer enquanto sua língua sai quase instantaneamente para me provar.

Abro-me, acolhendo-a profundamente.

Seu cabelo faz cócegas no meu rosto e ombro, fios de velcro na minha sombra de barba. Sua pressão é suave. O ritmo lânguido o suficiente para me deixar bêbado.

No entanto, quanto mais ela me beija, mais minha irritação aumenta. Eu a quero. E isso só piora, quanto mais sua língua me provoca, como uma letra que não consegue lembrar.

Quero que seus dentes estejam presos e as línguas lutando.

A frustração vibra na minha garganta. Eu a mordo, não tão gentil quando devo, com um pouco de medo de mim mesmo. Meu controle de sanidade está escorregando.

Minha frequência cardíaca sobe quando ela geme pela mordida, afastando-se para me olhar. Esfregando a boca com a ponta dos dedos, ela faz contato visual comigo. Respiramos como se tivéssemos corrido uma maratona e não apenas nos entregado a um inocente beijo.

“Mais forte,” falo.

Com o menor sinal de hesitação, ela volta para mim, abaixando a boca na minha, lambendo profundamente.

Ela me leva mais devagar do que quero e ainda é muito suave. A sensação de sua possessão me atrapalha e faz

perder a liberdade. Liberdade para acelerar o ritmo, a pressão.

Ela está mentindo. Ela finge ser recatada e pura, mas vejo vislumbres do que se esconde debaixo da força e calma. Pim é uma criatura com intrincados padrões, o mesmo que eu. Onde o meu é ruim, o dela é muito bom. Sou igual a Pim. Como o segredo enrolado no fundo dela cheio de desconfiança malévola pelos homens, mas com calor derretido por amor e paixão.

Ela se mantém cautelosa demais. Ela muda essa desconfiança para si mesma, não preparada para a própria aceitação de prazer e desejo.

Isso me irrita.

Meus quadris sobem, perturbando o equilíbrio e quebrando o beijo.

Não sei de onde vem minha raiva, mas mexe com meu sacrifício para mantê-la segura, misturada com escuridão, não querendo nada com isso.

Ela apoia a testa na minha, fazendo meu coração vibrar de todas as maneiras erradas.

“Elder ...” Sua voz se agita um pouco. “E agora?”

E agora?

Terminamos isso antes que coisas ruins aconteçam.

“Agora?” Limpo a garganta, os dedos fechando e me concentro no porque estamos fazendo isso.

É por ela. Não por você. Você pode fazer isso ... por ela.

"Volte para baixo e pegue meu pau. Sustente-se para que possa colocá-lo dentro de você."

O calor de nossos corpos aumenta quando ela faz como peço.

Sua mão minúscula envolve firmemente minha circunferência, tirando meu comprimento da barriga. "Assim?" Suas pernas se abrem ao redor dos meus quadris enquanto ela cora. Seus seios saltam. As costas arqueiam. Ela me deixa malditamente insano.

"Exatamente assim."

Ela faz uma pausa, dúvida enchendo o belo rosto.

"Não pense demais. Apenas faça," forço por meus dentes cerrados.

Mais lento do que antes, ela obedece, passando pelo caminho certo acima de mim. Com os olhos arregalados ela abaixou-se e vai descendo aos poucos.

Balanço com a primeira sensação dela. O calor. A umidade.

Santa mãe de Deus.

Seus ombros tensos enquanto congela com a ponta dentro dela. Seus olhos fecham e não sei se é pela mesma excitação que sinto ou horror.

Então faço o que ela me pediu.



Eu falo.

Minha voz parece um leito de rio seco e cheio de desejo. “Nunca conheci alguém como você antes.”

Seus olhos se abrem, me encontrando, me prendendo. A tensão vibra ao redor dela enquanto pressiona outro centímetro.

Engulo meu gemido. “Isso sou eu. Estou aqui. Você é minha agora.”

Outro. Ela ofega quando se estica para acomodar meu tamanho.

“Nunca vou te machucar. Você está segura.” Meus quadris levantam, forçando-me dentro mais rápido do que ela espera. Ela cai para frente, apoiando-se no meu peito, com a testa franzida em profunda concentração.

Empurro novamente, incapaz de me parar. A necessidade de arrastar e cair corrói minha mente, sequestrando meu corpo.

“Você me sente Pim? Sente o quanto te quero? Quão duro estou?”

“Sim.” Ela pressiona para baixo, me concedendo outro centímetro dela. “Eu sinto.”

Não estou satisfeito. Não estou satisfeito ou apaziguado. Eu quero mais.

Agora.



Imediatamente.

Meus tornozelos cavam no colchão enquanto forço novamente, entrando mais profundamente.

Sua cabeça cai para frente, o cabelo de chocolate sobre o ombro. Ela estremece.

Não planejei participar, mas maldição, ela torna difícil com a roupa sexy e lábios apetitosos.

"Afunde-se em mim. Deixe-me preenchê-la."

Pim respira profundamente e, lentamente, mudo de posição contra minha urgência para tê-la mais fundo em meu colo. Cada ação e aperto muscular a envia mais para baixo no meu pênis. Cada centímetro faz minha mente entender que nunca deveria ir.

Não ceda.

Promessas e promessas me sussurram para simplesmente parar de lutar. Que posso deixar ir e ainda ser eu. Que posso foder com Pim sem me segurar e de alguma forma, subir do poço que quero desesperadamente pular em primeiro lugar.

Mas sei que esses desejos nadam dentro do meu crânio, e sei que eles são mais astutos que mentirosos. Eu nunca poderei ceder.

Preciso disso.

Estou muito perto.

Ignorando minha advertência, jogo a cabeça para trás, os olhos revirando pelo puro êxtase de estar dentro dela.

"É isso. Continue."

Tudo o que posso pensar é em estar cercado por ela. Dominado por ela. Quando dentro dela, não penso em mais nada. Sem números. Sem rapidez. Somente ela. Apenas criando rapidamente uma obsessão por meio das minhas regras e sussurros, o quão bom será apenas pensar nela para *sempre*. Nunca me preocupar com outras coisas novamente. Nunca mais ter que conquistar outra tarefa desde que a tenha.

Para sempre, ela. Nada além dela.

Ela.

Ela.

Ela.

O chamado é doce, forte e sedutor.

Deslizo um pouco mais.

Finalmente, ela senta sobre mim, as coxas aprisionando meus quadris, todo meu comprimento profundamente em seu corpo. Sua pele vacila entre o branco com desconforto e rosa com satisfação. Suas pupilas dilatam até eu jurar que posso me afundar dentro delas e nunca encontrar o caminho de volta.

Posso tão facilmente ... posso parar de me apegar a uma vida onde a mania constantemente tenta me separar

numa centena de maneiras exaustivas e deslizar em uma. Ela pode ser meu violoncelo. Posso toca-la noite e dia.

A ideia cresce, ondulando como fumaça, uma torção mental até que sufoco.

Suas mãos pousam no meu estômago, na minha pele. “Eu nunca ... estive por cima antes.”

Um homem das cavernas surge em mim. Mais uma vez, eu tomei. Há tanto mais que posso roubar.

O ladrão em mim salta de alegria. Por que parar isso? Por que não ensinar tudo a ela? Por que não roubar todas suas primeiras e estar dentro vinte e quatro horas todos os dias?

As luzes do teto moldam sua sombra sobre mim amarrado abaixo dela. Com ela me afastando, a sensação de ser dominado revolve meus pensamentos.

Não gosto. Lutei contra meus vícios, mas como posso lutar contra esse? Uma nova obsessão que se planta firmemente com essa mulher que já me ganhou e tem para seu uso?

Não é isso o que sempre acontece? Eu caio e me torno escravo. Eu luto, mas já estou amarrado.

E então, ela começa a se mover.

A fome dizima meu sistema, assim como qualquer caos dentro de mim se abre. Mil coisas exigem que eu obedeça de



uma só vez. Um milhão de coisas sujas e imundas que se espalham por essa mulher como um furacão.

Meus pulsos empurram as cordas, meus dentes doem e os batimentos do meu coração se deslocam para o pênis e as pontas dos dedos.

Eu só posso pensar em uma coisa.

Eu só posso desejar. Uma. Coisa.

Ela balança novamente, me reivindicando, me deixando louco.

“Elder, fale comigo. Por favor.”

Ela implora o resto da minha sanidade e coisas indescritíveis se tornam as únicas que quero.

Os vícios aos gritos de um homem com dor somem, já que eu os silencio. Fico de joelhos por prazer. Eu luto, não por glória, mas porque não tenho escolha. Fico preso na minha mente e no chamado do meu sangue.

Esse chamado matou aqueles que amei.

Esse chamado me fez viver uma vida sozinho e não desejada.

E agora está de volta com garras e dentes, exigindo que eu me renda a uma nova escravidão.

Ela.

Os sussurros passam por mim.

Eu sinto.

Eu ouço.

Fico indefeso a isso.

Não quero mais que ela acabe. Quero que ela continue a finalizar minha queda.

Não consigo falar sem rosnar. Não consigo me comportar sem quebrar.

Isso não está funcionando.

Estou perdendo.

Estou inquieto, insensível e preso na necessidade de impor meu ritmo e não o dela.

Não sou mais o homem que diligentemente me preparei para ser.

Não estou mais no controle.

Não importa o quanto prometi a mim mesmo, volto a ser o animal que tentei matar e nunca pude. Sob a espantosa recepção da obsessão, brilha o menor sabre de luz[8]. Se puder me apegar o suficiente, *talvez* possa parar isso.

Antes que seja tarde demais.

"*Pim* ..."

Seus olhos se voltam pela luta no meu tom. Pelo conflito que rasga minha pele e alma.

Não posso dizer mais nada.

---

8 

Ela estuda meu rosto. Seus quadris balançam por vontade própria, acreditando que quero que ela me foda quando quero que ela pare e fuja.

Corra!

Ela se move mais rápido, mais fundo, me derrubando mais rápido e mais forte no inferno.

"Você está bem?" Sua buceta aperta a minha volta, me mantendo com ela enquanto caio e me perco.

Sua preocupação é traiçoeira em sua vontade de ser meu vício além de tudo.

Não, não está bem.

Fico apavorado.

Isso era o que temia.

Minha história. Minha fraqueza.

Uma maldição foi colocada sobre mim desde o nascimento e olhando seus olhos doces e expressivos sei que não posso deixar que me leve de novo. Presto homenagem quando toco o violoncelo. Aperto a mão quando pratico artes marciais. Fico preso para sempre nesta difícil tarefa, mas nunca mais quero ser um escravo.

"Pim, saia de mim."

A servidão dela me irrita cada vez mais.

"O quê?" Seu corpo desloca, revelando a menor agitação.

Meus olhos fecham nos músculos do seu estômago e nos globos de seus seios. A língua não será minha graça salvadora esta noite. As ações sim.

Ações que tento lutar e perder.

Ações que solidificam tudo do que tento fugir.

Eu desisto.

Meus quadris disparam para cima, enchendo-a completamente, fazendo-nos grunhir em harmonia. E então a abro de lado com um movimento dominado pela luta. No momento em que ela está de lado, rolo novamente e coloco-a debaixo de mim.

As cordas nos meus pulsos apertam. Minha circulação é comprometida. Mas não me importa. Já não me importa qualquer coisa além *dela*.

Ela!

Com os braços cruzados e presos, tudo o que preciso é foder esta mulher, alimentar o orgasmo desesperado por liberação e acabar com isso. Não preciso mais de comida, luz ou ar. Não sou mais humano com múltiplas preocupações e responsabilidades.

Eu sou dela.

Ela é minha.

A simplicidade tira meu fôlego.



Meus lábios cobrem os dela com desculpas. Ela trocou Alrik por mim e não sei mais qual de nós é pior. Meu corpo se move quando suas pernas abrem e meu pênis entra nela.

Devo perguntar como ela está. Se ela ainda está comigo e não voltou para o passado. Mas ela me empurrou muito longe e não tenho mais a capacidade de voltar.

Tudo o que me importa é o que a doença diz para eu me preocupar.

E mesmo agora, isso está na pulsação pesada na base da coluna vertebral. Chegando até que não posso segurar mais. Estou ansioso para a conclusão e vazio ao pensar nisso. Preciso terminar, mas estou voraz para começar de novo e de novo.

Não haverá descanso agora.

Uma vez que eu gozar, começaria o ciclo de novo sem parar. É assim para mim. Nunca estou satisfeito. Nunca saciado. Sempre perseguindo algo para fazer o rastejar no meu sangue desaparecer.

Nunca posso dizer que domino algo porque nunca cheguei à perfeição.

Pim será meu instrumento para encontrar essa perfeição.

Nós nunca ficaremos separados. Estarei para sempre dentro dela, porque esse é o único lugar que faz sentido.



“Desculpe.” As palavras são ácidas na minha língua. Enterro o rosto no pescoço dela e fodo mais forte.

Ela se afasta debaixo de mim, os dedos percorrendo minhas costas. “Elder...”

Não sei se é um pedido para eu parar ou um gemido para continuar. De qualquer forma, não faz diferença.

Mordo sua garganta como se a odiasse quando o contrário é verdade. Eu a seguro com os dentes, lutando contra a necessidade de consumi-la enquanto a seguro com um aviso para me deixar fazer isso. Que não há outra maneira agora. Estou duro. Estou dentro dela. Agora acabou.

Minha mente torna-se hipnotizada pelas inúmeras formas como posso levá-la. Em vez de ficar entusiasmado com o pensamento de dormir com esta mulher maravilhosa pelo resto dos meus dias, quero gritar a lua e pedir piedade. Para me dar uma bala. Eutanásia. Morte.

É o melhor.

Para nós dois.

Eu não posso viver novamente com essa doença. Não posso ser tão escravo sem nenhuma chance de liberdade.

É debilitante. Imposto, cansativo e errado.

Errado? Do que diabos está falando? É incrível.

Mergulho dentro dela de novo e de novo.

Viu? Tão bom.



Meus ataques são tão enérgicos que ela salta na cama debaixo de mim. Movo-me com ela até os que meus dedos empurram os nós com os quais ela me amarrou.

Ela também gosta. E quem se importa se ela não gosta?

Sua luta embaixo de mim ecoa em meus ouvidos. Seu coração acelerado tão perto do meu. Ela é tão quebrável. Ela é apenas um osso que respira e acreditou que eu era diferente. Que gostaria de protegê-la e não a machucar como agora faço.

Estúpida Pim.

Tentei adverti-la e ela não ouviu.

Agora, preciso disto.

Então posso começar tudo de novo em questão de minutos.

Cedendo ao mosaico de impulsos monstruosos, levanto e olho para ela. Sua pele está cheia de manchas e os olhos arregalados com lágrimas não derramadas. Sei que deveria ter pensamentos e consideração com sua situação, mas nada resta. Apenas instinto. Apenas instinto básico.

Eu já reservei um trono no inferno pelo que fiz com minha família. Isso apenas solidifica minha adesão.

Ela faz o possível para se mexer. Espero por ela gritar ou implorar, mas seu passado e meu passado não são bons companheiros. Eu me perco nos pensamentos. Ela perde a voz em seu medo.

Ela não pronuncia uma única sílaba, mesmo que terror lhe decore o rosto.

Ela me teme.

Eu me temo.

Ela quer que eu pare.

Eu quero parar.

Ela me odiará, me amaldiçoará, desaparecerá em sua mente e me deixará a qualquer momento.

Eu sei.

Sei tudo como se fosse um voyeur da minha própria situação.

Mas *ainda* não me impede.

Não para a raiva e a impotência que me destroçam.

"Você é minha agora." Entro mais fundo. "Eu não conseguirei parar." Eu fodo mais. "Você está feliz agora? Feliz que me fez fazer isso?" Empurro uma e outra vez. "Você me arruinou. Malditamente me arruinou."

Fodo-a sem piedade, perfurando sua bondade, sua generosidade, seu amor. É por isso que vivo sozinho.

Por que ninguém me quer. Por que estou morto para eles.

Porque destruí todo bem na minha vida.

Os seres humanos acima de tudo.



Meu pau a enche cruelmente enquanto empurro, penetro e cedo a última selvageria que me consome.

Não é amor.

Isso está me destruindo.

E me atiro primeiro.

Meus quadris se mexem mais e mais fundo.

Pim volta a seu silêncio. Seus olhos fecham. Os dedos agarram meus ombros.

A pulsação na minha coluna desliza entre as pernas. Pesado e quente, precisando crescer e dominar.

O orgasmo me encontra profundamente na escuridão enquanto fodo Pim uma e outra vez. Mas não é excitante, quente e promissor como os orgasmos normais. É sombrio, opressivo e errado.

Não quero isso porque no momento em que tiver, precisarei de outro e outro e outro.

Fodo Pim mais rápido, caindo na pressão e aceitando o deleite.

E quando me encontra, gemo enquanto queima como vinagre nas minhas veias.

Derramo-me dentro dela, respirando com dificuldade, desejando que nunca tivesse concordado em quebrar minha lei e tê-la mais de uma vez.

Com isso, acabo de cometer um erro fatal.

Não há como voltar.





Onde está o Elder de antes?

O homem secreto e atencioso que me salvou?

O que acabou de *acontecer* entre nós?

Elder quebra em cima de mim, seu orgasmo deixando-o seco. A respiração não é de um homem que teve sexo e gozou, mas de um animal ferido, torturado e perdido.

Fico congelada embaixo dele.

Minha pele encharcada de suor enquanto arrepios de aterrorizado prazer percorrem meu corpo. Minha voz desapareceu exatamente como minha mente tentou. Eu não sei mais o que está acontecendo e o que virá. Coisas em que confiei são falsas. As pessoas que conheci tornaram-se impostores.

Quem é esse homem dentro de mim?

Estava errada acreditando que poderia amá-lo? Cuidar dele?

Ele é como todos os outros homens dos quais sobrevivi.

Meu corpo sufoca os soluços silenciosos, enquanto faço meu melhor para conter a confusão quebrada e inchada.

Elder me arruinou. Não porque foi duro, ele ainda era um santo em comparação com os outros, não, ele me arruinou pelo ato de torcer meu desagrado pelo sexo num gozo provisório.

Ele me desorientou. Ele me deixou perplexa. Ele me empurrou para uma tempestade sem casaco ou guarda-chuva e esperou que eu sobrevivesse as agulhas geladas da realidade.

Seguro as lágrimas ao sentir seu corpo pesado, mesmo sabendo que deveria estar consternada. Eu não deveria buscar o conforto do homem que acabou de me despojar de tudo. Nunca procurei a aprovação ou companhia de meus captores.

Não começarei agora.

Então, por que meu corpo não detesta o seu dentro de mim?

Por que ainda estava molhada? Ainda inchada por mais?

Elder foi amargamente brutal, mas meu corpo permanece sensível e cantando para ele.

Não gostei do que ele acabou de fazer.

Eu não gosto.

Mas ele foi o primeiro a me mostrar prazer. *Confio* nesse prazer. Quero acreditar nesse prazer.

Como se atreve a mudar de novo para ódio?

Estou cansada de odiar algo que é natural querer. Estou cansada de me ressentir de algo que deveria abraçar.

Minha mente se dividi entre querer se esconder e querer ficar. Quero que ele fale comigo para talvez ajudar com os problemas que sofre.

Isso não vale algo?

O fato de não ter deixado o ataque de pânico me levar para um castelo imaginário?

Eu fiquei.

Por ele.

Estou disposta a mudar. Crescer. Lidar com meus problemas.

Então, o que diabos está acontecendo?

Em cima de mim, Elder geme, lembrando-me de novo de sua rude e cruel raiva ao terminar.

Quando o beijei, algo nos ligou. Quando o coloquei dentro de mim e afundei-me até o final pressionando contra lugares profundos e escuros, sentia como se tivesse encontrado alguém com quem pudesse contar.

No entanto, uma vez que nos juntamos de uma maneira que sempre batalhei, essa chama lenta se

transformou em incêndio, uma vez que o carinho mútuo se tornou fortemente unilateral.

Fisicamente, ele me derrubou, sufocando-me com luxúria. Emocionalmente, ele desapareceu. Os olhos ficaram vazios. Seu rosto está vazio. Não há mais junção de coração e mente.

Apenas uma merda sem emoção.

Ele me usou.

E não consigo acreditar que aconteceu.

Não quero saber que vi isso acontecer. Que fui estúpida de pensar que seria diferente. Eu *senti* Elder. Acreditei no que meus instintos disseram. Que ele me queria mais profundamente do que apenas luxúria. Que há algo rico, cru e digno de se arriscar.

Então, o que aconteceu?

E como pode ser consertado?

Cansado como se tivesse acabado de voltar da batalha e ainda visse sangue e carnificina em vez de uma suíte de luxo e eu, Elder sai de mim sem pedir desculpas.

Com um suspiro pesado, ele desaba de costas, os pulsos cruzados e emaranhados com a corda acima de sua cabeça. As mãos estão brancas por falta de sangue, mas ele não parece notar ou se importar.

Seu rosto bonito tornou-se sério com coisas que me aterrorizam.

Eu sento, levando os joelhos ao peito.

Ele não me olha, apenas fita o teto, o pescoço trabalhando enquanto engole pensamentos que não compartilha.

O brilho dourado das lâmpadas pinta-o em reflexões e interrogatórios. De alguma forma, mesmo depois do que aconteceu, ainda o acho de outro mundo em sua perfeição. Ele é um príncipe quebrado. O cavaleiro que não lutou contra os dragões, mas os escreveu em si mesmo, tomando seu poder para lutar contra a escuridão. As chamas das bestas podem ajudar a afastar o que mais temo.

Ele limpa a garganta, me fazendo saltar.

Seus lábios se torcem com uma amargura que machuca meu coração.

“Desamarre-me, Pimlico. Imediatamente.”





Acabou.

Terminou.

Tive uma fração de segundo de um feliz silêncio mental antes de tudo o que estou correndo me encontrar.

O barulho, a vibração, a obsessão de consertar, colaborar e encomendar. Puxo a corda ao redor dos meus pulsos.

"Pim. *Agora*!"

Seu corpo aperta numa bola menor, como se pudesse fingir que somos os mesmos de antes. Ela esfrega o nariz com a parte de trás da mão. Os olhos cansados e decididos.

Ela não se move.

A contenção me deixa louco. Meu pênis já mudou de alívio para necessidade. Quero estar livre para levá-la novamente. Há muitas horas na noite e não as desperdiçarei não estando dentro dela.

Forçando os braços, eu grito, "Pim! Desamarre-me. Imediatamente."

Meu grito finalmente bate na porta fechada de sua mente, fazendo-a se encolher. Rapidamente, ela se desdobra de sua bola e estende a mão para tirar os nós.

Seus seios balançam no meu rosto. Um convite. Uma oferta.

Não consigo parar.

Minha boca abre e chupo o mamilo com força. Tão fodidamente forte.

Ela grita.

A inclinação da coluna vertebral, o aperto da barriga, seus gemidos desfazem a última linha do meu controle. Meus quadris batem com necessidade, desesperados para começar de novo.

Meu coração pula uma batida depois duas, quebrado com adrenalina.

Junte-se.

Lute.

Sugando o mamilo, gemo com o quão fraco estou. Se estivesse livre e não amarrado como um cachorro, estaria dentro dela e perseguindo meu segundo orgasmo.

É uma coisa *boa* que ela luta com os nós que puxei muito forte em minha pressa de fodê-la. Dá-me alguns segundos, onde minha racionalidade dá pontapés nos meus desejos ferozes e me dá bofetadas.



Você precisa sair.

Agora mesmo.

Arrancando a boca do seu peito, grito. “Agora, Pim. Deixe-me ir. Agora!”

Eu tenho que fugir.

Rápido.

Se puder correr enquanto estou são, tenho uma chance.

A corda aperta-se e depois solta quando Pim finalmente desfaz o pulso esquerdo, depois o direito.

No momento em que posso me mover, a afasto de mim e saio da cama. Caio de joelhos na minha corrida para correr, a corda ainda atada a um pulso.

Não quero isso atrás de mim. Não me importo, vacilo em minhas pernas me recompondo com dor para sair do quarto.

Eu meio corro, meio tropeço para o banheiro.

Não paro para ter certeza de que ela está bem. Não olho para trás. Fecho-me no abrigo de mármore e tranco a porta, colocando a cadeira da penteadeira embaixo da maçaneta.

Uma vez que minha solidão está segura, vou para o espelho e fito os olhos loucos da minha juventude, ficando cara a cara com o homem que destruiu meu tudo.



Seguro a pia enquanto os fantasmas que há muito tempo me mataram voltam a me perseguir.

A dor é *agonizante*.

O desejo de retornar a Pim e puxá-la.

Meus músculos tremem enquanto seguro o mármore, me contendo mesmo enquanto minha carne se dói para obedecer outros desejos.

Ordens para foder e nunca parar.

Ordens para ceder e deixar ir.

A doença torna-se mais espessa, mais alta. Dobrando ao meio, aperto a pia com todas as minhas forças.

Não vou ceder.

Eu não vou.

Eu não vou.

Mas, mesmo que prometa a mim mesmo, sei que é apenas questão de tempo antes de eu falhar. Pim cruzou a linha. Mas pedi por isso. Fui tão longe, não consigo ver quem sou ou como voltar.

Negando a minha mente o fascínio do que mais quer, crio coragem de voltar a outras coisas. Não tenho meu violoncelo. Fiquei sem maconha. Não há contenção para o incessante interior da minha cabeça.

Apenas o conhecimento de que Pim está atrás desta porta, me esperando espalhar suas pernas ...



Cristo!

Aperto com força enquanto as coisas se arrastam por minhas mãos. Não são insetos. Não são fantasmas. Apenas pernas e sujeira imaginária. Mas tem que ser limpa. Imediatamente.

Abrindo as torneiras, cubro as mãos com sabão e lavo.

Enxaguo.

Lavo novamente.

Enxaguo.

Lavo novamente.

Um, dois, três vezes.

E uma vez que o número mágico está cumprido, meus pensamentos falam de um novo.

A condução pela limpeza total supera a tensão por mais sexo.

Jogo-me nela, aceitando o menor dos males.

Abrindo o chuveiro, não espero até que a água esteja quente antes de me atirar debaixo do jato.

Não paro de tremer quando pego um pouco do xampu do hotel e jogo no couro cabeludo.

Eu enxaguo.

Mais xampu. Mais lavagem. As unhas raspando minha pele e espuma arde meus olhos.



Eu enxaguo.

Uma, duas, três vezes eu lavo meu cabelo.

O resto do meu corpo é o próximo.

Uma, duas, três toalhas para secar todas as gotas.

Uma, duas, três vezes eu escovo os dentes.

Uma, duas, três laminas de barbear que costumo usar.

Um dois três...

Um dois três...

Pare com isso!

Respirando forte e fora de controle, novamente me inclino sobre a pia e seguro como se minha vida fosse acabar se eu soltar.

O que é verdade.

A vida que conheço e cuidadosamente cultivei, desaparecerá se não encontrar a força para ignorar estes horríveis impulsos de flexão mental.

Luto contra a necessidade de lavar a bacia três vezes, cortar as unhas três vezes, esfregar o espelho nebuloso uma, duas e três.

Escuto o barulho dos números e fico fisicamente enfermo tentando combatê-los. Estou há dois segundos longe de sair do banheiro e foder Pim.

Cada centímetro de mim *geme* por ela. Quero estar dentro a cada maldito minuto de cada maldito dia. Preciso

dela mais do que preciso de sangue no meu coração e oxigênio nos pulmões.

Pare com isso!

Aperto minha cabeça.

Não pode ser assim.

Estou sob controle há anos.

Não tive uma ruptura desde o último assalto que me fez quem sou hoje.

Preciso de Selix para trazer maconha e remover Pim da minha vista.

O que preciso é do mar aberto. Preciso das ondas debaixo dos meus pés e o céu aberto no meu rosto.

Preciso ser livre. Preciso mergulhar na água gelada onde tudo é mudo. O oceano é meu remédio. E estou com uma necessidade desesperada por ele.

Tudo o que tenho que fazer é me segurar, ficar longe de Pim e fazê-lo até de manhã, quando tudo isso acabar.

Será a noite mais difícil da minha vida.

Posso foder a noite toda e parar na parte da manhã.

Nunca ouvi plano melhor.

Giro e coloco a mão na porta antes de entender que me movi.

Não!



Girando, encontro meus olhos no espelho e faço algo que não fiz desde que meu pai e irmão morreram.

Meus olhos incham com lágrimas furiosas e pânico.

Minto para meu reflexo. “Está tudo bem, tudo bem, está tudo bem.”

Mas nada está bem.

E imploro para que o sol nasça.





Elder nunca volta para a cama.

Espero por ele. Sento até que meus olhos se tornam pedras secas e cada piscada me faz fecha-los.

Eu durmo mal.

Em meus sonhos, o odeio e corro muito, muito longe.

Em meus pesadelos, eu o amo e imploro para que fique.

Quando acordo, fico confusa, zangada e pronta para esquecer o que aconteceu. Não sei dizer se sou fraca ou corajosa, mas estou disposta a confiar nele apesar das circunstâncias da noite passada.

Talvez *por causa* da noite passada.

Ele mostrou que não é tão invencível quanto acredita.

Ele é frágil ... o mesmo que eu. E essa fragilidade o torna incapaz de ceder.

Ele quebrou em algo.

Estou disposta a ver se há uma cura antes de fugir.

Não sei o momento em que ele finalmente saiu do banheiro, mas o sol rasga o céu e o amanhecer verdadeiramente rouba a noite.

Fico deitada debaixo das cobertas. As mesmas cobertas que cheiram a ele. A nós.

Meu coração estende a mão para acalmá-lo, mas não pergunto se ele está bem. Algo aconteceu. Posso saborear, tocar e ouvir.

Tensão cai em cascata, rolando por ele como uma capa presa em sua garganta e seguindo-o onde quer que vá.

Afastando meu cansaço, fico rígida e incerta enquanto ele anda ao redor da sala, juntando suas roupas e trocando a toalha branca para um terno preto.

Espero até que ele esteja vestido antes de sentar, segurando os lençóis da cama na garganta. Não pergunto se ele está bem. É óbvio que não está. Não pergunto o que aconteceu. É óbvio que ele não dirá. Não pergunto um milhão de coisas que deveria perguntar. Em vez disso, digo a única coisa que provavelmente não deveria.

A única coisa que me preocupei toda a noite.

A única coisa que preciso saber para poder deixar isso para trás.

"Elder..."

Ele não tira os olhos do espelho arrumando a gravata.

“El ….”

Seu corpo contrai, o único sinal que ele está fingindo me ignorar e tão sintonizado comigo quanto estou com ele. Ele não responde e outro longo minuto interminável passa. Deixo-o acreditar que não pressionarei. Que o que preciso dizer não é tão importante.

Mas esse é o problema. É importante. Importante como a morte porque quero mais do que gostamos de compartilhar, apesar do final aterrorizante. Quero mais da magia que ele teceu e não apenas pela intimidade, mas pela ligação emocional conectando e nos prendendo quanto mais tempo passamos juntos.

Ele me negar depois de me mostrar sua existência ...

Ele me foder em vez de fazer amor, agora entendo a diferença, é o truque mais cruel que já suportei.

Inspiro forte. “Diga que haverá outra vez.”

Minha voz nunca passa de um sussurro, mas o silêncio na sala fez com que pareça o grito mais alto.

Elder se vira, a mão caindo da gravata como uma pesada pata. Ele aperta-a num punho. “Não haverá.”

“Jamais?”

“Jamais.” Ele vira e passa os dedos pelos cabelos úmidos, os ombros caídos e mostrando uma pitada de cansaço.



Deixo-o desaparecer na outra extremidade da suíte, parcialmente escondido por uma parede e a coluna romana. Devo deixá-lo ou ir atrás? Devo pressionar ou me afastar?

Lágrimas ardem. É difícil dar tanto quando ele me machuca. Preciso de uma desculpa, mesmo que ele não consiga garantir que não voltará a acontecer.

Com nervosismo se transformando em pulgas dentro da minha barriga, escorrego da cama e me enrolo no mesmo lençol. Indo em direção a ele, quero que meus olhos permaneçam secos quando o encontro sentado no sofá com as mãos entre as pernas.

Olho para o tapete e digo. “Por quê?”

Seus ombros caem. Seu rosto comprimi com estresse como se a noite passada esvaziasse cada grama dele. “Como lhe disse antes, quando fez essa pergunta, são meus motivos não seus. Não preciso explicá-los.” Ele aperta a ponta do nariz, exalando com força. “Apenas fique longe de mim.”

Não sabia que a língua inglesa podia ser tão viciosa. Ele não disse palavras, ele proferiu armas e elas me mataram.

Abraço mais forte o lençol.

Outro longo minuto passa. “Sou mais forte do que pensa,” murmuro. “Eu sei que ainda tenho muito para superar, mas minha mente já está num lugar melhor por sua

causa. Se acha que o que aconteceu na última noite arruinou ...”

“Não tem nada a ver com você,” ele rebate.

“Bem, estou contente. Mas precisa saber que outros homens ... eles ainda me assustam. Outras pessoas não têm minha confiança. Mas você sim. Você *significa* algo para mim.”

De pé, sou uma marginal na vida e não é justo. Ele me puxou para seu mundo, ele estabeleceu meu destino num caminho diferente e espera que eu compartilhe tudo o que tenho em troca.

No entanto, ele se recusa a fazer o mesmo.

Quero falar depois de dois anos de silêncio. Quero que alguém mais me conheça do que as cartas para um amigo imaginário chamado Ninguém.

“Fale comigo. Ajude-me a entender por que não quer me tocar de novo. Diga-me como posso fazê-lo possível para estarmos juntos.”

Seu corpo vibra com algo que não posso nomear e não quero entender. “Não disse que não quero te tocar.” Sua voz é sombria. “Eu quero muito, dói.”

Esperança se espalha por minha pele. “Toque-me então.” Avanço, o lençol branco ondulando ao redor das minhas pernas.



Ele levanta a mão para me parar, retrocedendo como se eu quisesse dar-lhe veneno e não um beijo.

“Não.”

“Não?”

“Não.” Seus olhos fecham por uma fração de segundo. Ele balança a cabeça. “Eu te disse. Este é um acordo único. Mal estou me contendo, então fique aí e aceite que terminou. Você me ouve?”

Espinhos de cactos e escamas de peixes esfaqueiam minhas artérias. “Então, acabou?”

Ele se afasta, as pernas não tão estáveis quando fala. “Quer rotular isso?” Ele olha para mim sobre o ombro. “Bem. Sim, acabou. Sou seu salvador. Nada mais. Você tem compromissos médicos hoje e Selix irá levá-la. Você será bem cuidada sob meus cuidados. Mas esta noite, quando estivermos de volta ao mar e dizer o que deveria ter dito a você ontem, duvido que gostará de me chamar assim.”

“O que? Como assim?”

“Quero dizer que tenho informações sobre sua mãe.”

Suspiro. Isso pode ser verdade? Onde ela está? *Como* está? E por que exatamente esse conhecimento me enche de medo e não esperança?

“Você está tentando se livrar de mim.”

Ele ri profundamente e sombrio. “Finalmente entendeu, não é?”

Cambaleio de volta. “Você está sendo mal.”

“Eu sempre sou mal.” Ele sorri, mostrando dentes afiados. “Cresça, Pimlico. Eu te fodi. Você não me interessa mais. Venha e deixe-me levá-la para casa.”

Deus, isso machuca. Doía. “Eu ... eu não acredito em você.”

Ele está mentindo...

“Não depende de você. É assim.”

“Você acabou de dizer que me quer tanto que dói. Essa é a verdade, mas acho que está tentando me afastar porque acredita que não sou forte o suficiente para estar num relacionamento físico significativo. Que meu passado de alguma forma, voltará a me assombrar e te odiarei.” Movo-me para frente enquanto ele retrocede. “Ontem à noite não lhe mostrei que está errado? Você me assustou, Elder, mas ainda estou aqui. Ainda estou disposta a conversar com você. Eu imploro que fale comigo. Por favor, não me afaste.”

Ele levanta a mão no ar como uma guilhotina. “Já terminei com a perda de tempo.”

“Bem, eu não.” Fico tão altiva quanto uma princesa. “Preciso saber por que pode ficar de pé e mentir para mim! Como pode me fechar quando sou a única com o passado fodido e que tem bolas para enfrentar isso?”

Elder avança como se seu dragão mais uma vez lhe emprestasse asas e escamas. Sua mão envolve minha

garganta. Ele sabe da minha aversão ao meu pescoço ser tocado, mas aperta de qualquer maneira.

O ataque de pânico que sempre dispara tentou me engolir. Os abismos abertos, os ventos agitados, tudo me dizendo para ir, vá, vá, a falta de ar., mas se isso for um julgamento, então não falharei. Tenho que mostrar a Elder que o que disse é real. Que ele pode confiar em mim para não julgar se me contar a verdade.

Cerrando os dentes, fico parada, nunca me desviando de seus olhos. Sua mandíbula apertou como ele visse a imagem de agressão pintando suas características.

E então ele some.

Soltando-me, ele vai para o outro lado da sala. “Isso não tem nada a ver com você e tudo a ver comigo. Você quer a maldita verdade fria?” Ele girou com as mãos cruzadas e o corpo preparado. Os cabelos pretos dançam sobre sua testa.

Meu coração se transforma numa uva ácida e minúscula. Aceno com a cabeça, apesar de levar tudo de mim enfrentar sua ira. “Sim.”

Ele dá de ombros, o rosto franzindo. “Você não vale a pena.”

Não estou preparada para mais uma arma certeira. Este é um míssil nuclear apontado para minha alma. Quebro em centenas de pedaços bagunçados.

Eu não posso ...

Não tenho resposta.

Fico sem som. Sem palavras. Muda.

Elder ri como o diabo, seu rosto distorcido pela admissão e raiva. “Estar com você me fodeu. Normalmente, posso lidar com a tentação. Normalmente, posso permanecer são. Mas *você* ...” Ele aponta um dedo tremendo para mim, como se eu fosse uma bruxa e devesse arder na fogueira. “Você entrou no meu coração antes de estar dentro da minha cabeça e está me despedaçando!” Dirigindo-se ao aparador, ele pega um vaso vermelho e branco e o joga pela sala.

Encolho-me quando ele explode pelo impacto, jogando porcelana em todos os lugares.

“Daria qualquer coisa para fodê-la novamente. Passei toda a noite doendo com a necessidade. Eu quase cedi. Em muitos malditos momentos. Quase voltei e me enterrei tanto quanto pudesse dentro de você. Mas, enquanto fantasiava sobre te foder e rastejava de joelhos para a porta, lembrei da minha promessa. Uma promessa para mortos que sabem quando eu a quebro. Essa é a única coisa que me manteve atrás desta porta.” Seus olhos brilham. “A *única*, Pim.”

Ele respira fundo enquanto arrasta a mão sobre o rosto de repente suado. “Eu quis dizer o que disse.” Suas narinas se abrem e as mãos fecham. “Você não vale a pena. Perdi-me uma vez antes. Vi inúmeras mortes e levei uma eternidade de vergonha. Perdi todos os que já amei tudo porque não tinha força de vontade para dizer não.”

Ele se afasta de mim, afastando uma cadeira e tropeçando em direção ao outro quarto. “Estou dizendo não agora. Não vou fazer isso de novo. Não por você. *Nem por ninguém.”*

Ele fecha as portas duplas que levam ao quarto intocado, me chocando, tremendo e, pela primeira vez, não tendo medo por mim, mas totalmente aterrorizada por outra pessoa.

Todos têm provações.

Todos sentem dor.

Meu passado foi uma merda.

Mas Elder, ele vive num pesadelo repentino.

E ninguém tem a cura.

Eu não tenho.

Ele não tem.

Nem mesmo o destino.

*****

Não sei quanto tempo estou aqui.

Não sei como meu corpo permanece na vertical e não desmorona no chão.



Minha mente corre. Meu pulso dispara. Minha decisão se transforma em fuligem e desgosto.

Elder me tirou da morte certa e me deu vida. Ele matou meu mestre, cultivou minha coragem e semeou sementes de esperança num mundo melhor.

Ele se sacrificou por mim.

Ele me deu seu tudo e o que fiz? Apenas pedi mais e mais até que ele não tivesse nada mais nada para dar.

Eu fiz isso.

Eu o levei até esse ponto.

Eu sou a raiz do mal e não importa o que meu próprio coração quer ... não posso machucá-lo mais.

Ele está sofrendo o suficiente.

Colocando os braços ao meu redor, finjo que alguém me abraça. Que os pensamentos na minha cabeça, são passados para o papel e minha caneta amiga pode ler e entender. Que eles concordam sabiamente e dizem que estou certa. Que me darão uma resposta e me dirão o futuro; revelariam o que diabos farei daqui para frente.

Elder sofre.

Demorei a perceber.

Ele mencionou minha mãe, então ela está viva.

Tenho minha voz, então posso pedir instruções.

Eu o fiz infeliz, então é hora de sair.



A noite passada me ensinou duas coisas: uma, sob a revolta da tortura, sou uma mulher que pode aproveitar o sexo com o parceiro certo, e dois, cuidei de Elder muito mais do que quero admitir.

Eu me preocupo o suficiente para colocá-lo antes de mim, sem me importar com a agonia.

Não estou pronta para ir.

Mas sair para ele fará um mundo de diferença.

Num instante, vago de volta para a cama onde estivemos juntos e coloco um vestido simples cor-de-rosa que os funcionários de Elder embalaram para mim. Amarrando meus cabelos e esfregando o rosto, engulo as lágrimas como uma lagoa infinita.

Com a visão vidrada, abro a mesa de cabeceira e encontro artigos de papelaria do hotel ao lado de uma bíblia de bolso.

Mal respirando, sento na cama e escrevo uma carta para alguém que não é Ninguém.

Caro Elder,

É tão estranho escrever isso para alguém que é real. Alguém que toque o que escrevi, leia o que falei e seja afetado pelas frases que escolher.



Primeiro, quero dizer o quanto sou grata por tudo o que me deu. Nunca pensei que falaria novamente, muito menos, de bom grado, beijar e dormir com um homem.

Mas você fez isso possível.

Você me salvou de Alrik e de mim mesma.

Você é meu anjo da guarda.

Sei que isso é tolo e um pouco sentimental, mas quando estou com você, sou mais forte. Você me faz enfrentar coisas novas e permanece perto de mim até eu supera-las.

Por causa dessa generosidade, peguei tudo o que me deu, tirando suas forças e te deixando sem nada. Entendo agora que tomei demais e sinto incrivelmente.

Sempre soube que nosso tempo juntos era temporário - assim como você.

Quando me levou pela primeira vez, acreditei que seria temporário acabar com minha vida. E agora sei que entende que duas pessoas como nós nunca podem ter um para sempre.

Estamos muito danificados.

Muito cuidadosos.

Eu estupidamente esperava que pudesse nos mudar para permanente, se apenas trabalhássemos juntos, mas vejo agora minha verdadeira ingenuidade.

Preciso deixar você ir.

Isso é adeus, Elder.



Não se preocupe comigo. Você me ensinou a sobreviver.

Não me siga. Eu não sou mais sua preocupação.

Não se arrependa de estar comigo. Porque sempre pensarei em você com carinho.

Estou viva por sua causa...

Paro quando uma lágrima mancha o papel, manchando a tinta até que ela se transformou numa aquarela borrada, em vez de cursiva.

A carta já é longa demais. Tenho que sair antes que ele volte e quebre meu coração um pouco mais.

No entanto, tenho algo mais a dizer. Algo que ele mencionou no jantar e me encheu de amor

Quase explodi com isso.

A caneta pula através do papel.

Você já roubou minhas cartas para Ninguém. No começo, me senti tão violada que as minhas mais profundas confissões serem lidas. Mas agora, estou feliz. Você estava certo na outra noite. Acho que sempre escrevi para você. Dói pensar em você como ninguém. Como alguém tão sozinho. Mas isso me dá algo tão inestimável de saber, todas as cartas foram para você.

E você me encontrou.

Pedi ajuda, e você me deu.



Chorei por uma nova vida, e você providenciou.

Desejei uma existência mais gentil, e você me mostrou que é possível.

Nunca vou te esquecer, Elder Prest.

Eu sempre vou te amar, Ninguém.

Nunca me esqueça.

Pimli...

Paro no meio da assinatura.

Realmente quero dizer adeus a Elder com um nome de escrava? Deixá-lo sempre lembrar-me como uma menina quebrada, quando, graças a ele, sou muito mais do que isso?

Posso assinar como ratinha, o apelido que ele escolheu usar quando estamos íntimos ou com o coração ligado.

Mas mesmo isso não é perfeito.

Meu verdadeiro nome é meu segredo.

Elder quer meus segredos.

Agora, ele nunca os terá. Mas posso dar-lhe um como presente de despedida.

Com os dedos apertados em torno da caneta, rabisco meu antigo nome e coloco o novo, tornando conhecida minha identidade.



Para sempre sua, Tasmin.

Não me incomodo com o sobrenome, pois não quero dar-lhe nenhuma maneira de me seguir. Não posso desaparecer no mundo, voltar para minha mãe e sempre olhar para trás esperando que ele me encontre. Não posso ficar na cama à noite, acreditando que ele me caçará e admitirá que não pode viver sem mim.

Não.

É assim que deve ser.

Ele só saberá meu primeiro nome. Ele nunca terá onde procurar. Ele não terá como nos arruinar ainda mais.

Com lágrimas escorrendo pelas bochechas, beijo a carta e fecho com cuidado, desejando que fosse talentosa o suficiente para transformar o retângulo comum num bonito origami e colocá-lo no final da cama.

Com um suspiro pesado que vazo por todos os novos furos dentro de mim, deslizo meus pés nas sandálias, olho o dicionário japonês / inglês e a colher de metal que roubei para ele, afastei-me do quarto de hotel... E desapareço.



PLAYLIST

Ain't Nobody - Felix Jaehn

Believer - Imagine Dragons

Lust for Life - Lana Del Ray

Unconditionally - Katy Perry

Extraterrestrial - Katy Perry

Levitate - Imagine Dragons

We Can Hurt Together - Sia

Warrior - Beth Crowley

Evermore - Dan Stevens

